

Catecismo Ecumênico

200 perguntas e respostas
à luz da “fé raciocinada”

José Pinheiro de Souza

*Catecismo
Ecumênico*

**200 perguntas e respostas
à luz da “fé raciocinada”**

Fortaleza, 2010

**Catecismo Ecumênico:
200 perguntas e respostas à luz da “fé raciocinada”**

©2010 Copyright by José Pinheiro de Souza

Contato com o autor:

E-mail: jpinheirosouza@uol.com.br

Site: www.professorpinheiro.com

Blog: www.jpinheirosouza.blog.uol.com.br

Capa e Diagramação: Franciana Pequeno

Ilustração da Capa: Carlos Henrique (Guabiras)

Revisão de Texto: Prof. José Alves Fernandes

S 729 c Souza, José Pinheiro de
Catecismo ecumênico: 200 perguntas e respostas à luz
da “fé raciocinada” / José Pinheiro de Souza. - Fortaleza:
Gráfica LCR, 2010.

340p.

ISBN 978-85-7915-025-8

Disponível no site: www.professorpinheiro.com

1. Religião - ecumenismo 2. Catecismo -

3. Diálogo inter-religioso - 4. Cristianismo I. Título

CDU 238.1

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	15
NÃO IMPORTA O CAMINHO	17
CREDO MACROECUMÊNICO	18
ABREVIATURAS E SIGLAS	19
APRESENTAÇÃO	21
PREFÁCIO	25
INTRODUÇÃO	29
1. JESUS É DEUS ENCARNADO?	35
2. QUAL A MAIOR POLÊMICA CRISTÃ DE TODOS OS TEMPOS?	36
3. JESUS NÃO É UM SÓ?	37
4. COMO SE CRIOU A FIGURA DO “JESUS MÍTICO”?	38
5. É CORRETO DISTINGUIR O “JESUS HISTÓRICO” DO “CRISTO DA FÉ”?	39
6. QUAL É O MAIOR ERRO DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO?	40
7. O JESUS HISTÓRICO DECLAROU SER DEUS?	41
8. COMO EXPLICAR O ENDEUSAMENTO DE JESUS?	42
9. EXISTEM PROVAS BÍBLICAS DE QUE CRISTO NÃO É DEUS?	43
10. POR QUE JESUS NÃO É <i>LITERALMENTE</i> “FILHO DE DEUS”?	44
11. QUE TIPO DE LINGUAGEM USAMOS PARA FALAR SOBRE DEUS?	45
12. QUAL O SENTIDO FIGURADO DE “FILHO” E DE “FILHO DE DEUS” NA LINGUAGEM JUDAICA?	46
13. SER “FILHO DE DEUS”, NA CULTURA HEBRAICA, SIGNIFICAVA “SER DEUS”?	46
14. O MITO DE ALGUÉM SER LITERALMENTE “FILHO DE DEUS” OU “DEUS ENCARNADO” ERA MUITO COMUM EM OUTRAS CULTURAS?	46

15. O QUE SIGNIFICAVA SER “FILHO ADOTIVO DE DEUS” NA CULTURA HEBRAICA?	48
16. O QUE RESULTOU DO ENCONTRO DA IMAGEM JUDAICA DO “FILHO DE DEUS” COM A IMAGEM MITOLÓGICA GREGA DE “DEUS O FILHO”?	49
17. COMO ENTENDER AS CRENÇAS MITOLÓGICAS EXCLUSIVISTAS A RESPEITO DA PESSOA DE JESUS?	51
18. O QUE É “MITO”?	52
19. É CORRETO INTERPRETAR OS MITOS RELIGIOSOS LITERALMENTE?	52
20. É CORRETO INTERPRETAR TODA A BÍBLIA LITERALMENTE?	53
21. HÁ GRUPOS ANTAGÔNICOS DE PENSADORES SOBRE OS MITOS?	55
22. A RAZÃO É O MAIOR INIMIGO DA FÉ?	57
23. QUE DISTINÇÃO EXISTE ENTRE “FÉ CEGA” E “FÉ RACIOCINADA”?	57
24. QUE DISTINÇÃO EXISTE ENTRE “FÉ CEGA PURA” E “FÉ CEGA RACIONALIZADA”?	59
25. JESUS NASCEU DE UM PARTO VIRGINAL?	60
26. DEUS É UNO E TRINO?	62
27. COMO AS RELIGIÕES CRIARAM O CONCEITO TRINITÁRIO DA DIVINDADE?	62
28. QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS ERROS DO DOGMA TRINITÁRIO CRISTÃO?	63
29. EXISTEM “PESSOAS”, OU “ASPECTOS”, DA DIVINDADE?	66
30. HÁ DOIS CRISTIANISMOS?	66
31. QUAIS AS DEFINIÇÕES DE “CRISTÃO” E DE CRISTIANISMO”?	68
32. O QUE SIGNIFICA “SER CRISTÃO”, SEGUNDO JESUS?	69
33. QUEM FUNDOU O “CRISTIANISMO DOS CRISTÃOS”?	70
34. UMA MODALIDADE DE CRISTIANISMO EXCLUI (OU INCLUI) NECESSARIAMENTE A OUTRA?	73
35. HÁ MUITOS AUTORES QUE FAZEM OU ADOTAM A DISTINÇÃO ENTRE AS DUAS MODALIDADES DE CRISTIANISMO?	74

36. QUAL A PRINCIPAL JUSTIFICATIVA PARA A DISTINÇÃO ENTRE AS DUAS MODALIDADES DE CRISTIANISMO?	74
37. EXISTE ALGUM TEÓLOGO CATÓLICO QUE ADOTA A REFERIDA DISTINÇÃO ENTRE AS DUAS MODALIDADES DE CRISTIANISMO?	75
38. EXISTEM EXPRESSÕES SINÔNIMAS PARA AS DUAS MODALIDADES DE CRISTIANISMO?	76
39. QUAL A PRINCIPAL DIFERENÇA ENTRE OS DOIS CRISTIANISMOS?	77
40. É POSSÍVEL CONCILIAR OS DOIS CRISTIANISMOS?	77
41. POR QUE TANTAS DISPUTAS PELO TÍTULO DE “VERDADEIRO CRISTÃO”?	78
42. QUAL A SOLUÇÃO PARA PÔR FIM ÀS VELHAS DISPUTAS PELO TÍTULO DE “VERDADEIRO CRISTÃO”?	79
43. A DOCTRINA DE PAULO É IDÊNTICA À DE JESUS?	79
44. O DEUS DE PAULO É IDÊNTICO AO DE JESUS?	82
45. É VERDADE QUE O DEUS DE PAULO JÁ PREDESTINOUS OS QUE VÃO SER SALVOS E OS QUE VÃO SER CONDENADOS?	83
46. QUAL A SÍNTESE DA PREGAÇÃO DE PAULO?	83
47. O JESUS DE PAULO É IDÊNTICO AO JESUS HISTÓRICO? ...	83
48. PARA PAULO, MORREMOS POR CAUSA DO PECADO DE ADÃO?	84
49. PAULO AFIRMA QUE OS HOMOSSEXUAIS SERÃO CONDENADOS?	84
50. PAULO ACONSELHA AOS SOLTEIROS E ÀS VIÚVAS QUE NÃO SE CASEM?	84
51. PAULO CONDENA OS JUDEUS?	85
52. PAULO DISCRIMINA AS MULHERES?	85
53. PAULO CONDENA QUEM NÃO AMA O SENHOR?	85
54. SEGUNDO A MORAL PAULINA, MUITA GENTE PODERÁ SALVAR-SE?	85
55. SEGUNDO PAULO, CRISTO MORREU POR NOSSOS PECADOS?	86
56. PARA PAULO, A IGREJA CATÓLICA É A “IGREJA DE DEUS”?	86

57. POR QUE SE DIZ QUE PAULO É O “PAI” DOS FUNDAMENTALISTAS CRISTÃOS?	87
58. A SALVAÇÃO VEM PELA FÉ, OU PELAS OBRAS DE AMOR?	90
59. QUAL A INFLUÊNCIA DA DOCTRINA DE PAULO NOS LIVROS DO NOVO TESTAMENTO?	90
60. PAULO FOI O APÓSTOLO DO AMOR?	91
61. O QUE FOI PAULO?	93
62. POR QUE PAULO ENDEUSOU E MITIFICOU JESUS?	94
63. POR QUE SE DIZ QUE LUTERO É A REENCARNAÇÃO DE PAULO?	97
64. QUAL O LIVRO MAIS NEGLIGENCIADO DO NOVO TESTAMENTO?	99
65. POR QUE A CARTA DE TIAGO NÃO FOI BEM ACEITA?	99
66. QUAL A RELAÇÃO DA CARTA DE TIAGO COM OS ENSINAMENTOS DE JESUS?	100
67. PAULO FOI “O HOMEM QUE INVENTOU CRISTO”?	101
68. ONDE SE ENCONTRA NA BÍBLIA A SÍNTESE DOS ENSINAMENTOS AUTÊNTICOS DE JESUS?	106
69. QUEM SÃO OS BEM-AVENTURADOS NO SERMÃO DA MONTANHA?	107
70. O QUE ACONTECERÁ QUANDO A CRISTANDADE RESOLVER PROCLAMAR O SERMÃO DA MONTANHA COMO Credo ÚNICO E UNIVERSAL?	108
71. QUAL É A SÍNTESE DO CÓDIGO DE MORAL (OU DE ÉTICA) UNIVERSAL ENSINADO POR JESUS NO SERMÃO DA MONTANHA?	108
72. A BÍBLIA INTEIRA É A “PALAVRA DE DEUS”?	110
73. QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS GRUPOS RIVAIS DE CRISTÃOS NO MODO DE INTERPRETAR A BÍBLIA?	110
74. OS AUTORES DA BÍBLIA SÃO “PLURALISTAS” OU “EXCLUSIVISTAS”?	112
75. O DEUS DO ANTIGO TESTAMENTO É UM “DEUS DE AMOR”?	112
76. O ANTIGO TESTAMENTO É ISENTO DE ERROS E CONTRADIÇÕES?	115

77. O NOVO TESTAMENTO É ISENTO DE ERROS E CONTRADIÇÕES?	117
78. A BÍBLIA É ISENTA DE ALTERAÇÕES?	119
79. A BÍBLIA É ISENTA DE VARIAÇÕES?	121
80. A BÍBLIA FOI TODA INSPIRADA POR DEUS?	121
81. O QUE É A CHAMADA “INERRÂNCIA” DA BÍBLIA?	122
82. É VERDADE QUE SÓ PODEMOS FALAR SOBRE DEUS METAFORICAMENTE?	125
83. MAS O QUE É METÁFORA?	125
84. QUAIS AS METÁFORAS MAIS USADAS PARA FALAR SOBRE DEUS?	126
85. QUAL A METÁFORA MAIS USADA PELAS RELIGIÕES PARA REFERIR-SE ÀS SUAS DIVINDADES?	126
86. É PRECISO DISTINGUIR, NO NOVO TESTAMENTO, “HISTÓRIA RELEMBRADA” DE “PROFECIA HISTORICIZADA”?	128
87. QUAL A PERCENTAGEM DE “HISTÓRIA RELEMBRADA” E DE “PROFECIA HISTORICIZADA” NOS RELATOS DA PAIXÃO-RESSURREIÇÃO DE JESUS?	128
88. AS PASSAGENS DO “SERVO SOFREDOR” (ISAÍAS 53) REFEREM-SE AO SOFRIMENTO DE JESUS?	129
89. MATEUS 1,23 É OUTRO EXEMPLO DE “PROFECIA HISTORICIZADA”?	131
90. JESUS É O NOSSO “BODE EXPIATÓRIO”?	132
91. COMO O ESPIRITISMO EXPLICA O SOFRIMENTO DE JESUS?	135
92. JESUS É O OU UM SALVADOR?	137
93. COMO ENTENDER O ESCORREGÃO DE UM PARA O? ...	138
94. SÓ JESUS SALVA?	140
95. A IGREJA CATÓLICA É O ÚNICO MEIO DE SALVAÇÃO? ...	144
96. JESUS FUNDOU UMA NOVA RELIGIÃO E UMA IGREJA? ...	147
97. QUEM REALMENTE FUNDOU A IGREJA CATÓLICA?	150
98. A IGREJA CATÓLICA É DE ORIGEM PAGÃ?	151
99. A CEIA EUCARÍSTICA CATÓLICA É DE ORIGEM PAGÃ? ...	153
100. A CEIA EUCARÍSTICA CATÓLICA É UM RITO PAGÃO DE ANTROPOFAGIA E TEOFAGIA?	155

101. EXISTE O MILAGRE DA “TRANSUBSTANCIAÇÃO”?	157
102. COMO OS PROTESTANTES INTERPRETAM A CEIA EUCARÍSTICA?	160
103. OS “MILAGRES EUCARÍSTICOS” COMPROVAM A “TRANSUBSTANCIAÇÃO”?	160
104. COMO FOI O MILAGRE EUCARÍSTICO DE LANCIANO? ...	161
105. COMO FOI O MILAGRE EUCARÍSTICO DE BOLSENA? ...	161
106. COMO O ESPIRITISMO EXPLICA “HÓSTIAS QUE SANGRAM”?	161
107. EXISTEM MUITAS SEMELHANÇAS ENTRE O “CRISTO DA FÉ” E O “DEUS HÓRUS” DO EGITO?	162
108. EXISTEM MUITAS SEMELHANÇAS ENTRE O “CRISTO DA FÉ” E O “DEUS MITRA” DA PÉRSIA?	163
109. EXISTEM MUITAS SEMELHANÇAS ENTRE KRISHNA E CRISTO?	164
110. EXISTEM MUITAS SEMELHANÇAS ENTRE BUDA E JESUS?	167
111. O QUE É O BUDISMO DAS ORIGENS?	168
112. O QUE É O BUDISMO MÍTICO?	168
113. O BUDISMO DAS ORIGENS É UMA RELIGIÃO ATEIA?	168
114. QUAIS SÃO AS 4 NOBRES VERDADES DO BUDISMO DAS ORIGENS?	169
115. QUE OUTRAS COMPARAÇÕES SÃO FEITAS ENTRE BUDA E JESUS?	170
116. EXISTEM MUITAS SEMELHANÇAS ENTRE A LITERATURA SAGRADA DA ÍNDIA E A DA BÍBLIA JUDAICO-CRISTÃ?	174
117. QUE OUTRAS EVIDÊNCIAS PODEM AJUDAR A DESMENTIR O MITO DA “UNICIDADE CRISTÃ”?	187
118. O TERMO “RELIGIÃO” VEM DO VERBO LATINO RELIGARE”?	193
119. O CRISTIANISMO É A ÚNICA RELIGIÃO VERDADEIRA? .	195
120. O “PECADO ORIGINAL” EXISTIU?	196
121. QUAL É O VERDADEIRO “PECADO ORIGINAL”, NA VISÃO ESPÍRITA ?	197
122. O EXÍLIO (OU EMIGRAÇÃO) DO POVO HEBREU (OU DA RAÇA ADÂMICA), DO SISTEMA DE CAPELA PARA O	

PLANETA TERRA, É OUTRA EXPLICAÇÃO ESPÍRITA PARA O VERDADEIRO PECADO ORIGINAL?	198
123. QUE DISTINÇÕES EXISTEM ENTRE “SALVAÇÃO” E “EVOLUÇÃO”?	199
124. POR QUE EXISTE TANTO SOFRIMENTO NESTE MUNDO? ..	200
125. O BATISMO É NECESSÁRIO PARA A SALVAÇÃO?	202
126. O BATISMO APAGA O PECADO ORIGINAL?	204
127. MARIA É A “MÃE DE DEUS”?	205
128. JESUS NASCEU EM BELÉM?	208
129. JESUS RESSUSCITOU?	210
130. CONSTANTINO TORNOU-SE CRISTÃO?	211
131. QUAL O PAPEL DE CONSTANTINO NA HISTÓRIA E NO DESENVOLVIMENTO DO CRISTIANISMO?	212
132. POR QUE CONSTANTINO DOGMATIZOU O ENDEUSAMENTO DE JESUS?	214
133. JESUS FOI MORTO PELOS JUDEUS?	214
134. POR QUE TANTA INIMIZADE ENTRE JUDEUS E CRISTÃOS?	215
135. EXISTEM CÉU, INFERNO E PURGATÓRIO?	217
136. O MITO DO INFERNO ETERNO É COMPATÍVEL COM A REENCARNAÇÃO?	219
137. SATANÁS E OS DEMÔNIOS EXISTEM?	219
138. QUAL A ORIGEM DE SATANÁS E DOS DEMÔNIOS NA BÍBLIA?	220
139. O PAPA É “INFALÍVEL”?	222
140. QUANDO FOI PROCLAMADO O DOGMA DA INFALIBILIDADE PAPAL?	223
141. A INFALIBILIDADE PAPAL É CONTRADITADA PELOS OUTROS DOGMAS CRISTÃOS?	224
142. OS “GÊNIOS” SÃO ALMAS FAVORECIDAS POR DEUS? ..	227
143. OS GRANDES “GÊNIOS” SÃO “MISSIONÁRIOS” OU “MESSIAS”?	228
144. JESUS ERA “EXCLUSIVISTA” OU “PLURALISTA”?	228
145. EM QUE SENTIDO PODE-SE DIZER QUE JESUS É O ÚNICO CAMINHO DE SALVAÇÃO?	230
146. JESUS INSTITUIU A CONFISSÃO?	232
147. A BÍBLIA CONDENA O ESPIRITISMO?	233

148. OS ESPÍRITAS SÃO TAMBÉM CRISTÃOS?	236
149. A REENCARNAÇÃO É UMA DOCTRINA FALSA?	239
150. A BÍBLIA FALA DE REENCARNAÇÃO?	242
151. QUAIS AS PRINCIPAIS OBJEÇÕES DOS CRISTÃOS DOGMÁTICOS À REENCARNAÇÃO?	245
152. O SLOGAN “NÃO IMPORTA O CAMINHO” É INCORRETO?	250
153. OS “MILAGRES” SÃO FENÔMENOS “SOBRENATURAIS”? ..	252
154. OS “HEREGES” DA IGREJA PRIMITIVA ESTAVAM ERRADOS?	255
155. QUAL A MAIOR PROVA BÍBLICA DE QUE CRISTO NÃO É DEUS?	258
156. COMO O ESPIRITISMO EXPLICA O RETORNO DE CRISTO?	276
157. COMO O ESPIRITISMO EXPLICA O JUÍZO FINAL?	279
158. COMO O ESPIRITISMO EXPLICA A REGENERAÇÃO DO PLANETA TERRA?	281
159. O QUE É NECESSÁRIO PARA REGENERAR A HUMANIDADE?	282
160. QUAL A IMPORTÂNCIA DA “UNIDADE DE CRENÇA” PARA A REGENERAÇÃO DA HUMANIDADE?	282
161. OS DOGMAS CRISTÃOS SÃO VERDADES ABSOLUTAS? ...	282
162. QUAL A MAIOR CAUSA DE DIVISÕES ENTRE AS RELIGIÕES?	283
163. MAS O QUE É A VERDADE?	283
164. A VERDADE É UNA OU MÚLTIPLA?	283
165. QUE DISTINÇÃO EXISTE ENTRE “VERDADE CIENTÍFICA” E “VERDADE RELIGIOSA”?	285
166. É LÍCITO AVALIAR A “VERACIDADE” OU “FALSIDADE” DE DOCTRINAS RELIGIOSAS”?	285
167. QUE DISTINÇÃO EXISTE ENTRE “PLURALISMO” E “EXCLUSIVISMO” NO CONTEXTO DAS RELIGIÕES?	286
168. A ABORDAGEM PLURALISTA NÃO IMPLICA UMA CERTA FORMA DE “RELATIVISMO” E DE “CETICISMO”?	287
169. QUE DISTINÇÃO EXISTE ENTRE “DITADURA DO ABSOLUTISMO” E “DITADURA DO PLURALISMO” (OU “DITADURA DO RELATIVISMO”) ?	287

170. O CONCEITO DE DEUS TEM SIDO UM DOS MAIORES FATORES DE CONFLITOS E DIVISÕES ENTRE AS RELIGIÕES?	288
171. DEUS PODE SER DEFINIDO POR NÓS?	288
172. POR QUE SE DIZ QUE TODA LINGUAGEM HUMANA SOBRE DEUS É SEMPRE ANALÓGICA?	289
173. POR QUE MUITOS TEÓLOGOS FALAM DE DEUS COMO “PESSOAL”, E NÃO COMO “UMA PESSOA”?	290
174. O CORRETO CONCEITO DE DEUS É UMA QUESTÃO IMPORTANTE PARA A EVOLUÇÃO ESPIRITUAL DA HUMANIDADE?	290
175. QUAL A ORIGEM DA PALAVRA “DEUS”?	290
176. QUE DISTINÇÃO EXISTE ENTRE <i>POLITEÍSMO</i> E <i>MONOTEÍSMO</i> ?	291
177. A PRETENSÃO DAS RELIGIÕES MONOTEÍSTAS DE SEREM SUPERIORES ÀS RELIGIÕES POLITEÍSTAS É CORRETA?	291
178. O QUE É O <i>PANTEÍSMO</i> ?	291
179. O QUE É O <i>DUALISMO</i> ?	292
180. O QUE É O <i>MONISMO</i> ?	292
181. O QUE É O <i>MONISMO DUALISTA</i> ?	293
182. O QUE É O <i>DITEÍSMO</i> ?	293
183. O QUE É O <i>DEÍSMO</i> ?	293
184. O QUE É O <i>TEÍSMO</i> ?	294
185. O QUE É O <i>ATEÍSMO</i> ?	294
186. O QUE É O <i>HENOTEÍSMO</i> ?	294
187. O QUE É A <i>TRINDADE</i> ?	294
188. O QUE É O <i>UNITARISMO</i> ?	294
189. QUANTOS CRISTOS EXISTEM NA LITERATURA RELIGIOSA?	295
190. QUEM É O <i>CRISTO CÓSMICO</i> ?	295
191. QUEM É O <i>CRISTO PLANETÁRIO</i> ?	296
192. QUEM É O <i>CRISTO DA FÉ</i> ?	297
193. QUEM É O <i>CRISTO (OU JESUS) HISTÓRICO</i> ?	298
194. O Credo APOSTÓLICO REFERE-SE AO “JESUS HISTÓRICO” OU “AO CRISTO DA FÉ”?	299

195. DEUS ESTÁ PREOCUPADO COMO NÓS O CONCEBEMOS?	301
196. QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS IMPLICAÇÕES ECUMÊNICAS E MACROECUMÊNICAS DA PLURALIDADE DE CONCEITOS SOBRE A DIVINDADE?	302
197. A IGREJA CATÓLICA É A DONA DA VERDADE RELIGIOSA?	302
198. QUE DISTINÇÕES EXISTEM ENTRE OS “CATÓLICOS CONSERVADORES E OS “CATÓLICOS PROGRESSISTAS”?	310
199. EM QUE SENTIDO PODE-SE DIZER QUE TODAS AS RELIGIÕES SÃO IGUALMENTE VERDADEIRAS?	312
200. QUAL É “A RELIGIÃO DE DEUS”?	313
CONCLUSÃO	317
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	319
APÊNDICE A: 12 ANOS NAS CASAS DE DOM BOSCO (JOSÉ PINHEIRO DE SOUZA)	329
APÊNDICE B: SUMÁRIO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS NO <i>BLOG DO PINHEIRO</i>	333

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos às seguintes pessoas:

Minha esposa, Iaci, por me haver inspirado com suas palavras e seu testemunho de vida a ideia maior de meus livros ecumênicos de que **a verdadeira religião é a prática do amor**.

Meus agradecimentos especiais aos que fizeram revisões no texto original deste livro: o escritor mineiro, teósofo e biblista espírita, José Reis Chaves, o irmão espírita Alberto de Albuquerque Cordeiro, do Centro Espírita Simples Como a Fé (Fortaleza-CE), o escritor judeu Vicente Francimar de Oliveira (residente em Fortaleza-CE) e o Professor José Alves Fernandes (membro da Academia Cearense de Letras e da Academia Cearense da Língua Portuguesa), principal responsável pela revisão textual desta obra.

Meus sinceros agradecimentos ao escritor mineiro, teósofo e biblista espírita, José Reis Chaves, pela excelente Apresentação deste livro.

Meu muito obrigado a Franciana Pequeno da Silva, pelo suporte na digitação eletrônica e diagramação desta obra (PageMaker), e a Carlos Henrique (Guabiras), pela ilustração da capa.

Não posso esquecer-me de agradecer a Deus, a Jesus e a outros amigos espirituais, por terem me dado inspiração e coragem de escrever este livro, de natureza bastante polêmica, mas cujo objetivo último é contribuir para a verdadeira paz e fraternidade entre todas as pessoas, independentemente de suas crenças religiosas.

NÃO IMPORTA O CAMINHO

Um juiz passava por uma estrada e encontrou um preto velho enrolando seu cigarro de palha e cumprimentando a todos que por ali passavam, dizendo:

– “Deus te abençoe, meu filho! Deus te acompanhe! Deus te guie! Deus te proteja!”

O juiz, um tanto curioso, perguntou-lhe:

– “O Senhor sabe onde Deus está?”

E o preto velho respondeu-lhe:

– “O Senhor sabe onde Ele não está?”

O juiz, não satisfeito com a resposta, retrucou:

– “O Senhor deve ser muito religioso! Qual é a sua religião?”

E o preto velho respondeu-lhe:

– “Quando vou levar trigo à cidade, posso ir pela rodovia, pela montanha, ou pela estrada do rio, mas, quando chego lá, o patrão não quer saber por onde vim. Ele quer saber se o trigo é de boa qualidade!”

(Autor desconhecido)

Moral da história e sua aplicação a esta obra: Quando formos prestar contas a Deus de nossa vida, Ele não vai querer saber se professamos Religião A, B ou C, mas **se nossas obras foram de boa qualidade!** Ou seja, **para Deus, não importa a religião que se professa, mas o amor que se pratica!** Esta é a chamada tese pluralista da **equivalência funcional** (mas não **doutrinal**) de todas as religiões, defendida neste livro, em oposição aos pontos de vista religiosos que sustentam a exclusividade, unicidade e superioridade de **UM CAMINHO**, isto é, de uma religião em relação às demais. Por essa tese, o catolicismo é tão bom, válido e verdadeiro para os católicos, quanto o judaísmo o é para os judeus, o budismo para os budistas, o espiritismo para os espíritas e assim por diante. Essa tese não afirma, porém, que todas as religiões são igualmente verdadeiras do ponto de vista de suas crenças, de seus dogmas ou de seus mitos, uma vez que, em questões de doutrina, elas se contradizem em muitos pontos. Daí, a necessidade do diálogo religioso aberto e sincero para se saber quem está com a verdade em assuntos doutrinários.

CREDO MACROECUMÊNICO

CREMOS QUE SOMOS TODOS IRMÃOS,
FILHOS DO MESMO PAI.
CREMOS NO AMOR UNIVERSAL,
ENSINADO POR JESUS E POR TODOS
OS MENSAGEIROS DA PAZ,
ENVIADOS POR DEUS
AO LONGO DA HISTÓRIA HUMANA.
CREMOS QUE,
SOMENTE VIVENDO UNIDOS NO AMOR,
EVITANDO QUALQUER ATO DE VIOLÊNCIA
E DISCRIMINAÇÃO CONTRA QUEM QUER QUE SEJA,
PODEREMOS CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR,
DE PAZ E FRATERNIDADE.
CREMOS QUE “NÃO IMPORTA O CAMINHO”, ISTO É,
QUE TODAS AS RELIGIÕES
SÃO CAMINHOS VÁLIDOS
NA BUSCA DA VERDADE,
DA PERFEIÇÃO
E DO CRESCIMENTO ESPIRITUAL.
CREMOS QUE
TODO REINO DIVIDIDO PERECERÁ.
CREMOS NO DIÁLOGO FRATERNAL
COMO MEIO DE ESCLARECIMENTO E DE
BUSCA COMUM DA VERDADE RELIGIOSA,
PARA QUE TODOS SEJAMOS UM.
AMÉM.

José Pinheiro de Souza

ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	Antes de Cristo
d.C.	Depois de Cristo
apud	Citado por (Junto a)
Cf.	Confira (ou confronte)
Ibid.	Ibidem (na mesma obra)
Id.	Idem (o mesmo autor ou a mesma autora)
Op. Cit.	Obra citada
x	<i>Versus</i> (por ex.: Reencarnação x Ressurreição)
AT	Antigo Testamento
NT	Novo Testamento

DICIONÁRIOS DE RELIGIÕES

- DER *Dicionário Enciclopédico das Religiões* (de autoria de Hugo SCHLESINGER e Humberto PORTO, Volumes I e II. Petrópolis, Vozes, 1995.
- DRCO *Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo* (de autoria de George A. MATHER e Larry A. NICHOLS. São Paulo, Vidas, 2000, publicado originalmente nos Estados Unidos, em 1993.

DICIONÁRIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

- HOUAISS HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- AURÉLIO FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed., rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

APRESENTAÇÃO

Com muita alegria, recebi o convite do professor José Pinheiro de Souza, para fazer a apresentação desta sua monumental obra literário-filosófico-teológica “Catecismo Ecumênico”.

O professor Pinheiro é cearense, nascido em Cedro (CE), em 25 de fevereiro de 1938. Concluiu seus estudos de 12 anos na Congregação Salesiana, mas não se ordenou padre, pois acabou descobrindo que sua vocação era outra. É professor aposentado da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Estadual do Ceará. Possui os títulos de Mestre no Ensino de Inglês como Língua Estrangeira e de Ph.D em Linguística pela Universidade de Illinois (USA).

Constatei, em meus contatos com o professor Pinheiro, que são notórios o seu respeito e mesmo um certo amor devotados por ele à Igreja Católica Apostólica Romana, no que estou de pleno acordo com ele. E isso não nos surpreende, quando ficamos sabendo que ele foi um católico praticante e de berço durante toda a sua vida até que completasse seus 57 anos.

Se o acaso existisse, eu diria que foi por acaso que, um dia, ele entrou numa agência bancária para fazer o pagamento de um título. Lá num canto do estabelecimento bancário, ele viu uma jovem com a exposição de uns livros. E, como intelectual que é, ele não resistiu à curiosidade de dar uma olhada nas obras. Constatou, de imediato, que se tratava de livros espíritas. A moça puxou conversa com ele, dizendo-lhe que ele podia folheá-los. Mas ele, educadamente, respondeu-lhe que era católico. A moça retrucou, falando-lhe que muitos católicos leem livros espíritas. Diante dessa resposta e em sinal de gratidão pela atenção e delicadeza com que o tratava a moça, resolveu comprar um livro, pedindo a ela que lhe sugerisse um. Ela não teve dúvidas em logo lhe indicar “O Livro dos Espíritos”, de Kardec, obra que sintetiza a Doutrina Espírita.

O professor Pinheiro se surpreendeu com o conteúdo do livro, que leu direto até o fim e encontrando respostas para várias de suas indagações filosóficas e teológicas, que, durante décadas, o

incomodavam. No dia seguinte, voltou à agência bancária para comprar exemplares de todos os demais livros de Kardec. Ao lê-los todos, passou a ter uma grande admiração pelo Espiritismo, o que revolucionou suas ideias filosóficas e teológicas, chegando à conclusão da tese espírita de que todos, um dia, se salvarão, pois que o indivíduo se salva não pela sua religião, mas – como disse Jesus – por passar pela Porta Estreita, o que só se consegue com o nosso próprio esforço.

O autor passou a perceber que o Espiritismo era a religião mais condizente com a Bíblia, a ciência e a razão, abraçando pra valer a tese de Kardec da fé raciocinada. Realmente, o Codificador da Doutrina Espírita deixou-nos uma verdade incontestável, qual seja a de que “A fé só é inabalável, quando ela puder enfrentar face a face a razão em qualquer época da humanidade”.

Com base na Doutrina Espírita, o professor Pinheiro é hoje um afeiçoado do ecumenismo. E essa sua obra é muito oportuna, pois ela nos traz um estudo paralelo, envolvendo todas as principais religiões, fazendo um resumo das teses doutrinárias de todas elas, mormente dos dogmas cristãos, que vêm, ao longo dos séculos, e cada vez mais, desestruturando a mensagem de Jesus, e, o que é mais preocupante, levando muitos cristãos para o materialismo.

Costumo comparar as religiões com os Jogos Olímpicos. As modalidades de esportes seriam as religiões com seus respectivos adeptos. Todos os atletas – não importa o seu tipo de esporte a ser apresentado – têm como objetivo conseguir medalhas, principalmente as de ouro. Os que conseguem as medalhas de bronze, é como se estivessem no rumo certo da passagem pela Porta Estreita. Os que ganham as de prata seriam os que se aproximam da Porta Estreita. E os que são laureados com as medalhas de ouro, enfim, passam por essa difícil Porta Estreita, ganhando a glória (Céus). E, como Deus ama a todos nós com amor infinito, Ele jamais nos abandonaria, negando-nos novas chances de regeneração, chances essas representadas pelas reencarnações, que para os atletas seriam as próximas olimpíadas.

Este livro, “Catecismo Ecumênico”, se você aprecia o estudo de religiões, não pode faltar em sua estante ou biblioteca. Você, lendo-o, se tornará um divulgador dele, pois se trata de um dos

livros que mais mexem com a filosofia de vida de uma pessoa, na área religiosa.

O autor faz dessa sua obra uma síntese bem estruturada das suas reflexões com fé raciocinada constantes de outros dois livros seus: “Entrevistas com Jesus” e “Mitos Cristãos”. Os raciocínios do professor Pinheiro são de uma clareza meridiana, não deixando margem para dúvidas e questionamentos, pois ele cerca de argumentos convincentes todos os assuntos abordados nessa sua obra. É um livro para consultas de todos os interessados em assuntos religiosos.

E tudo é tratado com muito respeito a todas as religiões, principalmente, como já dissemos, a Igreja Católica, cujos valores e importância na história da humanidade o autor não menospreza, mas apenas traz luz para que os teólogos reflitam sobre os erros doutrinários que a Igreja, infelizmente, tem também. E um deles é o exacerbado exclusivismo religioso de uma parte dos católicos conservadores fundamentalistas. Felizmente, pelo que se nota na grande maioria dos teólogos da Igreja, esse exclusivismo religioso católico está caindo num certo esvaziamento. A Igreja, por exemplo, já não mais ensina que fora dela não há salvação, deixando, pois, de lado, o seu milenar exclusivismo religioso. Mas isso ainda está longe de acontecer também com os nossos irmãos das igrejas protestantes e evangélicas, que, infelizmente, ainda estão presos ao seu exclusivismo religioso, condenando veementemente as outras religiões que não rezam pela sua cartilha.

Mas a evolução cultural geral da humanidade, auxiliada por obras do quilate do “Catecismo Ecumênico”, muito vai contribuir para que sejam respeitados os postulados religiosos de todas as religiões, dando origem, assim, ao almejado ecumenismo de numerosos desses baluartes do espiritualismo de mente aberta e do próprio Mestre dos mestres, cujo desejo é o de um só rebanho e de um só Pastor. E, realmente, esse é também o grande sonho do professor Pinheiro apresentado nessa sua tese religiosa ecumênica.

Que Deus, o Nazareno e Nossa Senhora, Mãe de Jesus e Mãe espiritual da humanidade, abençoem esse seu grande sonho, tornando-o, um dia, concretizado, o que muito contribuirá para que

reine a paz entre as pessoas e as nações, e para que o Reino de Deus se estabeleça de fato nesse nosso mundo tão conturbado e tão dividido, exatamente, em grande parte, pelas próprias religiões!

José Reis Chaves
autor de, entre outras obras,
"A Face Oculta das Religiões", Editora EBM, SP.

Belo Horizonte (MG), Primavera de 2009.

PREFÁCIO

Sou professor universitário, aposentado da Universidade Estadual do Ceará e da Universidade Federal do Ceará, PhD em Linguística e Mestre no Ensino de Inglês como Língua Estrangeira pela Universidade de Illinois (USA).

Até meus 57 anos de idade, fui católico convicto, tendo estudado para padre no Seminário Salesiano, durante 12 anos (ver Apêndice A). Atualmente, sou espiritualista reencarnacionista ecumênico, simpatizante do espiritismo kardecista. Depois que me aposentei, procurei uma maneira de ocupar bem o meu tempo, estudando as religiões, com o objetivo principal de poder escrever algumas obras ecumênicas (e macroecumênicas), para incentivar a existência do cada vez mais necessário diálogo inter-religioso, em busca da verdade que nos liberta.

Como fruto de meus estudos, já escrevi as seguintes obras ecumênicas (e macroecumênicas):

1) Em 2005, escrevi e publiquei o livro *Entrevistas com Jesus: Reflexões Ecumênicas*, cuja 1ª edição foi lançada em junho de 2005, sua 2ª edição (revista e ampliada) foi publicada no meu antigo site (www.pinheiro.souza.nom.br), durante quatro anos (2008-2011), e a sua 3ª edição revista será brevemente publicada.

2) Em 2007, escrevi o livro *Mitos Cristãos: Desafios para o Diálogo Religioso*, publicado no mesmo ano pelo Grupo Espírita GEEC (Grupo Educação, Ética e Cidadania), de Divinópolis, MG.

3) Em 2008, criei o chamado **Blog do Pinheiro: Diálogo Inter-Religioso** (www.jpineirosouza.blog.uol.com.br), o qual já recebeu mais de 20 mil visitas e no qual já publiquei mais de 200 matérias (ver Apêndice B).

4) Em 2009, escrevi o presente livro (*Catecismo Ecumênico: 200 perguntas e respostas à luz da “fé raciocinada”*), extraído e adaptado de algumas partes de minhas obras ecumênicas anteriores.

Uma das expressões-chave de minhas referidas obras é “diálogo religioso”, que emprego em três sentidos:

- a) o diálogo sobre temas religiosos entre pessoas da mesma religião ou de religiões diferentes, ou até mesmo entre pessoas que não estejam filiadas a qualquer instituição religiosa particular;
- b) o “diálogo ecumênico”, isto é, o diálogo para reaproximação dos cristãos divididos;
- c) o “diálogo inter-religioso” (ou “macroecumênico”), ou seja, o diálogo entre seguidores de religiões diferentes, particularmente o diálogo entre o cristianismo e as religiões ou filosofias tradicionalmente não cristãs .

Por que esse meu interesse tão grande pelo diálogo religioso? Interesso-me pelo diálogo entre as religiões, porque, ao estudá-las, percebi que elas são muito exclusivistas, cada uma tendo a pretensão de ser dona exclusiva da verdade religiosa. Como afirma o renomado escritor italiano Ambrogio Donini, em sua obra *Breve História das Religiões*,

a linha de separação entre as religiões é sempre esta: *a minha religião é a verdadeira, todas as outras são falsas*. Assim raciocinam o monge budista, o intérprete do Alcorão, o padre xintoísta, o ministro protestante, o pregador jesuíta. [...] Cada classe tende a se apresentar sob a indumentária do eterno, do infalível, da verdade absoluta (DONINI, 1965, p. 14).

Em face dessa postura exclusivista dos seguidores das diferentes religiões, cheguei à conclusão de que sem **diálogo**, baseado na “fé raciocinada” (“aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade”), é impossível haver entendimento e progresso na busca da verdade religiosa.

Nesse sentido, concordo plenamente com o teólogo católico Faustino Teixeira, quando ele chega a declarar que “**fora do diálogo, não há futuro possível para o cristianismo**” (TEIXEIRA, 1995, p. 128) (negrito meu). Concordo igualmente com o historiador e teólogo católico John Cornwell, quando ele afirma que, “**a menos que os católicos possam restaurar o espírito do Vaticano II, vão tomar um choque tão grande ou maior que a divisão do cristianismo quinhentos anos atrás**” (CORNWELL, 2002, p. 74) (negrito meu).

A respeito da necessidade do diálogo inter-religioso, o Arcebispo Dominique Mamberti, ministro das Relações Exteriores do Vaticano, fez, em 2006, a seguinte afirmação: “O Papa Bento XVI tem dito e repetido: ‘o tema do diálogo entre as culturas e as religiões é um dos pontos cruciais desta era’.” (Jornal *O Povo*, Fortaleza, CE, 16 de setembro de 2006, p. 32.)

Nesse contexto da necessidade atual do diálogo entre as religiões, este livro (*Catecismo Ecumênico: 200 perguntas e respostas à luz da “fé raciocinada”*) objetiva contribuir com o diálogo ecumênico entre as várias facções do cristianismo e o diálogo religioso entre cristãos e não cristãos, abordando os principais dogmas cristãos, à luz da filosofia espírita da “fé raciocinada” (*“aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade”*).

O termo “catecismo”, do título deste livro (*Catecismo Ecumênico*), tem o seguinte sentido: “**Livro elementar de instrução religiosa por perguntas e respostas**” (Dicionário AURÉLIO, verbete **catecismo**) (negrito meu); e o termo “ecumênico” refere-se ao **ecumenismo** (o diálogo para reaproximação dos cristãos divididos, aberto também à aproximação com os seguidores de outras religiões ou filosofias). O título deste livro (*Catecismo Ecumênico*) significa, portanto, “**Livro elementar de instrução religiosa, por perguntas e respostas ecumênicas, à luz da filosofia espírita da fé raciocinada**”.

Sem querer agredir a fé cristã tradicional (a qual merece todo o nosso respeito), nem diminuir o valor histórico do cristianismo e da Igreja Católica, mas apenas contribuir para o conhecimento da verdade que nos liberta (“*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*”), refletirei crítica e ecumenicamente neste livro sobre os principais erros do cristianismo dogmático, particularmente o grande erro da interpretação literal de seus dogmas ou mitos referentes à verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus: **QUEM FOI JESUS?** Ele foi Deus e homem, somente Deus ou somente homem?

Defendo a tese de que Jesus foi somente homem. Os católicos e os protestantes creem que ele foi Deus e homem, enquanto os cristãos docetistas e os de muitos outros movimentos acreditam que ele foi (e é) somente Deus.

Os dogmas ou mitos de qualquer religião devem ser interpretados simbolicamente, e não literalmente como verdades históricas absolutas. Como afirma o teólogo e ex-pastor anglicano Tom Harpur, “nunca teremos paz sobre a Terra enquanto o literalismo controlar as religiões. [...] A nossa crença cega no literalismo está matando a religião cristã” (HARPUR, 2008, p. 194 e Quarta Capa).

Ainda bem que, nos últimos tempos, os “dogmas cristãos”, rotulados pelos teólogos liberais/pluralistas de “mitos cristãos”, tradicionalmente intocáveis, estão sendo, atualmente, cada vez mais discutidos e debatidos, até mesmo por famosos teólogos católicos. Lembro-me, por exemplo, de que, no dia 8 de abril de 2007, vi e ouvi, no Programa Fantástico da Rede Globo de Televisão, o famoso teólogo e ex-padre católico John Dominic Crossan (autor de 24 livros sobre *O Jesus Histórico*), sendo entrevistado e afirmando que o dogma da ressurreição de Cristo deve ser interpretado *metaforicamente*, e não *literalmente*. Nesse contexto, os dogmas ou mitos cristãos constituem hoje sérios desafios para o diálogo inter-religioso, mas creio que é chegado o tempo de os cristãos sentirem a necessidade de dialogar abertamente (com os seguidores de outras religiões) sobre suas crenças religiosas dogmáticas.

Fortaleza, 25 de fevereiro de 2010

José Pinheiro de Souza

INTRODUÇÃO

Como afirmei no Prefácio, convicto da necessidade atual do diálogo entre as religiões, escrevi este livro (*Catecismo Ecumênico: 200 perguntas e respostas à luz da “fé raciocinada”*) com o objetivo principal de incentivar o diálogo ecumênico e inter-religioso, abordando os principais erros do cristianismo dogmático, particularmente o grande erro da interpretação literal de seus dogmas ou mitos referentes à verdadeira natureza de Jesus: **QUEM FOI JESUS?**

Em face desta proposta, alguém poderia me fazer a seguinte pergunta crítica: É possível e lícito avaliar a “veracidade” ou “falsidade” de doutrinas religiosas?

E eu lhe responderia, com o escritor Donald Wiebe, mais ou menos assim:

Muitos estudiosos das religiões (cf. WIEBE, 1998, cap. 1) alegam que, num estudo científico das religiões, não é possível tal empreendimento e, mesmo que o fosse, não se teria o direito de abordar o problema da verdade ou falsidade de doutrinas religiosas, uma vez que a verdade religiosa, situando-se particularmente no plano do mito, não é racional nem empiricamente demonstrável (cf. ARMSTRONG, 2001).

Em outras palavras, muitos defendem a noção de que a religião não pode submeter-se a julgamentos racionais, porque ela não trata de fatos objetivos, mas de valores existenciais, pessoais, íntimos, subjetivos, internos, ocultos, esotéricos, míticos. Existe até o *slogan* “não procurem pela verdade da religião, e sim pela verdade sobre a religião” (WIEBE, p. 9-10). Mas, nesse caso, o estudo das religiões reduzir-se-ia a mera descrição fenomenológica de suas crenças, de seus mitos, de seus rituais etc. (“a verdade sobre a religião”), sem nenhuma avaliação crítica a respeito da veracidade ou falsidade de suas proposições doutrinárias (“a verdade da religião”).

Todavia, se, por um lado, não se pode negar o aspecto *esotérico* (mítico, oculto, íntimo, místico, interior, pessoal, existencial, subjetivo etc.) das religiões, por outro lado, não se

pode deixar de reconhecer que elas possuem um caráter *exotérico* (explícito, externo, histórico, público, objetivo, doutrinário etc.) pelo seu caráter social de “produto humano”.

Nesse sentido, concordo plenamente com Donald Wiebe, ao defender a tese segundo a qual é precisamente o aspecto exotérico (público, objetivo, doutrinário) das religiões que pode e deve ser estudado e avaliado criticamente pelo estudioso científico das religiões. No dizer desse mesmo autor, “**a questão relativa a se as crenças religiosas são verdadeiras ou não é de extrema importância para o estudo acadêmico ou científico da religião**” (WIEBE, p. 171) (negrito meu).

Defendo neste *Catecismo Ecumênico* essa mesma tese, porque, como afirma corretamente o ilustre teólogo e padre católico Hans Küng, “**nenhuma questão na história das religiões tem gerado tantas disputas, tantos conflitos sangrentos e tantas guerras religiosas como a questão da verdade**” (KÜNG, 2001, p. 19) (negrito meu). Isso ocorre porque cada religião normalmente tem certeza de estar com a “verdade” e de ser a única verdadeira, embora a verdade de uma possa contradizer a de outra. E para defender as suas verdades, as religiões se acham no direito de cometer as maiores atrocidades.

Em face da postura literalista e exclusivista das religiões (particularmente do cristianismo dogmático), defendo (com muitos outros autores) a tese pluralista da **equivalência funcional de todas as religiões** e a de que sem **diálogo**, baseado na “fé raciocinada”, é impossível haver entendimento e progresso na busca da verdade religiosa.

Nesse sentido, pretendo atingir nesta obra os seguintes objetivos ecumênicos (e macroecumênicos):

1) Defender, numa *perspectiva religiosa pluralista*, a *equivalência funcional* (não *doutrinal*) de todas as crenças religiosas (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**), em oposição aos pontos de vista religiosos que sustentam a *exclusividade, unicidade e superioridade* de **UM CAMINHO**, isto é, de uma religião, em relação às demais. Por essa tese da *equivalência funcional* de todas as religiões, o catolicismo é tão bom, válido e verdadeiro para os católicos, quanto o judaísmo o é para os judeus, o budismo para os budistas, o

espiritismo para os espíritas e assim por diante. Essa tese não afirma, porém, que todas as religiões são igualmente verdadeiras do ponto de vista objetivo de suas crenças, de seus dogmas ou de seus mitos, uma vez que, em questões de doutrina, elas se contradizem em muitos pontos. Daí, a necessidade do diálogo inter-religioso aberto e sincero para se saber quem está com a verdade.

2) Fazer uma análise crítica da doutrina cristã exclusivista, porque ela ergue uma barreira intransponível entre o cristianismo dogmático e as outras religiões deste planeta, impedindo a paz, o amor, a fraternidade e o diálogo religioso de igual para igual. Nesse sentido, o livro combate, sobretudo, o chamado **mito da unicidade cristã**, ou seja, a pretensão errônea e espiritualmente arrogante do cristianismo dogmático de ser “a única fé verdadeira para toda a humanidade” (*Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo*, de agora em diante DRCO, MATHER & NICHOLS, 2000, verbete **cristianismo**), e a pretensão da Igreja Católica de “ser a única Igreja de Cristo” (RATZINGER, 2001, n. 16).

3) Meu terceiro e principal objetivo deste livro é estimular o diálogo e o debate bimilenar (e cada vez mais atual) sobre a verdadeira identidade de Jesus: **QUEM FOI JESUS?** Justifico a abordagem desse tema, porque a maior polêmica cristã de todos os tempos sempre foi (e continua sendo) sobre **a verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus** (cf. CHAVES, 2006c).

Por isso mesmo, Jesus é o personagem sobre o qual mais se tem escrito livros neste planeta – “segundo uma estatística recente, publica-se uma média de quatro livros por dia sobre Jesus” (WOODWARD, 2000, p. 97) – mas, mesmo depois de dois mil anos de cristianismo, ainda não se chegou a um consenso (nem mesmo entre os cristãos) acerca de sua verdadeira identidade (ou natureza).

Em face das concepções contraditórias a respeito do personagem central do cristianismo, podemos e devemos perguntar: **JESUS NÃO É UM SÓ? QUAL É, ENTÃO, O VERDADEIRO JESUS?**

Respeito o direito de cada grupo religioso (ou mesmo de cada indivíduo) de defender o seu ‘Jesus’ como sendo o “verdadeiro Jesus” e, por isso mesmo, espero que você, prezado leitor, respeite igualmente o meu direito de defender, neste livro, aquele que é, na minha opinião, O VERDADEIRO JESUS DE NAZARÉ.

Quero esclarecer, finalmente, que não sou *teólogo* (no sentido acadêmico do termo), mas um autodidata, um estudioso crítico das religiões, em busca da verdade religiosa, disposto a aderir a ela onde quer que mais me pareça encontrar-se, seguindo obviamente os ditames de minha consciência.

Nesse sentido, refletirei crítica e ecumenicamente neste livro sobre uma série de questões doutrinárias do cristianismo dogmático (apoiando-me em diversos autores), sem ter medo de me posicionar a respeito das questões examinadas, mas sem a pretensão de ser o “dono da verdade”.

Por conseguinte, prezado leitor, por favor, interprete meus pontos de vista, não como verdades absolutas, mas apenas como opiniões pessoais ou como hipóteses, obviamente sujeitas a revisões ou mudanças, de acordo com as exigências da “fé raciocinada”.

De acordo com o ponto de vista dos teólogos liberais/pluralistas que adoto, os “dogmas cristãos” são chamados de “mitos cristãos”. Mas o que são “mitos religiosos”? Posso adiantar, nesta Introdução, que os mitos religiosos, na visão de muitos filósofos e teólogos liberais/pluralistas (adotada nesta obra), são crenças irracionais, que alimentam a fé de muita gente, mas que não podem ser todas verdadeiras, quando *literalmente* interpretadas. Muitas dessas verdades míticas podem ser *metaforicamente* verdadeiras, mas *literalmente* falsas, como veremos no decorrer deste livro.

Mais explicitamente, de acordo com o ponto de vista que defendo, os mitos religiosos são normalmente falsos, quando são *literalmente* interpretados, mas podem ser verdadeiros, quando são *metaforicamente* interpretados. Por exemplo, a afirmação de que Jesus é *literalmente* “Filho de Deus” é “falsa” para os teólogos liberais/pluralistas, embora seja “verdadeira” para os cristãos dogmáticos. Já a afirmação de que Jesus é *metaforicamente* “Filho de Deus” é “verdadeira” para os teólogos liberais/pluralistas, mas é “falsa” para os cristãos dogmáticos. Como vemos, são pontos de vista totalmente opostos. Quem está com a verdade? A única saída, para se chegar a um consenso, é o diálogo inter-religioso aberto e sincero, fundamentado na argumentação e na “fé raciocinada” (a que admite interferência da razão e que não se

nega a fazer revisões nem atualizações em assuntos doutrinários), em oposição à “fé cega” (a que não admite interferência da razão, nem atualizações em assuntos doutrinários).

Idem para outras questões dogmáticas e míticas, como: Deus é Pai? Deus é Pessoa? Deus é uno e trino? Jesus é Deus? Jesus é o Verbo encarnado? Jesus nasceu miraculosamente por obra e graça do Espírito Santo? Maria é a “Mãe de Deus”? etc.

Na visão da teologia liberal/pluralista, defendida nesta obra, essas questões podem ser respondidas como “verdadeiras”, quando interpretadas *metaforicamente* (*simbolicamente*), mas são todas respondidas como “falsas”, quando interpretadas *literalmente*.

Numa das principais definições de “mito”, adotada neste livro, dada pelo maior filósofo e teólogo pluralista do mundo, o inglês John Hick, “**o mito é uma história contada, mas não é literalmente verdadeiro**” (HICK, 1977, p. 178) (negrito meu). Ora, se o mito não é *literalmente* “verdadeiro”, é *literalmente* “falso”. Ele pode ser, porém, *simbolicamente/metaforicamente* verdadeiro.

Os pontos de vista defendidos nesta obra parecem ser os que mais estão tendo aceitação, atualmente, entre os estudiosos críticos do cristianismo, até mesmo entre famosos teólogos cristãos, como veremos no decorrer desta obra.

O livro está estruturado em 200 perguntas e respostas ecumênicas (e macroecumênicas), à luz da filosofia espírita da “fé raciocinada”, enfocando meus atuais pontos de vista críticos sobre o cristianismo dogmático, particularmente sobre a verdadeira natureza de Jesus.

Repito que, sem querer agredir a fé cristã dogmática, nem diminuir o valor histórico do cristianismo e da Igreja Católica, mas apenas contribuir para o conhecimento da verdade que nos liberta (“*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*”), refletirei crítica e ecumenicamente nesta obra sobre os principais erros do cristianismo dogmático, particularmente o grande erro da interpretação literal de seus dogmas ou mitos referentes à verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus: **QUEM FOI JESUS?** Ele foi Deus e homem, somente Deus ou somente homem? Defendo a tese de que ele foi somente homem.

1 - JESUS É DEUS ENCARNADO?

Simbolicamente (metaforicamente), sim; mas literalmente, não, pois Deus, sendo puro espírito, infinito, imaterial, não pode ter carne, nem sangue, nem corpo. Nesse contexto, tinham muita razão vários escritores dos primeiros séculos do cristianismo, como, entre outros, Celso (séc. II) e Porfírio (séc. III), os quais diziam: “A Encarnação é um absurdo. Deus, o perfeito, o imutável, não pode rebaixar-se a ponto de se tornar uma criancinha” (apud COMBY, 1996, p. 35). Porfírio (apud COMBY, p. 37) escreveu:

Mesmo supondo que algum dos gregos seja bastante obtuso para pensar que os deuses habitam nas estátuas, essa seria uma concepção mais pura que a de admitir que o Divino tenha descido no seio da Virgem Maria, que se tenha tornado embrião, que, após o seu nascimento, tenha sido envolvido em panos, todo sujo de sangue, de bilis e pior ainda [...] .

No Concílio de Niceia (ano 325), convocado pelo imperador Constantino,

os bispos acrescentaram ao Filho de Deus o adjetivo *homoousios*, que significa que o Filho tem a mesma *ousía*, a mesma substância que o Pai – em outras palavras, que é consubstancial ao Pai. Esse termo afirma a perfeita igualdade entre o Pai e o Filho. [...] O acordo de Niceia é rapidamente questionado. Muitos rejeitam o termo *homoousios* porque não é encontrado nas Escrituras. Outros recordam que a palavra foi utilizada por heréticos que distinguiam de modo errôneo o Pai do Filho. Logo, a maior parte dos orientais recusa a fórmula de Niceia, excetuando-se *Atanásio*, bispo de Alexandria a partir de 328. O Ocidente latino permanece, de maneira geral, fiel a Niceia (COMBY, p. 92-93).

A verdade histórica, porém, é que as interpretações literalistas de Niceia e de Calcedônia, acerca da identidade mítica de Jesus, nunca deixaram de ser contestadas ao longo de toda a história do cristianismo, tendo causado muitos conflitos ideológicos e sérias divisões entre os próprios cristãos. A interpretação literal

da encarnação de Deus na pessoa de Jesus é, de fato, uma crença absurda.

2 - QUAL A MAIOR POLÊMICA CRISTÃ DE TODOS OS TEMPOS?

A maior polêmica cristã de todos os tempos sempre foi (e continua sendo) sobre **a verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus**. E são três as principais correntes dessa polêmica (cf. CHAVES, 2006c):

- 1) A corrente dogmática: **Jesus é Deus e homem**.
- 2) A corrente docetista: **Jesus é só Deus**.
- 3) A corrente adocionista/ariana/espírita: **Jesus é só homem**.

A grande maioria dos cristãos (atualmente cerca de dois bilhões) segue a primeira corrente cristológica, ou seja, acredita que Jesus de Nazaré é literalmente Deus e homem (Deus encarnado), que se fez homem a fim de morrer pelos pecados da humanidade e que fundou uma religião e uma igreja para proclamar essa verdade. Se Jesus é, *literalmente*, Deus encarnado, o cristianismo tradicional (dogmático) é a única religião fundada pessoalmente pelo próprio Deus, e deve ser, por conseguinte, superior a todas as outras religiões deste planeta (cf. HICK, 1993, p. ix).

Neste livro, assim como em minhas obras ecumênicas anteriores, questiono as duas primeiras correntes sobre a verdadeira natureza de Jesus, defendendo, com os adocionistas, os arianos, os espíritas e muitos outros grupos de estudiosos do cristianismo (particularmente os teólogos liberais e pluralistas), a terceira corrente (**Jesus é só homem**), por sinal, a corrente que mais cresce atualmente no mundo, argumentando que as outras duas correntes (por defenderem um **Jesus que é Deus e homem ou que é só Deus**) são “mitos cristãos”, e não verdades históricas absolutas. A terceira corrente, defendendo a tese de que “Jesus é só homem”, argumenta que este Jesus é o “Jesus real”, o “Jesus verdadeiro”, o “Jesus histórico” (**uma pessoa totalmente humana**), em contraposição ao chamado “Jesus mítico”, “celeste”, rotulado também de “Cristo da fé”, “Cristo confessional”, “Jesus canônico” (**uma pessoa totalmente divina**).

3 - JESUS NÃO É UM SÓ?

Com certeza, Jesus é um só, mas há maneiras diferentes de ver o mesmo Jesus. Com relação à distinção, feita desde o século 18, entre **o Jesus histórico** e **o Cristo da fé** (também rotulado de **Jesus mítico**), o teólogo e ex-padre católico John Dominic Crossan esclarece que

o Jesus histórico e o Cristo da fé são a mesma pessoa. É como a polêmica em torno do presidente Bush. Há aqueles que o acham o melhor presidente da história americana; e há os que o consideram uma tragédia. São crenças diferentes sobre a mesma pessoa (*SUPER Interessante*, março/2008, p. 17).

Assim, quando distingo o Jesus histórico do mítico, estou apenas querendo afirmar que há duas maneiras opostas de ver a mesma pessoa de Jesus: a histórica e a mítica, embora eu defenda que **o verdadeiro Jesus** (ou seja, o modo verdadeiro de ver Jesus) **é o histórico, e não o mítico**, pois o modo mítico exclusivista de ver Jesus tem causado muitos males na humanidade.

A respeito das diferentes maneiras de ver Jesus, mostro, em meus livros ecumênicos, particularmente na obra *Entrevistas com Jesus: reflexões ecumênicas*, que o 'Jesus' de um grupo religioso ou filosófico pode ser bem diferente (isto é, pode ser visto de modo bem diferente) do 'Jesus' de outro. Assim, por exemplo, o 'Jesus' dos católicos é visto como o fundador da Igreja Católica, o qual entregou as chaves do Reino dos Céus somente a Pedro e aos seus legítimos sucessores (os papas), mas o 'Jesus' dos protestantes, embora seja visto como o fundador da religião cristã, não confiou exclusivamente a Pedro a chefia dessa instituição. O 'Jesus' da grande maioria dos cristãos é visto literalmente como Deus encarnado, enquanto o 'Jesus' dos protestantes liberais e/ou pluralistas é visto apenas poética e metaforicamente como uma divindade. O 'Jesus' da maioria dos cristãos é visto como altamente exclusivista, porquanto é o único caminho, o único mediador entre Deus e os homens, enquanto o 'Jesus' dos cristãos pluralistas é visto como um caminho ao lado de muitos outros. O 'Jesus' dos mórmons, das Testemunhas de Jeová e dos espíritas é visto como

o maior profeta que já veio a este mundo, mas não é uma divindade. O ‘Jesus’ dos rosa-cruzes é visto como Filho de Deus, mas não o único Filho de Deus. O ‘Jesus’ dos hinduístas é visto como uma encarnação divina ao lado de muitas outras. O ‘Jesus’ dos muçulmanos é visto como um grande profeta, mas é inferior a Maomé e não foi crucificado nem morto na cruz (cf. *O Alcorão*, sura 4, 157). Segundo alguns estudiosos, Jesus se casou e teve filhos. Enquanto o ‘Jesus’ da maioria dos cristãos é visto como o fundador de uma nova religião e uma igreja, o ‘Jesus’ de muitos outros grupos religiosos (como o Jesus defendido em meus livros ecumênicos) não é visto como o fundador de uma nova religião, nem de uma igreja, mas é visto apenas como o pregador de **um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor**, capaz de unir a todos (emprego em meus livros os termos “moral” e “ética” no mesmo sentido de um conjunto de princípios universais de boa conduta humana).

Em face de tantas concepções contraditórias a respeito do personagem central do cristianismo, podemos e devemos realmente perguntar: **JESUS NÃO É UM SÓ? QUAL É, ENTÃO, O VERDADEIRO JESUS?**

4 - COMO SE CRIOU A FIGURA DO “JESUS MÍTICO”?

Muitos mitólogos têm defendido, com muita razão, que o “Jesus mítico” foi um produto criado com elementos das antigas divindades mitológicas, como reflete corretamente o escritor vaticanista espanhol Juan Arias (ARIAS, 2001, p. 111-112) nos seguintes termos:

E se Jesus fosse apenas um mito construído com elementos das escatologias egípcias? É o que sustentaram, até o final do século XIX, não poucos mitólogos, como Albert Churchward e Joseph Welles. Os defensores da teoria mítica pensam que se tentou incorporar ao personagem Jesus [...] elementos de outros deuses ou personagens religiosos mitológicos de séculos anteriores a ele. Para esses autores, há coincidências interessantes entre o Jesus que os cristãos apresentam e os personagens e deuses anteriores, como Hórus, do Egito; Mitra, da Pérsia; e Krishna,

da Índia. Todos nascem de uma virgem. Hórus e Mitra também nascem em 25 de dezembro. Todos fizeram milagres, todos tiveram 12 discípulos que corresponderiam aos 12 signos do zodíaco, todos ressuscitaram e subiram aos céus depois de morrer. Hórus e Mitra foram chamados Messias, Redentores e Filhos de Deus. Krishna foi considerado a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade e foi perseguido por um tirano que matou milhares de crianças inocentes. Além disso, Krishna também se transfigurou, como Jesus, diante de seus três discípulos preferidos, foi crucificado e subiu aos céus. Exatamente como o profeta de Nazaré. Os mitólogos se perguntam: “Precisamos de mais coincidência?”

Claro que não. Em face desses e de muitos outros dados históricos que serão apresentados neste livro, ninguém poderá mais duvidar de que o “Jesus mítico” é, de fato, uma incorporação de “elementos de outros deuses ou personagens mitológicos de séculos anteriores a ele” (ARIAS, *ibid.*).

Em minhas obras ecumênicas, particularmente no livro *Entrevistas com Jesus: reflexões ecumênicas* (SOUZA, 2005/2007), mostro que o processo de mitificação de Jesus, ou seja, o da transformação do “Jesus (ou Cristo) real” no “Jesus (ou Cristo) mítico”, do nascimento à paixão e à morte, vem sendo confirmado por todas as pesquisas contemporâneas, as quais comprovam que a imagem do “Cristo (ou Jesus) mítico” é apenas uma criação fantástica, elaborada no curso dos tempos (cf. DONINI, 1965, p. 283).

5 - É CORRETO DISTINGUIR O “JESUS HISTÓRICO” DO “CRISTO DA FÉ”?

Sim. A partir do final do século XVIII, com o surgimento dos estudos histórico-críticos dos Evangelhos, tornou-se comum fazer a distinção muito constrangedora para a maioria dos cristãos entre o “Jesus histórico” (**o Jesus que é só homem**) e o “Cristo da fé” (**o Jesus que é literalmente visto como Deus e homem**).

Os próprios cristãos pesquisadores, particularmente os protestantes liberais, começaram a comprovar, mediante seus estudos, que se trata de dois personagens distintos, ou seja, de

duas maneiras antagônicas de ver Jesus. O “Cristo da fé” é uma figura celeste a quem se atribui um papel mítico, sendo o próprio Deus que se encarnou miraculosamente no ventre de Maria, para salvar a humanidade, uma pessoa totalmente divina, que fundou uma nova religião e uma igreja exclusivistas, enquanto o “Jesus histórico” é visto como um personagem real, um profeta (um sábio), uma pessoa totalmente humana, que nunca atribuiu a si mesmo os títulos míticos e exclusivistas de único Deus encarnado ou de único salvador da humanidade, mas que ensinou ao homem uma forma de vida capaz de o libertar do mal e conquistar o Reino de Deus, **mediante a vivência de um código de leis morais universais.**

O Jesus histórico (o Jesus que é só homem) – o Verdadeiro Jesus de Nazaré – é um dentre os muitos mensageiros de Deus, enviado à Terra para pregar o Reino Universal do Amor de Deus e formar uma comunidade de fiéis discípulos, **UMA COMUNIDADE DE AMOR** (o chamado “cristianismo de Jesus” ou “cristianismo das origens”).

A distinção entre o “Jesus histórico” e o “Cristo da fé” sempre causou (e continua causando) muitas polêmicas entre os próprios cristãos e, mais ainda, entre cristãos e não cristãos.

6 - QUAL É O MAIOR ERRO DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO?

Na minha visão (e na de muitos outros estudiosos críticos do cristianismo), o maior erro doutrinário do cristianismo é o dogma da divindade de Jesus, segundo o qual Jesus é literalmente Deus encarnado, uma pessoa totalmente divina, com duas naturezas (a divina e a humana).

O dogma da divindade de Jesus é, indubitavelmente, o fundamento de todo o cristianismo tradicional. Se esse dogma é literalmente falso, como, de fato, argumento que o é, falsos são também todos os demais dogmas ou mitos cristãos que dependem dessa crença literal na divindade de Cristo, tais como: a trindade, o nascimento miraculoso de Jesus, sua morte expiatória, sua ressurreição dos mortos, sua unicidade salvífica e da religião (ou igreja) por ele supostamente instituída, seu retorno físico por ocasião do suposto juízo final, o batismo das

crianças, a maternidade divina e a virgindade perpétua de sua mãe etc.

Segundo o ponto de vista que defendo, a crença de que Jesus é literalmente Deus encarnado, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, não é uma verdade histórica, mas um mito, por sinal, o mito cristão fundamental, do qual, repito, dependem todos os demais dogmas ou mitos do cristianismo tradicional.

7 - O JESUS HISTÓRICO DECLAROU SER DEUS?

De modo algum. O Jesus histórico nunca declarou ser uma pessoa divina (no sentido literal da palavra). As passagens evangélicas que lhe atribuem tal declaração (por ex., Mateus 26,63-64; Marcos 14,62; João 10,30;14,9-10) foram criações dos evangelistas para enaltecer a sua pessoa e para dar credibilidade exclusiva ao cristianismo dogmático.

Nas palavras do escritor inglês John Hick (o maior teólogo pluralista do mundo),

o Jesus histórico não advogou para si ser Deus, Filho de Deus, segunda pessoa da Trindade, encarnado, e a doutrina da encarnação é uma criação da Igreja, apenas finalmente definida no Concílio de Calcedônia no ano 451, depois de mais de quatro séculos de muitas lutas e brigas entre as maiores lideranças do cristianismo primitivo (HICK, 1977, p. ix-x).

O Jesus histórico não pode ter cometido a blasfêmia de ter declarado ser “Filho de Deus” – no sentido *literal, natural* – como dogmatizaram os cristãos, fundamentados na mitologia de muitos povos antigos, principalmente na mitologia greco-romana, em que as encarnações e filiações divinas (no sentido natural/biológico) eram vistas como fenômenos normais.

Convém sabermos que, como o Cristo da fé, também Hórus (do Egito) era visto como Deus encarnado, o Filho de Deus, o Salvador do mundo, nascido de um parto virginal e filho de uma mãe divina. Como o Cristo mítico, também Hórus era “o Senhor da luz” [...], “o Caminho, a Verdade e a Vida” (HARPUR, 2008, p. 88 e 93).

No sentido analógico/metafórico/honorífico/simbólico, ninguém comete blasfêmia ao chamar Jesus de “Filho de Deus”. Aliás, nesse sentido, todos nós somos “filhos de Deus”, uns apenas mais adiantados que outros na carreira evolutiva, por serem mais antigos, ou por já terem trabalhado mais no caminho da perfeição.

8 - COMO EXPLICAR O ENDEUSAMENTO DE JESUS?

O costume mitológico de “divinizar” (“deificar” ou “endeusar”), isto é, de transformar em “deuses” ou em “descendentes de deuses”, personagens importantes da História (como reis, imperadores, guerreiros, líderes religiosos etc.) era muito comum entre os povos antigos, uma vez que todos eram mitológicos. Na Grécia, por exemplo, como afirma o mitólogo Odile Gandon,

para aumentar a importância dos ancestrais, reis ou chefes guerreiros cujos feitos eram contados, cada cidade, cada região do mundo helênico transformava-os em descendentes de um deus ou de uma deusa (GANDON, 2000, p. 15).

Por conseguinte, a “divinização” que os cristãos atribuíram a Jesus tem explicação na velha estratégia mítica utilizada por todos os povos antigos de enaltecer as qualidades de uma pessoa que se destacava das demais por suas ações. Assim, os reis, os imperadores, os heróis, os grandes profetas e os grandes líderes religiosos eram tão enaltificados, a ponto de as pessoas os transformarem num “filho de Deus”, ou numa “encarnação da divindade”, não no sentido metafórico ou honorífico, mas no sentido biológico da palavra. Na verdade, ainda hoje, em alguns países, por exemplo, no Nepal, monarcas são considerados literalmente um “deus encarnado” ou um “filho de Deus”. Na Índia, existiu o grande mestre Sai Baba, também visto por seus seguidores como “Deus encarnado”.

Do mesmo modo, os escritores cristãos da Igreja primitiva (sobretudo Paulo e João), influenciados pela cultura mitológica dominante da época (a cultura greco-romana), onde era muito comum a crença em “encarnações divinas” e em “filiação divina”, não no sentido adotivo (metafórico, analógico, honorífico, simbólico),

mas no sentido natural (físico/biológico), para enaltecer ao máximo a pessoa de Jesus e as suas ações e, sobretudo, para dar credibilidade ao cristianismo nascente, absolutizaram-no, endeusando-o e fazendo-o superexclusivista, o único “Filho de Deus”, o único Deus encarnado (no sentido natural dessas expressões), o único salvador da humanidade, o único mediador entre Deus e os homens, o único fundador da verdadeira religião, o único que verdadeiramente ressuscitou dos mortos etc.

9 - EXISTEM PROVAS BÍBLICAS DE QUE CRISTO NÃO É DEUS?

Com certeza. Existem, de fato, várias passagens bíblicas que comprovam claramente que Cristo não é literalmente Deus encarnado, como as que apresento, a seguir:

1. Se Cristo fosse Deus mesmo, ele não poderia ser **o mediador entre Deus e os homens, “porquanto há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, um homem, Cristo Jesus”** (1Timóteo 2,5) (negrito meu). Essa passagem bíblica nos fornece duas provas claras de que Cristo não é Deus: a primeira prova é a de que ele é apenas **mediador** entre Deus e os homens (e não o próprio Deus, **“porquanto há um só Deus”**); e a segunda prova é a de que o mediador Cristo é só homem (**“um homem, Cristo Jesus”**).
2. Nos Evangelhos de Marcos e Lucas, temos a seguinte passagem, ou melhor, o seguinte diálogo (entre certo homem de posição e Jesus), que também comprova que Cristo não é Deus: **“Bom Mestre, que devo fazer para herdar a vida eterna?”** Jesus respondeu: **“Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão só Deus!”** (Marcos 10, 17-18; Lucas 18, 18-19) (negrito meu). Cristo, nessa sua resposta ao homem de posição, nega-lhe que seja **“Bom”** e, logo, que seja **Deus**, pois **“Ninguém é bom, senão só Deus!”**
3. Cristo também não pode ser Deus, porque ele mesmo, em várias passagens evangélicas, expressa uma aberta inferioridade e subordinação em relação ao Pai: **INFERIORIDADE no SABER, no PODER e no SER** (cf. GRIESE, 1957, p. 23-24):

- 1) **INFERIORIDADE NO SABER:** “Daquele dia e daquela hora ninguém sabe, nem mesmo os anjos do céu, nem tampouco o Filho, mas somente o Pai” (Mateus 24,38; Marcos 13,32).
- 2) **INFERIORIDADE NO PODER:** “O poder de sentar-se à minha direita ou à minha esquerda não é de minha competência, mas somente de meu Pai” (Mateus 20,23). “Eu não posso fazer nada por mim mesmo” (João 5,30). “Desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, mas para fazer a vontade daquele que me enviou” (João 6,38).
- 3) **INFERIORIDADE NO SER:** “O Pai é maior do que eu” (João 14,28). Em várias outros trechos do mesmo Evangelho de João, ele mostra que Cristo não era Deus, mas um “enviado de Deus” (João 4,34; 5,24; 6,44; 7,29; 8,26; 12,45; 17,3) e é claro que um enviado é sempre inferior àquele que o enviou. Jesus também teria afirmado: “Subirei ao meu Pai e ao vosso Pai, ao meu Deus e ao vosso Deus” (João 20, 17); e também teria dito: “Eu rogarei ao Pai” (João 14,16 e 16,26) e o que roga é obviamente inferior ao rogado.

A maior prova bíblica, contudo, de que Cristo não é Deus refere-se ao fato de que ele (o Cristo da fé) **ERROU**, ao prometer que retornaria ao mundo, enquanto ainda estivessem vivos alguns de seus apóstolos, profecia que não se cumpriu. Logo, Cristo não é Deus, pois Deus não pode errar. A matéria completa sobre esse erro de Cristo se encontra na resposta da Pergunta nº 155 deste *Catecismo Ecumênico* e no meu *blog* – **Blog do Pinheiro: Diálogo Inter-Religioso** – (www.jpinheirosouza.blog.uol.com.br) (datas da publicação: 25 e 31/8/2008 e 22/6/2009).

10 - POR QUE JESUS NÃO É LITERALMENTE “FILHO DE DEUS”?

Porque Deus não é literalmente “pai” de ninguém. Simbolicamente (metaforicamente), podemos dizer que Jesus é “Filho de Deus”, mas literalmente, não, pois Deus, sendo puro espírito, infinito, imaterial, não pode “gerar filho”. Nesse contexto,

convém lembrar o que diziam vários escritores dos primeiros séculos do cristianismo, como, entre outros, Celso (séc. II) e Porfírio (séc. III): “A Encarnação é um absurdo. Deus, o perfeito, o imutável, não pode rebaixar-se a ponto de se tornar uma criancinha” (apud COMBY, 1996, p. 35).

A grande maioria dos cristãos continua defendendo, contudo, o dogma mítico e errôneo segundo o qual Jesus é *literalmente* “Filho de Deus”, isto é, “Filho de Deus” no sentido *natural*, e não no sentido *analógico* ou *metafórico*.

11 - QUE TIPO DE LINGUAGEM USAMOS PARA FALAR SOBRE DEUS?

A linguagem religiosa para falar sobre Deus é tipicamente *analógica* ou *metafórica*, pois o ser humano só pode falar sobre Deus fazendo uso dos recursos limitados que sua linguagem lhe oferece: analogias, comparações, parábolas, alegorias, metáforas, imagens, símbolos etc., uma vez que Deus não pode ser *literalmente* definido por meio de nossos limitados conceitos humanos.

Mais explicitamente, como já diziam os filósofos e teólogos escolásticos, particularmente Santo Tomás de Aquino (cf. HICK, 1990, p. 83-84), toda linguagem humana sobre Deus é sempre *analógica* (fundada na “analogia”), ou seja, é a expressão do desconhecido e do inexprimível em termos do conhecido.

Por conseguinte, não podemos confundir sentido figurado/metafórico com sentido literal da linguagem humana. Com base nessa distinção, Jesus não é *literalmente* Deus nem “Filho de Deus”, uma pessoa totalmente divina, com duas naturezas, como foi dogmatizado no Concílio de Niceia, no ano 325 da era cristã, e confirmado no Concílio de Calcedônia, no ano 451. Como pode Jesus ser *literalmente* “Filho de Deus”, se Deus também não é *literalmente* “Pai” de ninguém, no sentido *biológico*, a não ser no reino da mitologia?

E se Deus não é *literalmente* “Pai”, ninguém pode ser *literalmente* “filho de Deus”.

12 - QUAL O SENTIDO FIGURADO DE “FILHO” E DE “FILHO DE DEUS” NA LINGUAGEM JUDAICA?

Na linguagem judaica, usa-se amiúde o termo “filho” para designar alguma semelhança. Por exemplo,

“filho de touro” significa um homem forte; [...] “filho da gordura” significa um homem gordo. Analogamente, **a expressão “Filho de Deus” significa um homem intimamente unido a Deus ou um pregador de Deus. É neste sentido que se atribui a Cristo o título de “Filho de Deus”, um título que o rei Davi também o tinha** (GRIESE, 1957, p. 28, nota 2) (negrito meu).

13 - SER “FILHO DE DEUS”, NA CULTURA HEBRAICA, SIGNIFICAVA “SER DEUS”?

De modo algum. Ser “filho de Deus”, na cultura hebraica, não significava ser Deus, mas era um título honorífico aplicado geralmente aos reis de Israel por ocasião de suas coroações. Os judeus, sendo estritamente monoteístas, rejeitavam qualquer crença que tivesse sabor de politeísmo. Por isso, não podiam admitir que alguém pudesse ser “filho de Deus”, no sentido natural/físico/biológico e, muito menos ainda, acreditar que Deus pudesse literalmente encarnar-se em forma humana.

14 - O MITO DE ALGUÉM SER LITERALMENTE “FILHO DE DEUS” OU “DEUS ENCARNADO” ERA MUITO COMUM EM OUTRAS CULTURAS?

Sim. Por exemplo, na cultura greco-romana, e em muitas outras culturas antigas, era muito comum a ideia mitológica de alguém importante ser considerado “filho de Deus”, no sentido natural (físico, biológico), através da concepção miraculosa entre uma divindade e uma mulher da Terra, ou entre uma deusa e um homem da Terra, como era igualmente comum a ideia de uma divindade encarnar-se (ou reencarnar-se) em forma humana (o chamado MITO DO DEUS ENCARNADO).

Assim, por exemplo, os chamados *heróis* na mitologia grega eram tidos como “filhos de um deus e de uma mortal” (COMMELIN,

1997, p. 215); Teseu, o décimo rei de Atenas, também é chamado, às vezes, de “filho de Netuno”, a grande divindade dos trezenienses (ibid.); Júpiter, o pai, o rei dos deuses e dos homens, também engravidou um grande número de mulheres da Terra, e delas nasceram muitos filhos, que foram todos colocados entre os deuses e semideuses (ibid., p. 21-22); “a deusa Vênus (‘Afrodite’, em grego) gerou Eneias e um grande número de mortais” (ibid., p. 60-61); o próprio Platão, nascido em Atenas em 429 a.C., era considerado um divino Filho de Deus, nascido de uma virgem pura chamada Perictione, segundo acreditava o povo em geral (cf. LEWIS, 1997, p. 78); o taumaturgo Apolônio de Tiana, contemporâneo dos primeiros cristãos, também nascera de uma mãe virgem, tendo sido concebido miraculosamente pela mãe terrena e um deus egípcio de nome Proteu (cf. RIFFARD, 1996, p. 405); na mitologia egípcia, o rei, chamado faraó, era considerado um *deus* vivente e dava-se-lhe o título de “Filho de Deus”; na mitologia da Pérsia, Zoroastro foi o primeiro dos redentores do mundo a ser aceito como nascido pela concepção entre um deus e uma virgem (cf. LEWIS, ibid., p. 76); Ciro, rei da Pérsia, também era tido como nascido de origem divina e era chamado de “Cristo” ou “Filho ungido de Deus” (ibid.).

Analogamente, o MITO DO DEUS ENCARNADO, isto é, a crença segundo a qual uma divindade se encarna numa pessoa humana, era (e continua sendo) muito comum. Assim, por exemplo, no hinduísmo, Krishna é considerado a oitava encarnação do deus hindu Vishnu; para os hinduístas, Buda é considerado a nona encarnação da mesma divindade (Vishnu); “O Dalai Lama do Tibete é considerado um avatar [= encarnação divina] de Avalokitezvara” (BLAVATSKY, 2000, p. 65); “A Sociedade Teosófica anunciou, como encarnação divina da época, em suas próprias fileiras a Krishnamurti” (ARMOND, 1999, p. 137); ainda hoje, em vários países, monarcas são considerados a reencarnação de um deus. Como também já foi dito, o guru indiano Sathya Sai Baba era considerado uma encarnação da divindade (cf. HISLOP, 2003).

Diante de todos esses exemplos de supostas filiações e encarnações divinas na História de muitos povos, fica muito difícil aceitar a crença mítica e exclusivista da maioria dos cristãos, segundo a qual Jesus seria o único Filho de Deus e a única

encarnação de Deus na História. Somente quem se deixa guiar pela “fé cega” (a que não admite interferência da razão, nem da ciência), é que ainda pode acreditar que Jesus é literalmente o único Filho de Deus e a única encarnação de Deus na História. Os cristãos que se guiam pela “fé raciocinada” (“*aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas de Humanidade*”) já não podem mais crer literalmente em mitos religiosos como verdades históricas absolutas.

15 - O QUE SIGNIFICAVA SER “FILHO ADOTIVO DE DEUS” NA CULTURA HEBRAICA?

Ser “Filho adotivo de Deus” na cultura hebraica significava ser “filho de Deus” apenas no sentido “analógico/metafórico/honorífico”, e não no sentido físico/biológico da expressão.

Muitos dos chamados “hereges” do cristianismo primitivo foram injustamente excomungados pelo cristianismo dominante, por terem defendido a tese de que Jesus não era “Filho de Deus” no sentido físico/biológico, mas – como qualquer outro ser humano – podia ser chamado “Filho de Deus” apenas no “sentido adotivo” (ou “adocionista”), o qual não difere essencialmente do sentido “analógico/metafórico”. No sentido figurado, todos somos “filhos de Deus”, ao passo que no “sentido natural/biológico/físico” ninguém é “filho de Deus”, a não ser no âmbito da mitologia.

O cristianismo dominante dos primeiros séculos da era cristã proclamou, de fato, a “filiação divina” de Jesus, não no “sentido adotivo/adocionista” (como defendiam vários grupos do cristianismo primitivo), nem no “sentido metafórico/analógico” (como sustentam hoje muitos teólogos pluralistas), mas no “sentido *natural*” de uma consustancialidade entre o “Deus-Pai” e o “Deus-Filho”, como definido no Concílio de Niceia (325) e confirmado no Concílio de Calcedônia (451), que proclamou a existência em Jesus de **duas naturezas** (a *divina* e a *humana*) numa só *pessoa divina*.

Assim, a partir dessas decisões conciliares, o título de “Filho de Deus”, que no judaísmo e em vários grupos do cristianismo primitivo tinha apenas o sentido de **filiação adotiva**, passou a ter em relação a Jesus o sentido de **filiação natural**. Quase todas as controvérsias cristológicas, isto é, a respeito da verdadeira

identidade (ou natureza) de Jesus, giraram em torno desses dois sentidos de “filiação divina”.

É preciso repetir que Jesus nunca declarou ser *literalmente* o “Filho de Deus”, ou uma *encarnação da divindade*. Foram os cristãos, sobretudo Paulo e João, que, influenciados pela cultura greco-romana, atribuíram-lhe esses títulos míticos e pagãos de “Filho de Deus” e de “Deus encarnado” no sentido natural/físico/biológico dessas expressões, a fim de enaltecer ao máximo a pessoa mítica do Cristo da fé e assim atrair muitos adeptos para a fé cristã tradicional.

Admitir essa crença mitológica (em sentido literal, como verdade histórica) é, repito, reduzir o Infinito ao finito, o Absoluto ao relativo, o Imutável ao mutável etc., além de não distinguir “mitos” de “fatos históricos”, nem “sentidos metafóricos” de “sentidos literais” da linguagem humana.

16 - O QUE RESULTOU DO ENCONTRO DA IMAGEM JUDAICA DO “FILHO DE DEUS” COM A IMAGEM MITOLÓGICA GREGA DE “DEUS O FILHO”?

No livro *The Myth of God Incarnate* (‘O Mito do Deus Encarnado’), John Hick explica que o encontro da imagem judaica do “filho de Deus” (no sentido figurado/honorífico/adotivo) com a imagem mitológica grega de “Deus o filho” (Deus encarnado numa pessoa humana) deu origem ao dogma do Deus encarnado, fazendo com que Jesus passasse, no cristianismo primitivo, de “filho de Deus” para “Deus o filho” (DEUS ENCARNADO, SEGUNDA PESSOA DA SANTÍSSIMA TRINDADE). Nesse livro (cf. HICK, 1977, p. 174-175), John Hick nos dá uma excelente explicação sobre esse encontro das duas culturas mitológicas (a judaica e a grega).

Em primeiro lugar, é preciso reafirmar que ser “filho de Deus”, na cultura hebraica, não significava ser Deus, mas era um título honorífico, como se infere de João: “A todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de se tornarem **filhos de Deus**” (João 1,12) **negrito meu**).

Já na cultura grega, era muito comum a ideia mítica de alguém ser “filho de uma divindade” (no sentido literal da palavra) e de uma divindade encarnar-se em forma humana – O MITO DO DEUS

ENCARNADO – daí ter sido fácil a transição da imagem judaica de “filho de Deus”, no sentido honorífico, para a imagem mitológica grega de “Deus o filho” (DEUS ENCARNADO NUMA PESSOA HUMANA).

Mais explicitamente, John Hick esclarece como a velha linguagem metafórica judaica de “filho de Deus” (no sentido adotivo), título geralmente atribuído aos reis de Israel por ocasião de suas coroações (e também atribuído a Jesus pelos cristãos do cristianismo nascente) transformou-se, devido ao encontro da cultura judaica com a cultura grega, na figura mitológica de “Deus o filho”, fazendo com que Jesus passasse, no cristianismo primitivo, de “filho de Deus” para “Deus o filho” (DEUS ENCARNADO, SEGUNDA PESSOA DA SANTÍSSIMA TRINDADE).

Eis como Hick descreve esse encontro das duas culturas (a judaica e a grega), mediante o qual os cristãos fizeram com que Jesus passasse de “filho de Deus” para “Deus o filho”:

A primitiva comunidade cristã percorreu uma trajetória cultural que se iniciou com o judaísmo e desembocou na cultura helenista do mundo greco-romano. As ideias de deificação e encarnação eram muito comuns na cultura helenista e, quando se encontram com a imagem judaica do “filho de Deus”, essas novas categorias fazem acontecer uma significativa transição na imagem cristã de Jesus: de “filho de Deus” para “Deus o filho”, a segunda pessoa da Trindade (HICK, 1977, p. 175).

Em termos mais claros ainda, Hick (ibid.) explica que

dentro do próprio judaísmo, a noção de um homem ser chamado “filho de Deus” já existia há muito tempo. O Messias devia ser um rei terreno descendente de Davi e os reis antigos da linhagem de Davi recebiam o título divino de “filho de Deus” ao serem ungidos na posse do cargo: as palavras do Salmo 2, 7, “Ele me disse: ‘Tu és meu filho, eu hoje te gerei’” foram provavelmente usadas nas cerimônias de coroação. Outro texto-chave é o 2º Livro de Samuel (2Samuel 7,14): “Eu serei para ele um pai e ele será para mim um filho”, novamente dito a respeito do rei terreno. Portanto, **a linguagem de exaltação que a Igreja inicial**

aplicou a Jesus já fazia parte da longa tradição judaica (ibid.) (negrito meu).

John Hick faz, com muita propriedade, o seguinte questionamento:

Como devemos entender essa linguagem antiga da filiação divina? Literal ou metaforicamente? O rei era literalmente filho de Deus? Claro que não. Dizer que o rei era “filho de Deus” era uma forma metafórica de se expressarem as qualidades do rei. O rei está mais próximo de Deus do que qualquer outra pessoa. Por isso, ele é chamado de “filho de Deus” (Salmo 2,7). Na linguagem mitológica, diz-se que Deus o “gerou”. Mas o rei é considerado “filho de Deus” apenas por “adoção”, e não por geração física, isto é, como sendo fisicamente “filho de Deus” (HICK, ibid.) (negrito meu).

Hick explica ainda que o relato do batismo de Jesus refuta o sentido físico de sua suposta filiação divina:

O sentido físico da filiação divina de Jesus é claramente refutado no relato do batismo de Jesus, em que se ouve a fórmula antiga, vinda do céu, de adoção filial usada na coroação dos reis: “Tu és meu filho” (Salmo 2,7). Essa, por conseguinte, parece ter sido a passagem bíblica do Novo Testamento que deu origem à crença na filiação divina de Jesus. E a crença de que Jesus era da linhagem de Davi e de que era o Messias contribuiu para atribuir a ele a imagem da filiação divina. Assim, o Evangelho de Marcos inicia apresentando “Jesus, o Messias, Filho de Deus”. E, com o desenvolvimento da teologia cristã, fez-se a transição de “Filho de Deus” para “Deus o Filho”, a Segunda Pessoa da Trindade (ibid., p. 175).

17 - COMO ENTENDER AS CRENÇAS MITOLÓGICAS EXCLUSIVISTAS A RESPEITO DA PESSOA DE JESUS?

John Hick (ibid.) esclarece que as crenças mitológicas exclusivistas a respeito da pessoa de Jesus podem ser facilmente entendidas pelo contexto histórico-cultural da época: *cultura classicista (uma só verdade, certa e imutável), mentalidade*

escatológico-apocalíptica (profeta final, revelação definitiva) e expressão de uma minoria (linguagem de sobrevivência, único Salvador), como bem expresso em passagens do Novo Testamento como estas: **“E não há salvação em nenhum outro, pois não existe debaixo do Céu outro nome dado aos homens, pelo qual tenhamos de ser salvos”** (Atos 4,12) (negrito meu). “Pois Deus é um só, e um só também o Mediador entre Deus e os homens: esse homem, que é Cristo Jesus, que se entregou à morte para resgatar a todos” (1Timóteo 2,6).

18 - O QUE É “MITO”?

A palavra “mito”, infelizmente, até hoje, ainda não possui uma definição de consenso universal na literatura sobre o assunto, embora os mitólogos afirmem que todas as religiões são baseadas em mitos. Há, de fato, vários sentidos para a palavra “mito”, dentre os quais destaco os quatro seguintes:

- 1) O sentido platônico de mito como mentira;
- 2) O conceito usual de mito como ficção, ilusão, lenda, fábula, invenção;
- 3) O sentido arcaico de mito como tradição sagrada, modelo exemplar; e
- 4) O conceito de mito como uma história (uma crença, uma doutrina) que pode ser *metaforicamente* verdadeira, mas que é *literalmente* falsa.

Adoto em minhas obras ecumênicas esses quatro sentidos de mito, uma vez que um sentido não exclui necessariamente o outro.

19 - É CORRETO INTERPRETAR OS MITOS RELIGIOSOS LITERALMENTE?

De modo algum, uma vez que a interpretação literal dos mitos religiosos confunde-os com verdades históricas e com sentidos literais da linguagem humana. Assim, podemos dizer que um dos maiores erros dos religiosos dogmáticos, particularmente dos fundamentalistas, é interpretar *literalmente* suas crenças religiosas míticas como verdades históricas absolutas. **Os mitos, repito, devem ser interpretados simbolicamente, e não literalmente.**

Os mitos religiosos, quando interpretados simbólica e *metaforicamente*, têm um grande valor e merecem todo o nosso respeito, mas esses mesmos mitos, quando interpretados literalmente, como verdades históricas absolutas, representam um grande mal para a sociedade e para o mundo e, por isso mesmo, precisam ser questionados e debatidos na mesa do diálogo inter-religioso.

20 - É CORRETO INTERPRETAR TODA A BÍBLIA LITERALMENTE?

De modo algum. A Bíblia judaico-cristã, por ser repleta de mitos, não pode ser toda interpretada literalmente, considerando-se que ela é muito mais um livro de fé (de teologia) do que de história. A Bíblia é, na sua maior parte, uma grande parábola e, como tal, não pode ser toda interpretada literalmente como história. Por isso, é preciso separar o que, nos textos bíblicos, é fato histórico e o que é parábola religiosa, bem como saber distinguir, no Novo Testamento, “história relembada” de “profecia historicizada”, como veremos adiante neste livro (cf. CROSSAN, 1995).

O grande mal, convém repetir, não é crer em mitos; o mal é interpretá-los ao pé da letra, como verdades históricas absolutas e exclusivas. Nesse sentido, a interpretação literal de Jesus como o Filho de Deus, Deus encarnado, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, nascido miraculosamente de um parto virginal etc., representa, de fato, uma grande ameaça para os cristãos de “fé cega”. Nesse contexto, repito o pensamento do escritor e ex-pastor anglicano Tom Harpur, quando ele afirma que “a nossa crença cega no literalismo está matando a religião cristã” (HARPUR, 2008, Quarta Capa).

O famoso psicólogo Carl Gustav Jung, um dos personagens mais admirados do mundo, já fazia, em 1956, a seguinte reflexão, apelando para uma interpretação simbólica, e não literal, dos mitos cristãos:

O perigo de que uma mitologia entendida de forma muito literal e na forma como é ensinada pela Igreja seja subitamente repudiada é hoje maior que nunca. **Não está**

na hora de entender a mitologia cristã simbolicamente, de uma vez por todas, ao invés de apagá-la? (Carl Gustav Jung, *The Undiscovered Self*, Collected Works, v. 10, p. 266, 1956, apud BAIGENT, LEIGH & LINCOLN, 1993, p. 337) (negrito meu).

Respondo positivamente a essa pergunta de Jung, pois, como argumento constantemente em meus livros ecumênicos e nas matérias de meu *blog* (**Blog do Pinheiro: diálogo inter-religioso**), os cristãos não precisam apagar ou eliminar todos os seus mitos, mas interpretá-los simbolicamente (de maneira pluralista, sem excluir as outras religiões), pois sabemos que a interpretação literal e exclusivista dos mitos cristãos tem feito muito mal na humanidade. Quantas mortes, quanta intolerância, quanto ódio, quanta discriminação, quantas guerras catastróficas, quanto antijudaísmo e antissemitismo etc., por parte dos cristãos, contra aqueles que nunca acreditaram literalmente nos mitos cristãos, como a divindade de Cristo, sua unicidade salvífica e a da igreja supostamente fundada por ele. Eis aí o grande mal da interpretação literal e exclusivista dos mitos cristãos. Os judeus, por exemplo, sempre foram odiados e perseguidos pelos cristãos, porque sempre foram literalmente considerados os “assassinos de Deus”, ou seja, de Jesus interpretado literalmente como “Deus encarnado”. Jesus, aliás, nem foi oficialmente morto pelos judeus, mas pelos romanos. A mais duradoura das mentiras cristãs tem sido a crença de que Jesus foi morto pelos judeus (cf. John Dominic Crossan, em sua obra *Quem Matou Jesus? As Raízes do Antissemitismo na História Evangélica da Morte de Jesus*).

A interpretação literal e exclusivista dos mitos cristãos opõe-se frontalmente aos verdadeiros ensinamentos do Jesus histórico, o Jesus pluralista, humilde, caridoso, que nunca discriminou nem excluiu ninguém. Jesus nunca afirmou ser uma divindade, nem que viera ao mundo para salvar-nos mediante seu sangue derramado na cruz. Essa doutrina mítica não é de Jesus, mas dos cristãos.

Os mitos, quando interpretados simbolicamente, repito, podem ser verdadeiros e têm muito valor. A importância do mito está, de fato, em seu significado metafórico/simbólico.

Assim, por exemplo, quando dizemos que “Pelé foi o deus do futebol mundial”, não estamos afirmando que ele foi *literalmente* “um deus”, “uma divindade”, mas estamos apenas fazendo uma afirmação simbólica/metafórica sobre a sua atuação como o melhor jogador de futebol do mundo. Do mesmo modo, quando os cristãos de “fé raciocinada” afirmam que “Jesus é Deus encarnado”, “Filho de Deus”, não estão afirmando que ele é literalmente “Deus encarnado”, “Filho de Deus”, mas estão apenas fazendo uma afirmação simbólica/metafórica sobre a grandeza moral e espiritual de Jesus, que foi um personagem carismático importantíssimo, que marcou, mais do que qualquer outro, a história da humanidade. Da mesma forma, quando um cristão de fé raciocinada afirma que “Maria é mãe de Deus”, não está querendo dizer que ela é literalmente “mãe de Deus”, pois Deus não pode ter mãe e, além disso, todas as mulheres deste planeta (incluindo a mãe de Jesus) só podem ser mães do **corpo** e não do **espírito** (ou **alma**) de alguém (ver resposta da Pergunta nº 127).

A meu ver, a interpretação simbólica/metafórica/pluralista dos mitos cristãos, em oposição à sua interpretação literalista (a que ameaça radicalmente a fé cristã dogmática), é a única solução para os cristãos resolverem, de uma vez por todas, seu exclusivismo em relação às demais religiões deste planeta e dialogarem de igual para igual. Enquanto isso não ocorrer, continuarão as discriminações, o exclusivismo e o sentimento espiritualmente arrogante dos cristãos dogmáticos de serem os donos exclusivos da verdade religiosa. Recordemos que “nunca teremos paz sobre a Terra enquanto o literalismo controlar as religiões” (HARPUR, 2008, p. 194).

21 - HÁ GRUPOS ANTAGÔNICOS DE PENSADORES SOBRE OS MITOS?

Sim. Há dois grupos antagônicos de pensadores sobre o valor dos mitos: “os partidários e os detratores do mito” (BRUNEL, 1997, p. xvii). O primeiro grupo defende a força viva do mito, a sua força mágica, fascinante e poderosa, enquanto o segundo grupo tem uma concepção cética dos mitos, tachando-os de “mentiras”, de linguagem dos deuses, linguagem irracional do tempo primordial

e fabuloso, ou de simples linguagem figurada, metafórica, e não de verdades absolutas.

Em minhas publicações ecumênicas, defendo a tese de que ambos os lados têm uma parcela de verdade, pois os mitos, se, por um lado, têm um grande valor e uma força muito grande de expressão, por outro, são geralmente confundidos com verdades históricas absolutas. Dizer, por exemplo, que “Pelé foi o melhor jogador de futebol do mundo” é uma afirmação literalmente verdadeira, mas é uma linguagem pobre, se comparada com a afirmação rica e mítica de que “ele foi o deus (ou o rei) do futebol mundial”.

Da mesma forma, afirmar que “Jesus é só homem” é uma afirmação literalmente verdadeira, mas é uma forma pobre de expressar a grandeza moral e espiritual de Jesus, se comparada com a linguagem rica, dogmática e mítica que o define como “Deus encarnado”, “Filho de Deus”, “uma pessoa celeste/divina”.

Existe, porém, uma corrente intermediária, defendida em meus livros ecumênicos, que dá o devido valor aos mitos, mas que não os confunde com fatos históricos e nem os interpreta *ao pé da letra*, mas *metaforicamente/simbolicamente*.

A corrente liberal-pluralista, que defendo em meus livros, não pretende negar, contudo, o valor dos mitos. Os seres humanos não se alimentam apenas do pão dos fatos, mas vivem também de mitos e de ficções. Não há nenhum mal em se crer em mitos, sonhos e lendas. Os mitos cristãos já alimentaram (e continuam alimentando) a fé de bilhões de fiéis. Por isso, esses mitos merecem todo o nosso respeito, mesmo que, a bem da verdade, devamos questioná-los e distingui-los de fatos históricos reais.

Um dos grandes males da interpretação literal dos mitos religiosos é transformar as crenças mitológicas em **fanatismo religioso**, o que sempre aconteceu (e continua acontecendo) em quase todas as religiões e seitas que se deixam guiar por uma “fé cega”. O “fanatismo religioso” gera um grande mal para a sociedade, pois se torna loucura que produz ódios e paixões, capaz de levar muitos religiosos a cometerem os atos mais abomináveis e os crimes mais hediondos, como sempre ocorreu (e continua ocorrendo) na história de todas as grandes tradições religiosas (por ex., os atos terroristas ocorridos nos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001).

O fanatismo gera violência, intolerância e exclusivismo perigoso, criando nos indivíduos o sentimento arrogante de que somente sua crença é verdadeira e todas as demais são falsas.

22 - A RAZÃO É O MAIOR INIMIGO DA FÉ?

Da “fé cega”, sim; não, porém, da “fé raciocinada”.

Para Martinho Lutero, por exemplo, fundador do protestantismo, apoiado radicalmente na doutrina paulina, “quem quiser ser cristão deve arrancar os olhos da razão. A razão deve ser destruída em todos os cristãos”:

a razão é o maior inimigo que a fé possui; ela nunca aparece para contribuir com as coisas espirituais, mas com frequência entra em confronto com a Palavra divina, tratando com desdém tudo o que emana de Deus. Quem quiser ser cristão deve arrancar os olhos da razão. A razão deve ser destruída em todos os cristãos (apud DAWKINS, 2007, p. 251) (negrito meu).

23 - QUE DISTINÇÃO EXISTE ENTRE “FÉ CEGA” E “FÉ RACIOCINADA”?

A “fé cega” é a que não admite interferência da razão, nem atualizações em assuntos doutrinários, enquanto a “fé raciocinada” é “aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade” (KARDEC, 1997a, p. 911) e que, por conseguinte, não se nega a fazer revisões nem atualizações em doutrinas religiosas. Como escreve o escritor espírita Luiz Signates,

trata-se, pois, de uma fé aberta, dialogal, disposta a modificar as próprias opiniões ou o objeto de sua manifestação como crença, desde que satisfeitas as condições do livre exercício da razão (SIGNATES, 1998, p. 32-33).

Sem a “fé raciocinada”, é impossível qualquer tentativa de um autêntico diálogo inter-religioso, uma vez que não pode haver diálogo sem “o livre exercício da razão”.

Allan Kardec, em seu livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (cap. 19, n. 6), esclarece bem a distinção entre “fé cega” e “fé raciocinada” nos seguintes termos:

No seu aspecto religioso, a fé é a crença nos dogmas particulares que constituem as diferentes religiões, e todas elas têm os seus artigos de fé. Nesse sentido, a fé pode ser *raciocinada* ou *cega*. A fé cega nada examina, aceitando sem controle o falso e o verdadeiro, e a cada passo se choca com a evidência da razão. Levada ao excesso, produz o *fanatismo*. **Quando a fé se firma no erro, cedo ou tarde desmorona.** Aquela que tem a verdade por base é a única que tem o futuro assegurado, porque nada deve temer do progresso do conhecimento, já que *o verdadeiro na obscuridade também o é a plena luz* (itálicos do original, negrito meu).

A frase de Kardec (que grifei), “**Quando a fé se firma no erro, cedo ou tarde desmorona**”, comprova que a fé cristã dogmática se firma em muitos erros, pois está, de fato, desmoronando nos últimos tempos.

Os cristãos dogmáticos (católicos, protestantes e ortodoxos), fundamentados na “fé cega”, “seguem a doutrina de Santo Tomás de Aquino, que definia a ‘fé’ como uma opção exclusiva da vontade, sem interferência da razão” (ANDRADE, 1995, p. 91). Mas,

na época atual já não é admissível a concepção aquiniana da fé, por ser evidente que “a fé depende da razão, pois quem crê deve ter uma razão para crer. [...] A aceitação não é só um ato de vontade, mas um ato de discernimento, portanto um ato de razão. Como posso aceitar isto e condenar aquilo, sem recorrer ao juízo, que é função da razão?” (PIRES, em “Revisão do Cristianismo”, p. 89, apud ANDRADE, 1995, p. 92).

Ainda nas palavras de Andrade (ibid.),

se a fé pode ser adquirida por um ato voluntário do agente, ela tem de assentar em bases racionais. Já passou o tempo do “credo quia absurdum” [‘Creio porque é absurdo’, ‘Creio embora seja absurdo’, ‘Creio por ser absurdo’].

A “fé cega”, não admitindo interferência da razão, impede, automaticamente, a existência de um autêntico diálogo inter-religioso. A “fé raciocinada”, convém repetir, é a única modalidade de “fé-crença” que permite um autêntico diálogo entre as religiões, em que toda crença possa e deva ser questionada e avaliada na mesa do debate. Sem fazer uso desse tipo de fé, as religiões permanecerão estacionárias, mantendo crenças míticas ultrapassadas e absurdas. A “fé raciocinada” rejeita qualquer doutrina absurda, venha de onde vier.

Infelizmente, os cristãos dogmáticos (apoiados em Paulo de Tarso e em Martinho Lutero) ainda se guiam muito mais pela “fé cega” do que pela “fé raciocinada”. Como vimos na resposta da Pergunta nº 22, para Martinho Lutero, fundador do protestantismo, apoiado radicalmente na doutrina cristã exclusivista e mítica de Paulo de Tarso, **“quem quiser ser cristão deve arrancar os olhos da razão. A razão deve ser destruída em todos os cristãos”** (apud DAWKINS, op. cit., p. 251) (negrito meu).

24 - QUE DISTINÇÃO EXISTE ENTRE “FÉ CEGA PURA” E “FÉ CEGA RACIONALIZADA”?

A “fé cega pura” é a que não admite questionamentos nem interferência alguma da razão e a “fé cega racionalizada” é a que pode fazer uso da razão para justificar suas crenças, mas sem questioná-las ou revisá-las.

Em oposição a esses dois tipos de “fé cega”, Allan Kardec propõe a “fé raciocinada”, ou seja, a fé que admite questionamentos, revisões e atualizações (em doutrinas religiosas), de acordo com as exigências do livre exercício da razão.

A fé cristã tradicional, como todos sabemos, só admite as duas primeiras modalidades de fé (“fé cega pura” e “fé cega racionalizada”), enquanto a doutrina espírita se fundamenta essencialmente na terceira modalidade de fé (a “fé raciocinada”), ou seja, a que “pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade” (KARDEC, 1997a, p. 911).

Quanto às duas variantes de “fé cega” (“fé cega pura” e “fé cega racionalizada”), não há praticamente diferença essencial entre

elas, uma vez que ambas são estacionárias, não admitindo revisões nem mudanças em assuntos doutrinários.

25 - JESUS NASCEU DE UM PARTO VIRGINAL?

Historicamente, não. A crença no nascimento virginal de Jesus, mesmo tendo grande significação espiritual para os cristãos, não é um fato histórico, de acordo com as pesquisas atuais de todos os estudiosos críticos do cristianismo. Historicamente, Jesus nasceu do mesmo modo natural como qualquer um de nós. Afirmar que ele nasceu miraculosamente, por obra e graça do Espírito Santo, é uma verdade mítica que tem um grande valor espiritual para alimentar a fé dogmática e mítica dos cristãos, mas não é uma verdade histórica e, além disso, gera muita discriminação entre os cristãos dogmáticos e os membros de outras religiões.

Em meu livro *Mitos Cristãos: Desafios para o Diálogo Religioso* (p. 135-136), cito vários especialistas em história do cristianismo, os quais afirmam que o mito do parto virginal é antiquíssimo, encontrando-se em muitas religiões anteriores ao cristianismo e que, segundo os historiadores das religiões, nascer de uma mãe virgem significava, na antiguidade, que a criança seria um personagem importante. Por isso, os evangelistas, tendo que anunciar aos primeiros cristãos que Jesus era o Messias prometido pelos profetas ao povo de Israel, explicaram-no dizendo que ele nasceria de uma mulher virgem.

Algum leitor cristão poderia rebater meus argumentos, com base na famosa profecia de Isaías (Isaías 7,14): “A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel [= Deus conosco]” (ver também Mateus, 1,23).

Quanto a essa famosa profecia de Isaías, que Mateus quis ver cumprida no suposto nascimento virginal de Jesus, esclareço, com o teólogo e ex-padre católico Franz GRIESE (GRIESE, 1957, p. 237-240), que essa profecia não se refere a Jesus, nem à sua mãe, mas ao próprio Isaías, que se casou com uma *jovem* (“almah” na versão original hebraica de Isaías), e não com uma *virgem* (como na tradução errada da versão grega dos Setenta de Isaías), da qual teve um filho, cujo nome, **Maer-Salal-Has-Baz** (que

significa “Pronto-saque-próxima-pilhagem”), foi dado pelo próprio **Javé** (cf. Isaías 8,3), também chamado pelo profeta Isaías de **Emanuel** (= **Deus conosco**) (cf. Isaías 8,8 e 8,10). Além disso, a tradução de Mateus, “... e o chamarão com o nome de Emanuel” (Mateus 1,23), está totalmente errada, pois, no texto grego mais antigo de Isaías, como se encontra no Códice Sinaítico, a frase correta é esta: “**kai kalesei to onoma Immanuel**”, que significa: “**E Emanuel [=Javé] por-lhe-á o nome**”, com a forma verbal (**kalesei**) na 3ª pessoa do singular, e não na 3ª pessoa do plural (**kalesousin**), como erroneamente alterado e traduzido por Mateus, para provar que a referida profecia se referia a Jesus, nascido de um parto virginal e, por isso, chamado de **Emanuel** (= **Deus conosco**), invertendo assim completamente o sentido do texto grego original de Isaías. Esse é, portanto, um exemplo clássico de texto bíblico mal traduzido e alterado para contemplar interesses cristãos (negritos meus).

Mateus, para defender o mito do nascimento virginal de Jesus, bem como o mito de sua divindade (Deus encarnado, **Deus conosco**), traduziu erroneamente a famosa profecia do profeta Isaías (Isaías 7,14): “A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel”.

Eis a passagem de Mateus em que ele traduz e comenta erroneamente esse texto de Isaías:

“Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo profeta: *Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel*, o que traduzido significa: “Deus está conosco.” (Mateus 1,22-23)

Na Bíblia de Jerusalém, o versículo de Isaías (Isaías 7,14) é este: “Eis que **a jovem** concebeu e dará à luz um filho e por-lhe-á o nome de Emanuel” (negrito meu).

Nessa versão da Bíblia de Jerusalém, não aparece mais a palavra “virgem” da versão grega de Isaías (o texto dos Setenta), a qual já é uma tradução errada da versão original hebraica “almah”, que significa “moça”, “jovem”, “donzela”, o que significa dizer que o texto hebraico de Isaías não usa a palavra “virgem”, mas a palavra “almah”, que significa simplesmente “uma jovem”, sem nenhuma implicação de virgindade. O dogma do nascimento virginal de Jesus

é, portanto, produto desta tradução errada do termo “almah”, bem como dos outros erros cometidos por Mateus.

26 - DEUS É UNO E TRINO?

Deus é uno, mas não trino. Ele também não é literalmente “PESSOA” e, menos ainda, “três PESSOAS”, pois toda “pessoa” é, por definição, limitada e Deus é ilimitado, infinito. O conceito trinitário da divindade não é uma doutrina exclusiva do cristianismo, uma vez que é uma crença comum a muitas outras religiões, bem mais antigas do que o cristianismo, como nos seguintes exemplos, quase todos extraídos do livro do escritor mineiro José Reis Chaves, *A Face Oculta das Religiões: uma visão racional da Bíblia* (cf. CHAVES, 2006b, p. 132):

- 1) Pai, Filho e Espírito Santo (Cristianismo).
- 2) Buda, Darma e Sanga (Budismo do Sul).
- 3) Amithaba, Avalokitesshvara e Manddjusri (Budismo do Norte).
- 4) Tulac, Fan e Mollac (Druidas).
- 5) Anu, Ea e Bel (Caldeus).
- 6) Odim, Freva e Thor (Mitologia Escandinava).
- 7) Osíris, Ísis e Hórus (Egito Antigo).
- 8) Ptah, Sekhmet e Nefestum (Egito Antigo: Mênfis).
- 9) Amon, Mut e Khonsu (Egito Antigo: Tebas).
- 10) Brama, Vishnu e Shiva (Hinduísmo).
- 11) Brama, Krishna (encarnação de Vishnu) e Shiva (Hinduísmo).

27 - COMO AS RELIGIÕES CRIARAM O CONCEITO TRINITÁRIO DA DIVINDADE?

O conceito trinitário da divindade nas religiões foi criado por analogia com a trindade da família humana: **pai, mãe, filho**. Como as religiões antigas possuíam conceitos antropomórficos de suas divindades, isto é, concebiam suas divindades de maneira humana, muitas delas cultuavam e adoravam um deus uno e trino, ou seja, um deus em três pessoas: **deus-pai, deus-mãe e deus-filho**, por exemplo, os egípcios antigos cultuavam e

adoravam a seguinte trindade divina: Osíris, Ísis e Hórus (deus-pai, deus-mãe e deus-filho).

Em algumas religiões, por exemplo, no hinduísmo e no cristianismo, em vez da trindade deus-pai, deus-mãe e deus-filho, cultua-se uma trindade constituída de **Deus-Pai**, **Deus-Filho** e **Deus-Espírito Santo**. Assim, na principal trindade indiana, o filho de Deus chama-se “**Vishnu** ou **Krishna** (encarnação de Vishnu)”, o pai chama-se “**Brama**” e o Espírito Santo chama-se “**Shiva**”.

No cristianismo primitivo, o **Espírito Santo** (correspondente ao “**deus-mãe**” de outras religiões) era simbolizado na figura feminina de uma pomba:

No tempo dos Apóstolos e nos primeiros séculos do Cristianismo, os iniciados cristãos veneravam o princípio feminino da natureza visível e invisível sob o nome de Espírito Santo, representado por uma pomba, sinal do poder feminino em todos os templos da Ásia e da Europa. Se depois a Igreja ocultou e perdeu a chave dos seus mistérios, o sentido destes conserva-se ainda escrito nos seus símbolos (SCHURÉ, 1986, p. 46, n. 1).

O dogma cristão da Santíssima Trindade foi proclamado pela Igreja no fim do século IV (ano 381).

28 - QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS ERROS DO DOGMA TRINITÁRIO CRISTÃO?

Em meu livro *Mitos Cristãos: Desafios para o Diálogo Religioso* (p. 120-121), apresento os seguintes dez erros do dogma trinitário cristão:

- 1) O primeiro erro é interpretar Deus (literal e antropomorficamente) como *pessoa*, ou melhor, como três pessoas distintas, pois Deus não é literalmente *pessoa*, embora Ele possua *aspectos* ou **atributos pessoais**, uma vez que Ele nos conhece, nos ouve, nos vê, nos entende e nos ama. Conceituar Deus literalmente como *pessoa* é, como já vimos, um *antropomorfismo*, ou seja, é conceber Deus na forma de um ser humano.

- 2) O segundo erro é proclamar a *igualdade das três pessoas divinas*, o que não é verdade, pois a própria Bíblia expressa uma aberta inferioridade e subordinação do Filho em relação ao Pai, e do Espírito Santo em relação ao Filho: o Filho é enviado à Terra pelo Pai e o Espírito Santo é enviado à Terra pelo Filho; ora, todo enviado é obviamente inferior ao que o enviou. Logo, as três pessoas da Trindade cristã não são iguais.
- 3) O terceiro erro é declarar que Jesus não é uma *pessoa humana*, mas uma *pessoa inteiramente divina*, quando sabemos que Jesus é uma pessoa histórica e humana, como qualquer outro ser humano que já habitou neste planeta.
- 4) O quarto erro é proclamar que Jesus é *literal e antropomorficamente* “Filho de Deus”, tendo sido “gerado” (e não “criado”) pelo Pai. Ora, afirmar que Deus “gerou” alguém é pura linguagem metafórica, mitológica e antropomórfica. Por conseguinte, Jesus é “Filho de Deus” (como todos nós também o somos), mas apenas em sentido figurado/metafórico.
- 5) O quinto erro, como nos esclarece o escritor José Reis Chaves, é afirmar que nós não podemos questionar esse dogma, porque ele é “um mistério de Deus”. “Na verdade, isso é mistério dos teólogos e não de Deus” (CHAVES, 2006b, p. 133).
- 6) O sexto erro diz respeito à dogmatização da divindade do “Espírito Santo” da Santíssima Trindade, no fim do século IV, no Concílio de Constantinopla (ano 381), no qual Jesus e o Espírito Santo foram transformados, respectivamente, na segunda e terceira pessoas divinas da Trindade Cristã.
- 7) O sétimo erro é afirmar que Jesus foi *gerado* pelo Pai e que o Espírito Santo foi *gerado* do amor entre o Pai e o Filho. Essa história de Deus “gerar” *literalmente* um filho ou de o Espírito Santo ser *literalmente* “gerado” do amor mútuo entre o Pai e o Filho é pura linguagem mitológica e antropomórfica sobre Deus.
- 8) O oitavo erro refere-se à transformação da expressão bíblica “um espírito santo” (para designar a “alma” ou o “espírito” individual de alguém), por exemplo, “Nosso corpo é santuário de um espírito santo” (1Coríntios 6,19), na expressão “o Espírito Santo” da Trindade Cristã, o que resultou na seguinte tradução errada do presente versículo Paulino: “Nosso corpo é santuário

do Espírito Santo”. Nesse versículo, Paulo empregou a expressão original “um espírito santo” (e não “o Espírito Santo”), para designar a alma ou o espírito individual (“santo”) que habita em nosso corpo. Em suma, depois da proclamação do dogma da Santíssima Trindade (ano 381), quase todas as passagens bíblicas que continham a expressão “um espírito santo” (para designar a “alma” ou o “espírito” individual de alguém), foram transformadas no Espírito Santo da Santíssima Trindade.

- 9) O nono erro dos teólogos cristãos, para a formulação exata do dogma trinitário, foi o uso que fizeram da filosofia grega, com respeito à distinção entre os termos *ousía* (essência, natureza) e *hypóstasis* (pessoa), utilizando-se do seguinte tipo de “fé cega racionalizada”: “A *ousía* (a essência, a natureza, a Divindade) é única; as pessoas, porém, são três, sem esfacelar nem retalhar a natureza divina, como são três os ângulos de um triângulo sem esfacelar a superfície do triângulo” (DER, verbete **Trindade**).
- 10) O décimo erro dos teólogos cristãos, no primeiro Concílio Ecumênico do cristianismo, realizado em Niceia (Ásia Menor), no ano 325, diz respeito à redação de uma profissão de “fé cega racionalizada”, cujo texto “acentua a identidade de substância do Pai e do Filho para afirmar que **o Filho não foi criado** (quem cria tira do nada), **mas gerado** (quem gera se prolonga no filho gerado); o Filho é Deus de Deus, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro” (DER, verbete **Trindade**) (negrito meu). Essa teologia cristã emprega, erroneamente, os termos “Filho” e “gerar” no sentido real, literal, enquanto sabemos, pela interpretação do versículo bíblico “Tu és meu Filho, eu hoje te gerei” (Salmo 2,7), que nem o nome “Filho”, nem o verbo “gerar” devem ser tomados nesse contexto em sentido real, literal, mas em sentido espiritual, figurado, metafórico.

Em resumo, se Deus não é literalmente *pessoa* e Jesus não é igual ao Pai (nem é Deus), cai por terra o dogma (ou mito) da Trindade Cristã, segundo o qual em Deus há *três pessoas distintas*, mas ao mesmo tempo *iguais*. O Espírito Santo é, por conseguinte, à luz da “fé raciocinada”, pura ficção, criação mítica dos teólogos cristãos, naturalmente influenciados por várias religiões bem mais

antigas do que o cristianismo (por exemplo, o hinduísmo), que também adoravam um Deus uno e trino. Assim, no hinduísmo, convém repetir, temos: **“Brama” = Deus-Pai; “Vishnu ou Krishna” = Deus-Filho e “Shiva” = Deus-Espírito Santo.**

29 - EXISTEM “PESSOAS”, OU “ASPECTOS”, DA DIVINDADE?

Alguns escritores e teólogos, por exemplo, José Reis Chaves (cf. CHAVES, 2006b, p. 137), bem como o espírita (teólogo e ex-padre católico) Carlos Torres Pastorino, em sua obra (de 8 volumes) *Sabedoria do Evangelho* (cf. PASTORINO, 1966, 3º vol., p. 181-183), não veem a Divindade como constituída de três PESSOAS (como na Trindade Divina de muitas religiões), mas de três ASPECTOS: **1º aspecto** = Deus como Espírito Absoluto; **2º aspecto**: Deus como Pai Criador; **3º aspecto**: Deus como Filho Criado, “representado por Cristo e por todos nós também filhos de Deus” (CHAVES, 2006b, p. 146).

Nesse sentido de Aspectos (em vez de Pessoas) da Divindade, a ordem da Trindade Cristã não é **Pai, Filho e Espírito Santo**, mas **“Espírito Santo, Pai e Filho”** ou seja, **“Espírito (Deus), Pai (em seu Aspecto de Pai) e Filho (em seu Aspecto de Filho)”** (CHAVES, 2006b, p. 137) (negrito meu).

Essa concepção de Aspectos ou Atributos (em vez de Pessoas) da Divindade é bem mais racional do que as concepções antropomórficas e míticas de um Deus uno e trino, isto é, de um Deus em três Pessoas (Pai, Mãe, Filho ou Pai, Filho e Espírito Santo).

Em suma, espero que a argumentação e as provas apresentadas até agora neste *Catecismo Ecumênico* já tenham sido bastante suficientes para provar, à luz da fé raciocinada, que Deus não é uno e trino, e que Jesus não é literalmente Deus encarnado. Defender a tese mítica da divindade de Cristo, repito, é o maior erro do cristianismo dogmático.

30 - HÁ DOIS CRISTIANISMOS?

Sim. Há dois cristianismos, ou duas modalidades antagônicas de cristianismo: **o cristianismo racional, pluralista e unificador de Jesus** (o chamado “cristianismo das origens”) e **o cristianismo**

irracional, exclusivista e divisionista dos cristãos (o chamado “cristianismo dogmático e mítico dos cristãos”). Esta segunda modalidade de cristianismo, supostamente fundada por Jesus Cristo, é considerada pelos cristãos dogmáticos como a única religião verdadeira deste planeta, a única religião que nos salva (pela fé em Cristo morto e ressuscitado). Foi esse cristianismo exclusivista, dogmático e mítico que se tornou (no final do século IV) a religião oficial do Império romano e continua até hoje sendo a religião dominante deste planeta.

Repito que há, de fato, dois cristianismos: O cristianismo de Jesus e o dos cristãos. O cristianismo racional e pluralista de Jesus (ou de Cristo), também chamado de “o cristianismo das origens”, não é uma nova religião ou seita (nem uma igreja), mas **um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor**, autenticamente ensinado e vivenciado por Jesus, “o terreno onde todos os cultos podem se reencontrar, a bandeira sob a qual todos podem se abrigar, quaisquer que sejam suas crenças, porque jamais foi objeto de disputas religiosas, sempre e por toda parte levantadas pelas questões de dogma” (KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Introdução, 1º parágrafo), enquanto o cristianismo irracional, exclusivista, dogmático e mítico dos cristãos, é um novo credo religioso, caracterizado, sobretudo, por um conjunto de dogmas (ou de mitos) exclusivistas e divisionistas, fragmentado em centenas de igrejas, seitas e denominações, objeto de inúmeras controvérsias e de numerosos conflitos ao longo de sua história, originalmente fundado, não por Jesus de Nazaré, mas por Paulo de Tarso, daí ser também chamado de “**paulinismo**” e de “**cristianismo mítico**”, uma vez que é fundamentado muito mais em mitos (literalmente interpretados) do que em fatos históricos.

O cristianismo racional e pluralista de Jesus é a única forma de religiosidade (ou de espiritualidade) capaz de unir todas as pessoas e todas as crenças deste planeta, enquanto o cristianismo irracional, dogmático, exclusivista e mítico dos cristãos nunca teve (nem terá jamais) condições de unir a cristandade e a humanidade.

Infelizmente, o cristianismo que dominou a História por dois mil anos foi o cristianismo irracional, mítico e exclusivista dos cristãos, e não o cristianismo racional e pluralista de Jesus, o qual

só tem um mandamento, **A PRÁTICA DO AMOR**: “**Isto vos ordeno: amai-vos uns aos outros**” (João 15,17). “**Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos [isto é, que sois “cristãos”], se tiverdes amor uns pelos outros**” (João 13,35) (negrito meu).

31 - QUAIS AS DEFINIÇÕES DE “CRISTÃO” E DE “CRISTIANISMO”?

No *Dicionário Enciclopédico das Religiões* (de agora em diante DER, SCHLESINGER & PORTO, 1995), por exemplo, “cristão” é miticamente definido como aquele que

- reconhece a Jesus Cristo como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, Filho único do Pai Eterno;
- proclama que ele, o Crucificado e Ressuscitado, é o único Salvador, Mediador entre Deus e os homens, Senhor glorificado do universo;
- professa igualmente a divindade do Espírito Santo, consubstancial ao Pai e ao Filho;
- acredita também que a Bíblia (Antigo e Novo Testamento) contém a revelação de Deus a seu povo;
- pratica o batismo e comemora, de algum modo, a Última Ceia;
- proclama também sua fé na ressurreição dos mortos [...] (DER, verbete **cristão**).

Nesse mesmo dicionário, o cristianismo mítico é definido como “o conjunto de religiões cristãs (catolicismo, protestantismo e religiões ortodoxas orientais), que se baseiam na pessoa, na vida e na obra de Jesus Cristo” (DER, verbete **cristianismo**).

Eis aí, portanto, as definições míticas de “cristão” e de “cristianismo”, normalmente encontradas na literatura cristã e que parecem resumir os princípios doutrinários unificadores do cristianismo tradicional (catolicismo, protestantismo e religiões ortodoxas orientais). Sabemos, contudo, que essa unidade cristã tem sofrido sérios rompimentos ao longo da história do cristianismo. Inegavelmente, o cristianismo mítico sempre viveu em duros conflitos doutrinários, desde a sua origem até os dias de hoje, tendo

enfrentado inúmeros cismas e heresias, opondo-se a si mesmo por numerosas e irreconciliáveis contradições (cf. SOUZA, 2005, Entrevista nº 3).

As definições de “cristão” e de “cristianismo” – normalmente encontradas na literatura cristã dogmática – não enfatizam os ensinamentos morais universais, resumidos na lei do amor a Deus e ao próximo, ordenados pelo Jesus histórico, mas os dogmas (ou mitos) atribuídos ao Cristo da fé. Em outros termos, são, ao contrário, definições centradas nos títulos míticos e nos dogmas exclusivistas e divisionistas que foram atribuídos a Jesus pelos cristãos ao longo dos séculos.

32 - O QUE SIGNIFICA “SER CRISTÃO”, SEGUNDO JESUS?

O termo “cristão” significa literal e etimologicamente “discípulo” (“seguidor”) de Cristo. No Evangelho de João (João 13,35), Jesus afirmou que, para ser seu “discípulo” (seu “seguidor”), ou seja, para “ser cristão”, a condição necessária e suficiente é **AMAR O PRÓXIMO: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos [isto é, que sois meus “seguidores”, “cristãos”], se tiverdes amor uns pelos outros”** (João 13,35) (negrito meu).

Como esclarece o autor dos Atos dos Apóstolos, foi em Antioquia que, pela primeira vez, os discípulos de Jesus receberam o nome de “cristãos”, isto é, “seguidores (“discípulos”) de Cristo” (cf. Atos 11, 26).

Embora tenha sido somente em Antioquia que, pela primeira vez, os discípulos de Jesus receberam o nome de “cristãos”, o sentido de ser “cristão”, isto é, de ser “seguidor” (“discípulo”) de Jesus Cristo, já havia sido dado pelo próprio Cristo, conforme se lê no referido versículo do Evangelho de João (João 13,35).

“Cristão”, portanto, em seu significado literal e etimológico, é “aquele que segue Cristo”, ou seja, aquele que segue ou tenta seguir a sua doutrina autêntica. Mas qual foi a doutrina verdadeiramente ensinada pelo “Cristo histórico”? Não foi o **AMOR**? Não é verdade que ele resumiu todos os seus ensinamentos no **MANDAMENTO DO AMOR**? **“Isto vos ordeno: amai-vos uns aos outros”** (João 15,17). **“Um novo mandamento vos dou:**

que vos ameis uns aos outros” (João 13,34). “Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu sentimento e com toda a tua força. Este é o primeiro e mais sublime preceito, porém é igual a este: amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lucas 10,27; Mateus 22,37) (negrito meu). Esta foi a verdadeira religião ensinada e vivida por Jesus. Uma religião essencialmente moral, moral religiosa, a qual foi substituída posteriormente por dogmas e mitos exclusivistas.

33 - QUEM FUNDOU O “CRISTIANISMO DOS CRISTÃOS”?

Foi Paulo de Tarso. Conforme esclarece o professor de História das Religiões Ambrogio Donini,

a fé no deus-redentor das religiões de mistério é absorvida no cristianismo por Paulo de Tarso, ao qual se deve notadamente a representação de Jesus como *salvador* (DONINI, p. 287).

Sabemos, contudo, que o cristianismo dogmático e mítico, ao ser adotado pelo imperador romano Teodósio (e não pelo imperador Constantino), no final século IV, como religião oficial do Império Romano, sofreu grande influência de outras tradições religiosas mais antigas, como veremos ao longo desta obra. Isso não nega a tese, defendida por muitos especialistas, de que foi Paulo de Tarso o verdadeiro fundador do cristianismo mítico dos cristãos. Por isso, muitos estudiosos afirmam, com razão, que o termo mais apropriado para designar o cristianismo dogmático e mítico dos cristãos é **PAULINISMO**. A razão simples para essa alegação é que alguns dogmas (ou mitos) básicos do cristianismo tradicional, como o da divindade de Cristo, o da sua universalidade salvífica, o da sua ressurreição e o da redenção de todos os homens pelo seu sangue derramado na cruz, fazem parte integrante da teologia paulina.

Queremos reafirmar que Paulo é, sem dúvida alguma, o verdadeiro fundador do “cristianismo dogmático e mítico dos cristãos” (incluindo obviamente a Igreja Católica e as igrejas protestantes), chamado mais corretamente de “paulinismo”, termo

bem apropriado, usado por vários autores, entre os quais destacamos Yuri Vasconcelos, em seu excelente artigo, “O Homem que Inventou Cristo” (VASCONCELOS, 2003; cf. também MIRANDA, 1988, p. 31), enquanto o “Jesus histórico” simplesmente propôs o corretamente chamado “cristianismo de Jesus” (o “cristianismo das origens”), não uma nova religião (ou igreja) exclusivista, mas **uma comunidade de amor**, isto é, uma comunidade de pessoas que se comprometessem a pautar suas vidas pelo **código de moral (ou de ética) universal** que ele autenticamente pregou e viveu, muito bem resumido no chamado *Sermão da Montanha* (Mateus 5-7) (ver respostas das Perguntas 68, 69, 70 e 71 deste *Catecismo Ecumênico*).

Quando argumento que o cristianismo dogmático e mítico não foi fundado por Jesus, mas por Paulo de Tarso, estou apenas querendo dizer que a **doutrina cristã**, consolidada em dogmas e mitos exclusivistas, é, essencialmente, a doutrina fundamentalista, discriminatória e mítica de Paulo de Tarso, e não a doutrina racional e pluralista de Jesus (do Jesus histórico), a qual não discrimina ninguém, pois se fundamenta não em mitos exclusivistas e divisionistas, mas na lei pluralista (ecumênica e macroecumênica) do amor ao próximo, a única forma de religiosidade que pode unir todas as religiões e todas as pessoas deste planeta.

A tese de que Paulo de Tarso é o verdadeiro fundador do cristianismo universal (exclusivista e mítico) é também confirmada pelo escritor Michael H. Hart, ao escrever que

Paulo, mais do que qualquer outro homem, foi o responsável pela transformação do cristianismo de seita judaica em religião universal. Suas ideias centrais sobre a divindade de Cristo e de justificação exclusiva pela fé mantiveram-se na condição de conceitos básicos do cristianismo durante todos os séculos. [...] **Na verdade, a influência das suas ideias foi tão grande, que alguns defendem o fato de que ele e não Jesus deveria ser considerado o principal fundador da religião cristã** (HART, 2005, p. 80-81) (negrito meu).

O mesmo pensamento é expresso pelo escritor vaticanista espanhol Juan Arias, ao considerar a hipótese segundo a qual

a Igreja possa ter nascido da fé dos primeiros cristãos e da concepção religiosa de **Paulo de Tarso, considerado por alguns autores o verdadeiro fundador do cristianismo, ao fazer com que o cristianismo primitivo se afastasse de suas originais raízes judaicas** (ARIAS, 2001, p. 128) (negrito meu).

A ideia de que **há dois cristianismos no Novo Testamento (o cristianismo do Jesus celeste e o do Jesus terrestre)**, e de que Paulo de Tarso é o principal fundador do cristianismo mítico do “Jesus celeste”, é também claramente expressa pelo escritor cristão James D. Tabor nos seguintes termos:

Há dois cristianismos inteiramente separados e distintos enraizados no Novo Testamento. Um deles é bem familiar e se tornou a versão da fé cristã conhecida por bilhões de pessoas ao longo dos dois últimos milênios. **Seu principal proponente foi o apóstolo Paulo**. Outro foi amplamente esquecido e, por volta da virada do primeiro século d.C., tinha sido efetivamente marginalizado e eliminado. [...] Paulo ensinou que Jesus era um ser celestial divino preexistente, criado como o “primogênito” de toda a criação de Deus. Existia sob a “forma de Deus” e era “igual a Deus” (Filipenses 2,6). [...] **A história cristã dominante acabou, na verdade, baseando-se muito mais nas revelações de Paulo do que nos ensinamentos de Jesus**. [...] A mensagem que Paulo começou a pregar nos anos 40 e 50 d.C., como ele mesmo reiterou de maneira inflexível, não dependia de maneira alguma nem era derivada do grupo original dos apóstolos de Jesus dirigido por Tiago, em Jerusalém. Baseava-se antes em sua própria experiência visionária de um Cristo celestial (TABOR, 2006, p. 277-278; 321, 324) (negrito meu).

Em suma, nas palavras do teólogo Holger Kersten,

o que conhecemos hoje como cristianismo não passa de uma vasta e artificial doutrina de regras e preceitos criados por Paulo, e que pode ser melhor designado pelo nome de “Paulinismo” (KERSTEN, 1986, p. 34).

34 - UMA MODALIDADE DE CRISTIANISMO EXCLUI (OU INCLUI) NECESSARIAMENTE A OUTRA?

Com relação à prática do amor, não. Mais explicitamente, uma modalidade de cristianismo não exclui (nem inclui) necessariamente a outra, uma vez que alguém pode ser seguidor somente de uma ou das duas modalidades de cristianismo. De fato, sempre houve (e continua havendo) cristãos que souberam (e que sabem) vivenciar a mensagem de amor ensinada pelo Jesus histórico, mesmo professando os dogmas da outra modalidade de cristianismo (o “cristianismo mítico dos cristãos”), como, por exemplo, no caso de pessoas que, como Vicente de Paulo, Francisco de Assis, Dom Bosco, Martin Luther King Jr., Madre Tereza de Calcutá, Irmã Dulce, Dom Hélder Câmara, João Paulo II e inúmeros outros “gigantes” da espiritualidade cristã/católica souberam (e continuam sabendo) conciliar suas crenças dogmáticas e míticas com a prática da verdadeira religião ensinada pelo Jesus histórico – **a vivência do amor**.

Por outro lado, alguém pode declarar-se “cristão”, no sentido institucional do termo, mas não vivenciar o amor. Basta conhecer um pouco de história geral e de história do cristianismo para comprovar essa afirmação. Quanto ódio, quanta violência, quanta discriminação, quanta intolerância religiosa e quantas guerras catastróficas, em nome do “Cristo da fé”, promovidas por aqueles que se diziam “cristãos”!

Devemos concordar com a distinção entre essas duas modalidades de cristianismo, sobretudo porque ela é de fundamental importância para a paz e o diálogo religioso entre os seguidores do “cristianismo mítico” e os adeptos de religiões tradicionalmente não cristãs (como os espíritas, os umbandistas, os rosa-cruzes, os racionalistas cristãos e muitos outros), mas que fazem questão de declarar-se “cristãos”, embora esse título não lhes seja reconhecido pelos adeptos do “cristianismo dogmático”. Por isso, grandes têm sido os conflitos e as disputas pelo título de “verdadeiro cristão”.

35 - HÁ MUITOS AUTORES QUE FAZEM OU ADOTAM A DISTINÇÃO ENTRE AS DUAS MODALIDADES DE CRISTIANISMO?

Sim. A distinção entre as duas modalidades de cristianismo tem sido feita ou adotada por muitos autores espiritualistas, até por famosos teólogos cristãos (incluindo católicos) e até mesmo por pensadores não filiados a uma determinada religião. Entre os escritores espíritas que escreveram sobre essa distinção, posso citar João Batista Roustaing, em sua obra mediúnica *Os Quatro Evangelhos* (ROUSTAING, 1989), em que ele usa repetidamente a expressão “O Cristianismo do Cristo”, em oposição às verdades dogmáticas que foram atribuídas a Jesus pelos cristãos ao longo dos séculos. Também empregam a mesma distinção os escritores espíritas kardecistas Carlos Imbassahy (IMBASSAHY, 1944, p. 21-22), Hermínio C. Miranda (MIRANDA, 1988, p. 181-182) e Sérgio Fernandes Aleixo (ALEIXO, 1999, p. 138).

Quem também fez essa mesma distinção foi o famoso hinduísta Mahatma Gandhi, conforme se lê no livro *Gandhi e o Cristianismo*, editado por Robert Elsberg (ELSBURG, 1996, p. 34). Gandhi, além de fazer essa mesma distinção, também criticava o “cristianismo ocidental” por não praticar o que ele mesmo chamava de “o cristianismo de Cristo”. Eis suas palavras: “Considero o cristianismo ocidental, em sua atuação prática, uma negação do cristianismo de Cristo” (apud ELSBURG, p. 34).

Até o maior cientista do século XX, Albert Einstein, também fez essa mesma distinção, quando afirmou:

Se se separa [...] o cristianismo tal como foi ensinado por Jesus Cristo de todos os acréscimos posteriores, em particular aqueles dos padres, subsiste uma doutrina capaz de curar a humanidade de todas as moléstias sociais (EINSTEIN, 1981, p. 115-116).

36 - QUAL A PRINCIPAL JUSTIFICATIVA PARA A DISTINÇÃO ENTRE AS DUAS MODALIDADES DE CRISTIANISMO?

A principal justificativa para a distinção entre as duas modalidades de cristianismo é que muitos princípios doutrinários do cristianismo dogmático não se conformam absolutamente com

a mensagem pluralista de amor e fraternidade universais ensinada pelo Jesus histórico. O **exclusivismo** dessa modalidade de cristianismo, por exemplo, tem, de fato, gerado muita violência e discriminação ao longo de dois mil anos, como expressa muito bem o teólogo Holger Kersten nos seguintes termos:

A luta pela supremacia de uma “fé verdadeira” exclusiva deixou um rastro de revezes, violência e sangue no caminho percorrido pelas igrejas. Luta sem tréguas, desde o tempo dos apóstolos até nossos dias, e que ainda constitui o maior empecilho à reconciliação entre os vários credos cristãos. É válido questionar as bases que alicerçam a legitimidade das instituições vigentes. Uma pessoa que frequenta uma igreja cristã não pode deixar de assumir uma postura crítica, frente à proliferação de obscuros artigos de fé, e dos deveres e obrigações que a envolvem. Sem termos tido conhecimentos, e por termos crescido sob a única e exclusiva influência do estabelecido, somos levados a acreditar que, por subsistirem há tanto tempo, devem, necessariamente, ser verdade (KERSTEN, 1986, p. 12).

37 - EXISTE ALGUM TEÓLOGO CATÓLICO QUE ADOTA A REFERIDA DISTINÇÃO ENTRE AS DUAS MODALIDADES DE CRISTIANISMO?

Com certeza. O famoso teólogo católico Leonardo Boff, por exemplo, também admite essas duas modalidades de cristianismo (cf. BOFF, 2003, p. 46), rotulando-as, respectivamente, de “o cristianismo das origens” (ou “paleocristianismo”) e “o cristianismo histórico”, o qual, como ele mesmo elucida, “em ética foi mais influenciado pelos mestres gregos” do que pela mensagem de Jesus. O “paleocristianismo” (ou “cristianismo das origens”), ao contrário, como afirma o mesmo teólogo, “dá absoluta centralidade ao amor ao outro”, para Jesus, “idêntico ao amor a Deus” (ibid.).

Em resumo, o termo “cristianismo” pode ter, no mínimo, dois sentidos bem distintos, podendo designar: 1) o “cristianismo dos cristãos” (o cristianismo institucional), para referir-se ao conjunto das religiões cristãs (o catolicismo, o protestantismo e as religiões ortodoxas orientais), há séculos divididas e subdivididas em

inúmeras igrejas, seitas e denominações e 2) o “cristianismo de Jesus (ou de Cristo)”, pluralista e unificador, para referir-se unicamente ao código de moral universal que Jesus pregou, resumido na lei do amor, o único que tem condições de realmente unir todas as religiões e todas as pessoas.

38 - EXISTEM EXPRESSÕES SINÔNIMAS PARA AS DUAS MODALIDADES DE CRISTIANISMO?

Sim. O “cristianismo dos cristãos” é igualmente designado na literatura religiosa pelas expressões: “cristianismo institucional”, “cristianismo histórico”, “cristianismo dogmático”, “cristianismo ortodoxo”, “cristianismo tradicional”, “cristianismo convencional”, “cristianismo exclusivista”, “cristianismo divisionista”, “cristianismo mítico”, “**paulinismo**” etc. E o “cristianismo de Jesus” é também designado na literatura religiosa pelas expressões: “cristianismo de Cristo”, “doutrina de Jesus”, “cristianismo das origens”, “cristianismo redivivo”, “cristianismo pluralista”, “cristianismo unificador”, “paleocristianismo” etc.

Alerte-se para o fato de que, embora os termos “cristianismo” e “cristão” sejam muitas vezes empregados indistintamente na literatura religiosa, é necessário que o leitor saiba, contudo, em que sentido eles estão sendo usados nos diversos contextos de um livro como este. De um modo geral, quando esses termos são empregados sem nenhum qualificativo, referem-se normalmente ao cristianismo dogmático ou aos seus seguidores.

O “cristianismo de Jesus” (o “cristianismo das origens”), o cristianismo do amor, da caridade e da fraternidade é muito bem retratado no livro dos Atos dos Apóstolos nos seguintes termos:

A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava seu o que possuía, mas tudo era comum entre eles.[...] Não havia entre eles indigente algum, porquanto os que possuíam terras ou casas, vendiam-nas, traziam o dinheiro e o colocavam aos pés dos apóstolos; e distribuía-se a cada um segundo a sua necessidade. (Atos 4, 32, 34-35; ver também Atos 2, 44)

Essas e outras passagens semelhantes do Novo Testamento retratam fielmente o “cristianismo do amor”, a COMUNIDADE DE AMOR que o Jesus histórico formou (o “cristianismo unificador”, em oposição ao “cristianismo divisionista”).

39 - QUAL A PRINCIPAL DIFERENÇA ENTRE OS DOIS CRISTIANISMOS?

A principal diferença entre as duas modalidades de cristianismo é que o “cristianismo de Jesus” é um só, restrito, essencialmente, a um **código de moral (ou de ética) universal**, fundamentado e resumido na **lei do amor (AMOR A DEUS E AO PRÓXIMO)**, e é, portanto, o único que tem condições de unir os cristãos e a humanidade inteira, enquanto o “cristianismo dos cristãos” é múltiplo, baseado, sobretudo, no exclusivismo e no divisionismo e que, por isso mesmo, nunca conseguiu unir – nem terá jamais condições de unir – a cristandade e a humanidade.

A distinção entre essas duas modalidades de cristianismo é de fundamental importância para o diálogo inter-religioso, uma vez que é necessária para explicar, por exemplo, em que sentido muitos religiosos se dizem “cristãos” (por exemplo, os mórmons, os espíritas, os umbandistas, os racionalistas cristãos, os rosa-cruzes etc.) sem que o título de “cristão” lhes seja reconhecido pelos cristãos dogmáticos. Daí a razão para muitos e inúteis ataques de ambos os lados pela pretensão à exclusividade desse título, dado que o mesmo é aplicado indistintamente tanto aos que procuram seguir unicamente a doutrina autêntica de Jesus, quanto aos que professam os dogmas do cristianismo institucional.

40 - É POSSÍVEL CONCILIAR OS DOIS CRISTIANISMOS?

Não. É impossível conciliar o “cristianismo pluralista de Jesus” (o cristianismo unificador), fundamentado na lei do amor, com o cristianismo divisionista e exclusivista dos cristãos, conforme declarou o Concílio Vaticano II:

Esta divisão, sem dúvida, contradiz abertamente a vontade de Cristo e se constitui em escândalo para o mundo, como

também prejudica a santíssima causa da pregação do Evangelho a toda criatura (UR 1, apud HORTAL, 1996, p.136).

Daí a constante preocupação do apóstolo Paulo em manter a unidade dos cristãos, obviamente em torno da figura do “Cristo da fé”, e não em torno do “Jesus histórico”, pois as divisões entre eles começou bem cedo:

Primeiramente, na controvérsia entre judaizantes e “modernizantes”; depois na rivalidade entre os diversos pregadores (Apolo, Cefas, o próprio Paulo...); mais tarde, entre carismáticos e não carismáticos; finalmente, entre escravos e livres (HORTAL, p. 143).

41 - POR QUE TANTAS DISPUTAS PELO TÍTULO DE “VERDADEIRO CRISTÃO”?

Os cristãos dogmáticos normalmente negam o título de “verdadeiro cristão” a quem não crê nos dogmas do cristianismo tradicional.

Em face dessa polêmica, é necessário esclarecer que qualquer religião ou seita pode dizer-se “cristã”, mesmo que não adira aos dogmas ou mitos do cristianismo tradicional, contanto que procure pautar sua vida pelo **código de moral universal** que o Jesus histórico pregou. É de conhecimento geral que os cristãos tradicionais (católicos, ortodoxos e evangélicos) negam expressamente o título de cristão a quem não crê nos dogmas míticos que eles atribuíram a Jesus ao longo da história do cristianismo. Basta que alguém negue uma só das verdades dos **Credos da Cristandade** para não merecer, por hipótese alguma, o título de “cristão”. Menos ainda pode fazer jus ao título de “cristão”, alegam, quem acredita em “comunicação com os mortos” e em “reencarnação”.

Essa disputa pelo título de “verdadeiro cristão” teve (e continua tendo) trágicas consequências para a convivência fraterna entre todos aqueles que se dizem “cristãos”: seguidores do “cristianismo dogmático/mítico” com (ou sem) a prática do amor ou apenas praticantes do amor (sem adesão a dogmas ou mitos).

42 - QUAL A SOLUÇÃO PARA PÔR FIM ÀS VELHAS DISPUTAS PELO TÍTULO DE “VERDADEIRO CRISTÃO”?

A saída lógica sugerida para pôr fim às velhas disputas pelo título de “verdadeiro cristão” é a seguinte: uns e outros têm direito a esse título, mas em sentidos distintos do mesmo termo. Assim, os católicos, ortodoxos e evangélicos têm o direito de acreditar em seus dogmas ou mitos e de afirmar que só é “cristão”, no sentido dogmático e exclusivista, aquele que professa as verdades dos credos cristãos. Por outro lado, todos aqueles que simplesmente procuram vivenciar a lei do amor, mesmo não aderindo aos dogmas míticos do cristianismo ortodoxo, também têm o direito ao título de “cristão”, no sentido definido pelo próprio Jesus histórico, como **aquele que ama o próximo**: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos [isto é, que sois “cristãos”], se tiverdes amor uns pelos outros” (João 13,35).

Em síntese, mediante essa clara distinção entre as duas modalidades básicas de cristianismo, deveriam cessar os ataques e os preconceitos de ambos os lados. Bastaria que cada lado entendesse em que sentido o outro se define como “cristão” e que cada lado respeitasse o sentido do título de “cristão” de cada um.

43 - A DOUTRINA DE PAULO É IDÊNTICA À DE JESUS?

De modo algum. A doutrina de Paulo de Tarso, como já vimos, mas convém repetir, muito pouco ou nada tem a ver com o cristianismo autêntico de Jesus e de Tiago, da salvação pelas obras de amor. São duas doutrinas totalmente opostas e incompatíveis, como argumenta, convincentemente, a seguir, o teólogo alemão Holger Kersten.

A DOUTRINA DE PAULO É OPOSTA À DE JESUS

O que conhecemos hoje como cristianismo não passa de uma vasta e artificial doutrina de regras e preceitos criados por Paulo, e que pode ser melhor designado pelo nome de “Paulinismo”. O historiador eclesiástico Wilhelm Nestle, comentando a questão, diz que “o cristianismo foi a religião fundada por Paulo, que substituiu o evangelho de Cristo por um evangelho sobre Cristo”. Paulinismo, nesse sentido,

significa desvirtuamento e mesmo falsificação dos verdadeiros ensinamentos de Jesus por Paulo. [...] Já no século 18, o filósofo inglês Lord Bolingbroke (1678-1751) reconhecia, no Novo Testamento, duas religiões completamente diferentes: a de Cristo e a de Paulo. Kant, Lessing, Fichte e Schelling também faziam distinção entre os ensinamentos de Jesus e os de seus “discípulos”. Um grande número de renomados teólogos modernos aceitam e defendem essa tese (KERSTEN, 1986, p. 34-35).

A REDENÇÃO DOS PECADOS ATRAVÉS DA CRUZ

Esta doutrina tradicional é a de Paulo e não a de Jesus. Foi Paulo quem centralizou a atividade de Jesus em sua morte, mostrando que é através dela que o homem de fé se liberta de seus pecados, das misérias do mundo e do poder de satanás. Há muito tempo, os teólogos modernos e os estudiosos de história da Igreja vêm afirmando abertamente que o cristianismo da Igreja organizada, cuja questão central é a compreensão da salvação como fruto da morte e do sofrimento de Jesus, se apoiou em fundamentos incorretos. “Tudo o que há de bom no cristianismo provém de Jesus e tudo o que há de mau, de Paulo”, escreveu o teólogo Overbeck. **Associando a morte do Unigênito de Deus à redenção de nossos pecados, Paulo retrocedeu às primitivas religiões semíticas, em que os pais deviam imolar seus primogênitos.** Paulo também é o responsável pelos dogmas do pecado original e da trindade, posteriormente incorporados pela Igreja (KERSTEN, *ibid.*) (negrito meu).

A RELIGIÃO DO MEDO

Em suas cartas, Paulo não escreveu uma única palavra sobre o ensinamento real de Jesus, nem menciona qualquer de suas parábolas; o que ele faz é apresentar sua própria filosofia e suas próprias ideias. Paulo tende a apresentar todas as pessoas como filhos da ira, isto é, como sujeitos à ira de Deus (ver Efésios 2,3). Tudo, sem exceção, está perdido (ex. Romanos 5,18; 1Coríntios 15,18), sem esperança e sem Deus (Efésios 2,12), pois satanás subjuga a todos sem exceção (ex. Romanos 3,9; Gálatas 3,22; Colossenses 2,14). A sentença de condenação paira sobre

o povo como uma espada de Dâmocles (ex. Romanos 5,16). Assim Paulo transformou as “boas novas” em “novas terríveis”, dando a entender que “somente ele” podia mostrar o caminho da salvação. Claro que, diante dessa postura, é muito difícil chegar a uma concepção natural da morte, pois **a morte passou a representar uma solução para os pecados**. Em nenhuma outra religião, além do cristianismo de Paulo, nos deparamos com este culto do medo. Com Paulo, os cristãos, dominados pelo medo, docilmente se curvam ao peso de ameaças. **A religião perdeu o conceito do Deus amoroso, toda bondade e todo perdão anunciado por Jesus, retrocedendo às crueldades do Deus vingativo do Antigo Testamento, ressuscitado nas palavras de Paulo** (KERSTEN, p. 238-239) (negrito meu).

A DOCTRINA DA SALVAÇÃO PELA GRAÇA DE DEUS

Paulo diz claramente que o homem não pode, por si mesmo, alcançar a salvação (cf. Romanos 3,24; 3,28; 9,11; 9,16; 1Coríntios 1,29; Gálatas 2,16), pois a salvação depende, única e exclusivamente, da graça de Deus (Efésios 2,8-9). Assim, a doutrina da salvação de Paulo torna-se um ato unilateral, diante da qual a humanidade se encontra de mãos atadas (cf. Romanos 3,24; 4,16; Efésios 2,5; 2,8-9; 2Timóteo 1,9; Tito 3,5-7). Esta mensagem de Paulo é pouco atraente, pois não traz conforto. Quem faz parte do rebanho está “automaticamente” salvo. Não há necessidade de um esforço individual para se atingir o principal objetivo da vida, pois todo cristão é salvo através da morte de Jesus, na cruz, no Gólgota. Em outras palavras, o cristão deve apenas “associar-se”, tornar-se um membro da “instituição”, pagar a “taxa de sócio” e eis que lhe está garantido um lugar eterno no paraíso. Esta doutrina, pela facilidade apresentada, conquistou muitos adeptos e se difundiu rapidamente. É, sem dúvida, muito prático acreditar que, através de um simples ato de conversão, um pecador é redimido, transformado em filho de Deus e em um novo ser. De acordo com essa doutrina, qualquer tentativa que o indivíduo faz isoladamente, em prol de sua própria salvação, representa uma afronta a Jesus, constituindo, pois, *pecado mortal*. Assim, por mais exemplar que tenha sido a vida de

uma pessoa, se ela não acreditar nos ensinamentos de Paulo, de que sua salvação está diretamente ligada ao sacrifício do Gólgota, é condenada por essa mesma doutrina. **A grande maioria dos cristãos acredita que a grandeza incomparável do cristianismo reside na verdade desses ensinamentos; porém, quando examinados mais de perto, revelam-se bem distantes da verdadeira doutrina ensinada por Jesus. Não encontramos nos evangelhos o menor vestígio da assim chamada doutrina cristã da salvação; nem mesmo no *Sermão da Montanha* – a quintessência da mensagem de Jesus – ou no *Pai Nosso* ou nas parábolas! Se fosse realmente tão importante, Jesus deixaria algum indício de que sua morte na cruz devia ser entendida como o meio de salvação da humanidade.** Desconhecer esta postura de Jesus é ir contra sua ética vivencial. Jesus não teorizou sobre sua missão e sobre sua mensagem, a fim de servirem de substrato a curiosidades acadêmicas. **Ele viveu a doutrina que pregou, uma doutrina de tolerância, amor ao próximo, doação e partilha, a capacidade de carregar nos próprios ombros o peso dos outros; em outras palavras, um amor e uma ação ilimitados para com o ser humano. Este o caminho de salvação que nos mostrou!** (KERSTEN, *ibid.*) (negrito meu).

44 - O DEUS DE PAULO É IDÊNTICO AO DE JESUS?

Não. O 'Deus' de Paulo, convém repetir, está bem distante do 'Deus de Amor' descrito por Jesus no Novo Testamento:

Sua concepção ainda é a de um Deus bíblico zangado, cuja ira se manifesta implacavelmente contra os ímpios e pecadores que não têm como escapar do seu severo juízo, tal como se lê na Epístola aos Romanos (MIRANDA, 1988, p. 31).

O 'Deus' de Paulo, literalmente interpretado, é semelhante ao 'Deus' Javé do Antigo Testamento: um ser superexclusivista, zangado, intolerante e vingativo, cuja ira se manifesta implacavelmente contra os ímpios e pecadores, que não têm como escapar do seu severo juízo final, tal como se lê na Epístola aos

Romanos. Este não é, repito, o Deus de Amor, revelado por Jesus no Novo Testamento.

45 - É VERDADE QUE O DEUS DE PAULO JÁ PREDESTINOUS OS QUE VÃO SER SALVOS E OS QUE VÃO SER CONDENADOS?

Sim. O “Deus” paulino também já predestinou os que vão ser salvos e os que vão ser condenados:

“Porque os que de antemão ele [Deus] conheceu, esses também predestinou a serem conformes a imagem de seu Filho... E os que predestinou, também os chamou; e os que chamou, também os justificou, e os que justificou, também os glorificou. [...] De modo que ele faz misericórdia a quem quer e endurece a quem ele quer” (Romanos 8,29-30; 9,18).

Ora (pergunto eu), se Deus já predestinou os que irão ser salvos e os que irão ser condenados, como é que Ele envia seu Filho para morrer e salvar todos os que nele creem?

46 - QUAL A SÍNTESE DA PREGAÇÃO DE PAULO?

A síntese de sua pregação é esta: “... **se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creeres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo**” (Romanos 10,9) (negrito meu).

Essa sentença, como afirma o monge beneditino Guido Kreppold, “pode ser considerada a síntese da pregação de Paulo” (KREPPOLD, 2009, p. 37).

47 - O JESUS DE PAULO É IDÊNTICO AO JESUS HISTÓRICO?

De modo algum. O ‘Jesus’ de Paulo é totalmente diferente do “Jesus histórico” (o “Jesus real”, **o Jesus que é só homem**). Paulo, de fato, não mostra interesse algum pelo “Jesus histórico”; seu maior interesse está em defender o “Cristo da fé” (o “Jesus celeste/mítico”, **o Jesus-Deus**). Como declara Günth Bornkamm, Paulo

não cuida de expor os ensinamentos do Jesus histórico, não fala de seus milagres, do Sermão da Montanha, das

parábolas, dos seus encontros com os escribas e fariseus, nem do Pai Nosso (apud MIRANDA, 1988, p. 31) .

O Jesus de Paulo é também chamado de “Cristo cósmico”: “um salvador sobre-humano, destinado desde o princípio do mundo a desempenhar um papel cósmico. [...] O Cristo de Paulo não era Jesus de Nazaré” (HARPUR, 2008, p. 180).

É por isso que muitos autores vêm fazendo, desde o século 18, uma justa distinção entre o “Jesus histórico” (**uma pessoa inteiramente humana**) e o “Cristo da fé”, o ‘Jesus’ de Paulo (= o “Jesus celeste/mítico/cósmico”, **uma pessoa inteiramente divina**).

O Jesus de Paulo, repito, não é o Jesus histórico, mas o mítico, um ser celestial, cósmico, literalmente divino, criado como o “primogênito” de toda a criação de Deus. Existia sob a “forma de Deus” e era “igual a Deus” (Filipenses 2,6).

48 - PARA PAULO, MORREMOS POR CAUSA DO PECADO DE ADÃO?

Sim. Paulo também defende a tese absurda de que morremos por causa do pecado de Adão: “Eis porque, como por meio de um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte, e assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Romanos 5,12). “O salário do pecado é a morte...” (Romanos 6,23). Ora, Adão, como o primeiro homem deste planeta, nunca existiu, e a “morte”, ou melhor, o “desencarne”, é um fenômeno natural, que sempre existiu e existirá para todos aqueles que estiverem (re)encarnados na Terra.

49 - PAULO AFIRMA QUE OS HOMOSSEXUAIS SERÃO CONDENADOS?

Sim. “Os efeminados não herdarão o Reino de Deus” (1Coríntios 6,10).

50 - PAULO ACONSELHA AOS SOLTEIROS E ÀS VIÚVAS QUE NÃO SE CASEM?

Sim. “É bom ao homem não tocar em mulher” (1Coríntios 7,1). “Digo às pessoas solteiras e às viúvas que é bom ficarem

como eu. Mas, se não podem guardar a continência, casem-se...” (1Coríntios 7,8-9). Talvez, essa passagem tenha influenciado o celibato eclesiástico e a ojeriza da Igreja Católica ao sexo.

51 - PAULO CONDENA OS JUDEUS?

Sim. “Que a ira de Deus acabe por cair sobre eles” [os judeus] (1Tessalonicenses 2,16). O Jesus mítico, nas palavras do evangelista Mateus, também condena os judeus: “Mas eu vos digo que virão muitos do oriente e do ocidente e se assentarão à mesa no Reino dos Céus, com Abraão, Isaac e Jacó, enquanto os filhos do Reino [isto é, os judeus] serão postos para fora, nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes” (Mateus 8,11-12). O Jesus histórico, o Jesus pluralista, o Jesus do amor, jamais faria uma condenação como esta que lhe foi falsamente atribuída pelo evangelista Mateus.

52 - PAULO DISCRIMINA AS MULHERES?

Sim. Paulo discrimina as mulheres e as proíbe de falar nas assembleias: “A cabeça das mulheres é o homem” (1Coríntios 11,3); “Como acontece em todas as igrejas dos santos, estejam caladas as mulheres nas assembleias, pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz também a Lei” (1Coríntios 14,34). “As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos... Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos” (Efésios, 5,22-24).

53 - PAULO CONDENA QUEM NÃO AMA O SENHOR?

Sim. “Se alguém não ama o Senhor, seja anátema” (1Coríntios 16,22).

54 - SEGUNDO A MORAL PAULINA, MUITA GENTE PODERÁ SALVAR-SE?

Não. Segundo a moral paulina, pouca gente poderá salvar-se, pois ele especifica “os que não herdarão o Reino de Deus: os que praticam a fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, rixas, ciúmes, ira, discussões, discórdia, divisões,

invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas... Os que praticam tais coisas, não herdarão o Reino de Deus” (Gálatas 5,19-21). Eu pergunto: Será que existe alguém neste planeta que não pratique nenhuma dessas ações? Por conseguinte, se essa moral paulina for verdadeira, pouquíssimas pessoas poderão salvar-se.

55 - SEGUNDO PAULO, CRISTO MORREU POR NOSSOS PECADOS?

Sim. Segundo Paulo, “Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1Coríntios 15,3-4). “Se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé” (1Coríntios 15,14). Segundo o ponto de vista espiritualista que defendo, Cristo não morreu por nossos pecados. Aliás, Cristo nem “morreu” nem “ressuscitou” (*fisicamente*), porque ninguém “morre”. O ser humano, na sua essência – que é alma ou espírito – é imortal. O que “morre” (ou melhor, o que se transforma) é apenas o corpo físico. Segundo esse nosso ponto de vista, o dogma cristão da “ressurreição da carne” é fundamentado numa fé totalmente vazia e “cega”, pois contradiz a razão, a ciência, o bom senso e a “fé raciocinada”. Paulo, porém, não acreditava na ressurreição “física” de Jesus, mas na sua ressurreição espiritual: “Semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual” (1Coríntios 15,44) (ver também HARPUR, p. 182).

56 - PARA PAULO, A IGREJA CATÓLICA É A “IGREJA DE DEUS”?

Sim. Nos Atos dos Apóstolos, Paulo faz uma clara referência à Igreja Católica como **“a Igreja de Deus, que ele adquiriu para si pelo sangue de seu próprio Filho”** (Atos dos Apóstolos, 20,28) (negrito meu). Na visão que defendo, há, pelo menos, três erros nessa teologia paulina: (1) Deus não fundou nenhuma religião ou igreja; (2) Jesus não é literalmente “Filho de Deus” nem “Deus encarnado” e (3) se Deus quisesse fundar uma religião ou igreja, Ele não precisaria do sangue derramado de ninguém, pois o verdadeiro Deus não é “masoquista”, ou seja, não tem prazer com o próprio sofrimento. Essas crenças são velhos mitos.

57 - POR QUE SE DIZ QUE PAULO É O “PAI” DOS FUNDAMENTALISTAS CRISTÃOS?

Paulo de Tarso é considerado o “pai” dos fundamentalistas cristãos, porque ele é um cristão superexclusivista: “Se alguém ensinar uma outra doutrina... é porque é cego, nada entende, é um doente à procura de controvérsias e discussões de palavras” (1Timóteo 16,3-4). Para Paulo, “não há outro Evangelho além do que ele atribui ao Cristo da fé (cf. Gálatas 1, 6-9) e nenhuma outra doutrina verdadeira além da que ele lhe atribui, sentenciando inclusive com “anátema” (ou seja, com excomunhão, maldição ou condenação) a quem aderir a outro evangelho ou a outra verdade. Uma das suas preocupações constantes em quase todas as suas epístolas é defender a “sã doutrina” (ou seja, a doutrina cristã exclusivista e mítica que ele mesmo criou e atribuiu ao Cristo da fé) e refutar aqueles que a contradizem (os “falsos profetas”, na linguagem de Mateus 7,15; 24, 11-12, 24).

Na sua visão exclusivista, fundamentalista e mítica, não há, portanto, espaço algum para o debate ou diálogo em torno da suposta “sã doutrina” que ele atribui a Jesus – não obviamente a doutrina do “Jesus histórico”, resumida na lei do amor, mas a doutrina mítica do “Cristo da fé”, o Jesus exclusivista, único salvador da humanidade pelo seu sangue derramado na cruz. Para comprovar essa tese, vejamos mais passagens extraídas de suas cartas, ou melhor, de epístolas a ele atribuídas:

“Admiro-me que tão depressa abandoneis aquele que vos chamou pela graça de Cristo, e passeis a outro evangelho. Não que haja outro, mas há alguns que vos estão perturbando e querendo corromper o evangelho de Cristo. Entretanto, se alguém – ainda que nós mesmos ou um anjo do céu – vos anunciar um evangelho diferente do que vos anunciamos, seja anátema.” (Gálatas 1, 6-9)

“Tomai cuidado para que ninguém vos escravize por vãs e enganosas especulações da “filosofia”, segundo a tradição dos homens, segundo os elementos do mundo, e não segundo Cristo.” (Colossenses 2, 8)

“... é preciso evitar as discussões de palavras: elas não servem para nada, a não ser para a perdição dos que as ouvem.” (2Timóteo 2, 14)

“Pois virá um tempo em que alguns não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, segundo os seus próprios desejos, como que sentindo comichão nos ouvidos, se rodearão de mestres. Desviarão os seus ouvidos da verdade, orientando-os para as fábulas.” (2Timóteo 4, 3-4)

“Seja, de tal modo fiel na exposição da palavra para que seja capaz de ensinar a sã doutrina como também de refutar os que a contradizem.” (Tito 1, 8-9)

“... não fiquem dando ouvidos a fábulas judaicas ou a mandamentos de homens desviados da verdade.” (Tito 1, 14)

“Evita controvérsias insensatas, genealogias, discussões e debates sobre a Lei, porque para nada adiantam, e são fúteis.” (Tito 3, 9)

“Sê tu mesmo um exemplo de conduta, íntegro e grave na exposição da verdade, exprimindo-te numa linguagem digna e irrepreensível, para que o adversário, nada tendo que dizer contra nós, fique envergonhado”. (Tito 2, 7-8)

“Pois Deus é um só, e um só também o Mediador entre Deus e os homens: esse homem, que é Cristo Jesus, que se entregou à morte para resgatar a todos.” (1Timóteo 2,6)

“Pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é dom de Deus: não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho.” (Efésios 2,8)

“Por conseguinte, assim como pela falta de um só resultou a condenação de todos os homens, do mesmo modo, da obra de justiça de um só, resultou para todos os homens a justificação que traz a vida. De modo que, como pela desobediência de um só, todos se tornaram pecadores, assim, pela obediência de um só, todos se tornarão justos.” (Romanos 5,18-19) (negrito meu)

“...justiça de Deus que opera pela fé em Jesus Cristo, em favor de todos os que creem – pois não há diferença, sendo

que todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus – e são justificados gratuitamente, por sua graça, em virtude da redenção realizada por Cristo Jesus: Deus o expôs como instrumento de propiciação, por seu próprio sangue, mediante a fé. “ (Romanos 5,22-25)

“Porquanto **nós sustentamos que o homem é justificado pela fé, sem as obras da Lei.**” (Romanos 3,28) (negrito meu)

“... sabendo, entretanto, que o homem não se justifica pelas obras da Lei mas, pela fé em Jesus Cristo, nós também cremos em Cristo Jesus para sermos justificados pela fé de Cristo e não pelas obras da Lei, porque pelas obras da Lei *ninguém será justificado.*” (Gálatas 2,16)

De acordo, portanto, com essa doutrina cristã paulinista fundamentalista, nossa salvação depende inteiramente do sacrifício de Jesus no Gólgota, e quem não crê nessa doutrina está condenado. Infelizmente, a grande maioria dos cristãos ainda acredita nessa crença ingênua, mítica, repugnante e falsa, cópia ou plágio da literatura sagrada de outras tradições religiosas muito mais antigas do que o cristianismo, em total oposição à verdadeira doutrina de amor ao próximo, autenticamente ensinada pelo Jesus histórico. Não encontramos nos evangelhos o menor vestígio dessa chamada doutrina cristã exclusivista e mítica da salvação pelo sangue de Cristo derramado na cruz.

Em suma, a doutrina paulina, baseada em mitos pagãos, bem como no exclusivismo, no fundamentalismo e na intolerância, é incompatível com a doutrina pluralista de amor ao próximo, ensinada pelo Jesus histórico.

Embora Paulo afirme, em sua Primeira Epístola aos Coríntios (13,13) que o amor é maior que a fé, o que ele defende, contudo, insistentemente, em seus escritos, é a doutrina mítica de que somos salvos pela fé em Cristo morto e ressuscitado, e não pela vivência da caridade. Por conseguinte, o cristianismo de Paulo, repito, muito pouco ou nada tem a ver com o de Jesus.

Jesus viveu a doutrina que pregou, uma doutrina de tolerância, amor ao próximo, doação e partilha, a capacidade

de carregar nos próprios ombros o peso dos outros; em outras palavras, um amor e uma ação ilimitados para com o ser humano. Este o caminho de salvação que ele autenticamente nos mostrou (KERSTEN, p. 239).

58 - A SALVAÇÃO VEM PELA FÉ, OU PELAS OBRAS DE AMOR?

Enquanto para Paulo (e para o cristianismo paulinista), a salvação vem pela fé, para o apóstolo Tiago (e para Jesus), a salvação vem pelas obras de amor. Paulo é, indiscutivelmente, o principal autor do cristianismo da salvação pela fé, nos livros do Novo Testamento (NT). A ele são atribuídos 13 dos 27 livros do NT. Além disso, os quatro evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João), bem como os Atos dos Apóstolos, são baseados na sua doutrina exclusivista e mítica da salvação pela fé, em contraposição à doutrina pluralista de Jesus (e de Tiago) da salvação pelas obras de caridade. Todo o NT é fundamentado sobretudo nas cartas de Paulo, escritas nos anos 40 e 50 d.C. “Ele é a testemunha mais antiga entre todos os autores da Bíblia, o mais próximo de Jesus em tempo real. As suas antigas cartas são anteriores ao aparecimento de Marcos por no mínimo uma geração” (HARPUR, p. 174-175).

59 - QUAL A INFLUÊNCIA DA DOUTRINA DE PAULO NOS LIVROS DO NOVO TESTAMENTO?

Sobre a indiscutível influência da doutrina de Paulo nos livros do Novo Testamento, reflitamos um pouco sobre o que escreve James D. Tabor:

A dificuldade com que nos defrontamos é a onipresente influência de Paulo nos cânones dos documentos do Novo Testamento. Diria mesmo que o próprio Novo Testamento é, fundamentalmente, um legado literário do apóstolo Paulo, citado como autor de 13 dos 27 “livros” do Novo Testamento. O livro dos Atos é, na quase-totalidade, uma defesa de seu lugar central como o “décimo terceiro” apóstolo. O de Marcos foi escrito por volta de 70 d.C., após a morte de Paulo, e é um primeiro transmissor da mensagem pregada por Paulo, projetada retroativamente sobre a vida de Jesus.

Então, tanto Mateus quanto Lucas, que usaram Marcos como sua principal fonte narrativa, passaram adiante o núcleo da mensagem de Marcos [pregada antes por Paulo]. O evangelho de João, pelo menos em teologia, também reflete a essência da concepção que Paulo tinha de Jesus: Cristo como divino e preexistente Filho de Deus, que assumiu a forma humana, morreu na cruz pelos pecados do mundo e ressuscitou para a glória celestial à direita de Deus, tornou-se a mensagem cristã. (TABOR, 2006, p. 287-288)

60 - PAULO FOI O APÓSTOLO DO AMOR?

Paulo é mais conhecido como **o apóstolo da fé** (cega), e não como **o apóstolo do amor**. Ao falar da doutrina paulina da salvação pela fé (e não pelas obras de amor), numa palestra que ministrei em um Centro Espírita de Fortaleza, um ouvinte me fez a seguinte pergunta:

O Senhor diz que a doutrina fundamental de Paulo é a da salvação pela fé, e não pelas obras de amor. O Senhor também diz que, enquanto para Tiago (e para Jesus) a salvação não vem só pela fé, mas principalmente pelas obras de amor a Deus e ao próximo, pois “a fé sem obras é morta” (Tiago 2,26), para Paulo, ao contrário, as obras da Lei sem a fé em Cristo morto e ressuscitado é que são mortas (cf. Romanos 3,31). Entretanto, como explicar que Paulo, em sua Primeira Carta aos Coríntios (capítulo 13), fale tanto do amor, inclusive afirmando que **o amor é eterno e é maior que a fé**? Não poderíamos dizer, então, que Paulo foi o apóstolo do amor?

Respondi-lhe mais ou menos assim:

Boa pergunta. O capítulo 13 da Primeira Carta aos Coríntios é, de fato, uma bela descrição do amor, um verdadeiro **hino ao amor eterno**: “**O amor jamais acabará**” (1Coríntios 13,8), e termina realmente afirmando, com muita razão, que **o amor é maior que a fé** (cf. 1Coríntios 13,13). Mas se **o amor é eterno e é maior que a fé**, como, de fato, o é, por que Paulo, em suas cartas, defende muito mais a **salvação pela fé** do que a **salvação pelas obras de amor**? O que ele realmente defende constantemente em suas

cartas, principalmente na Carta aos Romanos, é que **não são as obras da Lei (incluindo naturalmente a Lei de amor a Deus e ao próximo) que nos salvam, e sim a fé em Cristo morto e ressuscitado**. Para comprovar essa sua doutrina da salvação pela fé, e não pelas obras, leiamos vários versículos de sua Carta aos Romanos (considerada por muitos como a SÍNTESE do cristianismo dogmático):

“Eu não me envergonho do evangelho: ele é a força de Deus para a salvação de todo aquele que crê... **O justo viverá pela fé**” (Romanos 1,16-17). “...diante dele [de Deus] **ninguém será justificado pelas obras da Lei**, pois da Lei vem só o conhecimento do pecado” (Romanos 3,20). “Agora, porém, independentemente da Lei, se manifestou a justiça de Deus, ... justiça de Deus que opera pela fé em Jesus Cristo, em favor de todos os que creem... e são justificados gratuitamente, por sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus: Deus o expôs como instrumento de propiciação, por seu próprio sangue, mediante a fé” (Romanos 3,21-25). **“Porquanto nós sustentamos que o homem é justificado pela fé, sem as obras da Lei.** ...pois há um só Deus, que justifica os circuncisos pela fé e também os incircuncisos através da fé” (Romanos 3,28-31). “Para nós que acreditamos naquele que ressuscitou dos mortos Jesus, Nosso Senhor, o qual foi entregue pelas nossas faltas e ressuscitado para a nossa justificação” (Romanos 4,24-25). “Tendo sido, pois, justificados pela fé, estamos em paz com Deus por Nosso Senhor Jesus Cristo, por quem tivemos acesso, pela fé, a esta graça, na qual estamos firmes e nos gloriamos na esperança da glória de Deus” (Romanos 5,1-2). **“Porque, se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creeres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo”** (Romanos 10,9-10) (negrito meu).

Convém notar, entretanto, que Paulo contradiz essa sua doutrina da **salvação pela fé**, em algumas de suas cartas, ao defender a doutrina oposta da **salvação pelas obras**: Deus “retribuirá a cada um segundo suas obras” (Romanos 2,6). “Porquanto todos nós teremos de comparecer manifestamente perante o tribunal de

Cristo, a fim de que cada um receba a retribuição do que tiver feito durante a sua vida no corpo, seja para o bem, seja para o mal” (1Coríntios 5,10). “O Senhor lhe retribuirá segundo as suas obras” (2Timóteo 4,14). “O que o homem semear, isso colherá” (Gálatas 6,7). Como entender essa aberta contradição nas cartas de Paulo? Martinho Lutero, fundador do protestantismo, optou por defender unicamente a doutrina paulina da salvação pela fé.

61 - O QUE FOI PAULO?

Para encerrar minha resposta ao ouvinte de minha referida palestra, disse-lhe que Paulo, contrariamente ao seu hino do amor (descrito no capítulo 13 de 1Coríntios), bem como às demais passagens de suas cartas referentes à salvação pelas obras, não foi, contudo, o apóstolo do amor, mas da fé (da “fé cega”), conforme podemos comprovar em quase todas as suas cartas, como nos esclarecem muitos estudiosos de sua obra.

Nesse sentido, refletimos um pouco sobre a resposta à presente pergunta (**O QUE FOI PAULO?**), dada pelo famoso escritor racionalista, do século 19, Ernest Renan, no capítulo 22 (**Breve exame da obra de Paulo**), de seu livro: *Paulo: o 13º Apóstolo* (RENAN, 2004, p. 381-382):

O que foi Paulo? Não foi um santo. Não é a bondade o traço dominante de seu caráter. Foi altivo, áspero, volúvel; defendia-se, afirmava-se (como se diz hoje); disse palavras duras; acreditou ter absolutamente razão; é intransigente nas suas opiniões; encontra-se a cada passo envolvido em intrigas com várias pessoas. Não foi um sábio; pode mesmo dizer-se que ofendeu muito a ciência pelo seu desprezo paradoxal da razão, pelo seu elogio da loucura aparente, pela sua apoteose do absurdo transcendental. Nunca foi um poeta. Os seus escritos, obras da mais alta originalidade, não têm encanto; a forma é áspera e quase sempre despida de graça. Que foi ele então? [...]

Paulo foi um homem de ação, uma alma forte, avassaladora, entusiasta, um conquistador, um missionário, um propagandista, tanto mais ardente quanto ter ele, até ali, desperdiçado o seu fanatismo num sentido oposto. [...]

Não é a *Epístola aos Romanos* o resumo do cristianismo, e sim o *Sermão da Montanha*. O verdadeiro cristianismo, que há de durar eternamente, vem dos Evangelhos, não das Epístolas de Paulo. Os textos de Paulo foram um perigo e um obstáculo, a causa dos principais erros da teologia cristã; Paulo é o pai do sutil Agostinho, do árido Tomás de Aquino, do sombrio calvinista, do impertinente jansenista, da teologia irada que danifica e perverte. [...] O personagem histórico que mais semelhança apresenta com Paulo é Lutero. Em um ou em outro existe a mesma violência na linguagem, a mesma paixão, a mesma energia, a mesma nobre independência, o mesmo agarrar-se, frenético, a uma tese considerada como a verdade absoluta. (Negrito meu)

[...] Considero que na criação do cristianismo, a parte de Paulo deve ter sido muito inferior à de Jesus. Em minha opinião deve-se situar Paulo abaixo de Francisco de Assis e do autor da *Imitação*, que conheceram Jesus perfeitamente (RENAN, p. 381-382).

Em suma, reafirmo que Paulo não foi o apóstolo do amor, mas da fé (cega). Ele não foi também o fundador do verdadeiro cristianismo. Como afirma o ilustre escritor Ernest Renan, “**o verdadeiro cristianismo, que há de durar eternamente, vem dos Evangelhos, não das Epístolas de Paulo. Os textos de Paulo foram um perigo e um obstáculo, a causa dos principais erros da teologia cristã**” (RENAN, op. cit., p. 382) (negrito meu).

62 - POR QUE PAULO ENDEUSOU E MITIFICOU JESUS?

Paulo endeusou e mitificou Jesus para satisfazer interesses romanos (uma vez que ele era cidadão romano) e para igualar Jesus às outras divindades cultuadas pelos romanos, como o deus Sol, o deus Mitra(s) e o deus César. Esse ponto de vista é muito bem expresso por diversos estudiosos do cristianismo, por exemplo, pelos renomados escritores Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln, na obra *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, livro *best-seller* que já teve 17 edições na Inglaterra:

A nova religião [o cristianismo] era basicamente orientada para uma audiência romana. Assim, o papel de Roma na morte de Jesus foi, por necessidade, suprimido, e a culpa transferida para os judeus. Mas esta não foi a única liberdade tomada em relação aos fatos, para torná-los mais assimiláveis no mundo romano. Pois o mundo romano estava acostumado a endeusar seus governantes, e César já havia sido oficialmente estabelecido como um deus. **Para competir, Jesus – a quem ninguém antes havia considerado divino – tinha que ser endeusado também. Ele o foi pelas mãos de Paulo** (BAIGENT, LEIGH & LINCOLN, 1993, p. 303) (negrito meu).

Não há a menor dúvida de que foi Paulo de Tarso mesmo quem endeusou e mitificou Jesus, ou seja, foi ele quem transformou o Jesus histórico no Jesus mítico e foi ele quem fundou o “cristianismo mítico dos cristãos” (hoje conhecido como catolicismo e protestantismo), chamado mais corretamente de “paulinismo”, enquanto o verdadeiro Jesus histórico simplesmente propôs o corretamente chamado “cristianismo de Jesus”, não uma nova religião (ou igreja) exclusivista, mas **uma comunidade de amor**, isto é, uma comunidade de pessoas que se comprometessem a pautar suas vidas pelo **código de moral (ou de ética) universal** que ele pregou e viveu, resumido na lei do **amor a Deus e ao próximo**.

Aprofundarei um pouco mais, a seguir, as razões que levaram Paulo de Tarso a mitificar Jesus, ou seja, a transformar o Jesus histórico (o Jesus que é só homem) no Jesus mítico (o Jesus que é literalmente interpretado como Deus e homem), nascido de um parto virginal, que veio salvar a humanidade através de sua morte e ressurreição.

Convém repetir que Paulo mitificou Jesus, particularmente através de seu endeusamento, para que Jesus fosse aceito, no mundo do Império Romano daquela época, não como um simples profeta mortal, mas como uma divindade. Nesse sentido, refletamos sobre o conteúdo da seguinte citação:

Antes de o cristianismo ser disseminado com sucesso – desde a Palestina até a Síria, Ásia Menor, Grécia, Egito, Roma e Europa Ocidental – , a nova religião tinha que ser

adaptada para ser aceita pelos povos dessas regiões. E tinha que ser capaz de se firmar contra os credos já estabelecidos. Em suma, o novo deus [Jesus] tinha que ser comparável em poder, em majestade, em repertório de milagres, àqueles que ele deveria substituir. Para ganhar um terreno sólido no mundo romano de sua época, Jesus teria que se tornar um deus no sentido mais completo do termo. Não um Messias no velho sentido do termo, não um rei-sacerdote, mas um deus encarnado – que, como seus oponentes sírio, fenício, egípcio e clássico, passou pelo submundo e pelo tormento do inferno e emergiu, rejuvenescido, com a primavera. Foi aí que a ideia de ressurreição assumiu tal importância, por uma razão óbvia: colocar Jesus no nível de Tamuz, Adônis, Attis, Osíris e todos os outros deuses que, morrendo e revivendo, povoaram o mundo e a consciência de seu tempo. Pela mesma razão, precisamente, foi promulgada a doutrina do nascimento virgem. E o festival da Páscoa – festival da morte e da ressurreição – foi elaborado para coincidir com os rituais da primavera de outros cultos e escolas de mistério contemporâneos (BAIGENT, LEIGH & LINCOLN, p. 303-304).

Em suma, para endear e mitificar Jesus, Paulo de Tarso sofreu grande influência da cultura greco-romana, bem como de outras culturas pagãs mais antigas. Ele era um judeu detentor de cidadania romana, criado em um ambiente culturalmente grego, profundo conhecedor dos cultos pagãos das religiões de mistério do Egito, da Índia, da Grécia e de Roma, como bem esclarece Tom Harpur, em seu livro *O Cristo dos Pagãos* (HARPUR, 2008).

Conforme argumento em minhas obras ecumênicas, é bem verdade que o mito da “divinização” (ou “deificação” ou “endeusamento”) de Jesus foi sobretudo produto da cultura greco-romana, e não da cultura judaica, pois tal divinização, como elucidam os teólogos pluralistas, seria impossível no contexto do judaísmo monoteísta. Apenas o ambiente pagão sincretista (como o dos gregos e o dos romanos) pode explicar essa deificação de Jesus, uma vez que a ideia de um Deus encarnado era uma ofensa para o pensamento judaico, mas era uma ideia comum no pensamento greco-romano e em muitas outras culturas.

O cristianismo, ao ser apoiado pelo imperador Constantino, sofreu grande influência de outras tradições religiosas mais antigas, sobretudo do culto ao **Sol Invictus** (O SOL INVENCÍVEL), divindade adorada pelos romanos, e do culto a **Mitra**, divindade indo-iraniana (também cultuada em Roma). Por isso, grande foi o sincretismo religioso que ocorreu entre o cristianismo e essas religiões pagãs, particularmente o **endeusamento** de Jesus, transformado em dogma de fé, por Constantino, no ano 325 de nossa era, no 1º Concílio Ecumênico, realizado em Niceia, para que houvesse maior semelhança entre o cristianismo e as outras religiões que adoravam uma divindade.

63 - POR QUE SE DIZ QUE LUTERO É A REENCARNAÇÃO DE PAULO?

Porque, como foi dito na resposta da Pergunta nº 61,

o personagem histórico que mais semelhança apresenta com Paulo é Lutero. Em um ou em outro existe a mesma violência na linguagem, a mesma paixão, a mesma energia, a mesma nobre independência, o mesmo agarrar-se, frenético, a uma tese considerada como a verdade absoluta (RENAN, 2004, p. 382) (Negrito meu).

A doutrina de Lutero é, de fato, idêntica à de Paulo. Ambos desprezam muito a razão, guiando-se exclusivamente pela “fé cega” (a que não admite interferência da razão). Como foi dito na resposta da Pergunta nº 22, para Lutero,

a razão é o maior inimigo que a fé possui; ela nunca aparece para contribuir com as coisas espirituais, mas com frequência entra em confronto com a Palavra divina, tratando com desdém tudo o que emana de Deus. Quem quiser ser cristão deve arrancar os olhos da razão. A razão deve ser destruída em todos os cristãos” (apud DAWKINS, op. cit., p. 251) (negrito meu).

Assim, tanto para Paulo como para Lutero, a fé está acima da razão e das obras de caridade. Especialmente para Lutero, a salvação é obtida somente pela fé (*sola fides*), em contraposição à doutrina autêntica de Jesus e de Tiago da salvação pelas obras

de caridade. Nas palavras do apóstolo Tiago, **“a fé sem obras é morta”** (Tiago 2,26) (negrito meu).

Devemos, realmente, defender, com o apóstolo Tiago (e o Jesus histórico), a tese de que **“a fé sem obras é morta”** (Tiago 2,26). Por outro lado, **as obras (de amor) sem a fé têm imenso valor**. Sei que **Lutero** (visto corretamente por alguns médiuns espíritas como **a reencarnação de Paulo**), para defender sua tese da **justificação somente pela fé** (*sola fides*), chegou mesmo a rejeitar a Epístola do apóstolo Tiago – radicalmente oposta à sua tese – considerando-a como anticristã ou pseudocristã, mas a verdade acerca desse tema polêmico está mesmo com Tiago, ao afirmar que **“se alguém disser que tem fé, mas não tem obras, que lhe aproveitará isso? Acaso a fé poderá salvá-lo”** (Tiago 2,14)? Em suma, **a fé com obras (de caridade) tem grande valor, mas a fé sem obras não “salva” (não liberta) ninguém**.

Em termos mais claros ainda, o que é indispensável para obter-se a **“salvação”,** ou melhor, a **“libertação”,** ou **“evolução espiritual”,** são **as obras de amor, de caridade, de justiça e de perdão,** como Jesus expressou sobretudo no *Sermão da Montanha* (Matheus 5-7). É, no feliz dizer do escritor espírita (e ex-pastor evangélico) Jayme Andrade,

encher o coração de amor e sair repartindo com o próximo, sem excetuar nem mesmo os que nos façam mal, é perdoar e esquecer as ofensas, é fazer aos outros aquilo que gostaríamos que nos fizessem, é socorrer os pobres em suas necessidades, enfim, é usar de misericórdia com todos (ANDRADE, 1995, p. 90).

A **“verdadeira religião”,** repito, não consiste essencialmente em **“crenças”,** mas na **“vivência do amor”:**

A religião pura e sem mácula diante de Deus, nosso Pai, consiste nisto: em assistir os órfãos e as viúvas em suas tribulações e em guardar-se livre da corrupção do mundo (Tiago 1, 27).

Esta, não me cansarei de repetir, é **a religião,** a verdadeira religião universal. Quem a praticar estará **“salvo”**. Essa verdadeira religião não necessita de rótulo, não precisa de nome, mas da

vivência do amor em favor do próximo, sobretudo do próximo excluído e abandonado (personificado na passagem bíblica acima por “órfãos e viúvas”).

64 - QUAL O LIVRO MAIS NEGLIGENCIADO DO NOVO TESTAMENTO?

O livro mais negligenciado do Novo Testamento é, sem dúvida alguma, a **carta de Tiago**. O escritor James D. Tabor nos esclarece essa verdade histórica (rejeitada pelos cristãos paulinistas) nos seguintes termos:

O documento mais negligenciado de todo o Novo Testamento é a carta escrita por Tiago. Tornou-se tão marginalizada, que muitos cristãos nem se dão conta de sua existência. E, no entanto, faz parte de qualquer Bíblia cristã, agora encontrada como o vigésimo livro do Novo Testamento, bem no final da coleção. Foi quase inteiramente deixada de fora. Quando os cristãos começaram a canonizar o Novo Testamento, no século IV – isto é, a determinar autoritariamente os livros que seriam e os que não seriam incluídos – o *status* da carta de Tiago foi questionado. E não foi incluído no Fragmento Muratório, nossa lista mais antiga dos livros do Novo Testamento aceitos como Escritura em Roma, ao final do século II. Orígenes e Eusébio, estudiosos cristãos do século III, o listaram entre os livros controversos. Mesmo Jerônimo e Agostinho, os grandes estudiosos cristãos ocidentais, só aceitaram a carta com relutância. Felizmente, acabou sendo incluída no cânone da Sagrada Escritura do Novo Testamento (TABOR, p. 288).

65 - POR QUE A CARTA DE TIAGO NÃO FOI BEM ACEITA?

As principais razões pelas quais houve muita relutância por parte de vários cristãos paulinistas em aceitar a carta de Tiago como parte do Novo Testamento nos são dadas por James D. Tabor, nos seguintes termos:

Houve duas razões importantes para que alguns cristãos posteriores questionassem a carta de Tiago. A primeira diz respeito ao que Tiago falou ou não falou sobre seu irmão

Jesus. [...] Além disso, a carta não fazia qualquer menção à concepção que Paulo tinha de Jesus como o divino Filho de Deus, sua morte redentora na cruz ou sua glorificada ressurreição. Como é que um documento do Novo Testamento a que faltassem esses ensinamentos poderia ser realmente considerado “cristão”? O segundo fator a fazer com que a carta merecesse a desaprovação de alguns foi que Tiago questionou o ensinamento de Paulo de “salvação pela fé” sem cumprir as prescrições da Lei, enquanto sustentava firmemente a natureza positiva da Torá, assim como sua permanente validade: “De que serve, meus irmãos, um homem dizer que tem fé, mas não tem obras? Pode sua fé salvá-lo?... Então, a fé, por si só, se não vem acompanhada de obras, está morta” (Tiago 2,14,17) (TABOR, p. 288)

66 - QUAL A RELAÇÃO DA CARTA DE TIAGO COM OS ENSINAMENTOS DE JESUS?

Os ensinamentos ético-morais da Carta de Tiago são idênticos aos de Jesus, conforme expressa o escritor James D. Tabor, na seguinte citação:

O mais impressionante nessa carta de Tiago é que o conteúdo ético de seus ensinamentos é diretamente paralelo aos de Jesus, chegados a nosso conhecimento pela fonte Q [do alemão *Quelle* = fonte]. A fonte Q é a mais antiga coleção dos ensinamentos e ditos de Jesus que os estudiosos datam como sendo das proximidades do ano 50 d.C. Como já visto, não sobreviveu como documento intacto, mas tanto Mateus quanto Lucas o empregam extensivamente. [...] Podemos chegar a uma construção razoável desse perdido “evangelho de Q”. Ele consiste em cerca de 235 versículos, que são, em sua maioria, mas não totalmente, os “ditos” de Jesus. A fonte Q nos leva de volta aos ensinamentos originais de Jesus, sem muito do arcabouço teológico acrescentado posteriormente pelos evangelhos. **Talvez a mais impressionante característica da fonte Q, em termos de reconstrução das origens cristãs, seja o fato de não incluir coisa alguma da teologia de Paulo,**

especialmente sua cristologia ou concepção de Cristo. As partes mais familiares de Q para a maioria dos leitores da Bíblia estão no Sermão da Montanha (Mateus 5-7) e no Sermão da Planície de Lucas (Lucas 6). **O surpreendente é que a carta de Tiago, curta como é, contenha nada menos do que trinta referências, repetições e alusões diretas aos ensinamentos de Jesus encontrados na fonte Q!** (TABOR, p. 289-290) (negrito meu)

Em suma, a doutrina de Tiago (da **salvação pelas obras de amor-caridade**), e não a de Paulo e Lutero (da **salvação pela fé**), é a mensagem central de Jesus.

67 - PAULO FOI “O HOMEM QUE INVENTOU CRISTO”?

Com certeza. “O homem que inventou Cristo” é o título de um artigo polêmico, escrito pelo jornalista Yuri Vasconcelos, publicado na Revista SUPER Interessante, edição 195, dezembro de 2003 (disponível atualmente na Internet). Em minhas obras ecumênicas, faço muitas referências a este artigo, porque ele é bastante convincente, para mim, sobre a crucial distinção que já vem sendo feita, há muitos anos, por muitos historiadores e teólogos, entre os verdadeiros ensinamentos de Jesus (do Jesus histórico) e a doutrina exclusivista e mítica de Paulo de Tarso, “**paulinismo**”. Os defensores desta distinção afirmam, como já sabemos, que o cristianismo que sobreviveu ao longo de dois mil anos não tem sua origem em Jesus de Nazaré, mas em Paulo de Tarso. Por isso, vou citar, a seguir, várias passagens desse elucidativo artigo de Yuri Vasconcelos (todos os negritos são meus):

O mundo cristão não seria o mesmo sem a mensagem que São Paulo transmitiu ao Império Romano. Para conquistar fiéis, ele fez concessões que desagradaram aos discípulos de Jesus – e ainda despertam acirradas discussões entre pensadores e religiosos. **Afinal, Paulo espalhou ou deturpou a palavra de Cristo? [...]**

... a conversão de Paulo mudou para sempre os rumos da religião cristã. Para muitos teólogos, Paulo foi um personagem fundamental nos primeiros anos do

cristianismo. Seu trabalho de evangelização foi, em grande parte, responsável pelo caráter universal da doutrina cristã, **e sua mensagem, expressa em cartas enviadas às comunidades que fundava, ainda hoje é considerada o alicerce da jurisprudência, da moral e da filosofia modernas do Ocidente.** Enquanto a maioria dos apóstolos que conviveram com Jesus restringiram sua pregação à Palestina, Paulo levou a palavra de Cristo para lugares distantes, como a Grécia e Roma.

Sua importância na construção da Igreja primitiva é tão grande que muitos estudiosos atribuem a ele o título de pai do cristianismo.

“Paulo desempenhou um papel maior na evangelização dos primeiros cristãos”, diz o biblista Jerome Murphy-O’Connor, professor da Escola Bíblica e Arqueológica de Jerusalém e um dos maiores estudiosos do santo. O historiador André Chevitarese, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), especialista em cristianismo e judaísmo antigos, concorda: **“O cristianismo, tal como existe hoje, deve muito a Paulo. Se não fosse o apóstolo, ele provavelmente não teria passado de mais uma seita judaica”.** [...]

A influência de Paulo é indiscutível. Mas, para uma corrente de historiadores e teólogos, ele deturpou os ensinamentos de Jesus Cristo – a ponto de a mensagem cristã que sobreviveu ao longo dos séculos ter origem não em Cristo, mas em Paulo. Esses pensadores julgam ser mais correto dizer que o que existe hoje é um “paulinismo”, não um cristianismo. “As cartas de São Paulo são uma fraude nos ensinamentos de Cristo. São comentários pessoais à parte da experiência pessoal de Cristo”, afirmou o líder pacifista indiano Mahatma Ghandi, em 1928. Opinião semelhante tem o prêmio Nobel da Paz de 1952, o alemão Albert Schweitzer, que declarou: “Paulo nos mostra com que completa indiferença a vida terrena de Jesus foi tomada”.

As principais críticas da corrente antipaulina concentram-se em pontos polêmicos das cartas do apóstolo. Nelas, entre outras coisas, Paulo defende a obediência dos

crístãos ao opressivo Império Romano, bem como o pagamento de impostos, faz apologia da escravidão, legítima a submissão feminina e **esboça uma doutrina da salvação distinta daquela que, segundo teólogos antipaulinos, teria sido defendida por Jesus. “A mentira que foi Paulo tem durado tanto tempo à base da violência.** Sua conversão foi uma farsa”, afirma Fernando Travi, fundador e líder da Igreja Essênica Brasileira. Os essênios eram uma das correntes do judaísmo há 2 mil anos, convertidos na primeira hora ao cristianismo. **“Ele criou uma religião híbrida. A prova disso é o mundo que nos cerca. Um mundo cheio de guerra, de sofrimentos e de desespero.”**

Paulo: Judeu, grego e romano

Para entender melhor o papel de São Paulo na origem e construção do cristianismo é preciso voltar no tempo e acompanhar de perto sua vida. **O principal relato sobre ele está presente nos Atos dos Apóstolos, livro escrito pelo evangelista Lucas, que foi também dos maiores discípulos de Paulo. Seus relatos, no entanto, não são considerados um retrato fiel dos acontecimentos.** “Os Atos devem ter sido escritos cerca de 15 a 20 anos após a morte de Paulo, quando ele já poderia estar caindo no esquecimento. **Lucas, então, expressa uma visão romanceada do apóstolo, transformando-o em um herói ou, mais do que isso, em um modelo de discípulo**”, afirma José Bortolini, padre da Congregação Pia Sociedade de São Paulo, mestre em exegese bíblica e autor do livro Introdução a Paulo e suas Cartas. Outra fonte de informação sobre o apóstolo são as cartas (ou epístolas) escritas por ele para as comunidades cristãs que tinha fundado.

Com base nessas duas fontes, sabemos que Paulo era um judeu detentor de cidadania romana, criado em um ambiente culturalmente grego.

Ele nasceu em Tarso, na Ásia Menor, onde atualmente está a Turquia. Era uma cidade grande, com mais de 200 mil habitantes, por onde passava uma estrada que ligava a Europa à Ásia. **Situada na província romana da Cilícia, a Tarso de então era predominantemente grega – um**

dos mais efervescentes centros de cultura do mundo helênico, chegando a rivalizar com Atenas. Mas também era cosmopolita. Abrigava um porto fluvial movimentado e se impunha como um importante polo comercial. Suas ruas estreitas viviam apinhadas de gente e suas casas abrigavam povos de várias regiões: egípcios, bretões, gauleses, núbios e sírios – além dos judeus (como a família de Paulo), que na época já haviam se assentado em várias cidades do império.

A cidadania romana, citada nos escritos de Lucas, é um ponto controverso da biografia de Paulo. Tê-la garantia alguns privilégios, como o direito de participar das assembleias que decidiam questões sobre a vida e a organização da cidade e a isenção do pagamento de alguns impostos. Os cidadãos romanos também não podiam ser crucificados, caso fossem condenados à morte. Segundo Lucas, Paulo herdara a cidadania do pai ou do avô, que a teriam obtido por mérito ou comprado por uma volumosa quantia. Mas o apóstolo nunca se declarou romano em suas cartas. Para o biblista Murphy-O'Connor, o silêncio é compreensível: “Não havia razão para Paulo mencionar sua posição social em cartas a comunidades que ele desejava convencer de que ‘nossa pátria está nos céus’ “, escreve o teólogo no livro *Paulo: Biografia Crítica*. Cidadão romano ou não, Paulo provavelmente fazia parte de uma elite – seu pai, especulasse, era dono de uma oficina onde se fabricavam tendas. Ele mesmo, aliás, dominava esse ofício.

O ano exato do nascimento de Paulo, bem como a data dos principais acontecimentos de sua vida, são, ainda hoje, motivo de controvérsia. Muitos historiadores supõem que ele tenha nascido por volta do ano 5 da era cristã. Era, portanto, alguns anos mais novo do que Jesus – cujo nascimento, segundo descobertas históricas recentes, é datado entre 6 e 4 a.C. Paulo foi educado na casa de seus pais, na sinagoga e na escola ligada a ela. Aos 15 anos, deixou Tarso e mudou-se para Jerusalém, onde se matriculou na escola de Gamaliel, um dos sábios mais respeitados do mundo judaico. Paulo teve uma formação acadêmica de primeira – nos parâmetros atuais, algo equivalente a um doutorado em Harvard. [...]

Cristianismo ou paulinismo?

As 13 cartas escritas por São Paulo sintetizam o pensamento do apóstolo, que viria a moldar a doutrina cristã. Elas foram redigidas entre os anos 50 e 60 e são os mais antigos documentos da história do cristianismo – os quatro evangelhos canônicos de Mateus, Marcos, Lucas e João ficaram prontos apenas entre os anos 70 e 100. **A influência do apóstolo na consolidação da doutrina cristã pode ser medida pelo fato de suas epístolas representarem quase metade dos 27 livros do Novo Testamento.** [...] “Elas são resultado de experiências vivenciadas pelas comunidades paulinas”, afirma o André Chevitarese. Uma corrente de biblistas defende que nem todas foram de fato escritas por Paulo – algumas teriam sido redigidas por seus discípulos após a morte do apóstolo. “Elas são muito diferentes em estilo literário e conteúdo”, afirma Pedro Vasconcellos, da PUC. [...]

Se são uma rica fonte de difusão da doutrina cristã, esses documentos são também a principal causa de controvérsia sobre o apóstolo. Na opinião de Fernando Travi, líder da Igreja Essênia Brasileira, a descoberta, no século passado, de escrituras datadas dos primeiros anos do cristianismo, como os Manuscritos do Mar Morto, o Evangelho dos 12 Santos (ou da Vida Perfeita) e o Evangelho Essênio da Paz, indica que **boa parte do conteúdo das cartas de Paulo está em oposição aos ensinamentos de Jesus [...].** “Existem sérios indícios de que, como num plano de sabotagem, Paulo divulgou uma doutrina falsificada em nome do messias”, diz ele. Opinião parecida tem o pastor batista americano Edgar Jones, autor do livro Paulo: O Estranho. “Jesus de Nazaré deve ser cuidadosamente diferenciado do Jesus de Paulo. Gerações e séculos passaram até que a corrente paulina com seu forte apelo em favor do Império Romano ganhasse ascendência sobre a corrente apostólica”, diz o teólogo.

O fato é que, até o século 4, o cristianismo dividia-se em duas correntes distintas, uma liderada pelos discípulos de Paulo e outra pelos seguidores dos apóstolos de Cristo. Quando o cristianismo tornou-se a religião oficial do Império Romano, a corrente paulina saiu-se vitoriosa.

“As ideias de Paulo, afáveis aos dominadores, foram definitivamente incorporadas à doutrina cristã”, diz Fernando.

Para os críticos de Paulo, um exemplo dessa “afabilidade” está presente na Epístola aos Romanos. **“Cada um se submeta às autoridades constituídas, pois não há autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram estabelecidas por Deus. Aquele que se revolta contra a autoridade opõe-se à ordem estabelecida por Deus”, escreve Paulo. E continua: “É também por isso que pagais impostos, pois os que governam são servidores de Deus”. “Essa passagem revela que ele estava a serviço das autoridades romanas. Jesus, por sua vez, se insurgia contra as leis de Estado”, afirma Fernando. [...]**

Outro petardo disparado pelos críticos diz respeito à doutrina da salvação defendida por Paulo. Paulo diz que os pecados são perdoados se a pessoa acreditar que Jesus morreu na cruz por ela. **É a doutrina da salvação em que o herói derrama seu sangue e todos são perdoados por causa dele. [...]**

Sem Paulo, considerado por muitos o pai do cristianismo, a história da humanidade teria tomado outro rumo. A Idade Média, marcada pela força da Igreja Católica, ocorreria de outra forma e o mundo em que vivemos seria totalmente diferente. Nada seria como é.

68 - ONDE SE ENCONTRA NA BÍBLIA A SÍNTESE DOS ENSINAMENTOS AUTÊNTICOS DE JESUS?

A síntese dos ensinamentos autênticos de Jesus se encontra no chamado **Sermão da Montanha** (Mateus 5-7), que é, sem dúvida alguma, a alma do Evangelho e o cerne da doutrina pluralista e racional de Jesus, em oposição à doutrina exclusivista e mítica de Paulo de Tarso.

Para entender bem esta verdade, nada melhor do que a leitura da obra do ex-padre católico Huberto Rohden, *O Sermão da Montanha* (ROHDEN, 2007).

O *Sermão da Montanha* é, de fato, o núcleo da doutrina autêntica do Jesus histórico, doutrina pluralista, racional, sem dogmas míticos e exclusivistas, indispensável à libertação do ser humano. “Se se perdessem todos os livros sacros da humanidade, e só se salvasse *O Sermão da Montanha*, nada estaria perdido” (Mahatma Gandhi, citado por Rohden, na referida obra, p. 12).

Se os cristãos não mais confundissem seus dogmas ou mitos exclusivistas e divisionistas com os verdadeiros ensinamentos de Jesus, resumidos no Sermão da Montanha, não mais haveria tantas divisões e brigas entre eles, como vem ocorrendo há dois mil anos. Essa verdade é muito bem expressa por Huberto Rohden, nos seguintes termos:

Há séculos que as igrejas cristãs do Ocidente se acham divididas em partidos, e, não raro, se digladiam ferozmente – por causa de quê? Por causa de determinados dogmas que elas identificam com a doutrina de Jesus – infalibilidade pontifícia, batismo, confissão, eucaristia, pecado original, redenção pelo sangue de Jesus, unicidade e infalibilidade da Bíblia etc. No entanto, seria possível evitar todas essas polêmicas e controvérsias – bastaria que todos os setores do Cristianismo fizessem do Sermão da Montanha o seu credo único e universal. Essa mensagem suprema do Cristo não contém uma só palavra de colorido dogmático-teológico – o Sermão da Montanha é integralmente espiritual, cósmico, ou melhor, “místico-ético”; não é uma teoria em que o homem deva “crer”, mas uma realidade que ele deve “ser”. [...] Quem é proclamado “bem-aventurado” feliz? Quem é chamado “filho de Deus”? Quem é que “verá a Deus”? De quem é o “reino dos céus”? Será de algum crente no dogma A, B ou C? Será o adepto da teologia desta ou daquela igreja ou seita? Será o partidário de um determinado credo eclesiástico? Nem vestígio disso! (ROHDEN, op. cit., p. 15).

69 - QUEM SÃO OS BEM-AVENTURADOS NO SERMÃO DA MONTANHA?

Os homens bem-aventurados, os cidadãos do reino dos céus, são os “pobres pelo espírito”, são os “puros de coração”, são os “mansos”, os que “sofrem perseguição

por causa da justiça”, são os “pacificadores”, são os “misericordiosos” e “os que choram”, são os que “amam aos que os odeiam” e “fazem bem aos que lhes fazem mal” (ROHDEN, op. cit., p. 16).

70 - O QUE ACONTECERÁ QUANDO A CRISTANDADE RESOLVER PROCLAMAR O SERMÃO DA MONTANHA COMO CREDO ÚNICO E UNIVERSAL?

No dia e na hora em que a cristandade resolver aposentar as suas teologias humanas e proclamar a divina sabedoria do Sermão da Montanha como credo único e universal, acabarão todas as dissensões, guerras de religião e excomunhões de hereges e dissidentes. Isso, naturalmente, supõe que esse documento máximo de espiritualidade, como Mahatma Gandhi o chama, seja experiencialmente vivido, e não apenas intelectualmente analisado. [...]

Se todos os livros religiosos da humanidade perecessem e só se salvasse o Sermão da Montanha, nada estaria perdido. Nele se encontram o Oriente e o Ocidente, o Brahmanismo e o Cristianismo e a alma de todas as grandes religiões da humanidade, porque é a síntese da mística e da ética, que ultrapassa todas as filosofias e teologias meramente humanas. O que o Nazareno disse, nessa mensagem suprema de seu Evangelho, representa o patrimônio universal das religiões [...]. Se o Evangelho é o coração da Bíblia, o Sermão da Montanha é a alma do Evangelho (ROHDEN, op. cit., p. 16).

71 - QUAL É A SÍNTESE DO CÓDIGO DE MORAL (OU DE ÉTICA) UNIVERSAL ENSINADO POR JESUS NO SERMÃO DA MONTANHA?

- 1. A humildade e o desapego:** “Bem-aventurados os pobres em espírito!” (Mateus 5,3), ou seja, felizes os humildes e desapegados dos bens materiais.
- 2. A pureza da alma ou espírito:** “Bem-aventurados os puros de coração” (Mateus 5,8).

3. **A mansidão:** “Bem-aventurados os mansos...” (Mateus 5,4).
4. **A caridade:** “Bem-aventurados os misericordiosos” (Mateus 5,7).
5. **A justiça:** “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça” (Mateus 5,6).
6. **A paz:** “Bem-aventurados os que promovem a paz” (Mateus 5,9).
7. **O sofrimento:** “Bem-aventurados os aflitos” (Mateus 5,5). “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça” (Mateus 5,10).
8. **Amor aos inimigos:** “Amai os vossos inimigos” (Mateus 5,44).
9. **Oração pelos perseguidores:** “Orai pelos que vos perseguem” (Mateus 5,44).
10. **Reconciliação e perdão:** “Se estiveres para trazer a tua oferta ao altar e ali te lembrares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta ali diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; e depois virás apresentar a tua oferta” (Mateus 5,23-24).

Reafirmo que o *Sermão da Montanha* (Mateus 5-7) contém, de fato, as principais virtudes do código pluralista de moral (ou de ética) universal ensinado e vivido por Jesus (e por muitos outros líderes religiosos do mundo). Em nenhum versículo do Sermão da Montanha, Jesus prega a doutrina paulinista da salvação pela fé, mas a doutrina essencialmente moral e ética, segundo a qual os pobres em espírito, os humildes, os desapegados, os mansos, os caridosos, os justos, os que promovem a paz, os que sofrem por amor à justiça, os que amam o próximo (inclusive os que amam os inimigos), os que oram pelo próximo (inclusive os que oram pelos seus perseguidores) e os que procuram reconciliar-se com seus inimigos e perdoar-lhes as ofensas, esses todos é que estão disponíveis para o Reino dos Céus.

Eis aí, portanto, o resumo central do *Sermão da Montanha*, o coração do verdadeiro cristianismo que há de durar eternamente, em oposição ao cristianismo dogmático, fundado por Paulo de Tarso (“Paulinismo”), o qual vem sofrendo em todo o mundo um

alarmante declínio ou colapso, nas últimas quatro ou cinco décadas, principalmente na velha Europa – sede do catolicismo – pelo fato de os cristãos dogmáticos preferirem encobrir seus erros doutrinários, em vez de discuti-los abertamente através do diálogo ecumênico e inter-religioso.

72 - A BÍBLIA INTEIRA É A “PALAVRA DE DEUS”?

De modo algum. A Bíblia judaico-cristã contém muitíssimos ensinamentos úteis, mas nem tudo o que nela se encontra é “Palavra de Deus”, pois ela, se interpretada literalmente (em “chave histórica”), contém muitas passagens errôneas e contraditórias. Um dos maiores erros da grande maioria dos cristãos, principalmente dos fundamentalistas, é defender, a ferro e fogo, que a Bíblia inteira é a “Palavra de Deus”, divinamente inspirada, dela nada podendo ser retirado, nem acrescentado, nem sequer uma vírgula. Argumento e comprovo em meus livros ecumênicos que essa crença é falsa, pois a Bíblia judaico-cristã, literalmente interpretada, contém, de fato, muitos erros, contradições e incoerências. Além disso, ela sofreu, ao longo da História, inúmeras alterações, mudanças intencionais, supressões, acréscimos e enxertias, particularmente nos Evangelhos, como comprovaremos adiante neste *Catecismo Ecumênico*.

No dizer do teólogo Tom Harpur, “a Bíblia não é um documento concernente à história, mas uma vasta coleção de mitos e metáforas sublimes” (HARPUR, 2008, p. 15).

73 - QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS GRUPOS RIVAIS DE CRISTÃOS NO MODO DE INTERPRETAR A BÍBLIA?

A partir do surgimento do protestantismo liberal, pelo menos três grupos dissidentes de cristãos, fundamentados, respectivamente, nas três modalidades de fé (**fé raciocinada**, **fé cega racionalizada** e **fé cega pura**) definidas anteriormente neste *Catecismo Ecumênico*, passaram a coexistir e a digladiar-se pelo monopólio da interpretação da Bíblia, particularmente dos evangelhos:

1. O grupo dos **protestantes liberais**, que, há mais de 200 anos (desde o surgimento do protestantismo liberal no final do século XVIII até o presente), se interessa cientificamente pelo estudo crítico da Bíblia, particularmente pela busca do Jesus histórico (**o Jesus que é só homem**). Para atingir tal objetivo, esse grupo, a partir dos próprios relatos evangélicos, procura separar a parte autenticamente histórica, referente ao Jesus histórico, dos aspectos fictícios (dogmáticos ou míticos), relacionados ao Cristo da fé (**o Jesus que é Deus e homem**). Esse grupo é pluralista, aberto ao diálogo e fundamentado na chamada “fé racionalista” (muito semelhante à “fé raciocinada” kardeciana).
2. O grupo da chamada **neo-ortodoxia protestante**, liderado por Karl Barth (1886-1968), teólogo protestante suíço, e Rudolf Bultmann (1884-1976), teólogo protestante alemão. Esse grupo, diferentemente do primeiro, tenta suprimir qualquer interesse real pelo Jesus histórico, justificando (mediante uma espécie de “fé cega racionalizada”) que a busca do Jesus histórico não é condição para assegurar a fé dos cristãos, uma vez que não é o Jesus histórico o objeto do querigma (ou seja do *anúncio*), mas o Cristo ressuscitado. Logo, basta o testemunho de fé da Igreja nascente em Cristo ressuscitado. Bultmann, o maior líder do grupo, sempre defendeu a ideia de que os evangelhos, se interpretados literalmente, nada mais são que uma coleção de mitos. Por isso, alega, basta “confiar” (ter “fé-confiança”) no testemunho de fé da Igreja nascente no “Cristo ressuscitado” (cf. ELIADE, 2006, p. 142; BULTMANN, 2004).
3. Em forte reação aos dois grupos anteriores, surgiu um terceiro grupo, o dos chamados **cristãos fundamentalistas**, que dá continuidade, de maneira muito mais radical, à velha postura tradicional, anterior ao último quartel do século XVIII, de interpretar todos os textos bíblicos em “chave histórica”, ou seja, de interpretar a Bíblia de maneira literal e exclusivista, como “Palavra de Deus”, inquestionável, isenta de qualquer erro. Esse grupo obviamente guia-se por uma “fé totalmente

cega” e, muitas vezes, até fanática, sendo, portanto, radicalmente exclusivista e fechado a qualquer tipo de diálogo ecumênico ou inter-religioso.

Nas palavras do teólogo católico Leonardo Boff,

a tese dos fundamentalistas no âmbito religioso é afirmar que a Bíblia constitui o fundamento básico da fé cristã e deve ser tomada ao pé da letra (o fundamento de tudo para a fé protestante é a Bíblia). Cada palavra, cada sílaba e cada vírgula, dizem os fundamentalistas, é inspirada por Deus. Como Deus não pode errar, então tudo na Bíblia é verdadeiro e sem qualquer erro. Como Deus é imutável, sua Palavra e suas sentenças também o são. Valem para sempre (BOFF, 2002, p. 13).

74 - OS AUTORES DA BÍBLIA SÃO “PLURALISTAS” OU “EXCLUSIVISTAS”?

Eles são altamente “exclusivistas”, uma vez que postulam a ideia de que a Bíblia judaico-cristã é a única revelação dada por Deus aos homens, que Israel é o único “povo santo” escolhido por Deus para intermediar a salvação entre Deus e os homens, que o Deus de Israel é o único Deus verdadeiro: “Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único” (Deuteronômio 6,4); que Jesus é o único salvador, “pois não há sob o céu outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos” (Atos 4, 12), o único caminho e a única verdade, que com ele se encerrou definitivamente toda a Revelação divina, que a religião supostamente fundada por ele é a única religião verdadeira e que a igreja também supostamente fundada por ele é a única igreja verdadeira etc.

75 - O DEUS DO ANTIGO TESTAMENTO É UM “DEUS DE AMOR”?

Interpretado literalmente, não. Citarei nesta resposta várias passagens do Antigo Testamento (AT) para comprovar a tese de que o Deus do Antigo Testamento, se interpretado literalmente, como fazem os cristãos fundamentalistas, é um Deus violento, guerreiro, cruel, irascível, vingativo, assassino, exclusivista, racista

e discriminador, o oposto do Deus de Amor do Novo Testamento, pregado pelo Jesus histórico, não, porém, pelo Jesus mítico, pois o 'Deus' pregado pelo cristianismo mítico, como já vimos, está bem distante do 'Deus de Amor' revelado por Jesus no Novo Testamento. Leiamos as seguintes passagens do Antigo Testamento a fim de comprovarmos esta tese:

“Portanto, devorarás todos os povos que lahweh teu Deus te entregar. Que teu olho não tenha piedade deles e nem sirvas seus deuses: isto seria uma armadilha para ti.” (Deuteronômio 7,16)

“Eu , lahweh, teu Deus, sou um Deus ciumento, que vingo a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam...” (Êxodo, 20,5)

“Levanta-te e pisa o grão, filha de Sião, porque farei de ferro os teus chifres e teus cascos farei de bronze, para que esmagues numerosos povos.” (Miqueias 4,13)

“Que a tua mão se eleve contra os teus adversários e que todos os teus inimigos sejam aniquilados!” (Miqueias 5,8)

“Ó devastadora filha de Babel, feliz quem devolver a ti o mal que nos fizeste! Feliz quem agarrar e esmagar teus nenês contra a rocha!” (Salmo 137, 8-9)

“Os ímpios se desviaram desde o seio materno, desde o ventre já falam mentiras; têm veneno como veneno de serpente, são como víbora surda, que tapa os ouvidos para não ouvir a voz dos encantadores, do mais hábil em praticar encantamentos. Ó Deus, quebra-lhes os dentes na boca, arranca as presas dos leõezinhos, ó lahweh! Que se diluam como água escorrendo, murchem como erva pisada, como lesma derretendo ao caminhar, como aborto que não chega a ver o sol!” (Salmo 58, 4-9)

“Quando o povo ouviu o som da trombeta, gritou com força e a muralha ruiu por terra, e o povo subiu à cidade [de Jericó], cada qual no lugar à sua frente, e se apossaram da cidade. Então consagraram como anátema tudo que havia na cidade: homens e mulheres, crianças e velhos, assim como os bois, ovelhas e jumentos, passando-os ao fio da espada.” (Josué 6,20-21)

“lahweh falou a Moisés e disse: “Vinga os filhos de Israel nos madianitas. Em seguida, reunir-te-ás aos teus.” Falou, pois, Moisés ao povo: “Armem-se alguns dentre vós para a guerra de lahweh contra Madiã, a fim de pagar a Madiã o preço da vingança de lahweh.” (Números 31, 1-2)

“lahweh teu Deus a entregará em tua mão, e passarás todos os seus homens ao fio da espada. Quanto às mulheres, crianças, animais e tudo o que houver na cidade, todos os seus despojos, tu os tomarás como presa. E comerás o despojo dos inimigos que lahweh teu Deus te entregou.” (Deuteronômio 20,13-14)

“Todavia, quanto às cidades destas nações que lahweh teu Deus te dará como herança, não deixarás sobreviver nenhum ser vivo.” (Deuteronômio 20,16)

“E todos os despojos dessas cidades, inclusive o gado, os filhos de Israel os tomaram como presa de guerra. Todos os seres humanos, porém, passaram-nos ao fio da espada, até exterminá-los. Não deixaram nelas nenhum sobrevivente.” (Josué 11, 14)

“lahweh havia, pois, decidido endurecer o coração desses povos para que combatessem Israel, para que fossem anátemas, e para que não houvesse para eles remissão, mas fossem extirpados, como lahweh ordenou a Moisés.” (Josué 11,20)

“Quem ferir a outro e causar a sua morte, será morto. Se alguém matar um outro por astúcia, tu o arrancarás até mesmo do meu altar, para que morra. Quem ferir a seu pai ou a sua mãe, será morto. Quem raptar alguém e o vender, ou for achado na sua mão, será morto. Quem amaldiçoar a seu pai ou a sua mãe, será morto.” (Êxodo 21,12-17)

“Quem tiver coito com um animal será morto.” (Êxodo 22,18)

“Ele lhes disse: “Assim fala lahweh, o Deus de Israel: Cingi, cada um de vós, a espada sobre o lado, passai e tornai a passar pelo acampamento, de porta em porta, e matai, cada qual, a seu irmão, a seu amigo, a seu parente.” Os filhos de Levi fizeram segundo a palavra de Moisés, e naquele dia morreram do povo uns três mil homens [a Vulgata fala de “23.000”].” (Êxodo 32,27-28)

“E Iahweh castigou o povo pelo que havia feito com o bezerro fabricado por Aarão.” (Êxodo 32,35)

Essas passagens, interpretadas em chave histórica, confirmam que o Deus do Antigo Testamento, interpretado literalmente, não é um Deus de Amor, mas um Deus de ódio, pois ordena aos judeus que matem todos os seus adversários.

Como os cristãos fundamentalistas interpretam toda a Bíblia, ao pé da letra, como a “Palavra de Deus”, eles devem admitir também todas as barbaridades contidas na Bíblia. E a história do cristianismo mítico, como sabemos, é a mais sangrenta de todas as histórias conhecidas, pois, em nenhum nome se cometeram tantos crimes horrorosos como no nome do Cristo da fé. Em nome desse personagem mítico, os cristãos perseguiram os “hereges”, queimaram bruxas, realizaram autos de fé e fizeram muitas guerras religiosas.

76 - O ANTIGO TESTAMENTO É ISENTO DE ERROS E CONTRADIÇÕES?

De forma alguma. O Antigo Testamento (AT) da Bíblia judaico-cristã, se interpretado ao pé da letra, contém em si mesmo inúmeros erros e contradições, crueldades e parcialidades. Como pode ser a Bíblia inteira a “Palavra de Deus”, se ela contém tantas crueldades, contradições e parcialidades? Citarei a seguir numerosos exemplos de erros e contradições no AT (confira-os em sua Bíblia) que desmentem o mito da Bíblia inteira como “Palavra de Deus.

Se, de um lado, o AT fala, por exemplo, de um Deus que proíbe matar (Êxodo 20, 13), de outro lado, ele declara que esse mesmo Deus, chamado no AT de Javé (ou Jeová), determina a pena de morte, a vingança e a violência, em muitas outras passagens (cf. Êxodo 21,12-17; Êxodo 22,18; Êxodo 32, 27-28; Êxodo 32,5; Êxodo 34, 5-7), chegando mesmo ao ponto de ordenar que os judeus, em terra inimiga, devem matar não somente todos os homens e mulheres, mas até as aves, os peixes e os animais (cf. Deuteronômio 20, 10-14; Deuteronômio 20,16; Êxodo 32,27; Êxodo 32, 28 e 35; Deuteronômio 13, 6/9; Deuteronômio 13, 12/

15). Essas passagens, por conseguinte, por serem contraditórias, não podem ser “Palavras de Deus”, mas “palavras de homens”.

Sabemos que não é Deus quem fala nessas passagens (“Palavra de Deus”), mas é apenas o legislador humano (o autor sagrado – “palavra do homem”) que põe na boca de Deus essas ordens para fazer com que elas adquiram maior autoridade e força perante o povo hebreu. Por conseguinte, não pode ter sido Deus quem inspirou tudo quanto se acha escrito na Bíblia.

Vejamos outro exemplo de contradição no Antigo Testamento: em Ezequiel (18,20) está escrito: “O filho não sofre o castigo da iniquidade do pai, como o pai não sofre o castigo da iniquidade do filho”. Então, como aceitar a doutrina cristã tradicional, segundo a qual a Humanidade inteira está pagando pelos erros de um só homem (Adão) e de uma só mulher (Eva)? Além disso, esta afirmação de Ezequiel está em frontal contradição com esta passagem do Livro do Êxodo (20,5): “Eu Javé, teu Deus, sou um Deus ciumento, que vingo a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam...”

Como conciliar a misericórdia e o amor de Deus com sua suposta “vingança e castigo da falta dos pais nos filhos e netos” (Êxodo 34,7)? Como podem os filhos e netos pagar pela falta dos pais e avós? Isso é justo? Como pode a “Palavra de Deus” proibir matar e logo a seguir mandar passar a fio de espada irmãos, vizinhos e amigos?

As narrativas do Antigo Testamento contêm inúmeras contradições e incoerências. Como explicar, por exemplo, no primeiro capítulo do Gênesis, que a vegetação tenha sido criada no terceiro dia, enquanto o sol, condição para a vida vegetal, é criado apenas no quarto dia? É verdade que os animais no tempo da Bíblia falavam, mas hoje não falam mais? E o ‘dilúvio’ foi mesmo ‘universal’? E a ‘Torre de Babel’ é história ou mito? E ‘as pragas do Egito’ são relatos históricos ou míticos? E a travessia do Mar Vermelho foi do jeito como lemos no livro do Êxodo (ou como vemos no filme “Os Dez Mandamentos”)? É verdade que Josué mandou parar o sol (Josué 10,13)?

77 - O NOVO TESTAMENTO É ISENTO DE ERROS E CONTRADIÇÕES?

De modo algum. Apresentarei nesta resposta vários exemplos de contradições no Novo Testamento (NT), a fim de continuarmos a desmentir o mito cristão da Bíblia inteira como “Palavra de Deus”, pois Deus não pode errar nem contradizer-se:

Como vimos na resposta da Pergunta nº 60, o próprio Paulo contradiz sua doutrina da **salvação pela fé**, em algumas de suas cartas, ao defender a doutrina oposta da **salvação pelas obras**: Salvação pela fé: “**Porque, se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo**” (Romanos 10,9-10) (negrito meu). Salvação pelas obras: “**Deus retribuirá a cada um segundo suas obras**” (Romanos 2,6) (negrito meu). Como entender essa aberta contradição nas cartas de Paulo?

Outra contradição doutrinária em Paulo é que ele, se, por um lado, defende a doutrina exclusivista e mítica da “predestinação”, ou seja, a doutrina segundo a qual Deus escolhe de antemão aqueles que serão salvos (Efésios 1,4), por outro lado, declara que “todo aquele que invoca o nome do Senhor será salvo” (Romanos 10, 13). Como conciliar tal contradição?

Vejam mais uma contradição no NT: Se João Batista batizou Jesus e o reconheceu como o Messias, como é que, mais tarde, manda seus discípulos perguntarem a ele se ele é mesmo o Messias ou se deveria ser esperado outro?

Outra contradição, no NT, indicada pelo escritor espírita Jayme Andrade (cf. ANDRADE, 1995, p. 46): os companheiros de viagem de Paulo que o acompanhavam na estrada de Damasco, por ocasião de sua conversão, “ouviram bem a voz, mas a ninguém viram” (Atos 9, 7) ou “viram a luz, mas não ouviram a voz”? (Atos 22,9). Qual é a versão correta?

Vejam agora uma contradição, baseada na distinção entre “Jesus” e o título “Cristo” (= o “Messias”, o “Ungido”), indicada pelo escritor Bart D. Ehrman (cf. EHRMAN, 2006, p. 170): segundo o Evangelho de Lucas (2,11), Jesus já *nasceu* como o *Cristo*; mas em um de seus discursos em Atos (Atos 10, 37-38), Lucas afirma

que Jesus se tornou o *Cristo* por ocasião de seu batismo; já em outra passagem do mesmo livro (Atos 2, 36), Lucas afirma que Jesus se tornou o *Cristo* somente em sua ressurreição. Como é que todas essas afirmações contraditórias podem ser verdadeiras?

Existe também uma contradição com respeito ao antigo título antropomórfico e mítico de **Deus-Senhor** (comum a muitas religiões antigas), ou seja, à crença de que Jesus é o único “Senhor”. Lucas (2,11) diz que Jesus nasceu como *Senhor* e é chamado de *Senhor* ainda na vida terrena (Lucas 10,1); mas nos Atos dos Apóstolos (2,36), escrito pelo mesmo Lucas, ele se contradiz, pois indica que Jesus se tornou o *Senhor* somente por ocasião de sua ressurreição (cf. EHRMAN, p. 170).

Mais uma contradição no NT: no Evangelho de Lucas, o autor relata aos seus leitores que Maria e José tiveram que viajar para Belém, a fim de participar de um recenseamento ordenado por César Augusto. Um recenseamento parcial ordenado, não por César Augusto, mas por Quirino, Governador da Síria, realmente aconteceu no ano 6 da era cristã. Contudo, conforme afirma Mateus, Jesus nasceu quando Herodes, o Grande, ainda era rei. Acontece que Herodes morreu no ano 4 antes de Cristo, portanto, cerca de uma década antes do recenseamento ordenado por Quirino. Jesus poderia ter nascido ao mesmo tempo no ano 6 da era cristã e no ano 4 antes da mesma era?

Existem também várias contradições nos evangelhos envolvendo numeração: assim, em Mateus, há oito bem-aventuranças, enquanto em Lucas, há apenas quatro. O Pai-Nosso de Mateus contém sete petições, enquanto o de Lucas contém apenas cinco. Segundo Mateus, Jesus curou dois cegos em Jericó, mas, segundo Marcos, Jesus curou apenas um cego em Jericó. Há duas versões diferentes para a história do nascimento de Jesus (a de Mateus e a de Lucas). As quatro narrativas da Paixão se contradizem em vários pontos, não havendo concordância, por exemplo, entre os evangelistas quanto ao número das supostas aparições de Jesus depois de ressuscitado: Mateus narra uma única aparição; Lucas narra duas aparições e João narra três aparições. Marcos (versão original) não narra nenhuma aparição do Ressuscitado: o trecho final de Marcos (16,9-20), com aparições

do Ressuscitado, é um acréscimo, reconhecido hoje por todos os estudiosos críticos dos evangelhos.

78 - A BÍBLIA É ISENTA DE ALTERAÇÕES?

Não. A Bíblia cristã tem sofrido inúmeras alterações em seus textos originais. Em relação ao Novo Testamento, por exemplo, os estudos críticos e históricos dos Evangelhos Canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João) mostram que a Igreja fez muitas alterações (acréscimos, supressões, interpolações, enxertias, acomodações, montagens etc.) aos textos originais (todos desaparecidos), com finalidades puramente apologéticas, isto é, com o objetivo de defender o seu ponto de vista hegemônico.

Todos os estudiosos do Novo Testamento sabem, por exemplo, que o título de “Filho de Deus” atribuído a Jesus no Evangelho de Marcos (1,1) é um acréscimo, pois não consta em textos mais antigos.

Outro conhecido exemplo de acréscimo são os últimos 12 versículos do Evangelho de Marcos (16, 9-20), que também não constam de versões mais antigas do mesmo Evangelho. Esses 12 versículos falam das supostas aparições de Jesus como ressuscitado e de sua suposta ordem aos discípulos, dizendo-lhes: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado” (Marcos 16, 15-16). A verdade histórica, porém, é que Jesus nunca ordenou isso aos seus discípulos.

Um terceiro exemplo de acréscimo a um texto bíblico original diz respeito a todo o último capítulo do Evangelho de João (João 21). Os cristãos convencionais, para se defenderem dos ataques de seus contraditores, afirmam – fazendo uso da “fé cega racionalizada” – que até mesmo os acréscimos fazem parte das Escrituras inspiradas (cf. *A Bíblia de Jerusalém*, Evangelho de Marcos, capítulo 16, nota f).

O escritor espírita Léon Denis nos afirma que “Celso, desde o século II, no *Discurso Verdadeiro*, lançava aos cristãos a acusação de retocarem constantemente os Evangelhos e eliminarem no dia seguinte o que haviam escrito na véspera” (DENIS, 1919, p. 271).

A respeito de outras alterações e modificações nos Evangelhos, vejamos o que diz o escritor Paulo Finotti (citado em ANDRADE, 1995, p. 49-50):

Depois da proclamação da divindade de Cristo, no século IV, e depois da introdução, no sistema eclesiástico, do dogma da Trindade, no século VI, muitas passagens do Novo Testamento foram modificadas, a fim de que exprimissem as novas doutrinas. Em sua obra, “As Bíblias e os Iniciadores Religiosos”, diz Leblois, pastor em Strasburgo: “Vimos na Biblioteca Nacional, na de Santa Genoveva, na do Mosteiro de Saint Gall, manuscritos em que o dogma da Trindade está apenas acrescentado à margem. Mais tarde foi intercalado no texto, onde ainda se encontra” (p. 272).

A doutrina da Trindade foi, de fato, intercalada no Evangelho de Mateus, como nos esclarece, apropriadamente, o escritor judeu Francimar de Oliveira (cf. OLIVEIRA, 1995, p. 13-14), através da interpolação do seguinte versículo (falsamente atribuído a Jesus): “**Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo**” (Mt 28, 19) (negrito meu).

Outra famosa intercalação da doutrina da Trindade no Novo Testamento, conforme explica o escritor Bart D. Ehrman (cf. EHRMAN, p. 91-92), ocorreu quando, na Vulgata latina (tradução da Bíblia para o latim, feita por São Jerônimo, no século IV), foi inserida, na Primeira Carta de João, uma passagem que não se encontra na vasta maioria dos manuscritos gregos do NT, passagem essa que os pesquisadores chamaram de “o parêntese joanino” (1João 5,7-8), “uma passagem que foi, por muito tempo, a predileta entre os teólogos cristãos, dado que é a única passagem na Bíblia inteira que delinea explicitamente a doutrina da Trindade, segundo a qual há três pessoas na divindade, com todas as três constituindo um só Deus. Na Vulgata, a passagem é lida assim: *Há três que conduzem o testemunho nos céus: o Pai, o Verbo e o Espírito e esses três são um*” (apud EHRMAN, p. 91). Por incrível que pareça, essa enxertia bíblica mentirosa, acerca do dogma ou mito da

Trindade cristã, alimentou (e continua alimentando) a “fé cega” da maioria dos cristãos no dogma do Deus Uno e Trino.

O mesmo escritor Bart D. Ehrman (cf. EHRMAN, p. 73-75) argumenta que, além do já referido acréscimo dos últimos doze versículos do Evangelho de Marcos (Marcos 16,9-20), bem como do famoso “parêntese joanino” (1ª João 5,7-8), a famosa narrativa da **mulher flagrada em adultério** (João 8, 1-11), “a mais célebre história sobre Jesus na Bíblia” (ibid., p. 73), não se encontra em cópias mais antigas do Evangelho de João, mas foi acrescentada posteriormente por copistas, teologicamente motivados. Esse mesmo acréscimo é confirmado pelos pesquisadores do Seminário de Jesus (*Jesus Seminar*), no livro *The Acts of Jesus: what did Jesus really do?* (p. 397-399).

79 - A BÍBLIA É ISENTA DE VARIAÇÕES?

De forma alguma. O renomado escritor Bart D. Ehrman fala de **quatrocentas mil variações na Bíblia** (cf. EHRMAN, p. 100). É verdade que todas essas 400 mil variações na Bíblia foram inspiradas por Deus?

Diante de tantas contradições, alterações e modificações que ocorreram nos textos bíblicos, quem honestamente poderá piamente acreditar (como faz a grande maioria dos cristãos) que tudo o que a Bíblia diz é a expressão da verdade, que tudo o que a Bíblia diz é “Palavra de Deus”?

80 - A BÍBLIA FOI TODA INSPIRADA POR DEUS?

Não. É um grande erro a crença mítica da maioria dos cristãos, segundo a qual o Espírito Santo ditou toda e qualquer passagem bíblica (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 5-6).

Se o Espírito Santo ditou todos os textos bíblicos, que são **inerrantes**, ou pelo menos **inspirados**, como justificar, então, as concepções contraditórias acerca da natureza de Jesus encontradas no Novo Testamento (NT)?

Em outros termos, por que existem no NT tantas concepções diferentes a respeito da pessoa de Jesus, se a Bíblia foi toda

divinamente inspirada? O Espírito Santo pode contradizer-se? Exemplificando, por que o 'Jesus' de João é tão diferente do 'Jesus' dos outros evangelistas? Por que o 'Jesus' de uma denominação cristã é bem diferente do 'Jesus' de outra? Por que o 'Jesus' dos católicos, por exemplo, é tão diferente do 'Jesus' dos protestantes? Por que o 'Jesus' dos protestantes liberais e dos teólogos pluralistas é tão diferente do 'Jesus' dos fundamentalistas cristãos? A proliferação interminável de concepções sobre Jesus, por parte daqueles que defendem a infalibilidade da Bíblia, mostra a fraqueza e incoerência da crença cega e mítica na "inspiração" de toda e qualquer passagem bíblica.

81 - O QUE É A CHAMADA "INERRÂNCIA" DA BÍBLIA?

A chamada "inerrância" da Bíblia é a crença errônea da maioria dos cristãos, particularmente dos fundamentalistas, segundo a qual toda a Bíblia judaico-cristã, por ser "Palavra de Deus", é totalmente isenta de qualquer erro, contradição e incoerência. Essa crença, como já vimos, é totalmente falsa, pois a Bíblia judaico-cristã, se interpretada ao pé da letra, em chave histórica, é, como venho exemplificando neste *Catecismo Ecumênico*, eivada de erros, contradições e incoerências.

Indicarei, a seguir, mais erros, contradições e incoerências na Bíblia, tanto no Antigo Testamento, particularmente no livro do Gênesis, como no Novo Testamento, especialmente nos Evangelhos.

A) Mais Erros e Contradições no Antigo Testamento

- 1) Há duas histórias contraditórias da criação do homem no livro do Gênesis: a do capítulo 1 e a do capítulo 2: No capítulo 1, no final das outras obras criadas, Deus cria Adão e Eva juntos, à sua imagem e semelhança, como macho e fêmea, mas, no capítulo 2, Deus cria Adão e Eva separadamente: primeiro, Adão e, depois de ter criado as plantas e os animais, extrai Eva da costela de Adão.
- 2) No capítulo 6 do Gênesis (6,19ss), Noé diz ter recebido de Deus a ordem de colocar na arca um casal de todo tipo de animal, mas, no capítulo 7 (Gênesis 7,2ss), Noé deveria pôr na arca sete casais de animais puros e somente um casal de animais impuros.

- 3) Segundo o versículo 4 do capítulo 7 do Gênesis, o dilúvio universal, o qual é um mito, durou 40 dias, mas, segundo o versículo 24 do mesmo capítulo do Gênesis, “a enchente sobre a terra durou 150 dias”.
- 4) Há duas versões diferentes para o Decálogo (os Dez Mandamentos): a versão do Êxodo 20 e a do Deuteronômio 5.
- 5) Enquanto o Deus Javé ordenou o mandamento “Não matarás”, esse mesmo Deus ordenou a Josué a passar a fio de espada todos os seus inimigos.
- 6) Enquanto, pela interpretação literalista da Bíblia, os quatro primeiros habitantes da Terra foram Adão, Eva, Caim e Abel, e, após a morte de Abel, só restaram vivos como habitantes da Terra três pessoas (Adão, Eva e Caim), o próprio Caim, após ter matado seu irmão Abel, contradiz essa crença errônea, ao fazer a seguinte afirmação (que pressupõe uma terra povoada por outros habitantes): “Qualquer um que me encontrar me matará” (Gênesis 4,14). Além disso, “Caim conheceu sua mulher, que concebeu e deu à luz Henoc” (Gênesis 4,17). Estes versículos bíblicos contradizem, portanto, a crença mítica e falsa de que Adão, Eva, e seus dois filhos (Caim e Abel) foram os quatro primeiros habitantes do planeta Terra. Um forte argumento espírita, a favor da tese de que Adão, Eva, e seus dois filhos (Caim e Abel) não foram os quatro primeiros habitantes do planeta Terra, é-nos fornecido pelo Espírito Galileu Galilei, através do médium João Berbel (no livro *O Sistema de Capela*), ao esclarecer-nos que “nem todos ou mesmo nenhum terráqueo foi criado na Terra. Todos foram para cá transportados, da mesma forma que criaturas de outros planetas estão em visita a nós” (apud BERBEL, 2005, p. 29).

B) Mais Erros e Contradições no Novo Testamento

- 1) O Evangelho de Marcos afirma que o grão de mostarda é “a menor de todas as sementes que há na terra” (Marcos 4,31), o que não é verdade.
- 2) O mesmo Evangelho de Marcos (9,17-28) narra a cura de um menino “possuído por um espírito imundo”; na realidade, o referido menino sofria de *epilepsia*, e não de “possessão demoníaca”. É que na época em que foi escrita a Bíblia, todas

as doenças eram mítica e erroneamente interpretadas como obra do demônio, o qual também não é um personagem real, mas mítico.

- 3) Segundo os Evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas), Jesus expulsou os vendilhões do Templo no final de sua vida pública, mas, segundo o Evangelho de João, Jesus expulsou os vendilhões do Templo no início de sua vida pública.
- 4) De acordo com Mateus e Marcos, Jesus ressuscitado apareceu aos discípulos na Galileia, mas, segundo Lucas e João, Jesus ressuscitado apareceu aos discípulos em Jerusalém.
- 5) No Evangelho de Lucas, a ascensão de Jesus ocorreu no mesmo dia de sua aparição como ressuscitado, mas, nos Atos dos Apóstolos, escrito pelo mesmo Lucas, Jesus subiu ao céu somente quarenta dias depois de sua aparição como ressuscitado.
- 6) A própria expressão “subir ao céu”, como no caso da *ascensão* de Jesus e de outros personagens bíblicos (como Elias e Moisés) é um erro, baseado na visão tripartida do mundo: céu (em cima), inferno/lugar dos mortos (embaixo) e terra (no meio).
- 7) Como já vimos, Mateus 1,23 alterou a famosa profecia de Isaías 7,14, para forçar sua aplicação ao suposto nascimento virginal de Jesus, além do fato de que o texto original hebraico fala de “uma moça, uma jovem, uma donzela” (hebraico “almah”), e não de uma “virgem” (grego “parthénos”).

Inúmeros outros erros, contradições e incoerências poderiam ter sido mencionados, mas creio que os dados apresentados neste *Catecismo Ecumênico* já são mais do que suficientes para caracterizar o erro do cristianismo dogmático de ver a Bíblia inteira como “Palavra de Deus”, pois ela, interpretada literalmente, não é, de fato, infalível, isenta de erros, contradições e incoerências.

No dizer do escritor Eduardo Arens,

A tese fundamentalista de que a Bíblia é absolutamente infalível, e de que tudo foi inspirado (entenda-se “ditado”) por Deus, simplesmente não é defensável. É uma tese errada, contrária aos dados da própria Bíblia (ARENS, 2007, p. 224).

82 - É VERDADE QUE SÓ PODEMOS FALAR SOBRE DEUS METAFORICAMENTE?

Sim. Como já foi esclarecido, o ser humano só pode falar sobre Deus fazendo uso dos recursos limitados que sua linguagem humana lhe oferece: figuras de linguagem, comparações, parábolas, analogias, metáforas, mitos, alegorias, antropomorfismos (do grego *anthropos*, homem, e *morphé*, forma – “em forma de homem”, ou seja, concepções de Deus “em forma de homem”) etc. Como elucida Dan Brown,

todas as religiões descrevem Deus através de metáforas, alegorias e hipérboles, desde os primeiros egípcios até o catecismo moderno. As metáforas são uma forma de ajudar nossa mente a processar o improcessável. **Os problemas surgem quando começamos a tomar nossas metáforas ao pé da letra** (BROWN, 2004, p. 321) (negrito meu).

É isso mesmo. “Os problemas surgem quando começamos a tomar nossas metáforas ao pé da letra”, fazendo confusão entre sentidos figurados e sentidos literais da linguagem humana e, conseqüentemente, fazendo confusão entre mito e realidade histórica.

83 - MAS O QUE É METÁFORA?

Segundo o Dicionário HOUAISS, o termo “metáfora” é a “designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança (por ex., ele tem uma *vontade de ferro*, para designar uma *vontade forte*, como o ferro)”.

Se um rapaz também diz, por exemplo, que “sua namorada é *uma flor*”, não está afirmando que ela é *literalmente* uma flor, mas que ela é linda como uma flor. Ou seja, a frase “minha namorada é *uma flor*” pode ser *metaforicamente* verdadeira, mas é *literalmente* falsa.

Do mesmo modo, quando dizemos que “Deus é Pai”, não estamos querendo afirmar que Ele é física e *literalmente* Pai (o que seria uma afirmação absurda, irracional e falsa), mas que Ele

é como um pai (o que é uma afirmação racional e *metaforicamente* verdadeira).

Em outros termos, afirmar que Deus é metaforicamente Pai (Mãe, Filho, Pessoa, Luz etc.) é, como já foi esclarecido em respostas anteriores deste *Catecismo Ecumênico*, um modo correto de se falar racionalmente sobre Deus, com os recursos limitados de nossa linguagem, mas afirmar que Deus é *literalmente* Pai (Mãe, Filho, Pessoa etc.), ou que Jesus é *literalmente* Filho de Deus, e *literalmente* Deus encarnado, é um modo irracional e mítico de se falar sobre Deus ou sobre Jesus, mesmo admitindo que esse modo mítico, irracional e *literalmente* falso de conceituar verdades religiosas tenha alimentado (e continue alimentando) a fé de bilhões de seres humanos neste planeta.

84 - QUAIS AS METÁFORAS MAIS USADAS PARA FALAR SOBRE DEUS?

Para falar sobre a natureza de Deus, o cristianismo e o judaísmo sempre fizeram uso de muitas metáforas, como (entre outras): *Rei, Pastor, Pedra, Senhor, Luz, Verdade, Sabedoria, Amor*, embora a metáfora básica para conceituar Deus no cristianismo sempre tenha sido **AMOR**: “Deus é Amor” (1João 4,16). Sobre essa metáfora básica do cristianismo, vejamos o que nos informa David Tracy, fazendo uma aplicação da noção de “verdade metafórica” de Paul Ricoeur:

A declaração metafórica “Deus é amor” deve ser entendida no contexto do amplo espectro de metáforas alternativas para “Deus” empregadas no Velho e Novo Testamentos. [...] A declaração “Deus é amor” não diz literalmente o que Deus é, mas *produz* um sentido metafórico para como Deus é. Nesse sentido redescritivo, a declaração define, para os cristãos, o que Deus é (TRACY, 1992, p. 107-108).

85 - QUAL A METÁFORA MAIS USADA PELAS RELIGIÕES PARA REFERIR-SE ÀS SUAS DIVINDADES?

É a metáfora do **Deus-Senhor**. O termo “senhor”, que significa “proprietário”, “dono”, “patrão”, em oposição a “servo”,

“escravo” (“*Eis aqui a escrava do Senhor*”), é, indubitavelmente, a metáfora mais usada pelas religiões para referir-se às suas divindades. O termo “senhor” aparece pelo menos 120 vezes no Novo Testamento da Bíblia cristã (cf, DONINI, p. 111). No judaísmo, Javé é o Senhor; no cristianismo, Jesus Cristo é o Senhor; no hinduísmo, Krishna é o Senhor; no budismo (mahayana), Buda é o Senhor; no islamismo, Alá é o Senhor e assim por diante. Os deuses da Assíria e da Mesopotâmia eram também antropomorficamente conceituados como grandes “senhores”:

Nos monumentos e nas inscrições assírio-babilônicas, os deuses surgem como grandes senhores, proprietários de terras, monarcas, iguais em tudo aos príncipes e aos reis da Mesopotâmia. [...] A concepção antropomórfica da divindade prevaleceu quando a estrutura de classe colocou alguns homens em posição destacada no que se refere às amplas massas empobrecidas e oprimidas. A partir daí o **deus-senhor** encarnou em si todas as características da vida religiosa precedente (DONINI, p. 112) (negrito meu).

Em grego, o nome para “Senhor” é *Kyrios* (*Kyrie eléison*, “Senhor tende piedade”) e em latim, é *Dominus* (“*Dominus vobiscum*”, “O Senhor esteja convosco”), expressões usadas em todas as missas católicas.

Em Roma, por volta do século IV, as duas divindades mais cultuadas com o título de “Senhor” eram: O *deus-Sol* (divindade romana) e o *deus-Cristo* (divindade cristã).

O deus-sol era o *dominus* (“senhor”) por excelência. [...] O dia consagrado às cerimônias da liturgia solar era designado como *dies dominica* (“dia do Senhor”): daí derivou posteriormente a palavra isolada *dominica* [*domingo*]. O imperador Constantino, depois da vitória do cristianismo, iniciou o processo de adaptação que transferirá aos fiéis do “Senhor Jesus” as prerrogativas de um dia inicialmente dedicado ao “Senhor Sol” (DONINI, p. 318).

Em outras palavras, o dia santo semanal dos cristãos (*domingo*) foi copiado dos pagãos, uma vez que, até o século IV, a

cristandade celebrava o dia santo semanal no sábado judeu, mas Constantino mudou isso de modo que a celebração coincidissem com o dia em que os pagãos veneravam o deus-Sol (*dies Solis*; em inglês, **Sun-day** = “dia do Sol”). O termo “domingo” é, portanto, uma derivação de “*dies dominica*”, “dia do Senhor”, isto é, do “Senhor-Sol”, e não do “Senhor Jesus”.

86 - É PRECISO DISTINGUIR, NO NOVO TESTAMENTO, HISTÓRIA RELEMBRADA DE “PROFECIA HISTORICIZADA”?

Sim. O teólogo e ex-padre católico John Dominic Crossan, em sua obra *Quem Matou Jesus? As Raízes do Antissemitismo na História Evangélica da Morte de Jesus* (CROSSAN, 1995), esclarece que é preciso distinguir, no Novo Testamento, **História Relembrada** de **Profecia Historicizada**. Ele esclarece que “História Relembrada” refere-se a fatos, enquanto “Profecia Historicizada” refere-se a narrativas inventadas pelos primeiros cristãos para fazer cumprir determinadas escrituras do Antigo Testamento.

87 - QUAL A PERCENTAGEM DE “HISTÓRIA RELEMBRADA” E DE “PROFECIA HISTORICIZADA” NOS RELATOS DA PAIXÃO-RESSURREIÇÃO DE JESUS?

Segundo Crossan (no referido livro *Quem Matou Jesus?*, p. 16), os relatos da paixão-ressurreição de Jesus são, aproximadamente, 20% “História Relembrada” e 80% “Profecia Historicizada”.

O primeiro exemplo que ele dá de “Profecia Historicizada” é o das **Trevas ao Meio-Dia**, na data da morte de Jesus, narradas em todos os quatro evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João), para fazer-se cumprir a profecia do profeta Amós: “Nesse dia, diz o Senhor Deus, farei o sol desaparecer ao meio-dia, e farei surgirem trevas na terra em plena luz” (Amós 8, 9-10).

Crossan (ibid.) argumenta que a expressão “Trevas ao Meio-Dia”, da profecia de Amós, refere-se à catástrofe terrível pela qual iria passar Israel, quando o seu reino do norte foi devastado pelo brutal militarismo do império assírio. “Autores do século I, como Josefo, Plutarco e Plínio, o Velho, afirmam que o mesmo fenômeno

acompanhou o assassinato de Júlio César, em 15 de março de 44 d.C.” (ibid.).

Esse mesmo autor prossegue em sua argumentação, afirmando que “os cristãos, lendo suas Escrituras, encontraram esta antiga descrição da futura punição divina..., e assim criaram aquela narrativa *ficcional* sobre as trevas ao meio-dia para afirmar que Jesus morreu em cumprimento à profecia” (ibid.).

Mas qual o mal de se interpretar os relatos da paixão-ressurreição de Cristo como “profecia historicizada”?

Segundo John Dominic Crossan,

a resposta envolve as narrativas da Paixão-Ressurreição como matriz para o antijudaísmo cristão e, por fim, para o antissemitismo europeu. [...] E, sem aquele antijudaísmo cristão, o antissemitismo europeu letal e genocida teria sido impossível ou, pelo menos, não teria atingido tamanha proporção. O que estava em jogo nessas narrativas da Paixão-Ressurreição, no longo curso da história, era o holocausto judeu (CROSSAN, 1995, p. 47; 51).

Concordo plenamente com Crossan, ao fazer a fundamental distinção entre *fato histórico* e *parábola religiosa*, bem como a crucial distinção entre *história lembrada* e *profecia historicizada*, alertando-nos para o erro perigoso de se interpretar “parábolas” como “fatos históricos” e “profecias historicizadas” como “histórias lembradas” (ou seja, como fatos históricos reais), como tem feito a grande maioria dos cristãos ao longo de dois mil anos.

88 - AS PASSAGENS DO “SERVO SOFREDOR” (ISAÍAS 53) REFEREM-SE AO SOFRIMENTO DE JESUS?

Não. Elas são mais um exemplo de “profecia historicizada”. Várias passagens de Isaías, particularmente as referentes ao “servo sofredor” (Isaías 53), são normalmente interpretadas pelos escritores cristãos como se referindo ao sofrimento redentor de Jesus por nossos pecados. Isso, porém, não é “história lembrada” (verdade histórica), mas “profecia historicizada” (narrativa inventada). Leiamos, a seguir, algumas passagens do chamado

Segundo Isaías que parecem referir-se ao suposto sofrimento redentor de Jesus:

“Ofereci o dorso aos que me feriam e as faces aos que me arrancavam os fios da barba; não ocultei o rosto às injúrias e aos escarros” (Isaías 50,6). [...]

“E no entanto, eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava” (Isaías 53,4). “Mas ele foi trespassado por causa de nossas transgressões, esmagado em virtude das nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz caiu sobre ele, sim, por suas feridas fomos curados. Todos nós como ovelhas, andávamos errantes, seguindo cada um o seu próprio caminho, mas lahweh fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca, como um cordeiro conduzido ao matadouro” (Isaías 53,5-7). [...] “Deram-lhe sepultura com os ímpios, o seu túmulo está com os ricos” (Isaías 53,9).

Passagens como essas, do “servo sofredor” do chamado Segundo Isaías, marcaram o modo como os cristãos contaram erroneamente suas histórias da paixão de Jesus (veja EHRMAN, 2008, p. 74-77). Mateus, por exemplo, escreveu:

“E cuspiram-lhe no rosto e o esbofetearam. Outros lhe davam bordoadas” (Mateus 26,67); [...] “E cuspiendo nele, tomaram o caniço e batiam-lhe na cabeça. Depois de caçoarem dele, despiram-lhe a capa escarlate e tornaram a vesti-lo com as suas próprias vestes, e levaram-no para o crucificar” (Mateus 27,30-31). [...] “Chegada a tarde, veio um homem rico de Arimateia, chamado José, o qual também se tornara discípulo de Jesus. E dirigindo-se a Pilatos, pediu-lhe o corpo de Jesus. Então Pilatos mandou que lhe fosse entregue. José, tomando o corpo, envolveu num lençol limpo e o pôs em seu túmulo novo, que talhara na rocha” (Mateus 27,57-60).

Não é por acaso que os relatos da crucificação e morte de Jesus sejam tão parecidos com Isaías 53: Mateus, baseado em Marcos, estava pensando no “servo sofredor” de Isaías 53, enquanto escrevia sobre o sofrimento de Jesus, embora saibamos que as

referidas passagens de Isaías 53 não se referem a Jesus, mas a Israel, que tinha sido levado para o exílio de Babilônia, cerca de seis séculos antes do nascimento de Jesus. O próprio Isaías afirma claramente que o “servo” de lahweh é Israel: “Tu és meu servo, Israel” (Isaías 49,3); “E tu, Israel, meu servo” (Isaías 41,8).

A afirmação de Mateus de que José de Arimateia depositou Jesus “em seu túmulo novo, que talhara na rocha”, é um acréscimo, pois não se encontra em nenhum outro evangelista. Além disso, tudo indica mesmo que Mateus quis simplesmente fazer cumprir-se aqui, como em muitas outras passagens de seu evangelho, mais uma “profecia historicizada”, para provar que Jesus era a figura do “servo sofredor” de Isaías 53: “Deram-lhe sepultura com os ímpios, o seu túmulo está com os ricos” (Isaías 53,9).

89 - MATEUS 1,23 É OUTRO EXEMPLO DE “PROFECIA HISTORICIZADA”?

Sim. Como vimos na resposta da Pergunta nº 25, Mateus, para defender o mito do nascimento virginal de Jesus, bem como o mito de sua divindade (Deus encarnado, **Deus conosco**), traduziu erroneamente a famosa profecia do profeta Isaías (Isaías 7,14): “A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel”.

Eis a passagem de Mateus em que ele traduz e comenta erroneamente esse texto de Isaías:

“Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo profeta: *Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel*, o que traduzido significa: “Deus está conosco.” (Mateus 1,22-23)

Na Bíblia de Jerusalém, o versículo de Isaías (Isaías 7,14) é este: “Eis que **a jovem** concebeu e dará à luz um filho e por-lhe-á o nome de Emanuel” (negrito meu).

Nessa versão da Bíblia de Jerusalém, não aparece mais a palavra “virgem” da versão grega de Isaías (o texto dos Setenta), a qual já é uma tradução errada da versão original hebraica “almah”, que significa “moça”, “jovem”, “donzela”, o que significa dizer que o texto hebraico de Isaías não usa a palavra “virgem”, mas a palavra

“almah”, que significa simplesmente “uma jovem”, sem nenhuma implicação de virgindade. Como já vimos, o dogma do nascimento virginal de Jesus é, portanto, produto desta tradução errada do termo “almah”, bem como dos outros erros cometidos por Mateus.

A passagem de Mateus 1,23, baseada em Isaías 7,14, é, por conseguinte, mais um exemplo clássico de “profecia historicizada”, e não de “história lembrada”. Um dos maiores erros dos cristãos dogmáticos tem sido o de “tratar como história o que nunca foi história” (HARPUR, 2008, p. 34).

90 - JESUS É O NOSSO “BODE EXPIATÓRIO”?

O Jesus mítico, sim; não, porém, o Jesus histórico. Abordarei nesta resposta o mito antigo e bárbaro do perdão de nossas faltas por meio da oferta de sacrifícios expiatórios a Deus, com o **derramamento de sangue da vítima**, rito esse praticado não somente pelo povo hebreu, mas por muitos outros povos mais antigos. Mediante esse velho rito mítico, seres humanos (principalmente heróis, crianças e moças virgens) eram sacrificados para agradar aos deuses e obter deles favores e perdão dos pecados. Como vimos na resposta da Pergunta nº 67, foi esse mito que gerou a doutrina cristã mítica da salvação defendida por Paulo de Tarso e pelo cristianismo dogmático, ou seja, **“Paulo diz que os pecados são perdoados se a pessoa acreditar que Jesus morreu na cruz por ela. É a doutrina da salvação em que o herói derrama seu sangue e todos são perdoados por causa dele”** (VASCONCELOS, Yuri. O Homem que inventou Cristo. *SUPER Interessante*. Edição 195, dez, 2003).

Com o passar dos tempos, animais (como bois, bodes, cordeiros, ovelhas e pombas) substituíram os seres humanos nos sacrifícios expiatórios.

No judaísmo, anualmente, no Dia da Expição dos Pecados, conforme Levítico 16, um bode era sacrificado como oferecimento pelos pecados dos judeus e outro bode era enviado ao deserto, conduzindo os pecados do povo hebreu.

Foi sobretudo esse mito judaico do “bode expiatório” que deu origem à doutrina cristã dogmática (paulinista) da “expição”

do “pecado original” pelo sacrifício de Cristo na cruz, ou seja, Jesus (o mítico) passou a ser interpretado como o bode (ou o cordeiro) expiatório final e definitivo pelos pecados de todos os seres humanos deste planeta.

Mais explicitamente, o Jesus mítico sempre foi visto pelos cristãos dogmáticos (paulinistas) como a personificação da prática mítica antiga de transferir os pecados de um grupo para um animal ou para um bode expiatório humano, que seria banido ou mesmo sacrificado como meio de expurgar as faltas cometidas pelos membros da sociedade.

Esse animal, ou ser humano, era algumas vezes revestido de divindade e, assim, **um homem-deus** podia morrer como um bode expiatório e transformar-se num “redentor”. Por isso, o Jesus mítico é “o Cordeiro de Deus”, o “redentor” da humanidade pelo seu sangue derramado na cruz.

A doutrina central do cristianismo dogmático da expiação dos pecados da humanidade pelo sangue de Cristo derramado na cruz é vista, com razão, por muitos escritores modernos como cruel, repugnante e masoquista (ou sadomasoquista).

“**Masoquista**” (ou “**sadomasoquista**”) é uma pessoa que busca o sofrimento, a humilhação, ou até mesmo a morte, sentindo muito prazer (cf. Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa, verbete **masoquismo**). Nesse sentido, refletamos sobre o que escreveu o escritor Richard Dawkins:

Agora o sadomasoquismo. Deus encarnou-se como homem, Jesus, para que pudesse ser torturado e executado em *expição* do pecado hereditário de Adão. Desde que Paulo expôs essa doutrina repugnante, Jesus vem sendo adorado como o *redentor* de todos os nossos pecados. Não apenas o pecado passado de Adão: pecados *futuros* também, decidam ou não as pessoas futuras cometê-los! [...] **Se Deus quisesse perdoar nossos pecados, por que não perdoá-los, simplesmente, sem ter de ser torturado e executado em pagamento...? [...] Paulo... estava impregnado do velho princípio teológico judaico de que sem sangue não há expiação. [...] [Em suas epístolas], ele diz exatamente isso. Os estudiosos**

progressistas da ética hoje em dia já acham difícil defender qualquer tipo de teoria retributiva da punição, imagine então a teoria do bode expiatório – executar um inocente para pagar pelos pecados dos culpados. [...] E, para completar, Adão, o suposto executor do pecado original, nem existiu: [...] Ah, mas é claro, a história de Adão e Eva era apenas *simbólica*, não era? *Simbólica*? Então, para impressionar a si mesmo, Jesus fez-se ser torturado e executado, numa punição indireta por um pecado *simbólico* cometido por um indivíduo *inexistente*? (DAWKINS, 2007, p. 325, 326 e 327) (negrito meu).

Mesmo não sendo ateu, concordo plenamente com o que escreveu este escritor ateu Richard Dawkins nessa citação. Como é que Jesus pode ter morrido para pagar o pecado original, cometido por Adão, se nem Adão nem o pecado original existiram historicamente, mas apenas simbolicamente? E se a história de Adão e Eva é apenas *simbólica*, como defendem atualmente, com razão, muitos teólogos cristãos, como é que Jesus pode ter sido sacrificado na cruz para pagar uma culpa apenas *simbólica*, cometida por indivíduos *inexistentes*?

Essa argumentação lógica é mais do que suficiente para desmentir, à luz da “fé raciocinada”, o dogma cristão da redenção de nossos pecados pelo sangue de Cristo derramado na cruz. Essa doutrina mítica, cruel, repugnante e sadomasoquista é, portanto, totalmente falsa.

Como já esclareci na resposta da Pergunta nº 43, **“associando a morte do Unigênito de Deus à redenção de nossos pecados, Paulo de Tarso retrocedeu às primitivas religiões semíticas, em que os pais deviam imolar seus primogênitos”** (KERSTEN, 1986, p. 35) (negrito meu).

Em suma, reafirmo, à luz da fé raciocinada, que Jesus não é o nosso “bode expiatório”. Ele não foi morto para pagar nossos pecados. Somente o amor-caridade será capaz de nos redimir de nossos pecados, em múltiplas (re)encarnações, neste e em outros planetas, e não o sangue de Cristo derramado na cruz. O que nos salva, o que nos liberta, o que nos faz evoluir espiritualmente, não me cansarei de repetir, é somente a prática do amor-caridade, e

não a fé em Cristo morto e ressuscitado, como defende o cristianismo dogmático (paulinista), há dois mil anos.

91 - COMO O ESPIRITISMO EXPLICA O SOFRIMENTO DE JESUS?

Na visão espírita, Jesus não é literalmente Deus, nem o “Filho de Deus”, mas um “Espírito Puro”, **“o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo”** (KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, pergunta 625) (negrito meu), mas ele não sofreu nem morreu para redimir os nossos pecados, conforme ensina o cristianismo dogmático.

Como todos já sabemos, mas convém repetir, segundo a doutrina cristã dogmática e mítica, Jesus é literalmente Deus – o “Filho de Deus” e “Deus o Filho” (Deus encarnado, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade) – sofreu e morreu na cruz para pagar nossos pecados, nossas culpas, incluindo o “pecado original” cometido por Adão e Eva. Essa crença, como já vimos em várias respostas anteriores deste *Catecismo Ecumênico*, é a doutrina central cristã (paulinista) da redenção da humanidade pelo sangue de Cristo derramado na cruz. Quem crê nessa doutrina paulina e luterana está “salvo”, e quem não crê nela está condenado ao fogo do inferno eterno. Isso é verdade ou mito?

Como já foi esclarecido em muitas respostas anteriores deste *Catecismo Ecumênico*, mas não me cansarei de repetir,

esta doutrina tradicional é a de Paulo e não a de Jesus. Foi Paulo quem centralizou a atividade de Jesus em sua morte, mostrando que é através dela que o homem de fé se liberta de seus pecados, das misérias do mundo e do poder de satanás (KERSTEN, op. cit., p.34-35) (negrito meu).

O Espiritismo rejeita, com razão, essa velha crença mítica e repugnante do cristianismo dogmático, ensinando-nos que Jesus, mesmo sendo um espírito elevadíssimo, um espírito puro, perfeito, não mais tendo que passar por provas e expiações, aceitou, contudo, encarnar-se e sofrer neste planeta, a fim de cumprir uma **MISSÃO** em favor de toda a humanidade, ou seja, a **MISSÃO** de nos ensinar e de praticar, como nenhum outro espírito, a **VERDADEIRA RELIGIÃO, A PRÁTICA DO AMOR-CARIDADE.**

A essa altura, algum cristão dogmático poderia fazer aos espíritas o seguinte questionamento:

Cristão dogmático – Se Jesus, na visão espírita, era um espírito puro, elevadíssimo, um espírito perfeito, que não mais tinha que passar por provas e expiações obrigatórias (Lei de Causa e Efeito), e que não veio à Terra para sofrer e morrer na cruz para pagar nossos pecados, como aceitar o argumento espírita segundo o qual Jesus veio sofrer e morrer para cumprir uma MISSÃO divina, ou seja, a missão de ensinar uma elevada moral à humanidade? Para alguém ensinar uma elevada moral à humanidade, era preciso sofrer tanto, como sofreu Jesus?

Espírita(s) – A Doutrina Espírita esclarece que um espírito pode encarnar-se na Terra por três razões: 1) para expiar obrigatoriamente faltas cometidas em vidas passadas; 2) para passar por determinadas provações escolhidas, a fim de progredir em sua evolução e 3) para cumprir uma MISSÃO divina, em favor da evolução da humanidade, o que explica o objetivo da encarnação de Jesus neste planeta, para o qual ele veio com a MISSÃO divina de nos ensinar e praticar, como nenhum outro espírito, a **VERDADEIRA RELIGIÃO, A PRÁTICA DO AMOR-CARIDADE**.

O sofrimento, incluindo a morte, significa muito pouco (ou nada) para seres da magnitude de Jesus. Todo o sofrimento de Jesus foi causado por ele ter ensinado e praticado uma moral frontalmente oposta à que era praticada em sua época pelas autoridades judaicas e romanas, como a exploração, a injustiça, a discriminação, o preconceito, o exclusivismo etc. Jesus ensinou e praticou a caridade, o perdão, a humildade, a justiça, o igualitarismo, a fraternidade, o inclusivismo, a tolerância, o amor aos inimigos etc. Tudo isso pôs Jesus em rota de colisão com as autoridades judaicas e romanas.

Foi por causa desses seus ensinamentos e ações em prol da igualdade e fraternidade entre todas as pessoas, sem distinção de classes sociais e econômicas, que ele foi considerado pelas autoridades judaicas e romanas como um camponês rebelde, politicamente inconveniente, que se opunha às leis injustas judaicas e romanas. Foi por isso que ele foi executado, ou seja, por ter sido

considerado uma pessoa inconveniente, e não por ter se declarado “Filho de Deus”.

Em resumo, Jesus não se encarnou para expiar erros cometidos em encarnações passadas, nem para cumprir provas escolhidas por ele mesmo, a fim de acelerar sua evolução espiritual, mas para cumprir uma missão divina de ajudar a humanidade a evoluir espiritualmente, através da Lei do Amor, mesmo que, para cumprir esta missão, ele tivesse que enfrentar terríveis sofrimentos, incluindo a morte na cruz. Foi um sacrifício tipicamente missionário, em prol da evolução de nosso planeta. Somente um espírito da magnitude evolutiva de Jesus poderia ter enfrentado e cumprido esta difícil MISSÃO divina em favor da humanidade.

92 - JESUS É O OU UM SALVADOR?

Na visão teológica pluralista que adoto, Jesus é um Salvador (ao lado de muitos outros). O escorregão de um para o (ou de uma para a), embora seja um fenômeno humano comum, é outro grande erro dos cristãos dogmáticos e dos membros de outras religiões, uma vez que é um fenômeno superdiscriminatório. Mediante esse escorregão, os cristãos defendem o dogma exclusivista segundo o qual Jesus não é um Salvador, mas o (único) Salvador da humanidade. Jesus não é um caminho (ao lado de outros), mas o (único) caminho de Salvação etc.

É interessante notar que o evangelista Lucas afirma que, na cidade de Davi, nasceu um Salvador, e não o Salvador: “Nasceu-vos hoje um Salvador...” (Lucas 2,11) (sublinhado meu). O apóstolo Paulo, num dos versículos mais citados de sua carta aos Romanos, também se refere a Jesus como “Senhor”, sem artigo definido, ou seja, como um Senhor, e não como “o Senhor”: “Porque se confessares com tua boca que Jesus é Senhor...” (Romanos 10,9). Essas passagens provam que o escorregão de um para o a respeito dos títulos exclusivistas aplicados a Jesus foi feito posteriormente pelos cristãos.

O escorregão de um para o também foi responsável pela criação da expressão “o Espírito Santo” (da Trindade cristã), como no versículo Paulino: “Nosso corpo é santuário do (dum no original grego) Espírito Santo” (1Coríntios 6,19) (sublinhado meu).

Simbólica e metaforicamente, contudo, como já vimos, não há nenhum problema em afirmar que Jesus é o Salvador, o Senhor, o Filho de Deus, o Caminho etc. O grande erro dos cristãos, porém, é tomar essas expressões ao pé da letra, literalmente, de maneira exclusivista.

Dizer, por exemplo, que Jesus é o Salvador (e não um Salvador ao lado de outros), o Caminho (e não um Caminho ao lado de outros) expressa apenas um ponto de vista (uma fé, uma crença) particular de uma determinada religião, no presente caso, o cristianismo dogmático, o qual merece todo o nosso respeito, mas expressões exclusivistas como essas a respeito de Jesus não devem ser tomadas ao pé da letra, como verdades históricas absolutas, mas apenas como verdades teológicas, particulares, relativas, simbólicas, míticas, do cristianismo ortodoxo.

Além disso, a interpretação literal desses títulos exclusivistas aplicados a Jesus e ao cristianismo como verdades históricas absolutas (por ex., **SÓ CRISTO SALVA!**) cria uma barreira intransponível entre o cristianismo dogmático e as outras religiões deste planeta, impedindo o cada vez mais necessário e urgente diálogo inter-religioso de igual para igual. Como os cristãos dogmáticos podem dialogar abertamente com os membros das outras religiões, se eles argumentam que suas crenças são verdades históricas absolutas e que somente eles têm verdades e os outros têm mentiras?

93 - COMO ENTENDER O ESCORREGÃO DE UM PARA O?

A respeito do *escorregão* (ou *escorregamento*) inevitável de um para o ou de uma para a nas crenças religiosas (por ex., o escorregamento de “Jesus é um Caminho” para “Jesus é o Caminho”), refletimos sobre o que escreveu o ex-padre católico John Dominic Crossan, em sua obra *Quem Matou Jesus?*:

Quando confesso que Jesus é divino, Cristo ou Senhor, é Cordeiro de Deus, Palavra de Deus, Filho do Homem, Filho de Davi ou Filho de Deus, não quero dizer que estes termos são essenciais ou substanciais, mas relacionais e interativos. [...] Dizer que Jesus é divino, por exemplo, significa para mim que *eu* vejo *Jesus* como a manifestação

de *Deus*. Analogamente, como um historiador das origens cristãs, devo ser capaz de explicar, porque naquele primeiro século, algumas pessoas viram Jesus e disseram: “Vamos ignorá-lo”, outros disseram: “Vamos executá-lo”, e outros: “Vamos adorá-lo.” Para as perguntas da mídia e da audiência insistindo: “Sim, sim, mas ele era realmente *divino*”, eu respondo repetidas vezes que, tanto para o primeiro quanto para o vigésimo primeiro século, Jesus era e é divino para aqueles que experimentam nele a manifestação de Deus. Concentre-se, por um instante, nessa palavrinha, *a*. Ser humano é ser absolutamente particular, isto é, absolutamente relativo ou relativamente absoluto. Em qualquer coisa que seja de suprema importância para nós, seja cônjuge ou família, passatempo ou paixão, trabalho ou profissão, língua ou país, há sempre um escorregamento inevitável de *uma* para *a*. [...] Se lhe mostram um recém-nascido e lhe perguntam: “Não é o bebê mais bonito do mundo?”, a resposta mais sábia é sempre a afirmativa. Mas, lá no canto de nossas cabeças, reconhecemos que *um* tornou-se *o*, e sabemos que isto é perfeitamente humano e não apresenta problema – *a menos que* seja tomado literalmente e os igualmente absolutos relativos dos outros sejam negados. Assim também, ou especialmente, com a fé ou com a religião de alguém. Deve ser experimentada como *a* manifestação do Sagrado, mas nunca devemos esquecer ou negar que é, na verdade, *uma* manifestação para mim e *para nós*. Ser humano é viver em *um* como *o*; ser desumano é negar aquele necessário escorregão. (John Dominic Crossan, *Quem Matou Jesus?*, p. 250-251)

Esse mesmo autor, nos esclarece, com razão, que um ato de fé é *interpretação*, e não *fato histórico*, e que “os cristãos, como todos os outros seres humanos, vivem das profundezas dos mitos e das metáforas”:

Não aceito o argumento de que a própria fé cristã nos diz o que precisamos saber a respeito do Jesus histórico. A fé cristã nos diz como o Jesus histórico (fato) é a manifestação de Deus para nós aqui e agora (interpretação). Não se pode acreditar num fato, apenas numa interpretação. E nenhuma quantidade de fé pode transformar uma interpretação num fato. Aqui ocorre um engano letal que, muitas vezes,

transforma em selvagem o coração do cristianismo. Argumentamos que temos fatos e não interpretações, que temos história e não mito, que *nós* temos verdades e *os outros* têm mentiras. Isto não mais funciona, nem para nós nem para ninguém. Precisamos comparar os mitos e as metáforas uns dos outros para vermos quão humana é a vida que eles engendram, mas não podemos negar que *todo mundo* constrói firmemente sobre tais fundações inevitáveis. **Os cristãos, como todos os outros seres humanos, vivem das profundezas dos mitos e das metáforas. Mas ainda permanece, especialmente agora, o desafio urgente de aceitar o nosso próprio mito fundacional sem vergonha ou negação, e os dos outros, sem ódio ou menosprezo.** (John Dominic Crossan, *Quem Matou Jesus?*, p. 252-253) (negrito meu)

Concordo plenamente com esse renomado teólogo e ex-padre católico, John Dominic Crossan, a respeito do *escorregamento* inevitável que os seres humanos fazem de um para o ou de uma para a (por ex., o escorregão feito pelos cristãos de “Jesus é um Filho de Deus” para “Jesus é o Filho de Deus” ou de “Jesus é um Salvador” para “Jesus é o Salvador”), bem como com sua explicação de que um ato de fé é *interpretação*, e não *fato histórico*, e com sua declaração de que “os cristãos, como todos os outros seres humanos, vivem das profundezas dos mitos e das metáforas”, e devem enfrentar o desafio urgente de aceitar seu próprio mito fundacional sem vergonha ou negação, e os dos outros, sem ódio ou menosprezo.

94 - SÓ JESUS SALVA?

SÓ O AMOR SALVA! Com base no escorregamento de um para o (ou de uma para a), os cristãos dogmáticos, particularmente os fundamentalistas, criaram o **mito errôneo da unicidade cristã**, ou seja, o mito segundo o qual Jesus não é um, mas o (único) salvador da Humanidade (**SÓ JESUS SALVA!**), “pois não há sob o céu outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos” (Atos 4, 12); segundo esse mesmo escorregamento mítico dos cristãos, Jesus não é um, mas o (único) caminho e a (única) verdade (cf. João 14,6); Jesus não é um, mas o único “mediador entre Deus

e os homens” (1Timóteo 2,6), com ele se encerrou definitivamente toda a Revelação divina, a religião supostamente fundada por ele é a a única religião verdadeira e a igreja também supostamente fundada por ele é a a única igreja verdadeira etc.

Em outros termos, o escorregamento de um para o (ou de uma para a), gerou o grande erro do exclusivismo cristão, o chamado **mito da unicidade cristã**, o qual discrimina todas as outras religiões e todos os outros líderes religiosos do mundo, além de impedir o cada vez mais necessário diálogo inter-religioso de igual para igual.

É indiscutível que esse mito não se coaduna absolutamente com o **código de moral (ou de ética) universal**, pluralista, resumido na lei do **amor**, pregado e vivenciado pelo Jesus histórico. Como é, então, que podemos afirmar *literalmente* que Jesus é o (e não um) salvador, que **SÓ JESUS SALVA**, se ele resumiu todos os seus ensinamentos no **MANDAMENTO PLURALISTA DO AMOR**? “Isto vos ordeno: amai-vos uns aos outros” (João 15,17). Jesus, de fato, pregou e viveu o amor, o perdão, a caridade, a fraternidade, a paz e a humildade, sem discriminar ninguém.

É preciso esclarecer também, com base em muitos estudiosos críticos da Bíblia, como os integrantes do Seminário de Jesus (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, p. 419), que o famoso versículo joanino, segundo o qual Jesus teria afirmado ser “o Caminho, a Verdade e a Vida” (João 14, 6), não é de autoria do Jesus histórico, mas do evangelista João, que certamente o copiou da literatura sagrada do hinduísmo, onde Krishna, o filho de Deus, o verbo encarnado, o primeiro salvador do mundo, nascido miraculosamente (de um parto virginal), cerca de cinco mil anos antes de Cristo, também declarava ser **O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA**: “**Eu sou o caminho [...]; eu sou a vida [...]; sou eu mesmo a luz da Verdade [...]**” (ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 92, n. 18-19; p. 101, n. 11). Hórus (divindade egípcia) também declarava ser **A LUZ DO MUNDO, O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA** (cf. HARPUR, 2008, p. 93).

Vemos assim, por conseguinte, que o escorregamento de um para o (ou de uma para a), não é exclusividade do cristianismo, mas também do hinduísmo e, diria eu, de todas as demais religiões.

O exclusivismo é um fenômeno comum a todas as crenças, uma vez que cada religião se considera a única verdadeira.

Em minhas publicações ecumênicas, argumento que o versículo joanino (João 14,6), um dos mais citados em toda a literatura cristã, é superexclusivista. Por isso, faço um forte alerta macroecumênico a respeito desse famoso versículo joanino, segundo o qual Jesus teria afirmado ser O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA. Imaginem quanta discriminação por parte dos cristãos, ao longo de toda a sua história, contra as outras religiões, exatamente com base em interpretações literalistas e exclusivistas dos escritores do Novo Testamento (NT), a respeito de palavras inautênticas atribuídas a Jesus, como as desse famoso versículo joanino.

Se Jesus é literalmente o caminho, não há outro caminho, ou seja, ficam excluídas automaticamente todas as pessoas que seguem outros líderes religiosos e outras religiões. Nesse sentido, o *slogan* tão repetido em meus livros ecumênicos (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**) perde totalmente o seu sentido pluralista, em favor de uma interpretação altamente exclusivista a respeito da pessoa de Jesus.

Imaginem que dois terços da humanidade (hoje cerca de 4 bilhões de seres humanos não cristãos) ficariam todos excluídos, caso passagens evangélicas exclusivistas como essa fossem realmente autênticas. Em outras palavras, para os cristãos exclusivistas, baseados num evangelho também superexclusivista, como o de João, só há um caminho e uma só religião. Se Jesus é a verdade, todos os outros caminhos tornam-se automaticamente “falsos”. Se Jesus é a vida, quem não o segue está “morto”, está “perdido” e “condenado” às penas eternas, conforme a interpretação da maioria dos cristãos. É mais do que evidente que o Jesus histórico, pluralista, ecumênico e macroecumênico jamais tenha sido o autor desse versículo joanino exclusivista.

Esse famoso versículo foi (e continua sendo) a grande lógica para o *slogan* exclusivista: FORA DE CRISTO, NÃO HÁ SALVAÇÃO (ou, mais restritamente, FORA DA IGREJA, NÃO HÁ SALVAÇÃO), uma vez que Jesus não apenas seria o caminho, a verdade e a vida, e ninguém iria ao Pai a não ser por ele, mas também teria fundado uma Igreja e entregue exclusivamente a Pedro as chaves

do Reino dos Céus (cf. Mateus 16,18-19). A interpretação exclusivista desse versículo joanino tem apoiado a pretensão do cristianismo institucional de ser “a única fé verdadeira para toda a humanidade” (DRCO, verbete **cristianismo**), todas as demais religiões sendo automaticamente classificadas como “marginais” ou “falsas” (cf. DRCO, p. 379).

Em resumo, a conhecidíssima crença cristã, segundo a qual Jesus é literalmente o único Salvador da humanidade – **SÓ JESUS SALVA!** – é um dos maiores erros do cristianismo dogmático, porque exclui e discrimina todas as outras religiões e todos os outros líderes religiosos do mundo.

O mesmo se diga de outras crenças cristãs exclusivistas, tais como: Jesus é o único Filho de Deus, o único Deus encarnado, o único Mediador entre Deus e os homens, o único que nasceu miraculosamente, o único que ressuscitou dos mortos, o único caminho, a única verdade, ninguém vai ao Pai a não ser por Ele etc.

É indiscutível que essas crenças cristãs, interpretadas literalmente (e não metaforicamente), não se coadunam absolutamente com a lei do amor, com a fraternidade, com a paz, porque elas geram muitos preconceitos, exclusivismos e divisões entre o cristianismo dogmático e as outras religiões deste planeta. Quantas brigas, divisões e guerras catastróficas entre cristãos e não cristãos ao longo da História, exatamente por causa das crenças exclusivistas e míticas dos cristãos. Quantas pessoas que foram discriminadas e até mortas, dentro do próprio cristianismo, por não concordarem com a crença literal nos dogmas ou mitos cristãos referentes à pessoa de Cristo. Quem discrimina o próximo não o ama.

Se é literalmente verdade que só Jesus salva, então todas as outras religiões estão erradas e têm que aceitar Jesus como o único Salvador, pois, do contrário, não poderão salvar-se. Esse, repito, é o chamado **erro (ou mito) da unicidade cristã**, um dos mais combatidos em meus livros ecumênicos, porque é radicalmente incompatível com o amor, a paz, a fraternidade, a união, o pluralismo e o diálogo inter-religioso de igual para igual. Nesse contexto, recomendo a leitura do livro *The Myth of Christian Uniqueness* (‘O Mito da Unicidade Cristã’), organizado pelos

teólogos pluralistas John Hick – protestante – e Paul Knitter – católico (HICK & KNITTER, 1987).

95 - A IGREJA CATÓLICA É O ÚNICO MEIO DE SALVAÇÃO?

De forma alguma. Uma das crenças exclusivistas fundamentais da Igreja Católica, pelo menos até o Concílio Vaticano II (1962-1965), era esta: **“FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO”**. Vejamos a esse respeito o que declarou oficialmente o Concílio Ecumênico de Florença (1442):

A santa Igreja Católica Romana... firmemente acredita, confessa e proclama que ninguém que esteja fora da Igreja Católica – pagão, judeu, descrente ou cismático – poderá ser salvo; será, ao contrário, condenado ao fogo eterno preparado para o demônio e seus anjos, a não ser que retorne [à Igreja Católica] antes de sua morte. (Apud KÜNG, Hans. Is there one true religion? An essay in establishing ecumenical criteria. In: HICK, John & HEBBLETHWAITE, Brian (Orgs.). *Christianity and other religions*. Oxford: Oneworld, 2001, p. 122).

Por conseguinte, mediante esse decreto oficial do Concílio de Florença, pode-se concluir, catolicamente, que todas aquelas dezenas de bilhões de seres humanos que morreram fora da Igreja Católica desde 1442 até o período do Concílio Vaticano II (1962-1965) foram todas para o “fogo eterno”! Será isso uma verdade absoluta? Sim, para quem mantém uma “fé cega”, mas não, para quem mantém uma “fé raciocinada”.

O Concílio Vaticano II tentou amenizar essa crença exclusivista e mítica da Igreja Católica, mas, na presente década, o Vaticano vem tentando **ressuscitá-la**, particularmente através da Declaração *“Dominus Iesus”* (**O Senhor Jesus**), sobre a unicidade e universalidade salvífica de Cristo e da Igreja Católica, de autoria do Cardeal Joseph Ratzinger (hoje o Papa Bento XVI), com plena aprovação do Papa João Paulo II, Congregação para a Doutrina da Fé (Roma, 6 de agosto de 2000).

No dia 10 de julho de 2007, o Vaticano, através da Congregação para a Doutrina da Fé, divulgou um documento,

datado de 29 de junho de 2007, com aprovação do Papa Bento XVI, que reafirma as doutrinas católicas exclusivistas, fundamentalistas e míticas da Declaração “*Dominus Iesus*” (DI).

Tendo em vista a necessidade cada vez mais urgente do **ecumenismo** e do **diálogo inter-religioso**, mesmo não mais acreditando que o Jesus histórico tenha fundado uma nova religião e uma igreja, farei aqui uma reavaliação crítica, idêntica à que faço em meu livro *Entrevistas com Jesus: reflexões ecumênicas*, sobre a Declaração *Dominus Iesus* (DI), um dos documentos mais exclusivistas, fundamentalistas e antiecumênicos da Igreja Católica, o qual procura retornar à velha crença exclusivista, mítica e antiecumênica, segundo a qual “**FORA DA IGREJA (CATÓLICA) NÃO HÁ SALVAÇÃO**”.

A declaração *Dominus Iesus* (DI) inicia advertindo os católicos contra o perigo do “relativismo” e do “pluralismo” que ameaçam “o perene anúncio missionário da Igreja” (DI 4) e que consideram superadas verdades fundamentais da fé cristã. A fim de enfrentar a mentalidade relativista de nosso tempo, a DI reafirma “o caráter definitivo e completo da revelação de Jesus Cristo” (DI 5).

É, por conseguinte, contrária à fé da Igreja a tese que defende o caráter limitado, incompleto e imperfeito da revelação de Jesus Cristo, que seria complementar da que é presente nas outras religiões (DI 6).

Além da ênfase nos mitos da unicidade e universalidade salvífica de Cristo (**crisocentrismo**), a DI insiste na afirmação “suicida” (do ponto de vista ecumênico), de que “**a Igreja Católica é a única Igreja de Cristo**” [**catolicentrismo**] (DI 16) (negrito meu). Uma declaração fechada como essa põe fim a todo o esforço anterior da Igreja em prol do ecumenismo:

Os fiéis são *obrigados a professar* que existe uma continuidade histórica – radicada na sucessão apostólica – entre a Igreja fundada por Cristo e a Igreja Católica: “**Esta é a única Igreja de Cristo** [...] que o nosso Salvador, depois de sua ressurreição, confiou a Pedro para apascentar (cf. João 21,17), encarregando a ele e aos demais Apóstolos de a difundirem e de a governarem (cf. Mateus 28,18ss);

levantando-a para sempre como coluna e esteio da verdade (cf. 1Timóteo 3,15). [...] **A Igreja de Cristo, não obstante as divisões dos cristãos, continua a existir plenamente só na Igreja Católica** (Documento *Unitatis Redintegratio*, 3/DI 16). (Negrito meu)

O documento rejeita a tese pluralista da equivalência funcional entre as religiões (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**), reafirmando a convicção de que a Igreja Católica não é um caminho, mas o caminho, o único caminho de “salvação” – um claríssimo retorno à velha postura eclesiocêntrica da época pré-conciliar: **FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO** – (cf. DI 21).

Em resumo, com a DI, a Igreja Católica volta a enfatizar claramente suas velhas posições exclusivistas e fundamentalistas: só ela é a verdadeira Igreja fundada por Cristo; só ela possui a plenitude dos meios de salvação; só ela é Igreja no sentido próprio; só a ela foi confiada a plenitude da graça e da verdade etc.

A declaração *Dominus Iesus* é, no correto dizer do teólogo católico Leonardo Boff, um documento *fundamentalista* (e também, diria eu, espiritualmente *arrogante*):

O fundamentalismo doutrinário é bem representado no documento *Dominus Iesus* do ano 2000, assinado pelo Cardeal Joseph Ratzinger, prefeito da antiga Inquisição, que aborda a relação de Cristo e da Igreja Católica com as demais igrejas e religiões. Aí se sustenta que a Igreja Católica é a única Igreja de Cristo. As demais denominações cristãs não são igrejas, trata-se de usurpação do título. Possuem apenas elementos eclesiais. O catolicismo comparece também como a única religião verdadeira, e os que não se converterem à Igreja Católica Apostólica Romana correm risco de perdição eterna (BOFF, 2002, p. 17-18).

Dou muita razão a esse mesmo ilustre teólogo católico (Leonardo Boff), ao lamentar o inegável retrocesso ecumênico e macroecumênico da Igreja Católica, marcado pela Declaração *Dominus Iesus* do ano 2000:

Cinquenta anos de trabalho ecumênico, de diálogo inter-religioso, aparentemente se esvaíram, porque **as velhas**

teses medievais da Igreja como única portadora dos desígnios de Deus, e fora da qual não há salvação, foram ressuscitadas. Isto provocou um escândalo em toda a Igreja, escândalo que não foi ainda digerido nem por nós católicos, muito menos pelos protestantes, que estavam se acercando muito próximos da Igreja Católica (BOFF, 2002, p. 17-18) (negrito meu).

96 - JESUS FUNDOU UMA NOVA RELIGIÃO E UMA IGREJA?

Na visão cristã dogmática, sim; não, porém, na visão que defendo. A Igreja Católica sempre teve a convicção de ser a única religião (ou Igreja) fundada por Jesus Cristo. Essa pretensão católica tem sido questionada e até negada por muitos especialistas em história das origens do cristianismo (incluindo até mesmo famosos teólogos católicos). Como escreve o escritor espanhol vaticanista Juan Arias,

uma das perguntas mais delicadas, comprometedoras e complexas sobre Jesus é se ele quis fundar uma nova Igreja e uma nova religião. Uma pergunta difícil, já que a Igreja Católica e, em geral, as igrejas cristãs jamais admitirão que não foram fundadas por Jesus [...]. Contudo, **não poucos especialistas se fizeram seriamente essa pergunta** (ARIAS, 2001, p. 127) (negrito meu).

O famoso teólogo católico Leonardo Boff, por exemplo, em seu livro *Igreja: Carisma e Poder*, publicado (pela Editora Vozes) em 1981, reconhece a existência dentro do próprio catolicismo de duas correntes opostas entre os teólogos: uma corrente afirmando que Jesus fundou a Igreja e outra afirmando que “a Igreja como instituição não estava nas cogitações do Jesus histórico...” (BOFF, *Igreja: Carisma e Poder*, edição revista, 2005, p. 425). Por causa dessa afirmação, Boff foi duramente criticado por Joseph Ratzinger (hoje o Papa Bento XVI), que o acusa nos seguintes termos, citando o próprio Boff:

Segundo suas próprias palavras, (L. Boff) coloca-se dentro de uma orientação na qual se afirma que “a Igreja como instituição não estava nas cogitações do Jesus

histórico, surgindo, isto sim, como evolução posterior à ressurreição, particularmente com o processo progressivo de desescatologização” (p. 133) (RATZINGER, apud BOFF, *ibid.*).

A crença de que a Igreja Católica foi fundada por Jesus Cristo é baseada na seguinte passagem do Evangelho de Mateus:

Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei **minha Igreja**, e as portas do Inferno nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus (Mateus 16,18-19) (negrito meu).

Essa passagem não se encontra em nenhum outro evangelho e em nenhum outro escrito canônico ou apócrifo do Novo Testamento, o que já constitui uma das maiores provas de sua inautenticidade. Como argumenta o escritor espírita Hermínio C. Miranda, em seu livro *Cristianismo: a mensagem esquecida*,

é pouco provável, contudo, que Jesus tenha, por exemplo, instituído uma igreja, ou melhor, **a sua igreja**, conforme consta em Mateus 16:18. Essa é a única referência específica nos Evangelhos, ressaltando-se, naturalmente, que a palavra original grega – *ekklesía* – quer dizer comunidade, reunião de pessoas, religiosas ou não. É com essa conotação que começou a ser aplicada, nos Atos e nas Epístolas, ou seja, um local onde se reuniam os cristãos, não como uma Igreja fundada e institucionalizada por Jesus, com a sua estrutura administrativa, ritualística, sacramental e doutrinária (MIRANDA, 1988, p. 168).

O mesmo autor prossegue em sua brilhante argumentação, à luz da “fé raciocinada”, mostrando que Jesus não fundou nenhuma igreja:

Em suma, Jesus não fundou **a Igreja** e nem mesmo **igrejas**, como Paulo e outros apóstolos. Pregou as suas ideias e deu seu testemunho. Não estava cogitando de templos de pedra nem de hierarquias sacerdotais, dogmas ou normas de direito canônico (*ibid.*).

Existem famosos teólogos cristãos (incluindo católicos) que negam, corretamente, que o Jesus histórico tenha, de fato, fundado uma igreja durante a sua vida terrena. Um famoso escritor católico que defende essa verdade é o ilustre teólogo Hans Küng, padre suíço, nomeado pelo Papa João XXIII como consultor teológico para o Concílio Vaticano II. Eis suas palavras:

Jesus não fundou uma igreja durante sua vida. [...] Hoje, até exegetas católicos aceitam que a famosa frase sobre Pedro como a pedra na qual Jesus construirá sua igreja (Mateus 16,18-19: a declaração está no futuro), e da qual os outros evangelhos não têm conhecimento, não é uma frase do Jesus terreno, mas foi composta após a Páscoa pela comunidade palestina, ou mais tarde pela comunidade de Mateus (KÜNG, 2002, p. 28) (negrito meu).

Essa mesma tese, apoiada pelo historiador belga (teólogo e ex-padre católico) Eduardo Hoornaert, já havia sido defendida, no início do século XX, pelo padre francês Alfred Loisy, o qual, no dizer de Eduardo Hoornaert,

sofreu muito por causa desse seu posicionamento, foi humilhado e proibido de ensinar em instituições da Igreja. Morreu isolado de seus colegas. Mesmo assim, **sua tese é vitoriosa, hoje, pelo menos entre os estudiosos da história das origens do cristianismo** (HOORNAERT, 2006, p. 34) (negrito meu).

Concordo com a tese de que Jesus não fundou uma nova religião nem uma igreja. Ele formou, sim, uma **COMUNIDADE DE AMOR** (o “**cristianismo das origens**”), ou seja, uma **COMUNIDADE DE PESSOAS**, para viver e pregar os princípios do **código de moral (ou de ética) universal** que ele ensinou: **a paz, a união, a fraternidade, a justiça, a humildade, o perdão e o amor**, sem exclusivismos e divisionismos de nenhuma espécie. Como poderia o “cristianismo mítico” ter sido fundado por Jesus, se as centenas de igrejas que se dizem “cristãs” vivem a desunião, a intolerância e o exclusivismo, fazendo guerras entre si? Não foi o Jesus histórico, portanto, que fundou uma nova religião ou uma “igreja” (a sua “igreja”), mas foram os cristãos que o fizeram, a

começar por **Paulo de Tarso**. Jesus ensinou e praticou não uma nova religião, mas A RELIGIÃO, A VERDADEIRA RELIGIÃO – A VIVÊNCIA DO AMOR!

97 - QUEM REALMENTE FUNDOU A IGREJA CATÓLICA?

Segundo muitos protestantes, foi o imperador Constantino, no Edito de Milão (publicado em março do ano 313d.C), quem fundou a Igreja Católica; para alguns protestantes, foi o imperador Teodósio (no ano 380d.C); para os católicos, como já sabemos, foi Jesus quem fundou a Igreja Católica (por volta do ano 30 da era cristã); mas para muitos espiritualistas (entre os quais me incluo), quem realmente fundou o que conhecemos hoje como “cristianismo” (incluindo obviamente a Igreja Católica e as igrejas protestantes), ou seja, quem fundou o chamado “cristianismo dos cristãos” (em oposição ao “cristianismo de Jesus”, também rotulado de o “cristianismo das origens”), não foi Jesus, nem Constantino, nem Teodósio, mas foi **Paulo de Tarso**. Quem está com a verdade? Somente através de muito diálogo religioso, baseado na “fé raciocinada” (e na história das origens do cristianismo), é que poderemos chegar ao conhecimento da verdade sobre quem realmente fundou a Igreja Católica.

Quero esclarecer, porém, que, quando argumento que a Igreja Católica não foi fundada por Jesus, nem por Constantino ou por Teodósio, mas por Paulo de Tarso, estou apenas querendo dizer que a **DOCTRINA DOGMÁTICA CATÓLICA** (bem como a dos protestantes) é, essencialmente, a doutrina irracional, exclusivista, divisionista, fundamentalista, discriminatória e mítica de Paulo de Tarso, em contraposição à doutrina racional, pluralista e ecumênica de Jesus (do Jesus histórico), a qual não discrimina ninguém, pois se fundamenta não em mitos exclusivistas, mas na lei pluralista (ecumênica e macroecumênica) do amor ao próximo, a única forma de religiosidade que pode unir todas as religiões e todas as pessoas deste planeta.

A tese protestante de que foi o imperador Constantino o fundador da Igreja Católica, através do Edito de Milão, do ano 313, é totalmente falsa, pois igrejas cristãs católicas, fundadas por Paulo de Tarso, já existiam antes da promulgação do referido Edito de Milão.

A tese de que foi o imperador Teodósio quem fundou a Igreja Católica também é falsa, pois o que esse imperador fez foi proclamar oficialmente a Igreja Católica como a única “Religião de Estado” do Império Romano (no ano 395).

É igualmente falsa a crença segundo a qual o fundador da Igreja Católica, ou melhor, da **doutrina católica (e protestante) dogmática** foi o próprio Jesus; isto se deveu por ação exclusiva de Paulo de Tarso (e outros apóstolos), conforme venho argumentando constantemente em várias respostas da presente obra ecumênica.

98 - A IGREJA CATÓLICA É DE ORIGEM PAGÃ?

Sim. A Igreja Católica, com sua doutrina dogmática e mítica, é quase toda de origem pagã, criada inicialmente por Paulo de Tarso e aceita posteriormente como a religião oficial do Império Romano.

Nenhum dogma da Igreja Católica, por exemplo, foi instituído e ensinado pelo Jesus histórico, o qual pregou e viveu um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor, ensinando-nos que, para ser seu discípulo, seu seguidor, ou seja, para ser cristão, a condição necessária e suficiente é **AMAR O PRÓXIMO**: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (João 13,35). Em outros termos, o Jesus histórico resumiu todos os seus ensinamentos no **MANDAMENTO PLURALISTA DO AMOR AO PRÓXIMO**: “Isto vos ordeno; amai-vos uns aos outros” (João 15,17). Bastaria vivermos este mandamento pluralista – que une a todos – e o mundo cristão (e não cristão) seria bem diferente do que é hoje.

A Igreja Católica, porém, fundamentada no Paulinismo, atribui erroneamente a Jesus um conjunto de dogmas (ou de mitos) exclusivistas e divisionistas, os quais vêm causando inúmeros conflitos, guerras, ódio, intolerância, discriminação e divisões no próprio cristianismo e, mais ainda, entre cristãos e não cristãos, numa prova irrefutável de que o cristianismo exclusivista e mítico dos cristãos jamais teve, e jamais terá, condições de unir a

cristandade e a humanidade. Somente o cristianismo pluralista de Jesus é que nos une.

Paulo de Tarso, para dar credibilidade ao cristianismo primitivo e atrair seguidores de várias outras religiões do mundo pagão do Mediterrâneo, procurou converter os adeptos dessas religiões pagãs, utilizando a estratégia mítica de que Cristo também era uma divindade salvadora, vinda do céu, tendo nascido miraculosamente (como os demais deuses das religiões pagãs) mediante um parto virginal, tendo sido morto e ressuscitado para resgatar-nos de nossos pecados herdados do pecado de Adão e Eva.

O Paulinismo, como estamos comprovando nesta obra, é, de fato, cópia e/ou incorporação de crenças, de cultos e de ritos de várias religiões pagãs de épocas mais antigas do que o cristianismo, destacando-se o culto a Ísis, a Dioniso e a Mitra. Para atrair seguidores para o cristianismo, Paulo fez sincretismo com elementos de várias religiões e filosofias, particularmente com elementos das religiões de mistério do Egito, da Grécia, do paganismo greco-romano, da Índia e de várias outras culturas religiosas mais antigas:

As evidências da grande semelhança entre a religião cristã e outras crenças do mundo antigo são volumosas, detalhadas, extremamente específicas e incrivelmente vastas, estendendo-se desde a sabedoria védica na Índia aos mitos nórdicos da Escandinávia, às lendas dos incas e à espiritualidade original dos povos indígenas da América do Norte (HARPUR, p. 43).

Diversos são os teólogos modernos, incluindo famosos teólogos católicos, que não mais comungam com o pensamento tradicional e dogmático da Igreja Católica, segundo o qual a Igreja Católica é propriedade exclusiva do próprio Deus encarnado na pessoa de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, que a comprou com o seu sangue derramado na cruz, e a instituiu oficialmente, por volta do ano 30 da era cristã, dando exclusivamente a Pedro e aos seus sucessores (os papas) o poder de dirigi-la, garantindo-lhes que tudo o que eles aprovassem ou rejeitassem na terra seria aprovado ou rejeitado no céu: *“Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja. E eu te darei as chaves do Reino dos céus. Tudo o que ligares na terra*

será ligado no céu. Tudo o que desligares na terra, será desligado no céu” (Mateus 16, 18-19).

Será que esta é mesmo a verdadeira origem da Igreja Católica? De modo algum, como venho insistentemente argumentando, à luz da história das religiões e da fé raciocinada.

Convém repetir que a maior prova de que a Igreja Católica não foi fundada por Jesus, mas por Paulo de Tarso, é a flagrante incompatibilidade entre os ensinamentos ético-morais universais e pluralistas de Jesus e os ensinamentos míticos, pagãos e exclusivistas do cristianismo paulinista. Por exemplo, enquanto Jesus resumiu todos os seus ensinamentos no **MANDAMENTO PLURALISTA DO AMOR AO PRÓXIMO** (João 15,17), o cristianismo exclusivista (paulinista) prega, há dois mil anos, que basta ter fé em Jesus morto e ressuscitado para nos salvarmos: **“Porque, se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo”** (Romanos 10,9) (negrito meu).

Em suma, **a Igreja Católica é quase toda de origem pagã**, tendo sofrido grande sincretismo com outras religiões bem mais antigas do que o catolicismo, tanto na época de Paulo como na época do imperador Constantino, o qual, acreditando que a religião cristã poderia unificar o Império Romano, que se encontrava muito dividido, resolveu promover uma mistura do cristianismo paulinista com o paganismo romano, o que resultou na posterior adoção do cristianismo como a religião oficial do Império Romano.

99 - A “CEIA EUCARÍSTICA” CATÓLICA É DE ORIGEM PAGÃ?

Sim. Se quase toda a Igreja Católica, como vimos na resposta da pergunta anterior, é de origem pagã, não há como ignorar o fato de que todos os seus **sacramentos** são também de origem pagã, conforme argumentam muitos estudiosos das religiões.

Com todo o meu respeito à crença católica no Sacramento da Eucaristia, que alimenta a fé de mais de um bilhão de fiéis, devo expressar, contudo, a bem da verdade, meu pensamento atual sobre a sua origem pagã, à luz da história das religiões e da “fé raciocinada”.

Segundo o teólogo e ex-padre católico Franz Griese (cf. GRIESE, 1957, p. 106), a cena da Última Ceia Eucarística católica é uma cópia exata da cena da Última Ceia Eucarística de Agni (divindade hindu e védica, cultuada na Índia), em que **os fiéis tomavam pão e vinho consagrados como se fossem o corpo e o sangue do filho de Deus.**

Analogamente, os adoradores do deus Mitra também deviam servi-lo com absoluta pureza, recebendo **sete sacramentos**, entre os quais figuravam **o batismo, a confirmação e a comunhão: pão e vinho consagrados** por fórmulas rituais. **Os fiéis tomavam pão e vinho consagrados como se fossem o corpo e o sangue do próprio deus Mitra (ou Mitras).**

Mais explicitamente, uma das principais características do mitraísmo era precisamente **a refeição sacrificial** (que certamente deu origem à Ceia Eucarística cristã e à Missa dos católicos), que envolvia **comer a carne e beber o sangue de um touro como se fossem a carne e o sangue do próprio deus Mitra.** Em outros termos, Mitra, como o Cristo da fé (no pão e vinho eucarísticos), estava “presente” na carne e no sangue do touro e, quando consumido, concedia salvação àqueles que tomavam parte da refeição sacrificial (rito de **teofagia = comer o próprio deus**).

É muito interessante saber que o apóstolo Paulo, o verdadeiro fundador do cristianismo mítico dos cristãos, não interpretava a Ceia Eucarística (pagã ou cristã) *literalmente*, mas *simbolicamente*. Logo, para Paulo (o maior apóstolo do cristianismo dogmático), a Ceia Eucarística é *metaforicamente (simbolicamente)* “verdadeira”, mas é *literalmente* “falsa”.

Nesse sentido, Paulo chamava os elementos da Ceia de **pão e vinho** (ou de **pão e cálice**), e não de **corpo e sangue**: “Porque **todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice**, anunciais a morte do Senhor até que ele venha” (1Coríntios 11,26) (negrito meu).

Como também nos esclarece o teólogo Franz Griese (cf. GRIESE, p. 174-175), no tempo de Paulo, os pagãos e os judeus costumavam sacrificar animais aos respectivos deuses. A carne desses animais sacrificados era consumida nos mercados públicos,

na qualidade de carne de Júpiter (o Senhor dos deuses), carne de Minerva (deusa da sabedoria), carne de Mitra (deus da luz) etc., segundo as divindades a quem haviam sido sacrificados os animais.

Os consumidores escolhiam a carne que mais lhes convinha, crendo que comendo esta carne recebiam uma bênção especial da divindade respectiva, e até entrar em certa união com ela, mediante aquela carne.

Pois bem, o apóstolo Paulo, para induzir os novos cristãos, oriundos dos povos pagãos, a não participarem dos sacrifícios pagãos e não comerem a carne dos animais sacrificados aos ídolos, proíbe essa prática, substituindo-a pela “Ceia do Senhor”, dizendo que, como pela carne dos ídolos, o homem participa dos “demônios”, ou seja, dos “deuses pagãos”, do mesmo modo pelo consumo do pão e do vinho eucarísticos o cristão participa do “Cristo da fé” (o **Deus-Jesus**).

Mas, como afirma o teólogo católico Franz Griesse (ibid.), não há a menor dúvida de que Paulo não acreditava numa participação literal da própria pessoa dos deuses pagãos, mediante a carne dos ídolos e, portanto, tampouco na participação literal da verdadeira pessoa de Cristo, mediante o pão e o vinho eucarísticos.

100 - A CEIA EUCARÍSTICA CATÓLICA É UM RITO PAGÃO DE ANTROPOFAGIA E TEOFAGIA?

Sim. A Ceia Eucarística católica, inicialmente criada por Paulo de Tarso, como uma simples lembrança simbólica da morte e sangue derramado de Jesus, foi transformada, depois, num rito pagão literal de **antropofagia** (do grego *anthropos*, “homem”, e *phagein*, “comer”) e de **teofagia** (do grego *theós*, “deus”, e *phagein*, “comer”), rito este existente em várias religiões mais antigas do que o catolicismo, particularmente no mitraísmo, religião que, como já vimos, se caracterizava principalmente pelos **sete sacramentos** que ministrava aos seus fiéis, o mais importante dos quais era a **refeição sacrificial**, que consistia em comer a carne e beber o sangue do deus Mitra, literalmente presente na carne e no sangue de um touro.

Em outras palavras, para os fiéis do mitraísmo, o seu deus Mitra (ou Mitras) estava literalmente “presente” na carne e no sangue do touro e, quando consumido, concedia a salvação àqueles que tomavam parte da refeição sacrificial (rito de **teofagia** em que os fiéis “comiam” o próprio deus Mitra).

Depois da proclamação do dogma da divindade de Jesus, no ano 325, em que Jesus foi dogmatizado como sendo Deus e Homem, a Ceia Eucarística católica passou igualmente a ser interpretada literalmente como um rito pagão de **antropofagia** e **teofagia**, no qual os fiéis comem o corpo e bebem o sangue do **HOMEM JESUS (antropofagia)** e do **DEUS JESUS (teofagia)**, literalmente presente no pão e no vinho consagrados.

Objecções contra a *transubstanciação* eucarística sempre existiram ao longo da história do cristianismo. Dois autores anticatólicos mais conhecidos – Celso, no século II, e Porfírio, no século III – já atacavam essa doutrina, afirmando que “**mesmo compreendida alegoricamente, a Eucaristia permanece um rito antropofágico**” (apud COMBY, 1996, p. 35) (negrito meu). “E o pior é que o exame em laboratório das espécies consagradas demonstra que as pessoas estão certas em sua descrença!” (CHAVES, José Reis. Coluna em O TEMPO, de Belo Horizonte, 16/6/2008, p. 2) [...]. “Ora, se a missa é sacrifício sem sangue, poderia o vinho consagrado ser o sangue real de Jesus?” (Id., *ibid.*, p. 2)

A Ceia Eucarística católica é, portanto, um velho mito religioso, de **antropofagia e teofagia**, de origem pagã (existente em outras religiões bem mais antigas do que o cristianismo), que merece todo o nosso respeito, mas que não deve ser interpretada *literalmente* como verdade absoluta, mas apenas *simbolicamente*, como fazia Paulo de Tarso, o verdadeiro fundador do cristianismo mítico dos cristãos. Como é que mais de um bilhão de fiéis católicos ainda acreditam que ninguém poderá salvar-se sem comer a carne e beber o sangue do Deus-Jesus? Amigos leitores, “a carne para nada serve” (João 6,63). Além disso, o verdadeiro Deus não pode ter carne nem sangue, pois Deus é puro ESPÍRITO imaterial. Nesse sentido, é um grande erro dos cristãos dogmáticos interpretar literalmente a seguinte passagem do evangelista João: “Se não

comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna” (João 6,53-54).

101 - EXISTE O MILAGRE DA “TRANSUBSTANCIAÇÃO”?

Para os católicos, sim; não, porém, para os protestantes e os espíritas. Segundo os católicos, Cristo, na noite que precedeu a sua morte, celebrou a última ceia com seus apóstolos, na qual tomou o pão da mesa, fez uma prece e o distribuiu aos seus apóstolos, dizendo: “Tomai e comei, **isto é o meu corpo**”. Depois, tomou o cálice com vinho, fez uma prece e o deu aos seus apóstolos, dizendo: “Tomai e bebei: **isto é o meu sangue**”.

Com estas palavras, Cristo teria transformado pão e vinho em seu verdadeiro corpo e sangue (o chamado **milagre da “transubstanciação”**), de tal maneira que, depois da consagração, cada molécula do que antes era pão e vinho transformou-se no Cristo inteiro: corpo, sangue, alma e divindade. Do pão e do vinho restaram apenas as aparências, chamadas de “espécies” ou “acidentes”, a figura exterior, em oposição à “substância” (= “natureza” ou “essência”). Asseguram ainda os católicos que, naquela última ceia, como em cada missa, se celebrou e se celebra a verdadeira morte de Cristo na cruz.

O escritor e ex-padre católico José Barbosa Neto contesta esse mito católico da seguinte forma: Como poderia Jesus ter dito, na Última Ceia, que **em suas mãos estavam o seu próprio corpo e sangue**,

quando ainda estava **VIVO NO MEIO DOS DISCÍPULOS**, habitando o mesmo corpo com o qual nascera de Maria e com o qual **andara e ainda estava andando** na companhia dos discípulos? Tal pensamento propalado pela Igreja Romana para assegurar a doutrina da **transubstanciação** fere frontalmente a inteligência das pessoas sensatas! Muitas vezes, nas **Sagradas Escrituras** encontramos a mesma construção gramatical, onde o verbo **ser** é usado com o sentido de **representar [isto é meu corpo = isto representa meu corpo]**, e nessas passagens não pode ter outro significado (NETO, 2004, p. 83) (negrito do autor).

Ora, se Jesus, na Última Ceia, transformou literalmente o pão em seu corpo físico e o vinho em seu sangue, pode-se concluir, então, que **ele comeu e bebeu ele mesmo, na Santa Ceia, quando ainda estava VIVO NO MEIO DOS DISCÍPULOS, habitando o mesmo corpo físico, com o qual andava e ainda estava andando?**

Como pode Jesus Cristo estar **FISICAMENTE** presente (com seu corpo **PESADO**, com sua **ALTURA** e com todos os seus membros) na hóstia e no vinho consagrados? Como é que mais de um bilhão de fiéis católicos ainda interpretam literalmente este velho mito da “transubstanciação” eucarística? A crença na presença física de Cristo na Eucaristia é, portanto, totalmente cega, absurda, irracional e, por isso, “fere frontalmente a inteligência das pessoas sensatas!” (NETO, *ibid.*..)

A Ceia Eucarística, portanto, não pode ser de origem do Jesus histórico. O renomado teólogo e ex-padre católico John Dominic Crossan, em seu livro *O Jesus Histórico*, argumenta que a Ceia Eucarística, interpretada literalmente, não é originária do Jesus histórico (cf. CROSSAN, 1994, p. 398-399). Mais precisamente, ele mostra que a Ceia Eucarística, como referida num dos livros mais antigos do cristianismo, o chamado *Didaqué* (ou “Instrução dos Doze Apóstolos”), escrito por volta do final do Século I de nossa era (mas descoberto somente no ano 1883), nada tem a ver com os acréscimos míticos acrescentados posteriormente pelos cristãos a respeito da Ceia Eucarística supostamente instituída por Jesus e sobre o suposto milagre da “transubstanciação”. Mais explicitamente, na Ceia Eucarística descrita no livro *Didaqué* (capítulos 9 e 10), **“não há qualquer menção de uma refeição feita para comemorar a Páscoa, de uma última ceia, nem de alguma conexão com a morte de Jesus ou sua celebração”** (CROSSAN, *ibid.*., p. 400) (negrito meu). Eis na íntegra os versículos dos capítulos 9 e 10 do livro *Didaqué* (extraído da Internet), que falam da Eucaristia:

Didaqué (Capítulo 9): A celebração eucarística

1 Celebrem a Eucaristia deste modo:

2 Digam primeiro sobre o cálice: “Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da santa vinha do teu servo Davi, que nos revelaste por meio do teu servo Jesus. A ti a glória para sempre”.

3 Depois digam sobre o pão partido: “Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da vida e do conhecimento que nos revelaste por meio de teu servo Jesus. A ti a glória para sempre.

4 Do mesmo modo como este pão partido tinha sido semeado sobre as colinas, e depois recolhido para se tornar um, assim também a tua Igreja seja reunida desde os confins da terra no teu reino, porque tua é a glória e o poder, por meio de Jesus Cristo, para sempre”.

5 Ninguém coma nem beba da Eucaristia, se não tiver sido batizado em nome do Senhor, porque sobre isso o Senhor disse: “Não deem as coisas santas aos cães”.

Didaqué (Capítulo 10): Agradecimento depois da eucaristia

1 Depois de saciados, agradeçam deste modo:

2 Nós te agradecemos, Pai Santo, por teu santo Nome, que fizeste habitar em nossos corações, e pelo conhecimento, pela fé e imortalidade que nos revelaste por meio do teu servo Jesus. A ti a glória para sempre.

3 Tu, Senhor Todo-Poderoso, criaste todas as coisas por causa do teu Nome, e deste aos homens o prazer do alimento e da bebida, para que te agradeçam. A nós, porém, deste uma comida e uma bebida espirituais, e uma vida eterna por meio do teu servo.

4 Antes de tudo, nós te agradecemos porque és poderoso. A ti a glória para sempre.

5 Lembra-te, Senhor, da tua Igreja, livrando-a de todo o mal e aperfeiçoando-a no teu amor. Reúne dos quatro ventos esta Igreja santificada para o teu reino que lhe preparaste, porque teu é o poder e a glória para sempre.

6 Que a tua graça venha e este mundo passe. Hosana ao Deus de Davi. Quem é fiel, venha; quem não é fiel, converta-se. *Maran ata*. [‘*Vem, Senhor*’] Amém.

7 Deixem os profetas agradecer à vontade.

O livro *Didaqué* (capítulos 9 e10) é, portanto, uma prova histórica concreta de que a Ceia Eucarística, como interpretada posteriormente pela Igreja Católica, é uma história inventada, uma lenda, um mito, e não um fato real.

102 - COMO OS PROTESTANTES INTERPRETAM A CEIA EUCARÍSTICA?

Os protestantes concordam com a interpretação simbólica de Paulo sobre a Ceia Eucarística. Na avaliação crítica protestante de Frances Young, a explicação do sentido literal da *transubstanciação eucarística* deixa de ter qualquer valor quando pensamos não em termos de *substância* e *acidentes*, mas em termos de *moléculas*, *átomos*, *elétrons* e *núcleos* (cf. YOUNG, 1977, p. 35). A causa desse debate está na confusão entre ‘mito’ e ‘ciência’. Que, em algum sentido real, o pão e o vinho representem o corpo e o sangue de Cristo é o que tem defendido a tradição cristã, mas em nada ajuda a essa fé cristã a tentativa de querer interpretá-la literal e cientificamente, pois, **“quando a ciência se torna ultrapassada, o mito fica comprometido”** (YOUNG, *ibid.*) **negrito meu**).

103 - OS “MILAGRES EUCARÍSTICOS” COMPROVAM A “TRANSUBSTANCIAÇÃO”?

Para os católicos, sim; mas para os espíritas, não. Cerca de 130 milagres eucarísticos são relatados na literatura católica. Os dois mais famosos são: **O Milagre Eucarístico de Lanciano**, ocorrido no século VIII, na cidade de Lanciano, Itália, e **O Milagre Eucarístico de Bolsena**, ocorrido no século XIII, na cidade de Bolsena, Itália, o qual deu origem à Festa de **Corpus Christi**.

104 - COMO FOI O “MILAGRE EUCARÍSTICO” DE LANCIANO?

Um monge dessa cidade, que se sentia atormentado pela dúvida na crença católica da transubstanciação, durante uma missa, viu a hóstia, no momento do ato da consagração, converter-se em carne viva e o vinho em sangue vivo.

Após uma série de análises, a Igreja Católica reconheceu esse milagre eucarístico como comprovação irrefutável da doutrina da transubstanciação, conservou essas relíquias num tabernáculo de marfim e, a partir de 1713, até hoje, a Hóstia-Carne passou a ser guardada numa custódia de prata e o Sangue, num cálice de cristal.

105 - COMO FOI O “MILAGRE EUCARÍSTICO” DE BOLSENA?

Em 1.263, na cidade de Bolsena, Itália, o padre alemão Pedro de Praga, estava celebrando a Missa, quando teve sérias dúvidas sobre a realidade da presença de Cristo na Hóstia consagrada. Assim que ele completou as palavras da Consagração, o Sangue começou a escorrer da Hóstia Consagrada e correr por suas mãos abaixo, sobre o altar e sobre o corporal. Vendo isto, ele interrompeu a Missa e viajou depressa até a cidade de Orvieto onde residia o Papa Urbano IV. Ao ouvir a história dele, o Papa o perdoou por ter tido dúvidas a respeito da transubstanciação e enviou alguns de seus representantes a Bolsena, para investigarem o caso. A investigação confirmou tudo aquilo que o padre havia relatado. Por causa desse milagre, um ano depois, em agosto de 1.264, o Papa Urbano IV instituiu a Festa de **Corpus Christi** (Corpo de Cristo).

106 - COMO O ESPIRITISMO EXPLICA “HÓSTIAS QUE SANGRAM”?

Na visão espírita, “Hóstias que sangram”, como as de Lanciano e de Bolsena, não são “milagres” que comprovam a presença real de Cristo na Hóstia consagrada, mas fenômenos de efeito físico, paranormais ou mediúnicos de transmutação da matéria. No dizer do escritor espírita José Reis Chaves (em sua Coluna em O TEMPO, de Belo Horizonte, 3/9/2008.),

os fenômenos de efeito físico, de Hóstias que sangram, como os de Lanciano, Itália, são paranormais ou mediúnicos

de transmutação da matéria, envolvendo o padre, um ou mais fiéis e um ou mais espíritos da corrente católica. No espiritismo, que é uma ciência e uma religião que mais experiência científica tem nessa área, eles são de variados tipos e são conhecidos aos milhares, os quais são extraordinários, mas também naturais e não sobrenaturais. E Hóstias que sangram não comprovam que as outras Hóstias Consagradas sejam carne e sangue, do mesmo modo que quem levita não comprova que não existe a lei da gravidade.

Eles têm acontecido em várias partes do mundo. No Brasil, ocorreram com o médium padre Cícero, de Juazeiro do Norte, CE. E, no Vaticano, até mesmo com o Papa João Paulo II aconteceu um caso desses, quando ele dava comunhão a uma coreana, em 1995, a qual já tinha tido essa experiência em seu país. A Igreja manteve-se em silêncio a respeito do assunto, pois ela tem suas dúvidas sobre o fenômeno. Ademais, a Igreja não olha com bons olhos a realidade da mediunidade.

107 - EXISTEM MUITAS SEMELHANÇAS ENTRE O “CRISTO DA FÉ” E O “DEUS HÓRUS” DO EGITO?

Com certeza. Conforme já vimos, mas convém repetir, como o Cristo da fé, também Hórus era visto como Deus encarnado, o Filho de Deus, o Salvador do mundo, nascido de um parto virginal e filho de uma mãe divina. Como o Cristo da fé, também Hórus era “o Senhor da Luz” [...], “o Caminho, a Verdade e a Vida” (HARPUR, p. 88 e 93). No dizer desse mesmo autor,

a história de Jesus não é original como nos parece nos Evangelhos do Novo Testamento. Gerald Massey isolou 180 exemplos de semelhança muito próxima ou identidade real entre Hórus, o Cristo do velho Egito, e o Jesus do Evangelho. [...] O Egito foi verdadeiramente o berço da figura do Jesus [mítico] dos Evangelhos. Ali já existia a história de como o filho divino “deixou as cortes celestiais”, conforme Massey descreve, e desceu à terra como o bebê Hórus. Nascido de uma virgem (por meio de quem ele “se fez carne”, ou entrou na matéria), ele depois se torna um substituto da humanidade, desceu ao Hades como o

ressuscitador dos mortos, capaz de perdoá-los e redimi-los, “os primeiros frutos”, e líder da ressurreição para a vida futura. [...] Depois que ocorreu a historicização e a literalização do personagem central no mito de Jesus, e que começaram como uma série de dramatizações baseadas em um redentor simbólico ou mítico fortemente cristalizadas nos quatro Evangelhos como histórias reais de um deus disfarçado, as acusações dos inimigos pagãos e dos críticos do cristianismo se fizeram ouvir. Vocês roubaram todas as nossas crenças e os nossos ritos, clamaram eles, e ao transformá-los em eventos concretos, históricos, os reivindicaram como seus. O que vocês escreveram nos seus Evangelhos já estava tudo escrito antes pelos sábios e semideuses a que reverenciamos. Na minha opinião, esse veredicto dos chamados pagãos é hoje inatacável. Quando se lê, por exemplo, sobre o personagem salvador de Hórus fazendo explicitamente afirmações do tipo “Eu sou”, que os cristãos conservadores ensinam enfaticamente como pertinentes integral e exclusivamente a Jesus – em especial no Evangelho de João –, percebe-se o que aqueles críticos pagãos estavam dizendo. Pense no seguinte: Hórus (O Ritual: O Livro dos Mortos egípcio, c. 78) diz: “Eu sou Hórus em glória”; “Eu sou o Senhor da Luz”; “Eu sou o vitorioso (...) Eu sou o herdeiro do tempo eterno”; “Eu, eu mesmo, sou aquele que conhece os caminhos para o céu”. Essas frases todas fortemente remanescentes (ou melhor, talvez se devesse dizer proféticas) das palavras de Jesus: “Eu sou a luz do mundo”, e novamente, “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. [...] A “vida” de Jesus nos Evangelhos já estava escrita, em essência, pelo menos 5 mil anos antes da vinda dele. Um Jesus egípcio ressuscitou dos mortos um Lázaro egípcio em uma Betânia egípcia, na presença de uma Maria e uma Marta egípcias, nas inscrições daquela terra antiga pelo menos 5 mil anos antes da era cristã. (HARPUR, p. 86-89).

108 - EXISTEM MUITAS SEMELHANÇAS ENTRE O “CRISTO DA FÉ” E O “DEUS MITRA” DA PÉRSIA?

Sim. Como o “Cristo da fé”, o deus Mitra (ou Mitras) também é o “Salvador” da humanidade e também é “logos”, ou seja,

“emanado de Deus”, “palavra de Deus”, “verbo de Deus”. Como o Jesus mítico, Mitra também nasce milagrosamente de um parto virginal, nasce (como Cristo) no dia 25 de dezembro e, ao nascer, os pastores vieram adorá-lo. Mitra é o porto e a âncora da salvação e, terminada sua missão terrestre, morre, ressuscita e volta ao Céu, permanecendo lá como Protetor Soberano. Os seus adoradores devem servi-lo com absoluta pureza, recebendo, conforme já vimos, **sete sacramentos**, entre os quais figuram o **batismo**, a **confirmação** e a **comunhão: pão e vinho consagrados** por fórmulas rituais. Depois da morte, os fiéis devem comparecer diante de Mitra e, se tiverem sido bons, gozarão a eterna felicidade e, se tiverem sido maus, irão para o inferno eterno. No fim do mundo, virá Mitra para o Juízo Final. Linha por linha, encontramos aqui o cristianismo do Jesus mítico (não, porém, o cristianismo do Jesus histórico). O que faltava aos livros hindus encontramos aqui na religião persa. O culto a Mitra chegou a Roma com uma força tão grande, nos primeiros três séculos depois de Cristo, de tal modo que, se não tivesse ocorrido a vitória de Constantino, o mundo, no dizer de Renan, “teria se tornado mitriano, em vez de cristão” (apud GRIESE, 1957, p. 117).

109 - EXISTEM MUITAS SEMELHANÇAS ENTRE KRISHNA E CRISTO?

Com certeza. Apresento a seguir muitas semelhanças entre Krishna (deus hindu) e Cristo (deus cristão), quase todas extraídas da obra *Krishna*, de Édouard Schuré (SCHURÉ, 1986):

1. Krishna, como Cristo, também era filho de Deus.
2. Krishna, como Cristo, também era Deus encarnado.
3. Krishna, como Cristo, também era a Segunda Pessoa da Trindade.
4. Krishna, como Cristo, também era considerado o único Salvador do mundo.
5. Krishna, como Cristo, também era o Verbo Criador.
6. Krishna, como Cristo, também nasceu miraculosamente (de um parto virginal).
7. Krishna, como Cristo, também era filho de Deus com uma mulher da Terra.

8. A mãe de Krishna, como a mãe de Cristo, foi fecundada por uma divindade, e não por um homem da Terra.
9. A mãe de Krishna, como a mãe de Cristo, foi concebida sem pecado.
10. Krishna, como Cristo, também se transfigurou.
11. Krishna, como Cristo, também era considerado o Messias.
12. Krishna, como Cristo, também era a Palavra de Deus.
13. Krishna, como Cristo, também fazia muitas curas e milagres.
14. Krishna, como Cristo, também declarava ser **O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA**: “**Eu sou o caminho [...]; eu sou a vida [...]; sou eu mesmo a luz da Verdade [...]**” (ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 92, n. 18-19; p. 101, n. 11) (negrito meu).
15. Cinco mil anos antes de Cristo ensinar que o conhecimento da verdade liberta o homem, “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8, 32), no *Bhagavad Gita* dos hindus – correspondente ao Evangelho dos cristãos – Krishna já ensinava que,

se alguém se apoderar da Verdade, entrará na mansão da suprema beatitude e repousará na paz da divindade. [...] Quem se integra no Ser Supremo e nele repousa está livre da incerteza e trilha caminho luminoso, do qual não há retorno, porque **a luz da verdade o libertou do mal** (apud ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 57, 62) (negrito meu).

16. A mesma verdade religiosa expressa por Cristo no Apocalipse cristão, “Eu sou o princípio e o fim, o Alfa e o Ômega (cf. Apocalipse 1,8), já havia sido expressa por Krishna no *Bhagavad Gita*: “Eu sou o princípio dos mundos e sou o seu fim” (ROHDEN, *ibid.*, p. 78).
17. Cinco mil anos antes de Cristo ensinar a chamada “regra de ouro”: “Tudo aquilo, portanto que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles...” (Mateus 7, 12), Krishna já ensinava essa mesma “regra de ouro”, nos seguintes termos: “Não faças aos outros aquilo que, se a ti fosse feito, causar-te-ia dor” (apud RAMATIS, 1996, p. 9).
18. Existem semelhanças incontestáveis entre as narrativas evangélicas sobre o suposto nascimento miraculoso de Cristo

pela Virgem Maria e as antigas lendas indianas sobre o nascimento extraordinário de Krishna pela Virgem Devanaki, a saudação à Virgem Devanaki por um eremita e a saudação à Virgem Maria por Isabel, o nome de Krishna e o de Cristo etc. Vejamos, por exemplo, o seguinte texto da literatura védica, comparável a algumas passagens do Evangelho de Lucas (cf. Lucas 1, 26-35):

Vishnu, de acordo com as mais antigas fontes, apareceu sob a forma de homem em 4.000 a.C. à virgem Devanaki (= mulher criada para Deus) que pertencia à casa real. Devanaki caiu em êxtase, ofuscada pelo espírito de Deus, que se uniu a ela em divino e majestoso esplendor. Devanaki concebeu uma criança. Uma profecia no Atharva-Veda narra o acontecimento da seguinte forma: “Bendita és tu, Devanaki, entre todas as mulheres, e bem-vinda sejas entre os sagrados Rishis. Foste escolhida para a obra da salvação [...]. Ele virá com uma coroa de luz e o céu e a terra se encherão de júbilo [...]. Virgem e mãe, nós te saudamos, como a mãe de todos nós, pois darás à luz ao nosso salvador, a quem darás o nome de Krishna” (KERSTEN, 1986, p. 136-137).

19. Krishna, semelhante a Cristo, também foi assassinado por soldados e morreu trespassado por uma seta.
20. Após a morte de Krishna, como após a morte de Cristo, o sol sumiu, um grande vento surgiu de repente e uma tempestade de neve tombou no Himávat sobre a terra. O céu escureceu, um turbilhão negro varreu as montanhas.
21. Krishna, como Cristo, também apareceu ressuscitado aos seus discípulos.
22. Krishna, como Cristo, também subiu aos céus.
23. Krishna, como Cristo, também selou a sua obra com o sacrifício de sua vida.
24. O nome “Krishna” tem a mesma raiz que “Cristo”, palavra derivada do grego *chrestos* que significa “ungido com óleo”. A palavra Cristo remonta ao sânscrito Krsna (Krishna quer dizer “o que tudo atrai”). Este ser, capaz de tudo atrair, é a mais alta personificação de Deus (cf. KERSTEN, p. 137).

25. O Krishna histórico, como o Cristo (ou Jesus) histórico, pregava, acima de tudo, a caridade para com o próximo.
26. O Krishna histórico, como o Cristo (ou Jesus) histórico, também ensinava um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor: a bondade, a retidão, o amor ao próximo (até mesmo ao inimigo), a retribuição do mal com o bem, o desapego, a caridade, a humildade, a esperança, o perdão, a renúncia das riquezas, a união com Deus etc. (cf. SCHURÉ, 1986, p. 54-58).

Essa comparação entre Krishna e Cristo comprova claramente que o Cristo mítico foi, de fato, criado com base na figura igualmente mítica de Krishna, o deus Salvador do hinduísmo. Mas vale ressaltar também que os ensinamentos ético-morais do Krishna histórico são idênticos aos do Cristo (ou Jesus) histórico, o que realmente importa para a evolução espiritual da humanidade.

110 - EXISTEM MUITAS SEMELHANÇAS ENTRE BUDA E JESUS?

Sim. Do mesmo modo como existem muitas semelhanças, como vimos, entre Hórus e Jesus, Mitra e Cristo, Krishna e Cristo, do mesmo modo há muitas semelhanças entre Buda e Jesus, embora essas semelhanças sejam normalmente negadas pelos cristãos exclusivistas, os quais ainda acreditam no **mito da unicidade cristã**, segundo o qual o cristianismo é uma religião, “exclusiva”, “excepcional” e “única”.

A palavra “Buda” é um título que significa “o Desperto” ou “o Iluminado”:

Esse título passou a definir a condição de Sidarta Gautama e ficou ligado ao seu nome, da mesma maneira como o título de “Cristo” (“Salvador”) associou-se ao nome de Jesus (PAULA, 2002, p. 40).

É preciso esclarecer que, do mesmo modo como precisamos distinguir o Jesus histórico do Jesus mítico, é preciso também distinguir o Buda histórico do Buda mítico, com a consequente

distinção entre duas modalidades antagônicas de budismo: o das origens e o mítico.

111 - O QUE É O BUDISMO DAS ORIGENS?

O budismo das origens é o sistema ético, religioso e filosófico, fundado no século VI a.C., na Índia, por Sidarta Gautama, o Buda (563-483 a.C.), difundido por todo o leste asiático, e que consiste fundamentalmente no ensinamento de como, pela conquista do mais alto conhecimento, se escapa da roda dos renascimentos (reencarnações) e se chega ao nirvana (cf. AURÉLIO, verbete **budismo**).

112 - O QUE É O BUDISMO MÍTICO?

Assim como ocorreu na divisão (por volta do início do séc. IV) entre o cristianismo das origens (o cristianismo de Jesus) e o cristianismo mítico dos cristãos (**paulinismo**), também o budismo, por volta do séc. III, dividiu-se em dois ramos ou duas escolas antagônicas principais: o **budismo hinayana** (o budismo das origens) e o **budismo mahayana** (o budismo mítico).

Mais explicitamente, o budismo *hinayana* – ou Pequeno Veículo – chamado também de tradição *theravada*, é o ramo ortodoxo, histórico, que segue os ensinamentos autênticos do Buda histórico. Essa escola não se interessa por aspectos sobrenaturais, como a natureza da divindade e outros temas metafísicos semelhantes ensinados pelo budismo mítico.

O budismo *mahayana* – ou Grande Veículo – é o ramo progressista, popular e mítico do budismo, o qual desenvolveu aspectos sobrenaturais e imaginários de Buda e da religião budista, e possui muitas subdivisões, tal como ocorreu no cristianismo dos cristãos. No budismo *mahayana*, Buda é (como o Jesus mítico), filho de Deus, Deus encarnado, salvador, nascido de um parto virginal.

113 - O BUDISMO DAS ORIGENS É UMA RELIGIÃO ATEIA?

O budismo *hinayana* (o budismo das origens) é considerado uma *religião atea*, não por negar a existência de Deus, mas porque

não está interessado na natureza da divindade, nem na origem do mundo ou em questões metafísicas semelhantes. A essência do budismo das origens (tal como o cristianismo das origens) é a prática da compaixão, do altruísmo, da caridade e do amor, ou seja, a vivência da verdadeira religião, e não a crença em divindades ou temas semelhantes. Buda (como Jesus) tem os pés no chão: ele quer resolver os problemas reais que os homens enfrentam no dia-a-dia. Ele percebe que a grande realidade do homem aqui na Terra é o sofrimento e procura meios para solucionar este problema no aqui-e-agora da vida humana.

114 - QUAIS SÃO AS 4 NOBRES VERDADES DO BUDISMO DAS ORIGENS?

A doutrina do budismo das origens está fundamentada nas seguintes *Quatro Nobres Verdades* (cf. SILVA & HOMENKO, 1999, p. 33-34):

1. A verdade da existência do sofrimento (O SOFRIMENTO EXISTE).
2. A verdade da causa ou origem do sofrimento (A ORIGEM DO SOFRIMENTO SÃO OS DESEJOS EGOÍSTAS E OS APEGOS DE QUALQUER TIPO).
3. A verdade sobre a extinção do sofrimento (O SOFRIMENTO PODE SER EXTINTO).
4. A senda que conduz à extinção do sofrimento é o *Nobre Caminho Óctuplo*, cujas regras são as seguintes: 1) **crença correta**; 2) **pensamentos corretos**; 3) **palavras corretas**; 4) **atos corretos**; 5) **intenções corretas**; 6) **esforços corretos**; 7) **atividades corretas**; 8) **meditação correta**.

Inegavelmente, existem muitas semelhanças entre a doutrina do Buda histórico e a do Jesus histórico, do mesmo modo como existem muitas semelhanças entre o budismo mítico e o cristianismo dogmático/mítico. Como estamos vendo, a doutrina básica do budismo das origens é a de que toda a vida é sofrimento, mas o sofrimento passa, tudo passa, tudo é ilusão, tudo é aparência. E o caminho para vencer o sofrimento é a renúncia aos desejos e prazeres deste mundo ilusório; o caminho é mudar o coração,

esvaziando-o de todo desejo, de todo apego, de toda ilusão, de todo preconceito, de toda maldade. Essa foi também a moral evangélica básica pregada pelo Jesus histórico.

Estamos percebendo, por conseguinte, que os ensinamentos morais de Buda e os de Jesus são muito semelhantes, para não dizer idênticos. Ambos pregam a renúncia, o desapego e o correto modo de agir. Ambos pregam aquilo que é essencial para o ser humano evoluir espiritualmente: uma vida correta, pensamentos corretos (puros), ações e palavras corretas etc., tudo isso como instrumentos necessários para atingir o estado de libertação (o estado de iluminação ou de Buda). Jesus também dizia: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mateus 5,8).

Em suma, tanto Jesus como Buda ensinam a prática de uma vida correta, pura e cheia de amor, a fim de que o homem se liberte das cadeias que o prendem a este mundo de ilusões e de aparências enganadoras.

Por outro lado, do mesmo modo como o Buda histórico, que, durante sua vida terrena, nunca afirmou ser Deus, foi, posteriormente, venerado como uma divindade, também o Jesus histórico, que nunca declarou ser Deus, foi, posteriormente, divinizado pelo cristianismo dogmático e mítico:

Mitos e lendas idealizaram estes personagens. Buda e Jesus foram endeusados e colocados acima de todos os deuses. Surgiu uma busca, sem limites, de milagres. **Em ambos os credos, a princípio não existe uma igreja organizada mas apenas uma comunidade de simpatizantes** (KERSTEN, p. 86-87) (negrito meu).

115 - QUE OUTRAS COMPARAÇÕES SÃO FEITAS ENTRE BUDA E JESUS?

Apresentarei, a seguir, mais evidências acerca da indiscutível semelhança entre Buda e Jesus, esses dois personagens que marcaram profundamente a história religiosa da humanidade. Os dados foram quase todos extraídos e adaptados do livro *Jesus Viveu na Índia: a desconhecida história de Cristo antes e depois da Crucificação*, de autoria do teólogo alemão Holger Kersten. De acordo

com esse autor, “encontramos [nos evangelhos] mais de ‘cem passagens’ claramente enraizadas na antiga tradição budista” (KERSTEN, 1986, p. 83). O teólogo e ex-padre católico Franz GRIESE informa-nos que, pelos menos 4 textos do Novo Testamento são cópias do budismo: Simeão no Templo, a tentação do diabo, o milagre da multiplicação de pães e a caminhada de Pedro sobre o mar (GRIESE, 1957, p. 115). Agora vejamos, resumidamente, a comparação entre Buda e Jesus feita pelo famoso teólogo alemão Holger Kersten (cf. KERSTEN, 1986, p. 85-93):

1. Como o Cristo bíblico, Buda nasceu de maneira miraculosa. Foi anunciado por anjos como o salvador.
2. Existe, também, um Simeão budista, que profetizou o nascimento de Buda, de forma semelhante àquela com que o velho e santo Simeão profetizou a vinda do Messias.
3. Mais ou menos com a idade de 30 anos, isto é, com a mesma idade de Jesus, Buda inicia sua carreira espiritual.
4. Durante um jejum e penitência, Buda é tentado pelo mal da mesma forma como Jesus o foi pelo diabo, após 40 dias e 40 noites de abstinência.
5. Como Jesus, Buda perambula com seus discípulos, na mais completa pobreza, expressando-se através de máximas, imagens e parábolas.
6. Como o Cristo bíblico, também Buda tem doze discípulos.
7. Os primeiros seguidores de Buda são também dois irmãos, exatamente como aconteceu com Jesus.
8. Os primeiros seguidores de Buda estão sentados sob uma figueira (um símbolo do Budismo) quando são chamados. Jesus também encontra um de seus primeiros apóstolos sob uma figueira.
9. Como Jesus, Buda também tem um discípulo favorito e um traidor.
10. Do mesmo modo como Jesus critica os fariseus, Buda critica os brâmanes.
11. A grande afinidade existente entre os ensinamentos éticos de Buda e de Jesus é bem conhecida: Ambos proíbem matar, roubar, mentir e ter relações sexuais ilícitas. Ambos mandam respeitar os mais velhos. Ambos louvam a paz

- interior. Ambos querem pagar o mal com o bem, e recomendam amar os inimigos, não acumular riquezas supérfluas, e optar pela misericórdia em vez do sacrifício.
12. Buda e Jesus apresentam-se como “Filho do Homem”.
 13. Buda e Jesus eram chamados de “Profeta”, “Mestre” e “Senhor”.
 14. As denominações de Buda, “Olho do Mundo” e “Luz Inigualável”, correspondem àquelas de Jesus: “Luz do Mundo” e “Luz Verdadeira”.
 15. O conhecimento que Buda tinha de si mesmo e de sua missão é muito próximo àquele de Cristo.
 16. Assim diz Buda: “Aqueles que acreditam em mim e me amam serão certamente recebidos no paraíso. Aqueles que acreditam em mim serão salvos”. No Evangelho de João, as palavras são incrivelmente similares: “Quem ouve minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna...” (João 5, 24). E mais: “Quem crê em mim, viverá” (João 11,25).
 17. Buda [como Jesus] diz a seus discípulos: “Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça”. Por sua intercessão acontecem milagres, os doentes são curados, os cegos voltam a ver, os surdos ouvem, os aleijados começam a andar.
 18. Buda cruza o rio Ganges, como Jesus cruzou o lago de Genezaré.
 19. Se os discípulos de Jesus fazem milagres, o mesmo aconteceu com os discípulos de Buda.
 20. Antes de São Pedro, também um discípulo de Buda andou sobre as águas; nesse episódio Pedro afunda quando sua fé começa a ser abalada e o mesmo acontece com o discípulo de Buda ao despertar de uma profunda meditação sobre seu Mestre. São Pedro foi salvo pelo Senhor; o discípulo de Buda, pela renovação de sua confiança no Mestre. É claro que o Novo Testamento importou esses particulares de fora, uma vez que o fenômeno de caminhar sobre as águas era totalmente estranho aos judeus, ao passo que era muito comum na Índia.

21. Buda, como Jesus, nunca realizou milagres para provocar sensacionalismo. Porém, mais tarde, no budismo Mahayana (o budismo mítico, como no cristianismo mítico e no islamismo), o milagre passou a ocupar um lugar de relevo. Em todas as religiões, as massas estão mais inclinadas à magia, aos milagres e garantias materiais que à essência espiritual, ao *ethos*.
22. Um dos mais surpreendentes paralelos entre as escrituras budistas e o Novo Testamento é **a parábola da viúva pobre** (cf. Marcos 12, 41-44). Essa parábola foi copiada da literatura budista.
23. As analogias entre o budismo e o cristianismo continuaram depois da morte de Buda e de Jesus. Como já vimos, mitos e lendas idealizaram estes personagens. Buda e Jesus foram endeusados e colocados acima de todos os deuses. Surgiu uma busca, sem limites, de milagres. Em ambos os credos, a princípio não existe uma igreja organizada mas apenas uma comunidade de simpatizantes. Logo nasceu uma disputa doutrinal entre os conservadores extremistas e adeptos progressistas. Em ambos os casos, reuniu-se um concílio de discípulos, um em Jerusalém e outro em Rajagriha.
24. E, assim como os budistas ortodoxos estabeleceram seus dogmas no Concílio de Patalipurra (241a.C.), cerca de 250 anos após a morte de Buda, os ortodoxos cristãos determinaram os seus no Concílio de Niceia (325), 300 anos após o desaparecimento de Jesus.

Pelas inegáveis semelhanças entre Buda e Jesus, Hórus e Cristo, Mitra e Jesus, Krishna e Cristo, podemos concluir que o cristianismo dogmático e mítico dos cristãos é, de fato, uma religião altamente sincretista, uma vez que é o resultado da fusão de diversas crenças e mitos. Essa verdade histórica deveria diminuir (ou mesmo eliminar) as pretensões exclusivistas e espiritualmente arrogantes da grande maioria dos cristãos em torno do **mito da unicidade cristã**.

Nesse sentido, tem muita razão o renomado historiador das religiões Ambrogio Donini, ao fazer a seguinte reflexão pluralista e crítica:

Fala-se ainda hoje do cristianismo como de uma religião em si, para a qual confluíram e encontraram a sua sistematização motivos antiquíssimos, até representar algo de “excepcional” e de “único”. **É necessário despir-se deste hábito dogmático e, se me permitem a expressão, presunçoso** (DONINI, 1965, p. 198) (negrito meu).

116 - EXISTEM MUITAS SEMELHANÇAS ENTRE A LITERATURA SAGRADA DA ÍNDIA E A DA BÍBLIA JUDAICO-CRISTÃ?

Com certeza. Apresentarei a seguir uma série de comparações entre textos sagrados da Índia e da Bíblia judaico-cristã, publicados pelo teólogo e ex-padre católico Franz GRIESE, a fim de comprovar que a Bíblia judaico-cristã é, de fato, em grande parte, uma cópia (mal feita) ou plágio de textos sagrados da Índia. Os textos foram quase todos extraídos e traduzidos do livro *La Desilusión de un Sacerdote: la verdad científica sobre la religión cristiana* (GRIESE, 1957, p. 98ss, tradução minha).

Os textos são apresentados em duas colunas: na coluna esquerda, estão os textos da literatura sagrada da Índia e, na coluna direita, os textos da Bíblia judaico-cristã.

CRIAÇÃO DO MUNDO

Texto do Manu 1.5	Texto da Bíblia (Gênesis 1, 1-3)
<p>Todo este mundo estava, em outros tempos, dissolvido na não existência, escuridão. Mas quando chegou a hora de despertar, apareceu Ele... Ele estava envolvido em luz e dissipou a escuridão... Decidiu criar todas as criaturas e pôs nas águas o germe de toda a vida. Chamou a água de <i>Nara</i> e o Espírito criador de <i>Narayana</i> (o que se move sobre as águas).</p>	<p>No princípio, criou os Deuses* o Céu e a Terra. A Terra estava deserta e vazia; a escuridão cobriu o abismo e o Espírito dos Deuses se movia sobre as águas. E os Deuses disse: Seja feita a luz e a luz se fez.</p> <hr/> <p>* O texto hebraico diz “Elohim”, que significa “Deuses”, e não “Deus”; o verbo, porém, está no singular. Sem dúvida, trata-se aqui de uma reminiscência da trindade divina da Índia.</p>

ADÃO E EVA

Prasada (Livro dos livros)

Segundo a lenda deste livro indiano, Deus criou Adima (primeiro homem) e Heva (desejo ardente) na ilha de Ceylan, e proibiu-lhes de abandoná-la. Depois do primeiro encontro de Adima e Heva, que se desenvolvia de forma sumamente poética, segue a primeira noite, coroando sua felicidade, e segue um tempo de constante alegria. Mas o príncipe Rackeha, espírito do mal, induz Adima a abandonar a ilha para entrar em um país sumamente formoso, que lhes mostra. Heva não quer deixar a ilha, por temor a Deus. Mas Adima pede-lhe que o acompanhe para ver aquela região, ainda que seja somente por um momento. Chegam à ilha e Adima põe Heva sobre os seus ombros para levá-la sobre aquelas rochas, que ainda hoje levam o nome de "Ponte de Adima", ao país desejado; mas, quando mal pisam em terra firme, ouve-se um trovão horroroso e desaparece aquela visão como *Fata Morgana* que era. Heva diz para Adima que peça perdão a Deus; e Este aparece a eles e perdoa-lhes pela conduta de Heva; só que não podem voltar ao paraíso e devem trabalhar. "Vossos Filhos, diz Deus, se esquecerão de Mim, mas Eu enviarei [meu Filho] Vishnu Krishna [o 1º salvador divino da

Gênesis (2, 7 e 3)

A lenda bíblica conta que Javé criou Adão do barro, soprando-lhe no seu nariz o espírito da vida; e criou Eva de uma costela de Adão, o que representa uma verdadeira degeneração da lenda indiana. O paraíso era um pequeno jardim, em cujo centro, como na lenda indiana, estava a árvore da vida, do saber e da imortalidade, que, segundo o texto indiano, era uma só, e não duas, como na narrativa da Bíblia; em vez do espírito do mal, vem uma serpente que seduz Eva e Eva seduz Adão. Quando comem, veem que estão nus, sem que haja relação alguma entre esta nudez e a maçã. E quando Deus os chama, Adão, com pouca delicadeza, coloca a culpa em Eva: "A mulher que me deste como companheira me deu da árvore e eu comi". Eva, por sua parte, coloca a culpa na serpente. Deus condena Adão e Eva, bem como toda sua posteridade, e até mesmo toda a Terra, pelo pecado "horroroso" que eles cometeram. Não lhes dá esperança nenhuma e somente faz para eles uma túnica de pele, despejando-os do paraíso e pondo querubins com espadas diante do portão do jardim. Só faltaria saber se era um portão de madeira ou de ferro e um muro de tijolos ou de

<p>Índia, segunda pessoa da trindade divina, 4.000 a.C.], o qual, nascido de uma virgem, dará a todos a esperança de uma vida eterna”.</p>	<p>cimento armado o qual rodeava o paraíso. <i>Sancta Simplicitas!</i></p>
--	--

O DILÚVIO

<p>HARY PURANA</p> <p>Ninguém pode alterar minha indeclinável vontade: os homens serão extinguidos. Mas por amor a ti, serei bom com a Terra em que vivem. Se se encontra um só grupo de homens, que merece crescer para formar um povo, este grupo e a Terra serão salvos da destruição. Ide, pois, porque em breve desencadearéi todas as águas sobre a Terra. Vishnu, a segunda pessoa divina, desceu então à Terra e ao país Cayacondbya; ali disse ao santo Vaivasvata: levanta-te, toma teu machado e segue-me com teus filhos até o próximo bosque. Procura as árvores mais fortes, corta-as e constrói delas um barco para teu povo e para ti. Deve também haver lugar nele para um casal de todos os animais e sementes de todas as plantas... Assim que Vaivasvata fechou a arca, começou a chuva sem interrupção; os mares saíram das suas bordas, toda a terra desapareceu debaixo das águas. Isto durou dias, meses e até anos. Por fim, terminou a água... A arca se deteve no monte Hijmavat (Himalaya)...</p>	<p>GÊNESIS (6, 6ss)</p> <p>E arrependeu-se Javé de feito os homens da Terra, e afligiu-se o seu coração. E disse Javé: destruirei os homens que criei sobre a face da Terra, não só o homem, mas até os animais, os répteis e as aves do céu, porque me arrependo de os ter feito. Mas Noé achou graça aos olhos de Javé. E disse Deus a Noé: chegou o fim de toda carne, porque a Terra está cheia de violência por causa dos homens e eu os farei desaparecer da Terra. Faze uma arca de madeira resinosa; tu a farás de caniço e a calafetarás com betume por dentro e por fora. Eis como a farás: para o comprimento da arca, 300 côvados; para a sua largura, 50 côvados; para sua altura, 30 côvados... Estabelecerei meu pacto contigo e entrarás na arca, tu e teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos contigo. E de tudo o que vive, de tudo o que é carne, farás entrar na arca dois de cada espécie, um macho e uma fêmea, para os conservares em vida contigo. (No capítulo 7,2, Javé manda pôr sete casais de cada animal na arca; como é que nem mesmo a Bíblia notou esta contradição? Sem dúvida, existiam duas diferentes fontes que</p>
--	---

Então, Vaivasvata abriu sua mão e deixou voar uma pomba, a qual, com pés úmidos, voltou pela tarde. Depois, deixou voar um *Rajjuvalaka*; ele também voltou com as asas molhadas. Em seguida, deixou voar dois *Grullas* (aves); voltaram à tarde, voando ao redor da nave, mas não entraram... De novo, deixou voar uma pomba, que, à tarde, voltou, voando com um canto alegre ao redor da nave e se dirigiu em direção ao leste; em seu bico levava um caule da santa folha Cusa... Vaivasvata fez um sacrifício de graça aos deuses e um sacrifício de bebida para as almas dos mortos, aos quais a ira divina havia alcançado. Depois tomou um cabrito de lã vermelha que havia nascido na arca e o matou sobre o altar, e disse: este sangue seja testemunho da aliança entre o Céu e a Terra.

os hagiógrafos utilizaram.)... Do ano 600 da vida de Noé, no segundo mês, dia 17 (calendário gregoriano?) foram quebradas todas as fontes do grande abismo, e as cataratas dos céus foram abertas, e houve uma chuva sobre a Terra durante 40 dias e 40 noites. As águas chegaram até 15 côvados sobre os cumes dos montes mais altos (?) e ficaram as águas 150 dias. E Deus fez passar um vento sobre a Terra e diminuíram as águas... E repousou a arca no mês sétimo, no dia 17 do mês, sobre os montes da Armênia... E ao cabo de 40 dias, abriu Noé a janela da arca que havia feito e deixou voar um corvo, o qual saiu, indo e voltando até que as águas secaram sobre a Terra. Enviou também uma pomba... E não achou a pomba onde sentar seu pé e voltou para a arca. E esperou outros sete dias e voltou a enviar uma pomba para fora da arca. E a pomba voltou a ela, à tarde, e eis que ela trouxe uma folha de oliveira em seu bico... Esperou outros sete dias e enviou uma pomba, a qual não voltou mais... Então, saiu Noé... E edificou Noé um altar a Javé e tomou de todo animal limpo, e de toda ave limpa, e ofereceu um holocausto no altar e sentiu Javé o cheiro amoroso (do sacrifício), e disse Javé em seu coração: não voltarei a amaldiçoar a Terra por causa do homem; porque o coração do homem é mau desde a sua infância (Gênesis 8, 22).

A LENDA DE JOSÉ (GRIESE, p. 104)

Esta história com as aventuras que, segundo a Bíblia, teve José, filho de Jacó e bisneto de Abraão, no Egito, tanto com a mulher de Potifá, como na corte do Faraó, sua conduta para com seus irmãos etc., é uma copia íntegra dos livros da Índia, como demonstrou claramente o sábio escritor Bloomfield, na sua obra: “*The Life and Histories of the Jaina Savior Parvcanatha*”.

Da mesma forma, poder-se-ia demonstrar a identidade de outras lendas dos livros de Moisés com as lendas da Índia. Até a própria história de Moisés, cuja mãe o pôs numa cesta e o entregou às águas do rio Nilo, de onde foi recolhido pela filha do Faraó, se encontra passo a passo na literatura hindu.

NASCIMENTO DE KRISHNA PELA VIRGEM DEVANAKI E DE CRISTO PELA VIRGEM MARIA

<p>“Numa tarde, quando a Virgem rezava, ouviu-se uma música celeste, o ambiente se iluminou e Vishnu (Segunda Pessoa da Trindade) apareceu-lhe no esplendor de sua majestade divina. Devanaki caiu em êxtase e concebeu por obra do Espírito Santo.” (<i>Tradições Brâmanes</i>, apud GRIESE, p. 107)</p>	<p>“O anjo respondeu: O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus.” (Lucas 1,35)</p>
---	--

SAUDAÇÃO À VIRGEM DEVANAKI POR UM EREMITA E À VIRGEM MARIA POR ISABEL

<p>“Bendita és tu, Devanaki, entre todas as mulheres, e bem-vinda sejas entre os sagrados Rishis. Fostes escolhida para a obra da salvação... ele virá com uma coroa de luz e o céu e a terra se encherão de júbilo... Virgem e mãe, nós te saudamos, como a mãe de todos nós, pois darás a luz ao nosso salvador” (<i>Atharva Veda</i>, apud GRIESE, p. 107).</p>	<p>“Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre! Donde me vem que a mãe do meu Senhor me visite?” (Lucas 1,42)</p>
--	---

O NOME DE KRISHNA E O DE JESUS

<p>“E o chamarás com o nome de Krishna” (<i>Atharva Veda</i>, apud GRIESE, <i>ibid.</i>).</p>	<p>“E o chamarás com o nome de Jesus” (Lucas 1,31)</p>
---	--

BUDA E CRISTO SÃO SAUDADOS POR DOIS VENERÁVEIS ANCIÃOS

<p>“Avisado do nascimento de Buda, um velho Brâmane, de nome Asita, desce do Himalaia e profetiza: Vosso filho nasceu para a salvação de todo o que vive. Será um salvador do mundo. Acenderá uma luz duradoura para todos os seres... Ele derrubará as pesadas portas do inferno e trará a libertação.” (<i>Sutta Nipata</i>, apud GRIESE, p. 108)</p>	<p>“E havia em Jerusalém um homem chamado Simeão... Movido pelo Espírito Santo, ele veio ao Templo, e quando os pais trouxeram o menino Jesus para cumprir as prescrições da Lei a seu respeito, ele o tomou nos braços e bendisse a Deus, dizendo: Agora, Soberano Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra porque meus olhos viram a tua salvação, que preparaste em face de todos os povos, luz para iluminar as nações e glória de teu povo, Israel.” (Lucas 2, 25-32)</p>
---	--

O TIO DE KRISHNA, O REI DE BUDA E O REI HERODES MANDAM MATAR AS CRIANÇAS

<p>“Mandou matar em seus estados todas as crianças masculinas, que tinham nascido na mesma noite em que nasceu Krishna.” (<i>Tradições Brâmanes</i>, apud GRIESE, p. 108)</p>	<p>“Então Herodes... mandou matar, em Belém e no seu território, todos os meninos de dois anos para baixo, conforme o tempo de que havia se certificado com os magos.” (Mateus 2,16)</p>
---	--

AOS DOZE ANOS, TANTO BUDA COMO CRISTO SÃO PROCURADOS POR SEUS PAIS

<p>“Buda estava entre os sábios e os doutores das Sagradas Escrituras, absorto em profunda meditação.” (<i>Abbinischkramana Sutra</i>, apud GRIESE, p. 108)</p>	<p>“Três dias depois, eles o encontraram no Templo, sentado em meio aos doutores, ouvindo-os e interrogando-os.” (Lucas 2,46).</p>
---	--

ANTES DE INICIAR A VIDA PÚBLICA, TANTO BUDA COMO CRISTO VÃO AO DESERTO E SÃO TENTADOS PELO DIABO

“O diabo disse a Buda: ‘Sou o Senhor do prazer; sou o dono de todo o mundo; os deuses, os animais e os homens estão sob meu poder. Assim como eles, vem também tu para o meu reino...’ Buda contesta: ‘Ainda que tu sejas o Senhor do prazer, não és, contudo, o Senhor da Luz. Olha-me: eu sou o Senhor da lei...’ Como todas as tentativas fracassam, o diabo desiste de seu plano e retorna ao inferno com estas palavras: ‘Meu poder se acabou...’ Buda, porém, fica sentado quieta e pacificamente.” (*Lalita Vistara e Abbinischkaramana Sutra*, apud GRIESE, p. 108)

“O diabo, levando-o para um alto monte, mostrou-lhe num instante todos os reinos da terra e disse-lhe: ‘Eu te darei todo este poder com a glória destes reinos, porque ela me foi entregue e eu a dou a quem eu quiser. Por isso, se te prostrares diante de mim, toda ela será tua.’ Replicou-lhe Jesus: ‘Está escrito: Adoraráis ao Senhor teu Deus, e só a ele prestarás culto...’ Tendo acabado toda a tentação, o diabo o deixou até o tempo oportuno.” (Lucas 4, 5-13)

O APÓSTOLO FAVORITO DE BUDA E CRISTO SENTADOS JUNTO A UM POÇO SÃO INTERPELADOS POR UMA MULHER DE OUTRA CASTA

“Ananda [o apóstolo favorito de Buda] pede a uma moça, que vem em busca de água, que lhe dê um pouco d’água. A jovem contesta e diz: ‘Como podes pedir-me um pouco d’água? Pertencço à casta dos párias e, logo, não posso aproximar-me de um Santo’. Ananda contesta, dizendo-lhe: ‘Não me interessa saber qual a sua casta. Estou apenas lhe pedindo um pouco d’água’. Neste momento, aproxima-se Buda e, dando-lhe água divina para beber, converte a jovem à sua doutrina de salvação.” (*Divya – Adadana*; apud GRIESE, p. 109)

“Uma mulher samaritana chega para buscar água. Jesus lhe diz: ‘Dá-me de beber!’... Diz-lhe então a samaritana: ‘Como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim, que sou samaritana?’ (Pois os judeus não se dão com os samaritanos). Jesus lhe respondeu: ‘Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: ‘Dá-me de beber’, tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva!’” (João 4, 7-10)

BUDA E CRISTO ENVIAM SEUS APÓSTOLOS PARA PREGAR SUAS DOCTRINAS

<p>“Ide, discípulos, e pregai a muita gente a doutrina da salvação... Ide de dois em dois pelo mesmo caminho; pregai a doutrina... Não peçais nada por isso... Hostilidades e perseguições ameaçam os seguidores e os pregadores da Lei. Se alguns de vocês forem atacados com pedradas, pauladas, lanças, insultos e ameaças, procurem suportar tudo com paciência, lembrando-se de mim... Eu afastarei os assaltantes milagrosamente e ajudarei a obra da pregação, conseguindo-a de maneira maravilhosa.” (<i>Mahayagga</i>; apud GRIESE, p. 109)</p>	<p>“...proclamai que o Reino dos Céus está próximo” (Mateus 10,7). “...e começaram a enviá-los dois a dois” (Marcos 6,7). “De graça recebestes, de graça dai” (Mateus 10,8). “...eles vos entregarão aos sinédrios e vos flagelarão em suas sinagogas” (Mateus 10,17). “E sereis odiados por todos por causa de meu nome” (Mateus 10,22). “Eu, porém, vos digo: não resistais ao homem mau; antes, àquele que te fere na face direita oferece-lhe também a esquerda” (Mateus 5,39). “Mas, se alguém não vos recebe e não dá ouvidos às vossas palavras, saí daquela casa ou daquela cidade e sacudi o pó dos vossos pés. Em verdade vos digo que o Dia do Juízo será mais tolerável para Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade” (Mateus 10,14-15). “Estes são os sinais que acompanharão aos que tiverem crido: em meu nome expulsarão demônios, falarão em novas línguas, pegarão em serpentes, e se beberem algum veneno mortífero, nada sofrerão; imporão as mãos sobre os enfermos e estes ficarão curados” (Marcos 16,17-18).</p>
--	---

BUDA E CRISTO PREDIZEM SUA MORTE, SENDO REPREENDIDOS POR SEUS DISCÍPULOS

<p>Quando Buda anunciou sua morte, seu discípulo predileto, Ananda, pede-lhe que evite essa desgraça e que permaneça com seus discípulos. Pela primeira vez, o bondoso Buda corrige Ananda e lhe diz: “A culpa é tua, oh Ananda, é de ti que vem esse mal” (<i>Mahaparinibbana-Sutra</i>, apud GRIESE, p. 110).</p>	<p>Quando Cristo anuncia a sua morte, seu discípulo Pedro o repreende. Cristo, porém, responde a Pedro: “Arreda-te de mim, Satanás! Tu me serves de pedra de tropeço...” (Mateus 16,21-23).</p>
---	---

A TRANSFIGURAÇÃO DE KRISHNA E DE CRISTO

“Krishna diz a Arjuna: ‘Tu não estás em condições de ver-me com estes teus olhos. Por isso, dou-te um olho divino. Agora podes ver minha identidade divina’. E Arjuna, ao contemplá-lo em sua majestade divina, exclama: ‘Se dos Céus sáisse, de uma vez, o resplendor de mil sóis, seria isto semelhante ao resplendor do Todo Poderoso’.” (*Bhagavad Gita* 11, apud GRIESE, p. 110)

“Seis dias depois, Jesus tomou Pedro, Tiago e seu irmão João, e os levou para um lugar à parte, em um alto monte. E ali foi transfigurado diante deles. O seu rosto resplandeceu como o sol e as suas vestes tornaram-se alvas como a luz.... Ainda falava, quando uma nuvem luminosa os cobriu com sua sombra e uma voz, que saía da nuvem, disse: ‘Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo, ouvi-o sempre!’ ” (Mateus 17,1-5).

KRISHNA E CRISTO SÃO SEGUIDOS POR MUITA GENTE, POR CAUSA DE SEUS MILAGRES

“E muita gente, que seguia Krishna, exclamava e gritava: ‘Ajuda-nos, Senhor’. E todos lhe diziam: ‘Este é quem nos salvará. Este é quem ressuscita os mortos, cura os surdos, os cegos, os paráliticos e os aleijados. Krishna ressuscita os mortos, cura os leprosos, faz com que os cegos vejam e os surdos ouçam. Ele apóia os fracos contra os fortes, os oprimidos contra os opressores. E o povo diz: ‘Este é verdadeiramente o Salvador, que foi prometido aos nossos pais’.” (*Mahabharata*, apud GRIESE, p. 110)

“Acompanharam-no grandes multidões e ali [Cristo] as curou.” (Mateus 19,2) [...] “Ouvindo que Jesus passava, puseram-se a gritar: ‘Senhor, filho de Davi, tem compaixão de nós!’ ” (Mateus 20,30). “A isso as multidões respondiam: ‘Este é o profeta Jesus, o de Nazaré da Galileia’ ” (Mateus 21,11). “Ide contar a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os pobres são evangelizados” (Mateus 11,3-5). “Nós próprios o ouvimos e sabemos que este é verdadeiramente o salvador do mundo” (João 4,42).

A PARÁBOLA DOS TRABALHADORES DA VINHA

“Havia um homem rico, no país Mithila, que havia contratado muitos trabalhadores, para fazer a colheita em seus campos... Depois de terem trabalhado o dia inteiro, da melhor maneira possível, cada um no lugar que lhe havia sido indicado, reuniram-se para receber seu salário. O administrador deu a cada um seu salário, de acordo com o seu trabalho; e todos o acharam justo, porque tinham recebido o que lhes correspondia, e, por isso, não se queixaram. Entretanto, quando o Senhor [Krishna] viu isto, disse ao administrador: ‘Por que alguns trabalhadores receberam menos que outros? É porque foram mais tarde para o trabalho? Ou porque descansaram mais?’ O administrador respondeu-lhe: ‘Todos os trabalhadores foram juntos para o campo, no mesmo horário, e trabalharam durante o mesmo período de tempo e com o mesmo empenho; acontece que os fracos não colheram tanto quanto os fortes.’ Então, disse-lhe o Senhor (Krishna): ‘Deveis pagar igual salário a todos, pois não seria justo fazer diferença entre eles, uma vez que todos trabalharam juntos no campo, no mesmo período de tempo, e com o mesmo empenho’ “ (Krishnasya ukti vidsanevane, apud GRIESE, p. 111).

“Porque o Reino dos Céus é semelhante a um pai de família que saiu de manhã cedo para contratar trabalhadores para a sua vinha. Depois de combinar com os trabalhadores um denário por dia, mandou-os para a vinha. Tornando a sair pela hora terceira, viu outros que estavam na praça, desocupados, e disse-lhes: ‘Ide, também vós para a vinha e eu vos darei o que for justo.’ Eles foram. Tornando a sair pela hora sexta e pela hora nona, fez a mesma coisa. Saindo pela hora undécima, encontrou outros que lá estavam e disse-lhes: ‘Por que ficais aí o dia inteiro desocupados?’ Responderam: ‘Porque ninguém nos contratou.’ Disse-lhes: ‘Ide, também vós, para a vinha.’ Chegada a tarde, disse o dono da vinha ao seu administrador: ‘Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos até os primeiros.’ Vindo os da hora undécima, receberam um denário cada um. E vindo os primeiros, pensaram que receberiam mais, mas receberam um denário cada um também eles. Ao receber, murmuravam contra o pai de família, dizendo: ‘Estes últimos fizeram uma hora só e tu os igualaste a nós, que suportamos o peso do dia e o calor do sol.’ Ele, então, disse a um deles: ‘Amigo, não fui injusto contigo. Não combinaste um denário? Toma o que é teu e vai. Eu quero dar a este último o mesmo que a ti. Não tenho o direito de fazer o que eu quero com o que é meu? Ou o teu olho é mau porque eu sou bom?’ **Assim, os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos.**” (Mateus 20,1-16) (negrito meu)

COMENTÁRIO DE GRIESE SOBRE ESSA PARÁBOLA (GRIESE, p. 112-113)

Enquanto a parábola de Krishna é natural e humana, demonstrando compaixão para com os fracos, a transformação que, segundo a Bíblia, foi feita por Cristo dessa parábola hinduísta está cheia de absurdos. Na verdade, ninguém pagaria o mesmo salário a trabalhadores que tivessem começado a trabalhar em horas tão diferentes do mesmo dia, como se narra aqui na versão cristã dessa parábola hinduísta. Com justa razão, reclamam aqueles que, tendo trabalhado o dia inteiro, receberam o mesmo salário dos que trabalharam apenas uma hora.

Por outro lado, a versão cristã dessa parábola tem uma explicação satisfatória, quando interpretada do ponto de vista de seu **ensinamento moral**, expresso na última frase da versão cristã da parábola: **“Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos”** (Mateus 20,16) (negrito meu).

Supondo que os primeiros trabalhadores eram os judeus, os quais, segundo a crença judaico-cristã, foram efetivamente os primeiros a ser chamados ao Reino de Deus, e que os últimos significam os pagãos, por terem sido chamados ao Reino de Deus em último lugar, e levando em conta que, nos tempos dos apóstolos, os judeus convertidos ao cristianismo não queriam reconhecer a igualdade dos pagãos convertidos à religião cristã, e que esta rivalidade terminou com o afastamento dos judeus e a entrada dos pagãos ao Reino de Deus, tal como São Paulo o explica detalhadamente em sua Carta aos Romanos, afirmando que os judeus, por causa de sua conduta, somente entrarão na Igreja depois que tiverem entrado todos os pagãos (Romanos 11,25), é que se pode entender o ensinamento moral da referida parábola: que os primeiros (os judeus) passarão a ser os últimos e os últimos (os pagãos) passarão a ser os primeiros, porque muitos homens são chamados à Igreja de Cristo, mas poucos são escolhidos (os membros do povo eleito de Israel)¹.

¹ Os teólogos, não compreendendo, até hoje, o sentido verdadeiro da referida parábola (na versão cristã), davam-lhe a seguinte interpretação errônea: Muitos são chamados (à Igreja), mas poucos são os escolhidos (ao céu). Com base nessa interpretação errônea, ensinavam (e continuam ensinando) a respeito da “dificílima” tarefa da salvação, inventando inclusive a monstruosa doutrina

Quanto à referida parábola, é impossível que ela tenha sido narrada por Cristo, porque no tempo em que Cristo pregou não existia aquela rivalidade entre judeus e pagãos, principalmente levando-se em conta que Cristo restringiu sua pregação aos judeus. Essa parábola, por conseguinte, não foi narrada por Jesus, mas foi produzida pelo evangelista Mateus, que transformou a parábola original hindu, adaptando-a à rivalidade de seu tempo entre judeus e pagãos. A mesma interpretação deve ser dada à **parábola das bodas** (Mateus 22,1-14), em que os primeiros convidados, os judeus, não querem vir e entrar na sala, a Igreja de Cristo, enquanto os últimos convidados, os pagãos, entram nela em grande quantidade. Essa mesma parábola termina com a frase: “Com efeito, muitos são chamados, mas poucos escolhidos” (Mateus 22,14).

KRISHNA, BUDA E CRISTO EMPREGAM EM SUA DOCTRINA AS MESMAS PALAVRAS E AS MESMAS PARÁBOLAS

“São cegos conduzindo cegos! Ora, se um cego conduz outro cego, ambos acabarão caindo no buraco.” (Idênticas palavras de *Upanoschild*, Buda, e de Cristo, segundo Mateus 15,14, apud GRIESE, p. 111)

católica [paulinista] da predestinação do homem por parte de Deus. Semelhantes erros na tradução e interpretação da Bíblia se encontram em quase cada página da Bíblia. Menciono, por exemplo, a famosa passagem evangélica sobre a “trave no lho alheio”. Segundo o texto bíblico, Cristo teria dito: “Por que reparas o cisco que está no olho do teu irmão, quando não percebes a trave que está no teu? Ou como poderás dizer ao teu irmão: ‘Deixame tirar o cisco do teu olho’, quando tu mesmo tens uma trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então verás bem para tirar o cisco do olho do teu irmão” (Mateus 7,3-5). O tradutor do texto de Mateus, escrito originalmente em hebraico, esqueceu-se de que a palavra “rhen” significa “olho” e, popularmente, “poço”. Além disso, ele também se esqueceu de que ninguém tira um cisco do próprio olho e, menos ainda, uma trave do próprio olho ou do olho de outra pessoa. Por outro lado, sabemos que os judeus, devido à escassez de água na Palestina, cuidavam muito de seus poços e procuravam mantê-los sempre limpos, chegando mesmo a denunciar os que tinham sujeira. Foi por causa desse fato, que Jesus teria dito: “Por que reparas a lasca fina que está no poço de teu irmão, quando não percebes a trave que está no teu próprio poço?”

BUDA E CRISTO ALIMENTAM 5.000 HOMENS COM UM POUCO DE PÃO

<p>Relata o livro <i>Jataka</i> que Buda, com um único pão, alimentou 5.000 homens que o seguiam, tendo sobrado mais pedaços do que o pão repartido. (Apud GRIESE, p. 111)</p>	<p>Cristo realiza duas multiplicações de pães: na primeira, alimenta, com cinco pães e dois peixes, 5.000 homens, sem contar mulheres e crianças; na segunda, alimenta 4.000 homens, sem contar mulheres e crianças, tendo recolhido os apóstolos 12 cestos cheios de pedaços que sobraram, na primeira multiplicação de pães, e 7 cestos na segunda. (Cf. Mateus 14,16; 15,34; 16,9; Marcos 6,37; 8,1; Lucas 9,10; João 6,1)</p>
--	---

KRISHNA E CRISTO PREGAM QUE O REINO DE DEUS ESTÁ DENTRO DE NÓS

<p>“Tu trazes em ti mesmo um amigo que desconheces. Porque Deus reside no íntimo de cada ser, mas poucos sabem o que trazem lá.” (<i>Bhagavad Gita</i>, apud SCHURÉ, Édouard. <i>Krishna</i>, p. 12)</p>	<p>“O reino de Deus está dentro de vós.” (Lucas 17,21)</p>
--	--

KRISHNA E CRISTO DECLARAM SER O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA

<p>“Eu sou o caminho [...]; eu sou a vida [...]; sou eu mesmo a luz da Verdade.” (<i>Bhagavad Gita</i>, apud ROHDEN, p. 92, n. 18-19; p. 101, n. 11).</p>	<p>“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai a não ser por mim.” (João 14,6)</p>
---	--

KRISHNA E CRISTO AFIRMAM SER O PRINCÍPIO E O FIM

<p>“Eu sou o princípio dos mundos e sou o seu fim.” (<i>Bhagavad Gita</i>, apud ROHDEN, p. 78).</p>	<p>“Eu sou o Alfa e o Ômega.” (Apocalipse 1,8)</p>
---	--

KRISHNA E CRISTO SÃO VISTOS COMO O “VERBO” DE DEUS

<p>“No princípio era Brahman [=Deus], com quem estava o Verbo [=Krishna], e o Verbo era Brahman” (Rig-Veda, apud LEWIS, 2008, p. 45).</p>	<p>“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (João 1,1)</p>
---	---

KRISHNA E CRISTO PREGAM QUE O CONHECIMENTO DA VERDADE NOS LIBERTA

<p>“Se alguém se apoderar da Verdade, entrará na mansão da suprema beatitude e repousará na paz da divindade. [...] Quem se integra no Ser Supremo e nele repousa está livre da incerteza e trilha caminho luminoso, do qual não há retorno, porque a luz da verdade o libertou do mal.” (<i>Bhagavad Gita</i>, apud ROHDEN, p. 57, 62).</p>	<p>“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.” (João 8,32)</p>
--	---

KRISHNA E CRISTO PREGAM A MESMA CHAMADA “REGRA DE OURO”

<p>“Não faças aos outros aquilo que, se a ti fosse feito, causar-te-ia dor” (Krishna, apud RAMATIS, 1996b, p. 9).</p>	<p>“Tudo aquilo, portanto que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles...” (Mateus 7, 12).</p>
---	---

117 - QUE OUTRAS EVIDÊNCIAS PODEM AJUDAR A DESMENTIR O MITO DA “UNICIDADE CRISTÃ”?

Existem, como já vimos em muitas respostas deste *Catecismo Ecumênico*, inúmeras evidências contra a pretensão do cristianismo dogmático de ser uma religião “exclusiva”, “excepcional” e “única”. Apresentarei, a seguir, mais evidências, a fim de comprovarmos que os principais mitos cristãos foram, de fato, copiados dos mitos de outras tradições religiosas mais antigas do que o cristianismo. Os dados apresentados nesta resposta foram extraídos de várias obras, particularmente do livro: *La Desilusión de un Sacerdote: La Verdad Científica sobre la Religión Cristiana*, de autoria do famoso teólogo e ex-padre católico Franz GRIESE (cf. GRIESE, 1957, Segunda Parte, capítulos I e II):

1. Os mitos da filiação divina e da divinização de Jesus, bem como o de seu nascimento miraculoso, foram copiados dos mitos de filiações divinas e de divinizações de outros personagens marcantes da História (como reis, heróis,

líderes religiosos etc.). Há coincidências interessantes entre o Jesus mítico que os cristãos apresentam e os deuses e personagens míticos anteriores, como o deus Hórus, do Egito; o deus Mitra, da Pérsia; e o deus Krishna, da Índia. Nas palavras de Juan Arias, como já vimos,

todos nascem de uma virgem. Hórus e Mitra também nascem em 25 de dezembro. Todos fizeram milagres, todos tiveram 12 discípulos que corresponderiam aos 12 signos do zodíaco, todos ressuscitaram e subiram aos céus depois de morrer. Hórus e Mitra foram chamados Messias, Redentores e Filhos de Deus. Krishna foi considerado a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade e foi perseguido por um tirano que matou milhares de crianças inocentes. Além disso, Krishna também se transfigurou, como Jesus, diante de seus três discípulos preferidos, foi crucificado e subiu aos céus. Exatamente como o profeta de Nazaré. Os mitólogos se perguntam: “Precisamos de mais coincidência”? (ARIAS, p. 111-112)

2. Quanto à origem do mito da ressurreição de Jesus, informamos o historiador das religiões Ambrogio Donini que “o ‘mistério’ [mito] do deus que morre e renasce já inspirava os cultos populares da Mesopotâmia à Grécia e ao mundo romano, cinco ou seis séculos antes do aparecimento do cristianismo” (DONINI, 1965, p. 98). Tamuz (antigo deus da Mesopotâmia), Adônis (deus da Fenícia), Attis (deus da Frígia), Osíris (deus do Antigo Egito) e vários outros também eram deuses que morriam e ressuscitavam (cf. BAIGENT, LEIGH & LINCOLN, 1993, p. 304).
3. Assim como foi dogmatizado a respeito de Jesus, o deus pré-cristão Mitra – chamado o Filho de Deus e a Luz do Mundo – morreu, foi enterrado em sepulcro de pedra e depois ressuscitou em três dias.
4. Assim como supostamente aconteceu com Jesus, após o seu nascimento, o recém-nascido Krishna (deus hindu) também recebeu ouro, incenso e mirra.
5. Conforme já vimos, o dia santo semanal dos cristãos foi copiado dos pagãos, uma vez que, até o século IV, a cristandade celebrava o dia santo semanal no sábado judeu, mas Constantino mudou esse dia de modo que a

celebração coincidissem com o dia em que os pagãos veneravam o deus-Sol (*dies Solis*; em inglês, **Sun-day** = “dia do Sol”). O termo “domingo” é uma derivação de “*dies dominica*”, “dia do Senhor”, isto é, do “Senhor-Sol”, pois “o deus-sol era o *dominus* (**senhor**) por excelência” (DONINI, p. 318).

6. Todos os milagres atribuídos a Jesus nos Evangelhos já haviam sido supostamente realizados por profetas e/ou fundadores de tradições religiosas mais antigas (por exemplo, mitraísmo, budismo, taoísmo etc.), tais como a transformação da água em vinho, a multiplicação de pães, o andar sobre as águas, a cura de doentes, a expulsão de demônios, a comunhão com pão e vinho consagrados etc.
7. A origem das lendas expostas na Bíblia judaico-cristã, tanto no Antigo como no Novo Testamento, provém do Egito, da Mesopotâmia, da Índia, da Caldeia e de outros países. Assim, o mito do “primeiro homem”, da sua criação, da sua felicidade original e da sua queda tem sua origem na religião babilônica (cf. DONINI, p. 107,109).
8. O mito da “unicidade cristã”, segundo o qual o cristianismo é a única religião verdadeira e Jesus é o único SALVADOR da humanidade (SÓ JESUS SALVA!), é cópia das crenças nos SALVADORES de religiões mais antigas, como Krishna – o primeiro salvador divino da Índia (4.000 a.C.), Buda – o segundo salvador divino da Índia (550 a.C), além de outros salvadores, como Osíris (deus do Antigo Egito) e Mitra (deus indo-iraniano).
9. Também o mito da trindade divina (o conceito do Deus uno e trino) já existia em várias religiões bem mais antigas do que o cristianismo, sobretudo nas religiões da Índia e do Egito antigo.
10. A literatura sagrada dos judeus, escrita por volta do 5º século a.C., foi quase toda copiada, ou melhor, plagiada (para não dizer roubada), da literatura da Índia – a mais antiga literatura sagrada da qual se tem conhecimento. Os judeus, quando estiveram no cativeiro de Babilônia, aprenderam muitas coisas, sobretudo as leis e lendas que tinham vindo da Índia, especialmente as leis de Manu,

famoso legislador indiano e protótipo para a criação da figura mítica de Moisés. Como comprovamos amplamente na resposta da pergunta anterior, o escritor Franz Griesse (em seu referido livro, p. 98-106) nos fornece vários exemplos desse paralelismo entre a literatura sagrada dos judeus e a literatura sagrada da Índia, por exemplo, as narrativas da criação do mundo, Adão e Eva, o dilúvio, a lenda de José etc.

11. Também a literatura cristã expressa nos evangelhos é quase toda cópia ou plágio da literatura religiosa da Índia. O mesmo escritor Franz Griesse (p. 107-118) nos dá muitas provas dessa verdade incontestável, por exemplo, o paralelismo entre o nascimento miraculoso de Krishna, pela virgem Devanaki e o suposto nascimento miraculoso de Jesus pela virgem Maria; a saudação à Virgem Devanaki por um eremita e a saudação à Virgem Maria por Isabel; a saudação a Buda e a Jesus por um venerável ancião; a chacina das crianças (ordenadas pelo tio de Krishna, o rei de Buda e o rei Herodes); aos 12 anos, tanto Buda como Jesus são procurados por seus pais; antes de iniciarem sua vida pública, tanto Buda como Jesus vão ao deserto e são tentados pelo diabo; o apóstolo favorito de Buda (chamado Ananda) e Jesus, sentados junto a um poço, são interpelados por uma mulher de outra casta ou seita (no caso de Jesus, a Samaritana); tanto Buda como Jesus enviaram seus apóstolos a fim de pregarem suas doutrinas; tanto Buda como Jesus predisseram sua morte e foram, por isso, admoestados por seus apóstolos; tanto Krishna como Jesus se transfiguraram; Krishna, Buda e Jesus fizeram muitos discípulos por causa dos mesmos tipos de milagres que supostamente realizaram; tanto Buda como Jesus supostamente alimentaram 5.000 homens com um pouco de pão; tanto Buda como Jesus se utilizaram das mesmas palavras e das mesmas parábolas para transmitirem suas doutrinas.

12. Griese (p. 97) esclarece que a ordem cronológica, genealógica, filológica e literária confirma que o conteúdo da Bíblia cristã é simplesmente uma cópia malfeita da literatura sagrada da Índia.
13. Esse mesmo autor, fazendo referências a outros estudiosos (p.106), nos assegura que, dos 89 capítulos dos quatro evangelhos, 80 são cópias da vida e da doutrina de Krishna e de Buda!
14. Griese (p. 114) nos informa que, segundo o escritor Rodolfo Seydel, teólogo protestante e professor da Universidade de Leipzig, dos 28 capítulos do Evangelho de Mateus, apenas 2 (o 22 e o 24) estão isentos de textos hindus; também do Evangelho de Marcos, com seus 16 capítulos, apenas 2 (o 7 e o 12) não foram copiados. O Evangelho de João contém 21 capítulos, dos quais somente os capítulos 10 e 17 estão livres de plágio.
15. O teólogo protestante Happel, historiador das religiões, confirma as afirmações de Seydel e classifica como cópias 36 textos da Bíblia, dentre os quais os seguintes (cf. GRIESE, p. 114-115):
 - a encarnação de Jesus;
 - a sua ida ao Templo;
 - os seus doze anos;
 - a sua terra natal;
 - a tentação do diabo;
 - a figueira;
 - as oito bem-aventuranças;
 - a história da pecadora Madalena;
 - o encontro de Jesus com Nicodemos;
 - o seu encontro com a Samaritana;
 - o cego de nascença;
 - Marta e Maria;
 - O número dos apóstolos e seu envio para pregar o Evangelho;
 - O milagre de caminhar sobre as águas;
 - A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém;

- O jovem rico;
 - A transfiguração de Jesus etc. etc.
16. Como afirma Griese (p. 115), o professor Dr. Bernahard Spiess, grande conhecedor do sânscrito e da escritura cuneiforme, está convicto de que quase todas as parábolas do Novo Testamento são cópias de parábolas hindus, sumérias, persas e sírias, particularmente as narradas no cap. 13 do Evangelho de Mateus.
17. Griese (ibid.) elucida-nos que, pelo menos 4 textos do Novo Testamento são cópias do budismo:
- Simeão no Templo;
 - a tentação do diabo;
 - o milagre da multiplicação de pães;
 - a caminhada de Pedro sobre o mar.
18. Como vimos na resposta da Pergunta nº 108, e conforme destaca Griese (p. 116-117), é inegável a grande influência do culto ao Deus Mitra sobre o cristianismo. Como o “Cristo da fé”, o salvador Mitra é também “logos”, ou seja, “emanado de Deus”, “palavra de Deus”, “verbo de Deus”; nasce milagrosamente e os pastores vieram adorá-lo quando nasceu. Mitra é o porto e a âncora da salvação e, terminada sua missão terrestre, volta ao Céu, permanecendo lá como Protetor Soberano. Os seus adoradores devem servi-lo com absoluta pureza, recebendo **sete sacramentos**, entre os quais figuram o **batismo**, a **confirmação** e a **comunhão: pão e vinho consagrados** por fórmulas rituais. Depois da morte, os fiéis devem comparecer diante de Mitra e, se tiverem sido bons, gozarão a eterna felicidade e, se tiverem sido maus, irão para o inferno eterno. No fim do mundo, virá Mitra para o Juízo Final. Linha por linha, encontramos aqui a religião cristã. O que faltava aos livros hindus encontramos aqui na religião persa. O culto a Mitra chegou a Roma com uma força tão grande, nos primeiros três séculos depois de Cristo, de tal modo que, se não tivesse ocorrido a vitória de Constantino, o mundo, no dizer de Renan,

“teria se tornado mitriano, em vez de cristão” (apud GRIESE, p. 117).

19. Duas das divindades mais populares da Grécia antiga, cuja história, seus ritos e suas festas antecipam efetivamente, sob muitos aspectos, a religião cristã, são precisamente “Deméter” (a “mãe” de Deus) e “Dioniso” (o “filho” de Deus). Aliás, o termo “Dioniso” (da língua trácio-frígia – “**dioniso**”) significa etimologicamente “filho de deus” – “**dio-niso**” (cf. DONINI, p. 145, nota 26). A história de Dioniso, o deus libertador, o “filho de deus”, é muito semelhante à história do “Cristo da fé”, o Filho de Deus e o libertador (salvador) da humanidade.
20. Por esses dados históricos, podemos reafirmar que o cristianismo mítico dos cristãos é, de fato, uma religião altamente sincretista, uma vez que é o resultado da fusão de diversas crenças e mitos. Essa verdade histórica deveria diminuir (ou mesmo eliminar) as pretensões exclusivistas e espiritualmente arrogantes da grande maioria dos cristãos em torno do mito da unicidade do cristianismo.

118 - O TERMO “RELIGIÃO” VEM DO VERBO LATINO “RELIGARE”?

Afirmar que o termo “religião” vem do verbo latino “religare” (“ligar de volta ou reatar”) é um dos erros clássicos dos cristãos dogmáticos, como argumentarei a seguir.

Esse erro surgiu com Lactâncio, pensador cristão do século III de nossa era, segundo o qual o termo “religião” vem de *religare*, “ligar de volta ou reatar”. Ou seja, segundo essa definição, “religião” significa, etimologicamente, “a religação do homem com Deus”. Ora, tornar a unir o homem com Deus pressupõe que, em algum momento, o homem já esteve unido a Ele, e hoje não está mais. Esse pressuposto baseia-se no mito judaico-cristão da queda de Adão e no mito cristão do Pecado Original (cf. MARQUES, 2005, p. 20). Mais explicitamente, segundo essa explicação, antes da queda de Adão e do Pecado Original, o homem estava unido a Deus, mas, depois desses episódios míticos, o homem ficou

radicalmente separado de Deus, precisando, então, “religar-se” a Ele através da “religião” cristã, supostamente fundada pelo próprio Deus encarnado na pessoa de Jesus Cristo. Como nem todos os seres humanos são cristãos, essa explicação de Lactâncio não é universal. Por isso mesmo, ela é rejeitada por membros de outras religiões. Além do mais, o suposto **Pecado Original** é outro grande erro do cristianismo dogmático, um grande mito, e não um acontecimento histórico real e absoluto.

Em face da explicação cristã exclusivista e mítica da origem do termo “religião”, rejeito, com muitos outros autores, a tese errônea de Lactâncio, segundo a qual o termo “religião” vem de *religare*.

O termo “religião” não vem de *re-ligio(ne)*, supostamente derivado do verbo latino *religare* (= “religar”), mas de *re-ligio(ne)*, derivado do verbo latino *relegere* (= “reler”, “reobservar”, “reinterpretar”). O erro de Lactâncio foi afirmar que “religião” vem de “religio(ne)” de *religare*, pois o nome derivado do verbo *religare* é “**religatio(ne)**” (“**religação**”), e não *religio(ne)* (“**religião**”), o qual só pode ser derivado do verbo *relegere* (“reler”, “reinterpretar”).

A etimologia correta de “religião” já era fornecida pelo escritor romano Cícero, por volta do ano 40 a.C., em sua obra *De Natura Deorum*, em que ele afirmava, corretamente, que o termo “religião” é derivado do verbo latino “relegere” (“reler”, “reinterpretar”). Sendo assim, “religião” significa “releitura”, “reinterpretação”.

A palavra “religião”, portanto, não significa, etimologicamente, a religação do homem com Deus, mas a “releitura” (a reinterpretação) da realidade. “Releer” (“reinterpretar”) a realidade é desconstruir todas as desilusões, todas as mentiras, todos os erros religiosos, filosóficos e teológicos, a fim de se conhecer a verdade sobre nossa origem, nossa natureza, nosso destino etc. Nesse sentido, este *Catecismo Ecumênico* é um livro “religioso”, pois procura *desconstruir* (*desmentir*) os principais *erros* do cristianismo dogmático.

Em suma, toda religião, no sentido etimológico e institucional, é, pois, “um sistema de pensamento ou crença que envolve uma posição filosófica, ética, metafísica etc.” (*Dicionário AURÉLIO*, verbete **religião**), e não a *religação* do homem com

Deus. No universo, nada está desligado de Deus. Deus, como **existência**, é imanente em tudo, embora, como **essência**, seja transcendente a tudo.

119 - O CRISTIANISMO É A ÚNICA RELIGIÃO VERDADEIRA?

De modo algum. Um dos maiores erros dos cristãos dogmáticos (e de quase todos os seguidores de outras religiões) é precisamente o de se julgarem donos exclusivos da verdade religiosa, causa principal das divisões entre as religiões, como bem expressam os seguintes autores:

Só existe uma “verdade” no Universo, no entanto, ela ainda se encontra dividida em **“minha verdade”** e **“tua verdade”**. Consequentemente, enquanto a minha **“verdade”** diferir da tua **“verdade”**, ainda não atingimos a **“real e incontestável verdade”** que está acima de toda e qualquer divisão. (SILVA, 2000, p. 91) (negritos do autor.)

A linha de separação entre as religiões é sempre esta: *a minha religião é a verdadeira, todas as outras são falsas*. Assim raciocinam o monge budista, o intérprete do Alcorão, o padre xintoísta, o ministro protestante, o pregador jesuíta. [...] Cada classe tende a se apresentar sob a indumentária do eterno, do infalível, da verdade absoluta. (DONINI, 1965, p. 14) (itálicos do autor.)

Nenhuma questão na história das religiões tem gerado tantas disputas, tantos conflitos sangrentos e tantas guerras religiosas como a questão da verdade. (KÜNG, 2001, p. 19.)

A postura exclusivista dos seguidores das diferentes religiões de se julgarem donos da verdade é, de fato, a principal causa das divisões, dos conflitos e das guerras entre as religiões. Logo, é um grande erro que precisa ser questionado e reavaliado na mesa do diálogo inter-religioso. Por isso, não posso aceitar a pretensão arrogante do cristianismo (nem de nenhuma outra crença religiosa) de ser a única religião verdadeira. A única saída para se saber quem é que está mais próximo da verdade é o diálogo inter-religioso aberto e sincero.

[...] Se um de nós está certo, o outro está errado [...]. Com o decorrer do tempo, um dos dois lados vai realmente vencer essa discussão [...]. (Richard Dawkins, no Prefácio do livro de Sam HARRIS, *Carta a uma Nação Cristã*, 2007, p. 9.)

Em meu livro *Entrevistas com Jesus: Reflexões Ecumênicas*, tema nº 2, emprego o termo “religião” nos dois sentidos seguintes: 1) “religião” no sentido de uma instituição religiosa particular (por ex., judaísmo, catolicismo, islamismo etc.), geralmente “exprimindo-se em crenças e práticas pessoais ou coletivas” (DER: Dicionário Enciclopédico das Religiões, SCHLESINGER & PORTO, 1995, verbete religião), e 2) “religião” no sentido genuinamente prático e ético da vivência do amor, da caridade, por qualquer pessoa, independentemente de estar ou não filiada a uma instituição religiosa particular.

Nesse sentido ético, deixo bem claro, em minhas obras ecumênicas, que tenho um grande e igual respeito por todas as crenças religiosas, mas defendo a ideia maior de que **A VERDADEIRA RELIGIÃO** não consiste essencialmente em aderir a crenças, a dogmas ou a mitos de Religião A ou B, mas em vivenciar o amor, em praticar a caridade (“FORA DA CARIDADE, NÃO HÁ SALVAÇÃO”, como bem expressa o Espiritismo, em oposição frontal aos que afirmam: “FORA DE MINHA CRENÇA, NÃO HÁ SALVAÇÃO”, “SÓ CRISTO SALVA”!).

120 - O “PECADO ORIGINAL” EXISTIU?

Na visão cristã dogmática, irracional e mítica, sim; não, porém, na visão racional espírita que adoto. À luz da Doutrina Espírita, o chamado “pecado original” tem uma explicação racional, como veremos adiante neste *Catecismo Ecumênico*, à luz da Doutrina da *preexistência* das almas e da *reencarnação*.

Se o dogma (ou mito) do pecado original é literalmente falso, como, de fato, o é, caem automaticamente por terra os dogmas (ou mitos) cristãos da redenção pelo sangue de Cristo derramado na cruz, o do batismo das crianças e o da Imaculada Conceição de Maria (cf. GRIESE, p. 136-137).

Cai igualmente por terra a falsa etimologia de “religião”, surgida com Lactâncio, pensador cristão do século III de nossa era, segundo

a qual o termo “religião” vem de *religare*, “ligar de volta”, ou seja, tornar a unir o homem com Deus, depois da queda de Adão e do pecado original, como vimos na resposta da Pergunta nº 118 deste *Catecismo Ecumênico*.

O pecado original, na visão cristã dogmática, é, de fato, um grande erro do cristianismo mítico, e não uma verdade histórica absoluta. Fazendo uso da “fé raciocinada”, questionamos esse dogma cristão mediante a seguinte reflexão: que Deus mesquinho é esse que, por causa de uma suposta desobediência do primeiro casal humano faz nascer todos os demais seres humanos em estado de tamanha “desgraça” moral, obrigando seu suposto Filho unigênito a encarnar-se na Terra para redimir a humanidade de tão “grande” falta, mediante sua morte na cruz? Deus, com o sangue do seu Filho Unigênito, teria, assim, pago a Satanás o resgate da humanidade. Entretanto, numa justa crítica do filósofo Pietro Ubaldi, em seu livro *Cristo* (UBALDI, 1988, p. 274),

é absurdo que Deus seja submisso ao poder de Satanás, e tenha enviado Seu Filho primogênito para pagar com o Seu sangue o resgate da humanidade, que foi induzida ao pecado pelo próprio Satanás. Como pode Deus justificar esta culpa, a ponto de reconhecer uma dívida Sua para com Satanás? [...] Justificando semelhante absurdo, conceberíamos e converteríamos Deus numa espécie de servo de Satanás .

Convém reafirmar também que a Humanidade não descende de Adão e Eva, casal mítico que nunca existiu. A ciência, há muito tempo, já comprovou que os seres humanos não se originaram de um único primeiro casal (Adão e Eva). Essa crença mítica não tem o menor sentido perante as pesquisas antropológicas sobre a origem do homem e das diversas raças de nosso planeta. A crença mítica de que todos descendemos de Adão e Eva, casal responsável pelo “pecado original”, é, portanto, totalmente falsa.

121 - QUAL É O VERDADEIRO “PECADO ORIGINAL”, NA VISÃO ESPÍRITA?

Na visão espírita, que adoto, o verdadeiro “pecado original”, como corretamente argumenta Allan Kardec, codificador da Doutrina

Espírita, só tem uma explicação racional para quem acredita na *preexistência* da alma e na *reencarnação*. Eis sua argumentação:

Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não seria somente inconciliável com a justiça de Deus, que tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só, seria também um contra-senso, e tanto menos justificável quanto, segundo essa doutrina, a alma não existia na época a que se pretende fazer que a sua responsabilidade remonte. **Com a preexistência, o homem traz, ao renascer, o gérmen das suas imperfeições, dos defeitos de que não se corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais e pelos pendoros para tal ou tal vício. É esse o seu verdadeiro pecado original, cujas consequências naturalmente sofre, mas com a diferença capital de que sofre a pena das suas próprias faltas, e não das de outrem;** e com a outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, animadora e soberanamente equitativa, de que cada existência lhe oferece os meios de se redimir pela reparação e de progredir, quer despojando-se de alguma imperfeição, quer adquirindo novos conhecimentos e, assim, até que, suficientemente purificado, não necessite mais da vida corporal e possa viver exclusivamente a vida espiritual, eterna e bem-aventurada. Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente traz, ao renascer, qualidades naturais, como o que progrediu intelectualmente traz ideias inatas; identificado com o bem, pratica-o sem esforço, sem cálculo e, por assim dizer, sem pensar. Aquele que é obrigado a combater as suas más tendências vive ainda em luta; o primeiro já venceu, o segundo procura vencer. Existe, pois, a *virtude original*, como existe o *saber original*, e o *pecado* ou, antes, o *vício original*. (KARDEC, *A Gênese*, cap. I, n. 38) (negrito meu)

122 - O EXÍLIO (OU EMIGRAÇÃO) DO POVO HEBREU (OU DA RAÇA ADÂMICA), DO SISTEMA DE CAPELA PARA O PLANETA TERRA, É OUTRA EXPLICAÇÃO ESPÍRITA PARA O VERDADEIRO PECADO ORIGINAL?

Sim. Esta é outra explicação espírita racional para o verdadeiro pecado original: o exílio (ou emigração) do povo hebreu (ou da

chamada “raça adâmica”) do Sistema de Capela para o planeta Terra, na época da regeneração de Capela. Muitos habitantes do Sistema de Capela, na época de sua regeneração, por não se acharem no nível moral adequado para permanecerem lá, tiveram que reencarnar obrigatoriamente no nosso planeta Terra. A emigração obrigatória de espíritos de um planeta para outro é um fenômeno comum entre os inúmeros mundos habitados do Universo. A emigração obrigatória do povo hebreu, do Sistema de Capela para o planeta Terra, também explica *racionalmente* a “queda de Adão”, o “paraíso perdido”, a “expulsão do paraíso” e o “pecado original”: “Os Espíritos da raça adâmica, uma vez transplantados para a terra do exílio [o planeta Terra], não se despojaram instantaneamente do seu orgulho e de seus maus instintos; ainda por muito tempo conservaram as tendências que traziam. Ora, não é esse o pecado original?”, perguntou Kardec em *A Gênese*. (Ver também o livro *Os Exilados da Capela: esboço sintético da evolução espiritual do mundo*, de Edgard Armond, Editora LAKE, 12. ed. São Paulo, 1978; ver também o livro *O Sistema de Capela: perguntas e respostas*, pelos espíritos Galileu Galilei e Karran, recebido pelo médium João Berbel. Editora Farol das Três Colinas, 2005.)

Em suma, espero ter deixado bem claro que, somente na visão reencarnacionista espírita, que adoto, os mitos judaico-cristãos do “pecado original”, da “queda de Adão”, do “paraíso perdido” e da “expulsão do paraíso” têm uma explicação racional.

123 - QUE DISTINÇÕES EXISTEM ENTRE “SALVAÇÃO” E “EVOLUÇÃO”?

Para a grande maioria dos cristãos, no contexto bíblico do Novo Testamento, o conceito mítico de “salvação” geralmente significa “redenção” (“resgate” ou “remissão”) do gênero humano, ou melhor, de seus “pecados”, pelo sangue de Cristo derramado na cruz, e também significa “felicidade eterna” no céu, obtida após a morte, em oposição ao conceito igualmente mítico de “condenação eterna”.

Para todos os espiritualistas reencarnacionistas (nos quais me incluo), “salvação” deixa de ser um termo mítico, quando significa “libertação” e “evolução espiritual” do ser humano através

da prática do amor em múltiplas (re)encarnações neste e em outros planetas.

Aliás, para nós (reencarnacionistas), a palavra-chave não é “salvação” (nem “redenção”), mas “evolução”. Esses dois termos são bem distintos: “salvação” é algo que vem de fora, enquanto “evolução” é algo que vem de dentro; “salvação” é libertação concedida pela fé em um “salvador” externo ao indivíduo; “evolução” é desenvolvimento de nossas potencialidades divinas, é nosso aperfeiçoamento espiritual, gradativo, realizado por nós mesmos ao longo de nossas múltiplas existências na matéria.

Deus não nos criou “árvores”, mas “sementes” para que nós as façamos germinar e desenvolver frutos virtuosos: amor, inteligência, honestidade, humildade, caridade, perdão, fraternidade, justiça etc.

A “evolução”, ao contrário da “salvação”, depende de nosso trabalho individual e coletivo para chegarmos à perfeição. Só com muita luta e esforço, conseguiremos, gradativamente, através de muitas (re)encarnações, nosso desenvolvimento espiritual, enquanto a “salvação” é de graça, dada de uma vez por todas. Basta “crer” para recebê-la ou basta arrepende-se dos “pecados”, mesmo que no último segundo de vida, para ganhar o céu e livrar-se do inferno.

124 - POR QUE EXISTE TANTO SOFRIMENTO NESTE MUNDO?

A causa de nossos sofrimentos neste mundo é um dos temas mais abordados em todas as religiões e filosofias. Muitas pessoas até questionam Deus ou chegam mesmo a perder sua fé na existência dEle, por reflexões do seguinte tipo:

Se Deus existe e é perfeito, bom, tudo sabe e vê, e não cai uma folha da árvore sem sua permissão, por que teria permitido tanto mal no mundo? Por que permitiria que os maus agissem e ferissem os bons? Por que tanto crime, tanta violência, tanto roubo, tanta injustiça, tanta discriminação, tanta pobreza, tanta fome, tanta miséria, tanta doença, tantas guerras e tanta corrupção no mundo? (GASPARETTTO, 2006, p. 131).

Na visão cristã dogmática e mítica, conforme já sabemos, sofreremos neste mundo, principalmente, por causa do “pecado original”, que herdamos de nossos primeiros pais, Adão e Eva.

Essa doutrina mítica do pecado original, como já vimos, é totalmente irracional e falsa, pois Adão e Eva não existiram e, conforme comprova a Ciência, os seres humanos não se originaram de um único primeiro casal (Adão e Eva).

Nesse sentido, cai igualmente por terra, a doutrina paulina mítica da morte de Cristo na cruz para nos libertar do “pecado original”, herdado de Adão e Eva, causa principal de todos os nossos sofrimentos.

A Doutrina Espírita, porém, nos dá uma explicação racional para o mal que existe neste mundo, ao nos revelar que o planeta Terra é apenas um dentre os inúmeros mundos habitados do Universo, por sinal, um dos mais atrasados em evolução moral. Daí, a explicação para tanto sofrimento, tanta violência, tantas guerras, tanto ódio, tanto preconceito e tudo o que há de mau neste planeta. A Terra classifica-se como uma escola (primária), um laboratório, uma oficina de trabalho, onde o espírito se esmera, ou deveria esmerar-se, na apuração das suas qualidades espirituais latentes. É também classificada como um *planeta de provas e expiações*, um “vale de lágrimas”, como se diz na “Salve Rainha” dos católicos.

Mais explicitamente, segundo a Doutrina Espírita, sofreremos por dois motivos básicos: 1) porque fizemos mal uso de nosso livre-arbítrio na presente encarnação ou em encarnações passadas; 2) porque escolhemos livremente a existência e as provas que acreditamos serem próprias para o nosso progresso, quando não nos são impostas, ou seja, sofreremos para acelerar nossa evolução. “Os sofrimentos são o preço de nossa felicidade” (PALHANO, 1997, p. 108).

Convém acrescentar ainda, à luz da mesma Doutrina Espírita, que sofreremos porque não amamos. Quem ama não sofre. Viemos a este mundo para aprender a amar a Deus e ao próximo. Deus nos criou simples e ignorantes, mas nos deu a capacidade e a liberdade de aprendermos a amar. E é somente através do amor que venceremos qualquer tipo de sofrimento. É somente através

do **amor universal**, ou seja, do **código de moral (ou de ética) universal**, resumido na **lei do amor**, ensinado por Jesus e por muitos outros líderes religiosos, que a Humanidade deixará de sofrer e poderá evoluir para mundos isentos de sofrimento.

Deus, conceituado no Espiritismo como “a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas” (KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, resposta à pergunta nº 1), nos criou livres para plantarmos o bem ou o mal. Se plantarmos o bem, colheremos o bem, mas se plantarmos o mal, colheremos o mal. Se plantarmos videiras, colheremos uvas, mas se plantarmos carrapicho, só poderemos colher carrapicho. Essa é uma lei divina natural, muito lógica e justíssima.

Nossa principal missão neste mundo, como nos ensina a própria Doutrina Espírita, é aprender a amar. Somente através da caridade, do amor, o homem consegue redimir-se de seus débitos e evoluir para mundos mais adiantados, onde passa a viver mais feliz e livre de reencarnações em mundos físicos atrasados como o Planeta Terra. Como já vimos, o lema religioso do Espiritismo é este: **FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO!**

O livre-arbítrio é a liberdade que temos de pensar e de agir. Sem o livre-arbítrio, o homem seria uma espécie de máquina ou robô. O livre-arbítrio faz com que o homem se torne sempre responsável por aquilo que faz ou deixa de fazer. Ele goza dessa liberdade e é em virtude desta faculdade que ele escolhe livremente a existência e as provas que acredita serem próprias para o seu progresso, quando elas não lhe são impostas; ele conserva a liberdade no estado corporal, a fim de poder lutar contra essas mesmas provas. Em outras palavras, o homem colhe o que planta.

A explicação de nossos sofrimentos, dada pela Doutrina Espírita, é, portanto, bem mais racional do que a resposta fornecida pelo cristianismo dogmático, segundo o qual todos nós sofremos por causa do “pecado original”, que herdamos de nossos primeiros pais, Adão e Eva.

125 - O BATISMO É NECESSÁRIO PARA A “SALVAÇÃO”?

De modo algum. Segundo a grande maioria dos cristãos, Jesus teria afirmado que o batismo é necessário para a “salvação” e que

só pode ser “cristão” (e “salvar-se”) quem crer e for batizado (cf. Marcos 16,16). Os mesmos cristãos, baseados numa passagem do Evangelho de Mateus (Mateus 28,19), asseguram que Jesus ordenou o seguinte: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.

A verdade, porém, é que o Jesus histórico nunca disse isso. Tanto o versículo bíblico de Marcos (Marcos 16,16) como o de Mateus (Mateus 28,19) são inautênticos, uma vez que não se encontram em versões mais antigas dos mesmos evangelhos.

Além disso, a passagem de Mateus foi copiada do chamado “Pseudoevangelho de Marcos (Marcos 16,9-20), que, como já vimos, é um caso de acréscimo ao Evangelho de Marcos, pois não consta nas versões mais antigas desse mesmo evangelho. Esses doze versículos falam das aparições de Jesus ressuscitado e de sua suposta ordem aos discípulos, dizendo-lhes: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado” (Marcos 16,15-16).

Fica, portanto, mais do que claro que a doutrina do batismo não foi ensinada pelo Jesus histórico. Apesar de ser bastante provável que o Jesus histórico tenha sido batizado por João Batista, ele nunca fez uso do batismo nem ordenou aos discípulos que fossem por todo o mundo evangelizando e batizando toda criatura em nome da Trindade – dogma proclamado só no final do século IV (ano 381) –, nem jamais afirmou que só seria salvo quem cresse e fosse batizado. Isso tudo foi doutrina mítica errônea acrescentada posteriormente pela Igreja, a fim de legitimar biblicamente a sua hegemonia eclesial.

Com base nessas evidências, o batismo é, por conseguinte, mais um mito cristão. O Jesus histórico ensinou que para “salvar-se” (ou melhor, para “libertar-se”, para “atingir a evolução espiritual”) e para ser “cristão”, isto é, para ser “seu discípulo”, a condição necessária e suficiente não é ser batizado e crer nos dogmas cristãos, mas amar o próximo: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos [isto é, que sois cristãos], se tiverdes amor uns pelos outros” (João 13,35).

Por conseguinte, não é o batismo nem qualquer outro sacramento ou prática ritualística que “salva” (ou “liberta”) e que caracteriza o “cristão” como Jesus o definiu. Assim, o hinduísta Mahatma Gandhi, um dos espíritos mais iluminados do século XX, grande admirador do Evangelho de Cristo, praticante como Jesus da não violência, isto é, do amor, nunca foi “batizado”, entretanto, no feliz dizer do escritor espírita Hermínio C. Miranda, “foi cristão dos melhores, na vivência do amor ao próximo, na mansidão, no entendimento fraterno, no viver limpo, correto, modesto, autêntico” (MIRANDA, 1988, p. 18).

126 - O BATISMO APAGA O “PECADO ORIGINAL”?

Como pode o batismo apagar o “pecado original”, se este pecado, como já vimos, nunca existiu? É, por conseguinte, outro grande erro do cristianismo dogmático acreditar que “no batismo erradica-se o pecado original, restaurando-se o estado de graça” (DER, verbete **pecado original**), o que implica afirmar que todos os seres humanos nasceram em estado de “desgraça”, ou seja, nasceram todos com o “pecado original” – um pecado que não cometeram, mas que absurda e injustamente, conforme já vimos, lhes foi transmitido por herança de seus primeiros pais (Adão e Eva). Além do mais, se os seres humanos não tivessem herdado esse tal “pecado original”, cometido pelos seus supostos primeiros pais, não “morreriam”. Seriam todos imortais!

Não é de admirar, portanto, que, entre as várias denominações cristãs e entre os próprios grandes teólogos e doutores da Igreja, as opiniões sobre o batismo sejam por demais contraditórias. Por exemplo: enquanto, para a maioria das denominações cristãs, o batismo é absolutamente necessário para apagar o “pecado original” e para a salvação, para outras, ele não é absolutamente necessário (por exemplo, para os luteranos). Enquanto, para algumas denominações cristãs, o batismo só é válido se for administrado exclusivamente a adultos (por exemplo, para os batistas), para outras, ele pode ser validamente administrado a crianças (por exemplo, para os católicos). Enquanto, para o maior teólogo e doutor da Igreja, Santo Tomás de Aquino, a eficácia do batismo dependia tão-somente da fé daquele que o recebesse, para outro dos maiores

teólogos e doutores da Igreja Católica, Santo Agostinho, como as crianças que são batizadas não podem ter fé, é suficiente a fé dos padrinhos (cf. SCHUTEL, 1986, p. 38; ver também DER, verbete **batismo**).

Em suma, o Jesus histórico jamais afirmou que o batismo é necessário para a “salvação” e que só pode ser “cristão” (e “salvar-se”) quem crer e for batizado. O mesmo Jesus histórico jamais ordenou: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mateus 28,19). Como já vimos, esse famoso versículo evangélico, falsamente atribuído a Jesus, foi inserido posteriormente pela Igreja no Evangelho de Mateus para apoiar os dogmas míticos do batismo e da Trindade cristã.

127 - MARIA É A “MÃE DE DEUS”?

Literalmente, não. Com todo o nosso respeito à mãe de Jesus, defendemos, a bem da verdade, à luz do bom senso, da história das religiões e da fé raciocinada, a tese de que Deus não pode ter “mãe”. Logo, Maria não é literalmente a “Mãe de Deus”, conforme o velho dogma católico, proclamado no terceiro Concílio Ecumênico, realizado no ano 431, em Éfeso (local, na época, do maior templo urbano, no Império Romano, da deusa Ártemis, ou Diana). Conta-se que, enquanto o Concílio estava reunido, discutindo a maternidade divina da mãe de Jesus, o povo de Éfeso se aglomerou ao redor do templo da deusa Ártemis, ou Diana, e começou a gritar: “**A Deusa. A Deusa, certamente ela é a Deusa**” (CAMPBELL, 2007, p. 190) (negrito meu).

Sabemos, pela história das religiões, que o mito da “Mãe de Deus” era muito comum entre as religiões bem mais antigas do que o cristianismo. As religiões pagãs costumavam dar uma mãe às suas divindades, muito tempo antes do surgimento do cristianismo; por exemplo, na Babilônia, existiu “Istar” (ou ‘Ishtar”), a mãe virgem do deus Tamuz. Segundo esclarece o escritor José Reis Chaves, “a palavra inglesa *Easter* (Páscoa) é derivada de *Istar* (mãe virgem de Tamuz imolado)” (CHAVES, 2006b, p. 103).

Na Grécia, como vimos na resposta da Pergunta nº 117 (n. 19), existiu “Deméter” (a “mãe” de Deus) e “Dioniso” (o “filho” de

Deus), duas das divindades mais populares da Grécia antiga, cuja história, seus ritos e suas festas antecipam efetivamente, sob muitos aspectos, a religião cristã (cf. DONINI, 1965, p. 145).

Aliás, como também já vimos, o termo “**Dioniso**” (da língua trácio-frígia, “dioniso”) significa etimologicamente “filho de deus” – “**dio-niso**” (cf. DONINI, *ibid*, nota 26). A história de Dioniso, o deus libertador, o “filho de deus”, é muito semelhante à história do “Jesus mítico” (o “Cristo da fé”), o Filho de Deus e o único libertador (salvador) da humanidade, segundo o mito cristão.

Mas se Jesus não é Deus, como argumento que ele, de fato, não o é, cai por terra a crença mítica na maternidade divina de sua mãe, conforme já defendiam, corretamente, os chamados “hereges” nestorianos da Igreja primitiva (século V), os quais afirmavam, contrariamente ao dogma católico, que Maria não é “Mãe de Deus” (em grego, “Theotókos”), mas apenas “Mãe do homem Jesus Cristo” (em grego, “Cristotókos”).

O monge Nestório de Antioquia, num de seus sermões, afirmava:

Ninguém venha me dizer que Maria é mãe de Deus; ela foi mulher, e Deus não pode nascer de mulher; sustentar o contrário é imitar os pagãos que dão uma mãe às suas divindades (FRANGIOTTI, 1995, p. 128).

Nestório foi condenado no terceiro Concílio Ecumênico, realizado em Éfeso, no ano 431 (o qual proclamou o dogma mítico da maternidade divina de Maria), e, porque se recusou a submeter-se às definições dogmáticas desse Concílio, foi enviado para o exílio, onde morreu.

O escritor José Reis Chaves, em seu livro *A Face Oculta das Religiões: uma visão racional da Bíblia*, explica a questão nestoriana nos seguintes termos:

O Nestorianismo surgiu com Nestório, Bispo Patriarca de Constantinopla, no século V. Sua tese ensinava que em Jesus Cristo havia duas pessoas: uma divina e outra humana, e que essas pessoas eram separadas entre si, sendo uma delas a do Cristo, o Verbo de Deus, e a outra a do homem Jesus, no qual veio encarnada a Pessoa Divina

do Verbo de Deus, o Cristo. Nestório não aceitava o título em grego de “Theotókos” (“Mãe de Deus”) dado a Maria, Mãe de Jesus. Para Nestório, Maria era apenas Mãe do homem Jesus, portanto, deveria receber o título em grego de “Cristotókos” (“Mãe do homem Jesus Cristo”). Mas o Concílio Ecumênico de Éfeso (431), apreciando a questão nestoriana, condenou-a, afirmando que em Jesus havia uma só pessoa, ou seja, a Pessoa Divina, e que Maria deveria ter o título grego de “Theotókos” (“Mãe de Deus”). E, assim, a Igreja criou a oração “Santa Maria, Mãe de Deus...” que foi acrescentada à Ave Maria bíblica da saudação do anjo Gabriel a Maria. [...] O título de “Mãe de Deus” para Maria é estranho e deixa confusos e enrolados os próprios teólogos, pois Deus nunca pode ter tido mãe e nunca poderá tê-la! (CHAVES, 2006b, p. 47-48).

Não há como não concordar plenamente com Nestório, com sua tese de que Maria não é, de fato, literalmente, Mãe de Deus (“Theotókos”), mas apenas Mãe do homem Jesus (“Cristotókos”). “Aliás, seria o cúmulo do absurdo alguém aceitar que Deus tem Mãe” (CHAVES, *ibid.*, p. 100).

Além de nenhuma mulher poder ser “Mãe de Deus”, as mulheres (incluindo a mãe de Jesus) só podem ser mães do **corpo** e não do **espírito** (ou **alma**) de alguém, como bem esclarece o escritor Reis Chaves nos seguintes termos:

Alegam os teólogos dogmáticos que Maria é Mãe de Deus porque a mãe de uma pessoa é mãe do conjunto todo de alma e corpo. Isso não é verdade, pois a mãe de uma pessoa é apenas mãe da parte biológica, de cuja criação ela participou, mas jamais do espírito que, além de não ter mãe, preexiste à criação biológica do corpo. [...] O próprio Jesus destaca que o que é nascido da carne é carne e o que é nascido do espírito é espírito (João 3,6). [...] Em outros termos, o corpo é filho da sua mãe biológica, mas o espírito do corpo não tem mãe. O espírito vem de Deus, o corpo vem do pai, da mãe e, mais remotamente, da terra. O espírito só forma um conjunto com o corpo, enquanto o espírito está reencarnado no corpo. [...] E, se o espírito não é criado junto com o corpo, a mãe biológica do corpo não entra na criação do espírito, do que se conclui que ela

não é mãe também do espírito. E disso tudo se infere que **Maria, Mãe de Jesus, só é mãe do corpo e não do espírito de Jesus** (CHAVES, p. 100-101) (negrito meu)+.

Com base nessa convincente argumentação, mesmo para os que acreditam que Jesus seja Deus e que o seu corpo não tenha sido biologicamente gerado por Maria e seu esposo, mas por obra e graça do Espírito Santo, conforme os dogmas (ou mitos) cristãos, Maria não pode ter sido mãe do espírito (ou alma) de Jesus (ou de Deus). Em suma, Maria não é literalmente mãe do “Espírito de Jesus” nem é “Mãe de Deus”, mas apenas **mãe do corpo físico de Jesus**.

128 - JESUS NASCEU EM BELÉM?

Não. Os especialistas atuais em história do cristianismo argumentam, com muita razão, que o Jesus histórico não nasceu em Belém, mas provavelmente em Nazaré.

As narrativas evangélicas segundo as quais Jesus nasceu em Belém são exemplos de “profecia historicizada”, e não de “história lembrada”, para fazer-se cumprir forçadamente a profecia de Miqueias do Antigo Testamento, a qual dizia que o esperado Messias nasceria em Belém: “Mas tu, (Belém), Éfrata, embora pequena entre os clãs de Judá, de ti sairá para mim aquele que será dominador em Israel. Suas origens são de tempos antigos, de dias imemoráveis” (Miqueias 5,1). A versão de Mateus é esta: “E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és o menor entre os clãs de Judá, pois de ti sairá um que será o guia que apascentará Israel, o meu povo” (Mateus 2,6).

A verdade histórica, porém, como atestam os estudiosos críticos do cristianismo, é que essa profecia não se refere ao nascimento de Jesus, em Belém, pois ele, como mostram as evidências históricas, não nasceu em Belém, mas, com muito mais probabilidade, em Nazaré.

A esse respeito, há contradições nos próprios evangelhos acerca da cidade onde Jesus nasceu: enquanto para Mateus e Lucas, Jesus nasceu em Belém, para João, ele nasceu em Nazaré. O Evangelho de João afirma textualmente que os seguidores de Jesus ficaram surpresos com o fato de ele não ter nascido em Belém: “Diziam outros:

‘É este o Cristo!’ Mas alguns diziam: Porventura pode o Cristo vir da Galileia? A Escritura não diz que o Cristo será da linhagem de Davi e virá de Belém, a cidade de onde era Davi?’ (João 7,41-42).

Embora Mateus e Lucas afirmem que Jesus nasceu em Belém, existe uma famosa contradição entre eles: enquanto para Mateus, Maria e José residiam em Belém, desde sempre, tendo ido morar em Nazaré só muito tempo depois do nascimento de Jesus, na volta do Egito, para onde tinham fugido do rei Herodes e do massacre dos inocentes, Lucas, porém, admite que Maria e José moravam em Nazaré antes de Jesus nascer, tendo ido para Belém, somente para cumprir a profecia de Miqueias, na época em que Quirino era governador da Síria, e quando César Augusto tinha ordenado a realização de um censo, e todo mundo tinha que ir “para a sua cidade”. José era supostamente “da casa e da linhagem de Davi” e, portanto, tinha de ir para a “cidade de Davi, que é chamada de Belém”.

Do ponto de vista histórico, é uma grande mentira afirmar que César Augusto ordenou a realização de um censo, e todo mundo tinha que ir “para a sua cidade”. Um recenseamento parcial, ordenado por Quirino, governador da Síria, realmente aconteceu, mas somente seis anos depois do suposto nascimento de Cristo em Belém, quando Herodes, o Grande, ainda era rei (cf. Mateus 2,16). Acontece que Herodes morreu no ano 4 antes de Cristo, portanto, cerca de uma década antes do recenseamento ordenado por Quirino.

É um grande erro acreditar que os romanos teriam exigido que José voltasse para a cidade de Belém, onde um ancestral remoto (o rei Davi) havia vivido um milênio antes.

A genealogia de Jesus rastreada por Mateus e Lucas é muito contraditória: Enquanto para Mateus, a descendência de José do rei Davi é feita por 28 gerações intermediárias, Lucas fala em 41 gerações, sem que haja coincidências nos nomes das duas listas. De qualquer jeito, se Jesus nasceu mesmo de uma virgem, por obra e graça do Espírito Santo, conforme a crença mítica no nascimento virginal de Jesus, os ancestrais de José seriam irrelevantes e não poderiam ser usados para fazer cumprir, a favor

de Jesus, a profecia de Miqueias de que o Messias deveria ser descendente de Davi.

Em suma, as passagens de Mateus e de Lucas que narram o nascimento e a infância de Jesus não devem ser interpretadas ao pé da letra, como fatos históricos, mas como narrativas míticas e alegóricas. Dizer que Herodes mandou matar as crianças em Belém, para matar Jesus, é uma parábola, para afirmar que Jesus é o novo Moisés e Herodes é o novo faraó do Antigo Testamento (cf. John Dominic Crossan, Revista SUPER Interessante, edição 250, março/2008, p. 17-18).

129 - JESUS RESSUSCITOU?

Sim e não, dependendo do sentido que se dê ao termo “ressurreição”. Defendo, com os espíritas, a tese de que Jesus não “ressuscitou”, no sentido comum de “ressurreição” como o retorno à vida no mesmo corpo físico que se tinha antes de morrer.

Jesus, de fato, nem “morreu” nem “ressuscitou” (fisicamente), porque ninguém morre (a morte não existe). É por demais conhecida a afirmação de que nada, de fato, morre no universo, tudo apenas se transforma. O que inadequadamente chamamos de “morte” é apenas o descarte de nossa vestimenta física, ou seja, de nosso corpo físico, que não é parte essencial de nossa natureza (pois somos essencialmente “espíritos”), mas apenas uma vestimenta temporária de trabalho, adequada ao plano físico-material do planeta em que vivemos. Quando essa vestimenta de trabalho não mais cumpre sua função, desfazemo-nos dela, continuando a viver num outro plano, com nosso “corpo espiritual” ou “corpo de ressurreição”, para usar uma terminologia bíblica, corpo esse que é formalmente idêntico ao corpo físico, mas diferente na substância (ele é fluídico).

É com esse “corpo espiritual” que muitas pessoas, depois de “mortas”, se manifestam concretamente, “aparecem” (materializadas) aos “vivos” para demonstrar que a morte não existe (como no caso das aparições de Jesus) ou para comunicar-nos determinadas mensagens (como nas sessões espíritas). Esse tipo de “ressurreição de mortos”, isto é, esse fenômeno de aparições de

“mortos” sempre ocorreu e continua ocorrendo na humanidade. Nesse sentido, todos nós podemos “ressuscitar” dos mortos.

Por conseguinte, na visão espiritualista/espírita que adoto, afirmar que Cristo “ressuscitou dos mortos” significa dizer, precisamente, que Jesus, após sua “morte”, ou melhor, após seu “desencarne”, “apareceu” (materializado), com seu corpo espiritual, a várias pessoas, para demonstrar que ele não morreu e que a morte não existe. Mas, como bem elucida o escritor espírita Hermínio C. Miranda,

não é Jesus o primeiro, e está longe de ser o último, que se manifestou concretamente, ou seja, objetivamente e até materializado a homens, mulheres e crianças, depois de “morto”, em seu corpo espiritual (MIRANDA, 1988, p. 116).

Mas, se a materialização (aparição) de “mortos” é um fenômeno comum, como, de fato, o é, cai logicamente por terra o caráter único, exclusivo, extraordinário e miraculoso da ressurreição (= materialização) de Cristo.

Para os espiritualistas espíritas, a “morte não existe”. Na realidade, se, como diz a ciência, “na natureza nada morre, tudo se transforma”, é uma contradição de termos afirmar que o homem “morre”. O homem não morre, apenas continua a viver com um corpo mais leve, mais sutil, fluídico (o chamado “corpo espiritual”), após descartar o corpo velho, pesado, físico-material, o qual passa a ser cadáver que será decomposto na sepultura, cujas moléculas formarão novos organismos e que, portanto, jamais foi ou será “reanimado” (ou revivificado ou ressuscitado fisicamente).

Nesse sentido, por conseguinte, a “ressurreição” de Cristo significa a sua “sobrevivência” com seu “corpo espiritual”, após o descarte de seu corpo físico. Esses dois tipos de corpos (o corpo físico e o corpo espiritual) se assemelham em tudo, menos na matéria de que são feitos: o corpo espiritual é sutil, fluídico, leve, enquanto o corpo físico é denso, pesado.

130 - CONSTANTINO TORNOU-SE CRISTÃO?

Não. Constantino sempre foi erroneamente considerado pela tradição cristã como o primeiro imperador romano que se converteu

ao cristianismo, tornando-se “cristão” no sentido paulinista do termo e convertendo o Império Romano ao cristianismo. Essa crença é negada atualmente por muitos estudiosos, os quais afirmam que Constantino nunca se tornou cristão, pois ele só foi batizado no seu leito de morte, no ano 337. E se, até esse ano, ele não era batizado, não podia ter recebido nenhum outro sacramento cristão. A Enciclopédia Hídria afirma categoricamente: “Constantino nunca se tornou cristão”.

Constantino também não converteu o Império Romano ao cristianismo mítico, exclusivista, nem foi ele quem proclamou oficialmente esse cristianismo como a única “Religião de Estado” do Império Romano (o que só aconteceu meio século depois de sua morte, com o imperador Teodósio, no ano 395).

Constantino, diferentemente de Teodósio, foi um imperador religiosamente ecumênico, uma vez que não proibia o culto dos outros deuses. A partir do imperador Teodósio, porém, o culto dos outros deuses começou a ser proibido, seguido da destruição de todos os templos e santuários não cristãos. Daí por diante, o cristianismo exclusivista (paulinista) passou a ser a religião dominante deste planeta, transformando-se numa das ideologias mais mortíferas da história humana, como se pode comprovar pela leitura do artigo (disponível na Internet): “**A Página Negra do Cristianismo: 2000 Anos de Crimes, Terror e Repressão**” (escrito por Enrico Riboni).

131 - QUAL O PAPEL DE CONSTANTINO NA HISTÓRIA E NO DESENVOLVIMENTO DO CRISTIANISMO?

A respeito do papel de Constantino na história e no desenvolvimento do cristianismo, bem como sobre a sua tolerância ecumênica na aceitação mítica do **Deus Jesus**, ao lado dos deuses pagãos, leiamos o que escreveram Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln, na obra *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*:

Contrariamente à tradição, Constantino não fez do cristianismo a religião do Estado romano. A religião do Estado sob Constantino foi, na realidade, a adoração pagã ao sol; e Constantino, durante toda a sua vida, atuou como seu principal sacerdote [Sumo Pontífice]. De fato, seu reino era

chamado “reinado do sol”, e o *Sol Invictus* figurava em todo lugar – inclusive nas faixas imperiais e nas moedas. A imagem de Constantino como um fervoroso convertido ao cristianismo é claramente errônea. Ele próprio só foi batizado em 337, quando jazia em seu leito de morte e estava aparentemente muito fraco ou muito apático para protestar. [...] Para Constantino, o culto ao *Sol Invictus* [o Sol Invencível, divindade romana] era simplesmente cômodo. Seu objetivo primeiro, na verdade obsessivo, era a unidade – em política, em religião e em território. Um culto ou religião de Estado, que incluísse todos os outros cultos obviamente convergiria para seu objetivo. E foi sob os auspícios do culto ao *Sol Invictus* que o cristianismo consolidou sua posição. Tendo muito em comum com o culto ao *Sol Invictus*, a ortodoxia cristã foi capaz de florescer sob a sombra da tolerância, sem ser molestada. O culto ao *Sol Invictus*, essencialmente monoteísta, calçou o caminho para o monoteísmo cristão. E o culto ao *Sol Invictus* era conveniente também sob outros aspectos, que modificaram e facilitaram a propagação do cristianismo. Através de um edital promulgado em 321 d.C., por exemplo, Constantino ordenou o fechamento das cortes de justiça no “dia venerável do sol”, decretando que este seria um dia de repouso. O cristianismo havia de fato conservado o *sabbath* judeu – o sábado – como sagrado. Agora, de acordo com o edital de Constantino, ele transferiu seu dia sagrado para o domingo. Isto não só harmonizou o cristianismo com o regime existente, como também lhe permitiu se dissociar mais de suas origens judaicas. Além disso, o nascimento de Jesus fora celebrado, até o século IV, no dia 6 de janeiro. Para o culto ao *Sol Invictus*, contudo, o dia crucial do ano era 25 de dezembro – o festival de *Natalis Invictus*, o nascimento (ou renascimento) do sol, quando os dias começam a ficar mais longos. Novamente o cristianismo se alinhou com o regime e a religião de Estado estabelecida. [...] No interesse da unidade, Constantino escolheu deliberadamente esmaecer as distinções entre cristianismo, mithraísmo e *Sol Invictus*. Escolheu, deliberadamente, não ver qualquer contradição entre eles. **Tolerou o Jesus endeusado como uma manifestação terrestre do *Sol Invictus*.** Assim, ele construiria uma igreja cristã e, ao mesmo tempo, estátuas da deusa-mãe Cybele e do *Sol Invictus* – este último sendo

uma imagem do próprio imperador, contendo seus traços. Em tais gestos ecléticos e ecumênicos, a ênfase na unidade pode ser observada de novo. **Em suma, a fé era para Constantino uma questão política. Qualquer fé que conduzisse à unidade era tratada com tolerância** (BAIGENT, LEIGH & LINCOLN, p. 307-308) (negrito meu).

132 - POR QUE CONSTANTINO DOGMATIZOU O ENDEUSAMENTO DE JESUS?

Se Constantino não se converteu ao cristianismo paulinista, como entender, então, que ele tenha convocado um concílio ecumênico, no ano 325, para dogmatizar o endeusamento de Jesus?

A resposta é simples: Constantino percebeu que estava havendo uma grande divisão entre dois grupos de cristãos: os cristãos paulinistas (que literalmente endeusavam Jesus) e os cristãos arianistas (que não o endeusavam). A fim de acabar com essa grave divisão (obviamente prejudicial à própria unidade político-religiosa do Império Romano), Constantino convoca o Concílio de Niceia (o primeiro da Igreja Católica), no qual ele apoiou a crença paulinista na divindade de Cristo, dogmatizando-a, para igualar Jesus às outras divindades cultuadas pelos romanos. Mas tudo indica mesmo que seu apoio à tese paulinista foi puramente de natureza política e ecumênica (para haver união entre os cristãos), uma vez que ele não deixou de adorar e cultuar o seu deus Sol, nem proibiu que se adorassem outras divindades cultuadas no Império Romano.

133 - JESUS FOI MORTO PELOS JUDEUS?

“A resposta a essa pergunta resultou em séculos de desentendimento, rancor, ódio e perseguição entre Roma e Jerusalém” (ARIAS, p. 91).

Resumirei, a seguir, com esse mesmo autor, a polêmica questão em torno de quem matou Jesus: foram os judeus ou os romanos?

É evidente que desde muito cedo, quase desde o século II d.C., tudo contribuiu para que se jogasse exclusivamente

nas costas dos judeus do tempo de Jesus o peso do processo, da tortura e da condenação à morte na cruz do grande inocente da história. A Igreja necessitou de muitos séculos – praticamente até a chegada de João XXIII ao trono de Pedro, em meados do século XX – para apagar de seus livros litúrgicos da Semana Santa a horrível frase que os cristãos rezavam toda Sexta-feira Santa: “**pelos pérfidos judeus**”. Como escreveu recentemente o escritor judeu Amos Oz, “a Igreja Católica, durante milênios, dedicou-se a tachar os judeus de **assassinos de Deus**” (ARIAS, p. 91-92) (negrito meu).

Todos os estudos mais sérios estão chegando à conclusão de que Jesus foi condenado à morte e executado não pelos judeus, mas pelos romanos que naquele tempo ocupavam a Palestina. [...] De fontes históricas não judias, sabe-se, por exemplo, que a crucificação, à pena de morte a que Jesus foi condenado, não estava entre as várias formas que os judeus tinham de infligir a pena capital. Os judeus matabam por apedrejamento, pelo fogo e por decapitação. [...] Portanto, se Jesus tivesse sido condenado à morte pelos judeus – afirma Winter... –, não teria sido condenado à pena de crucificação, que era o suplício que os romanos daquele tempo reservavam aos rebeldes políticos, mas a um dos métodos de execução adotados pelas autoridades judaicas (ARIAS, p. 92-93).

134 - POR QUE TANTA INIMIZADE ENTRE JUDEUS E CRISTÃOS?

Os judeus sempre foram os maiores inimigos dos cristãos tradicionais, principalmente por terem sido considerados os **assassinos de Deus**, ou seja, por terem sido acusados de mandar executar o próprio Deus encarnado na pessoa de Jesus. (**Deus pode ser assassinado!?**)

Os judeus, como sabemos, nunca aceitaram os dogmas cristãos da divindade de Jesus e da Trindade, pois, para os judeus, a divindade é una, mas não trina, e Jesus não é Deus encarnado nem o maior profeta que já veio a esse mundo, uma vez que, para os judeus, Moisés é o maior profeta que Deus já enviou a este planeta.

Os judeus também rejeitam a crença cristã de que Jesus é o Messias prometido pelos profetas do Antigo Testamento.

Em suma, os judeus sempre foram os maiores inimigos dos cristãos tradicionais, por causa das crenças míticas a respeito da natureza de Jesus, uma vez que nunca aceitaram tais mitos, segundo os quais Jesus é Deus encarnado, o Messias esperado, o único Senhor e Salvador, o Filho Unigênito de Deus, a Segunda Pessoa da Trindade etc.

O antissemitismo, apoiado pelo cristianismo mítico, sempre foi causa das maiores tragédias da humanidade, com dois mil anos de perseguição aos judeus, com inúmeras sinagogas queimadas, culminando com a matança de seis milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial.

Eis aqui mais uma prova de que o cristianismo exclusivista, o cristianismo da intolerância, da discriminação e das guerras catastróficas, não pode ter sido fundado pelo Jesus histórico, o Jesus pluralista, o Jesus ecumênico, o Jesus do amor, da tolerância, da paz e da fraternidade.

A velha inimizade dos cristãos dogmáticos aos judeus prova as consequências desastrosas das crenças míticas e equivocadas sobre a natureza de Jesus, as quais, como já foi dito, têm erguido um muro intransponível, não somente entre cristãos e judeus, mas entre o cristianismo mítico e todas as outras religiões deste planeta.

Graças ao diálogo religioso entre cristãos e judeus, o antissemitismo tende a reduzir-se, mas ninguém pode negar “a opinião de que existem profundos abismos teológicos entre o judaísmo e o cristianismo” (DER, verbete **judaísmo**), não, porém, entre a moral judaica e os princípios ético-morais (do código de moral universal) ensinados por Jesus, princípios esses que unem todas as religiões.

Mais explicitamente, apesar dos profundos abismos teológicos entre o judaísmo e o cristianismo, a moral judaica é, de fato, muito semelhante aos princípios do código de moral universal ensinado por Jesus, o que realmente importa para a evolução espiritual do ser humano.

135 - EXISTEM CÉU, INFERNO E PURGATÓRIO?

Na visão católica dogmática, sim; não, porém, na visão espírita que adoto, na qual não há o céu contemplativo, nem penas eternas, nem o purgatório dos católicos. Existem penas temporárias, mas não eternas. A crença no “inferno eterno” é um mito que contradiz frontalmente a sabedoria e bondade infinitas de um Deus misericordioso que é Pai e amor.

Como poderia um pai ou uma mãe de inteligência e bondade infinitas criar filhos sabendo de antemão que a maioria deles iria sofrer eternamente? Como Deus poderia viver feliz no céu contemplando seus filhos sofrendo eternamente no inferno? Acreditar *literalmente* num “inferno eterno” é, portanto, desacreditar num Deus Pai de infinita inteligência e bondade.

Ainda bem que a crença no inferno por parte dos cristãos tende a diminuir cada vez mais. Até mesmo entre padres e teólogos católicos, já existem aqueles que negam a existência do inferno, ou afirmam, com Luis González-Carvajal, teólogo e padre católico, que **“o inferno existe, mas está vazio”** (GONZÁLEZ-CARVAJAL, 1992, p. 186) (negrito do autor).

No correto dizer do escritor mineiro José Reis Chaves,

a crença no inferno, hoje, também está sendo desmoronada entre os teólogos, embora não falem isso, às vezes, em público, para não assustarem as pessoas mais simples, beatas. [...] Quanto ao fogo do inferno, ele é **esotérico** e não **exotérico**. **Esotérico** quer dizer que ele é metafórico. Aliás, o fogo na Bíblia é sempre metafórico (CHAVES, 2006a, p. 189-188) (negrito meu).

Alguém poderia perguntar: se não existe “inferno eterno”, por que, então, os escritores bíblicos empregaram tantas vezes essa expressão para referir-se ao “castigo eterno” após a morte?

A expressão “fogo eterno”, repito, é pura questão de linguagem figurada. A palavra “eterno” pode ter diversos sentidos, podendo significar não somente “aquilo que não tem fim”, como também “algo de duração imprecisa ou indefinida” ou “algo de longa duração”. Por exemplo, quando afirmamos que um

funcionário público vive “eternamente” reclamando do baixo salário que recebe, não estamos querendo dizer que suas reclamações não terão fim. Por conseguinte, a expressão “inferno eterno” (no sentido de “castigo eterno”, “fogo eterno”) não pode ser interpretada ao “pé da letra”, mas no sentido figurado, significando um sofrimento de longa duração ou de duração imprecisa.

Mas, certamente, os escritores neotestamentários empregaram a expressão “castigo eterno” (cf. Mateus 25,46) com a finalidade pedagógica e apologética de convencer, “pelo medo”, os seguidores do cristianismo a não abandonarem a sua fé, pois, do contrário, seriam condenados a penas eternas. Essa “pedagogia do medo”, com a ameaça do “castigo eterno” àqueles que se separam da Igreja Católica, é muito bem expressa por Dom Bosco (1948, p. 444), ao responder à seguinte pergunta:

P. Fora da Igreja Católica Apostólica Romana, pode alguém salvar-se?

R. Não; quem por própria culpa está fora desta Igreja não pode salvar-se; da mesma maneira que aqueles que não estiveram na arca de Noé, diz São Jerônimo, pereceram no dilúvio, assim perece inevitavelmente quem se obstina em viver e morrer separado da Igreja Católica Apostólica Romana, única depositária e conservadora da verdadeira Religião. [...]

“Todo aquele que se separar da Igreja Católica, embora seja boa a sua vida, não alcançará a vida eterna, mas a cólera de Deus cairá sobre ele, pelo único crime de estar separado da unidade de Jesus Cristo. A bondade e probidade de quem não está submetido à Igreja é uma hipocrisia sutil e perniciosa (Santo Agostinho).”

Qual o católico que, ao ler esse texto, escrito por um dos mais famosos santos de sua Igreja, por sua vez apoiado em dois outros grandes santos e doutores da mesma Igreja (São Jerônimo e Santo Agostinho), tem a coragem e a ousadia de questionar e, muito menos ainda, pensar em abandonar a sua fé católica? É assim que a “pedagogia do medo” do inferno eterno funciona e consegue prender os fiéis à Igreja.

Como parte da pedagogia do medo, muitos cristãos costumam citar a ideia do poeta francês Charles Baudelaire, no século XIX, segundo a qual “o mais belo estratagema do Diabo é nos persuadir de que ele não existe” (MORAIS, 2002, p. 57).

136 - O MITO DO INFERNO ETERNO É COMPATÍVEL COM A REENCARNAÇÃO?

De modo algum. O mito de penas eternas é radicalmente incompatível com a **reencarnação**, doutrina comum a muitas religiões e filosofias (antigas e modernas) que admite a preexistência da alma e o seu renascimento em novo corpo físico, que explica as diferenças entre os seres humanos e os seus sofrimentos, além de se coadunar com a justiça e a misericórdia divinas e ser, hoje, aceita pela maioria das crenças religiosas e filosóficas do mundo: “dois terços da população mundial acreditam em reencarnação” (Van PRAAGH, 1999, p. 100).

No correto dizer do filósofo reencarnacionista Pietro Ubaldi, a crença no inferno eterno não se sustém diante da doutrina reencarnacionista:

A teoria do inferno eterno, considerada sem paixão, com a finalidade não de concluir a favor de uma religião ou de outra, mas apenas de conhecer a verdade, não se sustém diante da teoria reencarnacionista, ainda que possa ser aplicada como um terrorismo psicológico, produto de tempos ferozes, necessário para gente feroz (UBALDI, 1986, p. 184-188).

137 - SATANÁS E OS DEMÔNIOS EXISTEM?

Na visão do cristianismo dogmático, sim; mas na visão espírita, não. Ou seja, para os cristãos dogmáticos, Satanás e os demônios existem como espíritos criados por Deus em estado de perfeição, que se revoltaram contra Ele e, por isso, foram expulsos do céu e conduzidos para o inferno eterno, passando a viver em eterna luta contra Deus e a humanidade.

Essa crença não passa de um velho mito cristão. Na visão espírita, Satanás e os demônios, embora também personifiquem o

mal, são todos apenas espíritos imperfeitos (desde sua criação), suscetíveis de regeneração e evolução, como qualquer um de nós.

Mais explicitamente, segundo a crença mítica da maioria dos cristãos, Satanás (ou Satã) e os demônios são espíritos concretos, reais, criados por Deus num estado de perfeição, mas que se revoltaram contra Ele e, por isso, foram expulsos do céu e conduzidos para o inferno eterno. Já para o Espiritismo, eles são vistos apenas como espíritos imperfeitos (desde sua criação), suscetíveis de regeneração e evolução, como qualquer um de nós. Vejamos a esse respeito o que escreve Allan Kardec:

Segundo a doutrina da Igreja, os demônios foram criados bons e tornaram-se maus por sua desobediência: são anjos colocados primitivamente por Deus no ápice da escala, tendo dela decaído. Segundo o Espiritismo, os demônios são espíritos imperfeitos, suscetíveis de regeneração e que, colocados na base da escala, hão de nela graduar-se (KARDEC, *O Céu e o Inferno*, capítulo 9, n. 21).

Para muitos estudiosos críticos das religiões, Satanás e os demônios são figuras puramente mitológicas que personificam o mal.

138 - QUAL A ORIGEM DE SATANÁS E DOS DEMÔNIOS NA BÍBLIA?

Segundo o escritor Juan Arias (ARIAS, 2001, p. 112), a origem remota de Satã e dos demônios na Bíblia, particularmente nos evangelhos, se encontra na mitologia egípcia.

Como o inimigo de Hórus era Satã, deduz-se que daí teria vindo a teoria de Satanás e dos demônios contida nos evangelhos. Hórus, assim como o “Cristo da fé”, também lutou no deserto, durante quarenta dias, contra as tentações de Satã, numa luta simbólica entre a luz e a escuridão.

De acordo com outros autores, a origem próxima de Satanás e dos demônios na Bíblia se encontra no zoroastrismo, nome da antiga religião da Pérsia (atual Irã), fundada por Zoroastro (ou Zaratustra) no século VII a.C. O judaísmo, o cristianismo e muitas outras religiões importaram vários conceitos religiosos do

zoroastrismo, entre outros, as dicotomias ‘bem x mal’, ‘céu x inferno’, ‘anjos bons x anjos maus’ (‘demônios’), ‘juízo particular x juízo final’, ‘ressurreição do corpo’ etc. Jomar Morais (cf. MORAIS, 2002, p. 57) relata o surgimento de Satanás e de seu aparecimento no judaísmo e no cristianismo (ver também NOGUEIRA, 2000).

No Antigo Testamento, há poucas menções à figura de Satanás (ou do Diabo). Já no Novo Testamento, “há mais citações do mal que do bem. Mais referências a Satã que a Deus” (MORAIS, *ibid.*).

Sobre a origem divina mítica de Satanás, é interessante notar, com Weiser (1978, p. 106-107), que Satanás (ou o Diabo), em sua origem mítica, já foi membro da corte divina, já foi um dos “filhos de Deus”. Depois, com “a revolta e a queda de Lúcifer (‘o portador da luz’), o serafim mais belo e mais próximo de Deus” (MORAIS, p. 58), Satanás perdeu o cargo que ocupava na corte celeste (bem como sua identidade de “filho de Deus”), foi expulso do céu e passou a morar no inferno (literalmente ‘mundo subterrâneo’) juntamente com uma corte de espíritos malignos, passando daí em diante a travar uma luta sem tréguas contra Deus e os seres humanos, começando pela estratégia de tentar Adão e Eva a cometerem o pecado original e, assim, obrigar Deus a se encarnar na Terra na pessoa do “Jesus mítico” para vingar-se de Satanás e redimir a humanidade de tão “grande” falta, mediante sua morte na cruz.

Não deixa, portanto, de ser um grande mito repugnante a crença cristã segundo a qual o “preço do resgate é pago a Satanás, que tinha o homem em seu poder” (DONINI, p. 203). Conforme esclarecido, com Ubaldi (1988, p. 274), “justificando semelhante absurdo, conceberíamos e converteríamos Deus numa espécie de servo de Satanás”.

O sentido alegórico de Satanás, como personificação do mal, é bem retratado no capítulo 12 do Apocalipse de João, onde o autor descreve a tremenda luta simbólica entre Deus e Satanás. O diabo estava tentando destruir a Igreja, usando Roma como seu agente, mas termina perdendo a batalha pelo poder de Jesus. João escreveu essa obra para encorajar seus leitores que estavam sofrendo por causa do ataque de Satanás através de um poder mundial perverso.

Concluindo a presente resposta, reafirmo, à luz da fé raciocinada, que Satanás e os demônios não são espíritos criados por Deus em estado de perfeição, que se revoltaram contra Ele e, por isso, foram expulsos do céu e conduzidos para o inferno eterno, passando a viver em eterna luta contra Deus e a humanidade. Essa crença não passa de um velho mito cristão. Satanás e os demônios, como já foi dito, embora também personifiquem o mal, são todos apenas espíritos imperfeitos (desde sua criação), suscetíveis de regeneração e evolução, como qualquer um de nós.

139 - O PAPA É “INFALÍVEL”?

À luz da “fé raciocinada”, não. O Concílio Vaticano I, realizado em 1870, proclamou o dogma da infalibilidade papal, estabelecendo que, quando o Papa ensina “ex-cathedra”, isto é, como Vigário de Cristo, com o poder dado por Jesus a São Pedro (cf. Mateus 16,18-19), ensinando doutrina de Fé ou de Moral, o Papa é “infalível”, ou seja, não pode errar, porque ele é supostamente assistido pelo Espírito Santo.

Este dogma católico, à luz da “fé raciocinada”, é, repito, totalmente falso, pelas razões que apresentarei a seguir:

Em primeiro lugar, a passagem bíblica sobre a suposta fundação da “Igreja de Cristo”, que sustenta o referido dogma, é inautêntica, pois, como já foi dito, não se encontra em nenhuma outra passagem do Novo Testamento. Jesus, de fato, nunca disse: “*Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja. E eu te darei as chaves do Reino dos céus. Tudo o que ligares na terra será ligado no céu. Tudo o que desligares na terra, será desligado no céu*” (Mateus 16, 18-19).

Como já vimos, mas convém repetir, o famoso teólogo Hans Küng, padre suíço, nomeado pelo Papa João XXIII como consultor teológico para o Concílio Vaticano II, nega a autenticidade dessa mesma passagem bíblica. Releiamos suas palavras:

Jesus não fundou uma igreja durante sua vida. [...] Hoje, até exegetas católicos aceitam que a famosa frase sobre Pedro como a pedra na qual Jesus construirá sua igreja (Mateus 16,18-19: a declaração está no futuro), e da qual os outros evangelhos não têm conhecimento, não é uma

frase do Jesus terreno, mas foi composta após a Páscoa pela comunidade palestina, ou mais tarde pela comunidade de Mateus (KÜNG, 2002, p. 28) (negrito meu).

Essa mesma tese, como nos informa o ilustre historiador belga (e ex-padre católico) Eduardo Hoornaert, já havia sido defendida, no início do século XX, pelo padre francês Alfred Loisy, o qual

sofreu muito por causa desse seu posicionamento, foi humilhado e proibido de ensinar em instituições da Igreja. Morreu isolado de seus colegas. Mesmo assim, **sua tese é vitoriosa, hoje, pelo menos entre os estudiosos da história das origens do cristianismo** (HOORNAERT, 2006, p. 34) (negrito meu).

Em segundo lugar, faço, com o teólogo e ex-padre católico Franz Griesse, o seguinte questionamento:

Como é que aquela Igreja que, como nenhuma outra, tem ensinado e ainda continua a ensinar erros, em vez de verdades, tem a ousadia de atribuir a si mesma, a infalibilidade em questões de Fé e de Moral? [...] **Infalibilidade!? Não significa o uso desta palavra o máximo de arrogância que jamais se viu e se ouviu neste mundo?** (GRIESE, p. 185-186) (negrito meu).

A Igreja Católica, fundada por Paulo de Tarso, e não por Jesus de Nazaré, tem, de fato, ensinado mais erros do que verdades ao longo de dois mil anos. Até quando vai permanecer nos seus erros? Só Deus sabe!

140 - QUANDO FOI PROCLAMADO O DOGMA DA INFALIBILIDADE PAPAL?

O dogma da infalibilidade papal foi proclamado pelo Concílio Vaticano I, no dia 18 de julho de 1870, cuja fórmula adotada por esse Concílio e sancionada por Pio IX diz o seguinte:

“Nós, com aprovação do Sacro Concílio, ensinamos e definimos ser dogma revelado por Deus que o Pontífice Romano, quando fala *ex cathedra*, isto é, quando em sua função de Pastor e Mestre de todos os cristãos, em virtude

de sua suprema autoridade apostólica, define que uma doutrina resguardante da fé e dos costumes deve ser abraçada por toda a Igreja, graças à assistência divina que lhe foi prometida na pessoa de São Pedro, goze aquela infalibilidade da qual o Divino Redentor quer que seja dotada a sua Igreja todas as vezes em que deva ser definida uma doutrina concernente à Fé e aos costumes, pelo que tais definições do Pontífice Romano, por si mesmas, e não por consenso da Igreja, são irreformáveis.” (JANUS, 2002, p. 9)

141 - A INFALIBILIDADE PAPAL É CONTRADITADA PELOS OUTROS DOGMAS CRISTÃOS?

Sim. Os outros dogmas cristãos, por serem errôneos, contradizem abertamente o dogma da infalibilidade papal, tais como:

- 1) **O dogma da Trindade:** Como já foi esclarecido, Deus, sendo infinito, não pode ser conceituado como *pessoa* (ou como *três pessoas*), pois toda “pessoa” é, por definição, limitada. Conceituar Deus como *pessoa*, como já vimos, é um *antropomorfismo*, ou seja, um modo de conceber Deus na forma de um ser humano. O dogma cristão, contudo, define Deus *literalmente* como *pessoa*, ou melhor, como *três pessoas*, dogma, portanto, literalmente falso.
- 2) **O dogma da igualdade das três pessoas divinas:** Este dogma, como também já vimos, é falso e contradito pela própria Bíblia cristã, a qual expressa uma aberta inferioridade e subordinação do Filho em relação ao Pai, e do Espírito Santo em relação ao Filho: o Filho é enviado à Terra pelo Pai e o Espírito Santo é enviado à Terra pelo Filho; ora, todo enviado é obviamente inferior ao que o enviou. Logo, esse dogma da igualdade das três pessoas divinas é uma crença errada que também contradiz a infalibilidade papal.
- 3) **O dogma da divindade de Jesus:** Jesus não é *literalmente* Deus encarnado. Como pode o Infinito, o Absoluto, encarnar-se no ventre de uma pessoa finita e nascer como uma criança? Não confundamos mito com verdade histórica.

- 4) **O dogma da filiação divina natural de Jesus:** Proclamar que Jesus é *literalmente* “Filho de Deus”, tendo sido “gerado” (e não “criado”) pelo Pai é, conforme já vimos, um velho mito, comum a muitas religiões bem mais antigas do que o cristianismo.
- 5) **O dogma do parto virginal:** Este dogma também é falso, pois Jesus não nasceu de um parto virginal, por obra e graça do Espírito Santo, mas nasceu de um parto normal como qualquer um de nós. Declarar que ele nasceu miraculosamente é outro velho mito.
- 6) **O dogma do inferno eterno:** Conforme esclarecido, Deus seria um monstro (e não um Pai misericordioso), se criasse seus filhos, sabendo de antemão que muitos deles iriam sofrer eternamente no inferno. Logo, a crença literal no inferno eterno é um dogma falso, que também contradiz o dogma da infalibilidade papal.
- 7) **O dogma do pecado original:** Proclamar que todos herdamos o pecado de Adão e Eva é outro grande dogma falso, e não uma verdade histórica, pois Adão e Eva nunca existiram. A ciência comprova que a humanidade não descende de um primeiro casal, Adão e Eva. E algumas entidades espirituais (espíritos desencarnados), como já vimos, chegam até mesmo a nos informar que “nenhum terráqueo foi criado na Terra. Todos foram para cá transportados, da mesma forma que criaturas de outros planetas estão em visita a nós” (Galileu Galilei, apud BERBEL, p. 29). Somos todos imigrantes no planeta Terra.
- 8) **O dogma da ressurreição dos mortos:** Como pode haver “ressurreição dos mortos”, se a “morte” não existe? O que “morre” é apenas o corpo físico, e não a alma ou espírito. Somos essencialmente espíritos imortais. Além disso, como já vimos, mas convém repetir, segundo a teologia paulina, o que ressuscita não é o corpo físico, mas o corpo espiritual (cf. 1Coríntios 15,44).
- 9) **O dogma da maternidade divina de Maria:** Conforme já vimos, Maria não é, *literalmente*, a “Mãe de Deus”, pois Deus não pode ter mãe, e toda mulher só é mãe do corpo físico de alguém, e não de sua alma ou espírito, pois o espírito preexiste à criação

biológica do corpo. Logo, Maria só é mãe do corpo físico de Jesus.

- 10) **O dogma da virgindade perpétua de Maria:** Este dogma afirma que a mãe de Jesus foi Virgem antes, durante e perpetuamente depois do parto. A liturgia da Igreja Católica celebra Maria como a “sempre-*virgem*” (*Catecismo da Igreja Católica*, 499). A própria Bíblia, contudo, contradiz esse dogma, ao afirmar que José só não teve relações sexuais com Maria antes do nascimento de Jesus: “E José, tendo despertado do sono, fez como o anjo lhe ordenara, e recebeu sua mulher; e não a conheceu [isto é, e não teve relações sexuais com ela] *enquanto ela não deu à luz um filho*” (Mateus 1,24-25) (grifo meu). “A forma mais natural para ler a sentença em grego é a que fica muitíssimo implícito que ele [José] realmente teve relações sexuais com Maria após o nascimento de Jesus” (SHANKS & WITHERINGTON, p. 111).
- 11) **O dogma da imaculada concepção de Maria:** Segundo esse dogma, Maria foi concebida sem mancha alguma de “pecado original”. Mas, como pode a mãe de Jesus ter sido concebida sem mancha alguma desse tal de “pecado original”, se o “pecado original”, como já vimos, nunca ocorreu historicamente, no sentido dogmático da expressão?
- 12) **O dogma da assunção de Maria:** Segundo esse dogma, a mãe de Jesus, após sua morte, foi ressuscitada *fisicamente* (como Cristo) e elevada em corpo e alma para o céu. Como já vimos, o próprio apóstolo Paulo, principal fundador do cristianismo dogmático, não acreditava na ressurreição física do ser humano. O que ressuscita, dizia ele, não é o corpo físico, mas o corpo espiritual: “Semeado corpo físico, ressuscita corpo espiritual” (1Coríntios 15,44).

Concluindo a presente resposta, podemos reafirmar, à luz da “fé raciocinada”, que **o dogma da infalibilidade papal**, como acabamos de comprovar, não faz o menor sentido, pois é contraditado por todos os outros dogmas falsos do cristianismo, proclamados pelos papas.

142 - OS “GÊNIOS” SÃO ALMAS FAVORECIDAS POR DEUS?

Na visão de muitos cristãos dogmáticos, sim; não, porém, na visão espírita. Do mesmo modo como sem a **preexistência** e sem a **reencarnação**, não se explica o verdadeiro “pecado original”, assim também sem a preexistência e sem a reencarnação, não se explica a existência dos inúmeros “gênios” da humanidade, muitos dos quais revelam a sua genialidade desde a infância, como nos inúmeros casos de crianças superdotadas.

Essas pessoas de gênio são mais uma prova convincente da existência da reencarnação. Os religiosos que não acreditam na reencarnação, como os cristãos dogmáticos, dão uma explicação irracional e ingênua para esse fenômeno, afirmando que os gênios são almas favorecidas por Deus. Ora, se essa crença fosse verdadeira, Deus seria um ser parcial, criando almas superdotadas e almas totalmente ignorantes, crença essa que é desmentida pela própria Bíblia judaico-cristã, a qual afirma que “Deus não faz acepção de pessoas” (Deuteronômio 10,17; Atos 10,34).

Sem a doutrina da preexistência e da reencarnação, seria impossível, de fato, dar uma explicação racional para a existência dos grandes gênios da humanidade (por ex., Mozart, Bach, Einstein), incluindo também os inúmeros casos de crianças superdotadas e os grandes líderes religiosos do mundo (por ex., Krishna, Buda, Moisés, Cristo, Gandhi, Kardec etc.)

A doutrina da preexistência e da pluralidade de existências na Terra (**reencarnação**) é a única que, de fato, explica racionalmente o fenômeno dos grandes gênios da humanidade: Nas palavras do escritor espírita Jayme Andrade,

o gênio é experiência. Alguns parecem julgar que seja um dom ou um talento [uma “graça” especial de Deus], mas é o fruto de longa experiência em muitas vidas. Algumas almas são mais velhas do que outras e, por isso, sabem mais...” (ANDRADE, 1995, p. 28).

(Sobre a explicação dos gênios da humanidade na visão espírita, ver KARDEC, *A GÊNESE*, Capítulo I, n. 5)

143 - OS GRANDES “GÊNIOS” SÃO “MISSIONÁRIOS” OU “MESSIAS”?

Com certeza. Allan Kardec prossegue em sua explicação dos gênios da humanidade na visão espírita, falando agora do papel deles como “missionários” ou “messias” enviados por Deus para ajudar a Humanidade a progredir:

Tal o papel dos grandes gênios. Que vêm eles fazer, senão ensinar aos homens verdades que estes ignoram e ainda ignorariam durante largos períodos, a fim de lhes dar um ponto de apoio mediante o qual possam elevar-se mais rapidamente? Esses gênios, que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando longo traço luminoso sobre a Humanidade, são **missionários** ou, se o quiserem, **messias** [negrito meu]. O que de novo ensinam aos homens, quer na ordem física, quer na ordem filosófica, são *revelações*. Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, pode, com mais forte razão, suscitá-los para as verdades morais, que constituem elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos cujas ideias atravessam os séculos.

No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz particularmente das coisas espirituais que o homem não pode descobrir por meio da inteligência, nem com o auxílio dos sentidos e cujo conhecimento lhe dão Deus ou seus mensageiros, quer por meio da palavra direta, quer pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens predispostos, designados sob o nome de *profetas* ou *messias*, isto é, *enviados* ou *missionários*, incumbidos de transmiti-la aos homens... (KARDEC, *A GÊNESE*, Capítulo I, n. 6-7)

144 - JESUS ERA “EXCLUSIVISTA” OU “PLURALISTA”?

Jesus, como já foi dito, era um personagem “pluralista”, e não “exclusivista”. Mas ele é visto pelos cristãos dogmáticos (**paulinistas**) como um personagem superexclusivista: o único Deus encarnado, o único Filho de Deus, o único Salvador, o único Senhor, o único Messias, o único Mediador entre Deus e os

homens, o único Caminho, a única Verdade, a única “Palavra de Deus” (O Verbo de Deus encarnado), o único nascido de um parto virginal por obra e graça do Espírito Santo, o único que ressuscitou dos mortos, o único que subiu ao céu em corpo e alma (depois de ressuscitado), o único que retornará fisicamente no fim do mundo para julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno, o verdadeiro fundador do cristianismo dogmático e da Igreja Católica, tendo instituído sete sacramentos indispensáveis à salvação, o único que fez milagres anulando as leis da natureza, como andar sobre as águas, multiplicar pães, transformar água em vinho, transformar pão e vinho em seu próprio corpo e sangue, ressuscitar mortos etc.

Como já comprovamos sobejamente em muitas respostas deste *Catecismo Ecumênico*, todos esses títulos exclusivistas e espiritualmente arrogantes, erroneamente atribuídos a Jesus, não fazem o menor sentido, pois, além de não se coadunarem absolutamente com a lei do amor (pois quem ama não exclui nem discrimina ninguém), os mesmos são igualmente atribuídos a diversas outras pessoas marcantes do mundo e a diversos outros líderes religiosos deste planeta.

Como todos sabemos, “na Antiguidade, as pessoas notáveis ganhavam o título de ‘filho de Deus’. Platão e Apolônio de Tiana também foram assim cognominados. E com Jesus não foi diferente” (José Reis Chaves, “O Jesus Histórico e o Mítico”, Revista Espiritismo e Ciência, nº 56).

Conforme já vimos em respostas anteriores deste *Catecismo Ecumênico*, mas convém repetir, Krishna, Buda, Hórus e Mitra também nasceram “miraculosamente”. Apolônio de Tiana também ressuscitou mortos. Buda também alimentou 5.000 homens com um pouco de pão. Krishna também se transfigurou, teve três discípulos preferidos, foi crucificado e subiu aos céus. Mitra também era o Filho de Deus e a Luz do Mundo, seu sepulcro era de pedra e ressuscitou ao terceiro dia. Dioniso também era literal e etimologicamente “filho de Deus” (da língua trácio-frígia “**dio-niso**” = “**filho de deus**”). Krishna e Hórus também declaravam ser **O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA**. Krishna, Hórus e Mitra também eram Messias, Salvadores e Filhos de Deus. Krishna também era

a Segunda Pessoa da Trindade hindu. Krishna, Hórus, Buda e Mitra também tiveram 12 discípulos. Os deuses Tamuz, Adônis, Attis e Osíris também ressuscitaram. Mitra também instituiu **sete sacramentos**, entre os quais figuram o batismo, a confirmação e a comunhão: pão e vinho consagrados por fórmulas rituais. No fim do mundo, virá Mitra para o Juízo Final. Será que ainda precisamos de mais dados para comprovar que **o Jesus mítico e exclusivista foi, de fato, um produto criado com elementos das antigas divindades mitológicas?**

As evidências históricas mostram sobejamente que não. Por conseguinte, a maneira mítica e exclusivista de ver Jesus (o **Jesus exclusivista**) não é *literalmente* correta. Pode até ser *metaforicamente* correta, mas não confundamos **verdade mítica** com **verdade histórica**, nem **sentidos metafóricos** com **sentidos literais** da linguagem humana.

Convém repetir também, conforme esclarece o famoso teólogo protestante John Hick, no livro *The Myth of God Incarnate (O Mito do Deus Encarnado)* (HICK, 1977, p. 175), que as crenças mitológicas exclusivistas a respeito da pessoa de Jesus podem ser facilmente entendidas pelo contexto histórico-cultural da época: *cultura classicista (uma só verdade, certa e imutável), mentalidade escatológico-apocalíptica (profeta final, revelação definitiva) e expressão de uma minoria (linguagem de sobrevivência, único Salvador, único Senhor, único Messias etc.)*, como bem expresso em passagens bíblicas exclusivistas como estas: **“E não há salvação em nenhum outro, pois não existe debaixo do Céu outro nome dado aos homens, pelo qual tenhamos de ser salvos”** (Atos 4,12). **“Pois Deus é um só, e um só também o Mediador entre Deus e os homens: esse homem, que é Cristo Jesus, que se entregou à morte para resgatar a todos”** (1Timóteo 2,6) (negrito meu).

145 - EM QUE SENTIDO PODE-SE DIZER QUE JESUS É O ÚNICO CAMINHO DE SALVAÇÃO?

No sentido *simbólico* da expressão, ou seja, no sentido de que **o código de moral (ou de ética) universal que Jesus ensinou e viveu, resumido na lei do amor, é realmente**

verdadeiro e libertador: somente quem o praticar será “salvo” (liberto) e terá “vida plena”.

Conforme já argumentei por diversas vezes, a crença cristã exclusivista segundo a qual Jesus é *literalmente* o único Caminho e a única Verdade, com base no famoso versículo joanino, segundo o qual o próprio Jesus teria afirmado ser “o Caminho, a Verdade e a Vida” (João 14, 6), e ninguém iria ao Pai a não ser por ele, é uma crença fundamentalista, literalmente equivocada, e espiritualmente arrogante, dos cristãos, que tem causado muita discriminação ao longo de dois mil anos de história do cristianismo.

O referido versículo joanino, porém, se interpretado de maneira *simbólica* e *pluralista*, tem um rico significado religioso, no sentido de que somente aquele que pratica o amor-caridade alcançará a salvação, ou melhor a libertação ou evolução espiritual, pois, como bem ensina o Espiritismo, **FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO!**, diferentemente do velho slogan católico: **FORA DO CRISTIANISMO (OU DA IGREJA) NÃO HÁ SALVAÇÃO!**

Acontece, porém, que o **código de moral (ou de ética) universal**, que Jesus ensinou e viveu, não foi ensinado e vivenciado exclusivamente por ele, mas igualmente por muitos outros sábios, fundadores ou não de religião, filósofos, outros mensageiros (ou messias) do além etc., ao longo da história humana, por exemplo, Sócrates, Platão, Moisés, Buda, Krishna, Zoroastro, Confúcio, Lao-Tsé, Baha'u'llah, Gandhi, Allan Kardec, Chico Xavier e tantos outros.

Nesse sentido pluralista do ensino e vivência do código de moral universal por inúmeros mensageiros enviados por Deus para ajudar nosso planeta a evoluir moralmente, não se pode afirmar que Jesus é *literalmente* o único Caminho, o único Salvador, o único Messias, o único Redentor da humanidade, mas um dentre muitos outros espíritos evoluídos, que já vieram a este mundo, para nos ensinar a verdadeira religião, a prática do amor-caridade, a única modalidade de religião capaz de unir a todos e fazer evoluir a humanidade.

Como já vimos, Krishna e Hórus também afirmavam ser **A LUZ DO MUNDO, O CAMINHO, A VERDADE e A VIDA.**

Recordemos que a interpretação literalista e exclusivista de João 14,6, é fruto do escorregão humano de um para o, esclarecido na resposta da pergunta nº 93 deste *Catecismo Ecumênico*, segundo o qual Cristo é o (único) Caminho, e não um Caminho (ao lado de muitos outros), enquanto a interpretação *simbólica* e *pluralista* desse mesmo versículo joanino, além de não discriminar nenhuma outra religião e nenhum outro líder religioso, une todas as crenças e todas as pessoas deste planeta.

146 - JESUS INSTITUIU A CONFISSÃO?

Na visão católica, sim; não, porém, na visão espiritualista reencarnacionista espírita (que adoto), segundo a qual Jesus não instituiu nenhum sacramento indispensável à salvação.

Por conseguinte, na nossa visão, não há perdão gratuito de nossos “pecados” e, portanto, não é pelo sacramento da confissão que obtemos o perdão de nossas faltas e de nossos erros. Somente através da prática do amor, da caridade, o homem consegue resgatar seus débitos e evoluir para mundos mais adiantados, onde passa a viver mais feliz e livre de reencarnações em mundos físicos atrasados como o Planeta Terra.

Os cristãos católicos, porém, acreditam que Jesus instituiu o sacramento da confissão para o perdão dos pecados. Segundo esse dogma (ou mito) católico, a confissão é necessária para o perdão dos pecados e os sacerdotes católicos têm o poder de perdoar ou de reter os pecados dos fiéis, com base na seguinte passagem do Evangelho de João:

“A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, também eu vos envio.” Dizendo isto, soprou sobre eles e lhes disse: “Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais não perdoardes ser-lhes-ão retidos.” (João 20, 21-23)

Em primeiro lugar, essa passagem evangélica é inautêntica, uma vez que os referidos versículos joaninos não são palavras do Jesus histórico, como nos asseguram os pesquisadores do Seminário de Jesus (cf. FUNK, Robert W., HOOVER, Roy W., & THE JESUS SEMINAR, p. 467).

Em segundo lugar, como nos esclarece o teólogo e ex-padre católico Franz GRIESE, “a confissão, tal como hoje é praticada na Igreja Católica, era completamente desconhecida nos tempos dos apóstolos” (GRIESE, p. 147). Foi somente no século 13, no ano de 1215, que o Papa Inocêncio III, no Sínodo de Latrão, tornou a confissão obrigatória, ao menos uma vez por ano.

Em terceiro lugar, o próprio Jesus disse que “ninguém deixará de pagar até o último centavo” (Mateus 5,26; Lucas 12,59), ou seja, até o espírito se tornar purificado através de múltiplas (re)encarnações, ensinamento este que nega radicalmente três verdades do cristianismo dogmático: 1) o dogma cristão do inferno eterno; 2) a crença na unicidade de nossa existência no plano físico e 3) o sacramento católico da confissão, ou seja, do perdão gratuito dos nossos pecados.

Em razão desses dados históricos, podemos concluir a presente resposta reafirmando, com Franz GRIESE, que “a confissão é uma instituição absolutamente contrária à doutrina do Jesus histórico e à tradição apostólica” (GRIESE, *ibid.*).

O Jesus histórico, de fato, não instituiu nenhum sacramento. Todos os sacramentos da Igreja foram instituídos por ela mesma ao longo dos séculos.

Os protestantes já vêm entendendo essa verdade há cerca de 500 anos, pois passaram a rejeitar quase todos os sacramentos da Igreja Católica, com exceção do batismo e da Ceia Eucarística (celebrada apenas simbolicamente em memória de Cristo, negando, portanto, o dogma católico da transubstanciação).

147 - A BÍBLIA CONDENA O ESPIRITISMO?

Sim, para os adversários do espiritismo; não, porém, para os espíritas. Os adversários do espiritismo, no dizer do escritor espírita J. Herculano Pires, “vivem gritando, de Bíblia em punho, que o espiritismo é condenado pela Bíblia [...], afirmações, sempre levianas, de que a Bíblia condena as manifestações espíritas e as sessões de espiritismo” (PIRES, 1991, p. 20).

Há, de fato, na Bíblia, várias passagens que, interpretadas ao pé da letra e isoladamente (por exemplo, Êxodo 22, 17; Levítico

19, 31; 20, 6; 20, 27; Deuteronômio 18, 10-14; 1Samuel 28, 3-25, etc.), parecem condenar de maneira clara, enérgica e severa as práticas mediúnicas desenvolvidas pelos espíritas. Algumas dessas passagens condenam explicitamente até mesmo à “pena de morte” os médiuns (chamados de “necromantes” na linguagem bíblica) e aqueles que os consultam.

A passagem mediúnica mais detalhada na Bíblia é a relatada no capítulo 28 do Primeiro Livro de Samuel (1Samuel 28, 3-25), em que Saul, primeiro rei de Israel, consulta a médium de Endor (chamada na Bíblia de “nigromante” ou “feiticeira”) a fim de que ela entrasse em contato com o espírito de Samuel, último Juiz de Israel, para obter conhecimento acerca de acontecimentos futuros. A médium, a princípio, recusou-se a atender o pedido de Saul, com medo da pena de morte que lhe poderia ser aplicada, como previam as leis de Israel ordenadas por Javé. A médium não sabia que era Saul que pedia a consulta, pois ele vestira uma roupa diferente para não ser reconhecido. Por isso, diz a Saul: “Tu bem sabes o que fez Saul, expulsando do país os nigromantes e adivinhos. Por que me armas uma cilada para que eu seja morta?” (1Samuel 28, 9)

Todas as passagens bíblicas ora referidas comprovam claramente que a prática mediúnica era muito comum em Israel. Mas, nas palavras do escritor espírita J. Herculano Pires,

o que Moisés condenou foi apenas o abuso da mediunidade. Isso, o espiritismo também condena. A condenação do espiritismo pela Bíblia, que é a mais citada e repetida, figura no cap. 18 do Deuteronômio. É a condenação de Moisés, que vai do versículo 9 ao 14. [...] Moisés proíbe os judeus, quando se estabelecerem em Canaã, de praticar estas abominações: fazer os filhos passarem pelo fogo; entregar-se à adivinhação, prognosticar, agourar ou fazer feitiçaria; fazer encantamento, necromancia, magia, ou consultar os mortos. E Moisés acrescenta, no versículo 14: “Porque essas nações, que hás de possuir, ouvem os prognosticadores e os adivinhadores, porém a ti o Senhor teu Deus não permitiu tal coisa.” [...] Tudo isso que Moisés condena, também o espiritismo condena (PIRES, p. 24-25).

Em outras palavras, o que Moisés, corretamente, condena não é a prática em si da mediunidade, mas o seu mau uso, isto é, o seu emprego para fazer o mal. Isso também o espiritismo kardecista condena.

Mas os inimigos do espiritismo, na correta argumentação de Capelli (1998, p. 12-13), para serem coerentes com a sua interpretação literal e radical da “Palavra de Deus”, deveriam “rejeitar” não apenas as práticas espíritas de comunicação com os mortos, mas deveriam também “matar” ou “mandar matar” todos os espíritas, todos os médiuns (“necromantes” ou “nigromantes” na linguagem bíblica) e todos os feiticeiros, e até aqueles que simplesmente consultam os médiuns, como também está escrito em Êxodo (22, 17), no Levítico (20, 6; 20, 27) ou a cumprir o que ordena Javé em Êxodo (35, 2), “matando” os que trabalham no sábado, ou ainda, lançando os nossos irmãos leprosos para fora das cidades, como é ordenado em Números, conforme esclarece Capelli:

Moisés reuniu toda a comunidade dos filhos de Israel e lhes disse: “Eis o que Javé ordenou que se cumprisse: Durante seis dias far-se-á o trabalho, mas o sétimo dia será para vós um dia santo, um dia de repouso completo consagrado a Javé. Todo aquele que trabalhar nesse dia será punido com a morte. No dia de sábado não acendereis fogo em nenhuma de vossas casas (Êxodo 35, 1-3). [...] Javé falou a Moisés e disse: “Ordena aos filhos de Israel que excluam do acampamento todo leproso, todas as pessoas enfermas de corrimento ou todo aquele que se tornou impuro devido ao contato com um morto” (Números 5, 1) (CAPELLI, p. 13).

Por conseguinte, como argumenta Capelli (ibid.), os adversários do espiritismo, para serem coerentes e justos, deveriam obedecer a todas as ordens encontradas na Bíblia, e não apenas aquelas que condenariam o espiritismo. Deveriam, assim, não trabalhar no sábado, nem mesmo acender fogo em casa no dia de sábado, excluir os doentes do convívio social, proibir as mulheres de falar em público, matar os feiticeiros, necromantes e os que os consultam etc., pois todos esses absurdos (e inúmeros outros)

foram, segundo a interpretação fundamentalista dos inimigos do espiritismo, ordenados por Deus na Bíblia, a mesma “Palavra de Deus” que num versículo proíbe matar (cf. Êxodo 20, 13) e em inúmeros outros ordena a pena de morte, a vingança e a violência.

148 - OS ESPÍRITAS SÃO TAMBÉM CRISTÃOS?

Sim e não, dependendo do sentido que se der ao termo “cristão”. Os espíritas não são “cristãos”, no sentido dogmático e mítico do termo, mas são “cristãos”, sim, no sentido ético-moral desse termo (definido por Jesus), ou seja, no sentido de quem tenta pautar sua vida pela prática da verdadeira religião – a vivência do amor: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos [isto é, que sois cristãos], se tiverdes amor uns pelos outros” (João 13, 35).

Os cristãos dogmáticos, porém, negam explicitamente aos espíritas o título de “cristão”, simplesmente pelo fato de que os espíritas rejeitam os dogmas do cristianismo tradicional. O teólogo franciscano Irineu Wilges, por exemplo, assim se expressa: “Não colocamos o espiritismo e a umbanda (cultos afro-brasileiros) entre as religiões cristãs porque elas não aceitam Cristo como Deus, que se encarnou e foi chamado Jesus de Nazaré” (WILGES, p. 115).

O mesmo pensamento é expresso pelo padre Paulo H. Gozzi, que, paradoxalmente, mesmo reconhecendo que os espíritas procuram viver o amor e a caridade ensinada por Jesus, nega-lhes, contudo, o título de “cristão” nos seguintes termos:

Os espíritas não são cristãos porque, embora gostem tanto de Jesus e fazem até orações a ele, não acreditam em sua divindade e nem no valor de seu sacrifício na cruz para a humanidade. Jesus era apenas um grande médium, fruto de muitas reencarnações. Cada um se salva por si mesmo e deve pagar tudo o que faz de mal, através do sofrimento e da caridade. Deus não perdoa ninguém: fez, tem que pagar tudo (GOZZI, 1989, p. 33-34).

Vejamos ainda o que diz outro padre católico, para negar aos espíritas o título de “cristãos”:

É, pois, necessário deixar bem claro o que entendemos por cristianismo e por cristão. Não é possível aplicar indistintamente esse nome a todos os que pretendem ser tais. **A rigor, só poderíamos chamar de cristãos aqueles que aceitam os princípios fundamentais dos ensinamentos de Cristo**, contidos nos Evangelhos canônicos e explicitados na reflexão teológica das comunidades cristãs. [...] **Daí que devamos dizer que o espiritismo, não obstante a sua insistência na prática da caridade, é absolutamente incompatível com o cristianismo** e que as suas afirmações centrais – evocação dos mortos, reencarnação, nova revelação, purificação exclusivamente humana – são diretamente contrárias às verdades cristãs fundamentais, contidas na revelação do Antigo e do Novo Testamento (HORTAL, 1996, p. 89 e 98) (negrito meu).

Vejamos agora o que disse um bispo católico, D. Benedito de Ulhoa Vieira, arcebispo de Uberaba, no programa Nosso Tempo, levado ao ar no dia 29 de setembro de 1991, pela TV Regional – Rede Manchete de Televisão, sobre Francisco Cândido Xavier:

Em matéria de doutrina, somos diametralmente opostos, porque a Doutrina Católica, evangelicamente católica, é uma doutrina que não se coaduna com a Doutrina Espírita: **seria a mesma coisa que roda quadrada** (PAIVA, 1992, p. 23) (negrito meu).

Vejamos, enfim, o que afirma outro famoso adversário do espiritismo, o Frei Boaventura Kloppenburg:

É certo que no Brasil o espiritismo não é nosso único problema religioso. Infelizmente. Mas continua válida [em 1997] a constatação feita pelos bispos em 1953: que, no momento, o espiritismo ainda é o desvio doutrinário “mais perigoso”, já que “nega não apenas uma ou outra verdade de nossa santa fé, mas todas elas, tendo, no entanto, a cautela de dizer-se cristão, de modo a deixar, a católicos menos avisados, a impressão erradíssima de ser possível conciliar catolicismo com espiritismo (KLOPPENBURG, 1997, p. 11).

Todos os autores católicos ora citados são unânimes em afirmar a incompatibilidade do espiritismo com o cristianismo. Poderia ter citado também autores evangélicos para mostrar que, pelo menos nesse ponto, não há discordância entre católicos e protestantes. Mas, afirmar que o espiritismo é “incompatível com o cristianismo” é uma afirmação vaga, pois não explicita o tipo de cristianismo. O espiritismo é incompatível, sim, com o cristianismo dogmático, mítico, irracional e exclusivista dos cristãos, mas compatibilíssimo com o cristianismo racional, ecumênico e pluralista de Jesus (o “cristianismo das origens”).

Por aqui se vê como é importante a distinção fundamental que faço em meus livros ecumênicos entre duas modalidades antagônicas de cristianismo: o cristianismo de Jesus e o dos cristãos. Sem essa distinção seria impossível afirmar em que sentido o espiritismo é cristão ou em que sentido ele é inconciliável com o catolicismo, conforme a argumentação dos escritores católicos ora citados.

Sem dúvida alguma, em matéria de doutrina católica dogmática e mítica, não há mesmo como conciliar o espiritismo com o catolicismo (“**seria, de fato, a mesma coisa que roda quadrada**”). Nesse sentido, temos que dar razão aos autores católicos, ao negarem o título de “cristão” a quem não professa os seus dogmas míticos. Afinal de contas, é um direito sagrado seu de acreditar nos seus postulados doutrinários, e todos devemos respeitar as opções de fé de cada religião. No sentido dogmático e mítico, portanto, só pode merecer o título de “cristão” aquele que professa os dogmas cristãos.

Por outro lado, como já disse, mas repito, têm também toda a razão de declarar-se “cristãos” aqueles que tentam pautar sua vida pelo código de moral universal que Jesus pregou e viveu, resumido no mandamento do amor a Deus e ao próximo, independentemente de professar ou não os dogmas do cristianismo ou de qualquer outra religião. Por conseguinte, somente por meio da distinção entre os dois tipos de cristianismo, pode ficar racionalmente resolvido esse grande impasse. Basta que um lado entenda em que sentido o outro se define como “cristão” e que cada lado respeite o sentido do título de cristão de cada um. Não vejo outra saída para esse impasse.

Para concluir minha resposta, reafirmo que os espíritas são “cristãos”, sim, não no sentido dogmático e mítico do termo, mas no seu sentido ético-moral, definido por Jesus, de quem tenta pautar sua vida pela prática da verdadeira religião – a vivência do amor: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos [isto é, que sois cristãos], se tiverdes amor uns pelos outros” (João 13, 35).

149 - A REENCARNAÇÃO É UMA DOUTRINA FALSA?

Sim, para os religiosos de “fé cega”; não, porém, para os de “fé raciocinada”. Como reencarnacionista convicto, apresentarei nesta resposta, à luz da Doutrina Espírita, fortes argumentos a favor da reencarnação, a fim de mostrar aos adversários da reencarnação que essa crença não é um mito falso, mas uma doutrina plenamente racional.

A REENCARNAÇÃO E O PROGRESSO DA HUMANIDADE

Sem a reencarnação, como argumenta convincentemente Allan Kardec (cf. KARDEC, *A Gênese*, cap. 11, n. 33), não se explicaria o progresso incontestável pelo qual vem passando a humanidade desde os tempos primitivos até os dias atuais. Sem essa doutrina, como se explicaria o fato de que os seres humanos deste século são muito mais evoluídos do que aqueles que nasceram nos tempos primitivos da humanidade? Se não existisse a reencarnação, ou seja, se houvesse uma só existência na Terra, seríamos todos seres humanos primitivos. Sem dúvida alguma, esse é um dos mais convincentes argumentos a favor da reencarnação.

REENCARNAÇÃO, JUSTIÇA E MISERICÓRDIA DIVINAS

Somente a reencarnação é compatível com a justiça e a misericórdia divinas, porque Deus, sendo sumamente justo, não pode deixar impunes aqueles que livremente desrespeitam suas leis. Daí, a necessidade do resgate, da reparação. Deus, por outro lado, sendo infinitamente sábio e misericordioso, não iria criar um filho amado com a possibilidade de condená-lo a um castigo eterno. O dogma mítico do inferno eterno é, portanto, uma crença absurda.

Em outras palavras, sendo Deus, em nossa linguagem figurada (analgica/metafórica), “pai” (e “mãe”), é inconcebível que ele vivesse alegre e feliz no céu contemplando um filho seu eternamente infeliz no inferno. Logo, a crença literal no inferno eterno, convém repetir, é um mito absurdo, e não uma verdade absoluta.

A REENCARNAÇÃO E A CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Alguns autores argumentam que existe relação entre a doutrina reencarnacionista e a ciência contemporânea. Nesse sentido, vejamos o que afirma o filósofo Pietro Ubaldi, ao relacionar a reencarnação com a ciência, particularmente com a Psicanálise de Freud:

Freud, sem o querer dirigiu seus primeiros passos para levar a pesquisa psicológica positiva ao terreno da reencarnação. Fixando e aplicando o conceito do subconsciente, Freud afirmou e demonstrou a existência de uma atividade espiritual que se não pôde exaurir na vida atual, mesmo se ele não ultrapassou o limiar desta (UBALDI,1986, p. 188).

Ubaldi mostra com muita lógica como a teoria psicanalítica de Freud desemboca nas vidas anteriores:

De qualquer modo, Freud inaugurou um sistema que, levado apenas um pouco mais para trás, leva-nos à vida precedente. Ora, é um fato que, se com a psicanálise, com a pesquisa para a explicação dos traumas psíquicos e depois pelo dismantelo das posições psicológicas erradas, andamos para trás até a meninice e o nascimento, podem ainda existir traumas e posições tão profundamente congênitas que, para conhecê-las e corrigi-las, precisaria remontar até suas raízes, que são tão profundas, que só podem ser chamadas na vida anterior ao nascimento. Trata-se de casos de que, nem mesmo a vida dos pais ou avós nos mostra conter as causas, e que se apresentam como fato pessoal do sujeito, cujas origens não podem, pois, achar-se senão em sua vida individual antes do nascimento, desde que não sejam achadas na atual (UBALDI, *ibid.*, p. 214).

A REENCARNAÇÃO E A UNICIDADE DA EXISTÊNCIA

A crença mítica (porque totalmente irracional) na “unicidade da existência humana na Terra”, ou seja, de uma só existência do ser humano no plano físico da Terra, não explica as aparentes injustiças da vida: bondade e maldade, sucesso e insucesso, riqueza e pobreza, saúde e doença, visão e cegueira, ignorância e genialidade etc. Se as almas são criadas no momento da concepção e têm uma só existência no plano físico, conforme a crença dos cristãos dogmáticos, como se explicariam essas aparentes injustiças por parte de Deus, ao criar uns com perfeita saúde e outros cegos, surdos, mudos ou aleijados desde o nascimento? Somente a reencarnação oferece uma explicação racional para essas aparentes injustiças por parte de Deus.

A ideia da unicidade da existência na Terra deixaria sem explicação a enorme diversidade intelectual, moral e social entre os seres humanos: por que as pessoas manifestam diferentes graus de inteligência? Por que umas nascem em berço esplêndido, enquanto outras morrem de fome ainda na infância ou até mesmo no ventre da mãe? Por que umas nascem perfeitamente saudáveis e fisicamente perfeitas, enquanto outras já nascem doentes e defeituosas? Por que muitas pessoas são moralmente boas e humildes desde a infância, enquanto outras já nascem depravadas e arrogantes?

Como explicar todas essas chocantes desigualdades entre as pessoas, sem admitir a reencarnação, como meio de resgate de débitos contraídos em vidas passadas e como instrumento de evolução espiritual do ser humano?

O objetivo principal da existência humana no plano físico é evoluir integralmente nos aspectos moral e intelectual. Mas, como poderia uma pessoa atingir sua evolução intelectual e moral numa única existência nessa dimensão física da vida?

Por conseguinte, **o mito da unicidade da existência humana** não consegue dar uma explicação satisfatória ao conceito de evolução. Evolução, sobretudo em sua dimensão moral, é um processo muito lento e, por isso, exige muitas (re)encarnações. A essa altura, alguém poderia perguntar por que o ser humano deste planeta evoluiu até agora muito mais intelectual do que

moralmente, e eu lhe responderia, prontamente, que o ser humano deste planeta evoluiu até agora muito mais intelectual do que moralmente, porque ainda não aprendeu a vivenciar o amor.

150 - A BÍBLIA FALA DE REENCARNAÇÃO?

Sim. Apresento nesta resposta várias passagens bíblicas que comprovam claramente a doutrina da reencarnação, ou seja, do retorno do espírito (ou alma) em um novo corpo físico. Para responder a esta pergunta, valho-me sobretudo destas duas obras: 1) SILVA, Severino Celestino da. *Analisando as Traduções Bíblicas*: refletindo a essência da mensagem bíblica. 2. ed., João Pessoa-Paraíba, 2000; e 2) CHAVES, José Reis. *A Reencarnação na Bíblia e na Ciência*. 7. ed. rev. São Paulo: Editora Bezerra de Menezes, 2006a.

Eis alguns textos bíblicos reencarnacionistas:

1. “Porque somos de ontem [ou seja, de um distante passado], não sabemos nada” (Jó 8,9).
2. “Antes mesmo de te formar no ventre materno, eu te conheci; e antes que saíesses do seio, eu te consagrei. Eu te constituí profeta para as nações” (Jeremias 1,5). Ou seja, Jeremias já existia (e era conhecido por Deus) antes desta sua reencarnação no plano físico, e se tornou um grande profeta porque já tinha evoluído muito em encarnações anteriores, uma vez que ninguém nasce profeta gratuitamente e sem méritos já adquiridos.
3. “Não te inclinarás diante desses deuses e não os servirás porque Eu, lahweh, teu Deus, sou um Deus **ciumento** [tradução incorreta, deveria ser **zeloso**], que vingo a iniquidade dos pais nos filhos **até** [preposição incorreta, deveria ser **na**] a terceira e quarta geração dos que me odeiam, e faço misericórdia **até** [preposição incorreta, deveria ser **por**] mil gerações para aqueles que me amam e guardam os meus mandamentos” (Êxodo 20,5-6, *A Bíblia de Jerusalém* – Edições Paulinas, tradução incorreta).

Segundo o escritor espírita Severino Celestino da Silva, a tradução correta do referido texto é a seguinte:

Não te prostrarás diante deles e não os servirás porque Eu, Iahvéh teu Deus, sou um Deus zeloso, que visito a culpa dos pais sobre os filhos, na terceira e quarta geração dos que me odeiam, mas que também ajo, com benevolência ou misericórdia por milhares de gerações, sobre os que amam e guardam os meus mandamentos” (SILVA, op. cit., p. 110-111).

Nas palavras do escritor espírita José Reis Chaves,

esta versão é a que está de acordo com a *Vulgata* (tradução da Bíblia para o latim, no século 4º, por São Jerônimo) “*in tertiam et in quartam generationem*”. De acordo com essa expressão original, o pecador de que fala o texto já terá morrido, podendo, pois, o seu espírito voltar a reencarnar “na” terceira e “na” quarta gerações (de netos e bisnetos), do pecador. Em outras palavras, o espírito do avô, já falecido, pode reencarnar num neto seu como também o espírito do bisavô, já morto, pode reencarnar no corpo de um bisneto seu” (CHAVES, 2006a, p. 96).

4. Jesus e seus discípulos reconhecem João Batista como sendo a reencarnação do profeta Elias: “Eu, porém, vos digo que Elias já veio, e não o reconheceram, antes fizeram com ele tudo quanto quiseram. [...] E, então, os discípulos entenderam que lhes falava a respeito de João Batista” (Mateus 17, 10-13). “E se quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir: Quem tem ouvidos (para ouvir), ouça” (Mateus 11, 14-15).
5. Pergunta dos discípulos de Jesus que comprova a reencarnação: “Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?” (João 9,2)
6. Respostas dos discípulos de Jesus que comprovam a reencarnação: “Chegando Jesus ao território de Cesareia de Filipe, perguntou aos discípulos: ‘Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?’ E eles disseram: ‘Uns afirmam que é João Batista, outros que é Elias, outros, ainda, que é Jeremias ou um dos profetas’ [que **ressurgiu**, ou melhor, que **reencarnou**]” (Mateus 16, 13-14; Lucas 9, 18-19).
7. Em João 3,3-10, Jesus mostra que todos temos que nascer **de novo**, ou seja, **reencarnar**, e não nascer **do alto**, como

erroneamente traduzido por quem não crê na reencarnação: “Quem não nascer **de novo**, não pode ver o Reino de Deus” (João 3,3) (negrito meu). “Disse-lhe Nicodemos: ‘Como pode um homem nascer, sendo já velho? Poderá entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e (re)nascer?’ [ou seja, **reencarnar**]” (João 3,4)? Em face desta pergunta de Nicodemos, a tradução “nascer do alto”, feita por quem não crê na reencarnação, fica totalmente sem nexo. Respondeu-lhe Jesus: “Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer **da água e do Espírito** não pode entrar no Reino de Deus” (João 3,5) (negrito meu). Esta tradução, como nos esclarece o escritor espírita Severino Celestino da Silva (em sua referida obra, p. 226), está incorreta, pois, no texto original grego, não há artigo diante das palavras “**água**” e “**espírito**”; portanto, o texto fala em nascer “**de água e de espírito**”, e não nascer **da água do batismo, nem do espírito**, mas **de água** (materialmente, com o corpo denso/físico) e **de espírito** (pela reencarnação do espírito). Na época em que a Bíblia foi escrita, a água era o símbolo da natureza material, como o espírito o era da natureza inteligente. Por isso, as expressões: “Se o homem não nasce da água e do Espírito, ou melhor, **de água e de espírito**”, significam, pois: “Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma”. Em suma, a expressão original grega é “**nascer de água e de espírito**”, que significa “nascer de novo” (**reencarnar**), e não “nascer do alto”.

8. Conforme já vimos, Jesus disse que “ninguém deixará de pagar até o último centavo” (Mateus 5,26; Lucas 12,59), ou seja, até o espírito se tornar purificado através de múltiplas (re)encarnações, ensinamento este que nega radicalmente o dogma cristão do inferno eterno, a crença na unicidade de nossa existência no plano físico e o sacramento católico da confissão.

Concluindo minha resposta da presente pergunta, creio que os textos bíblicos apresentados são mais do que suficientes para desmentir o erro do cristianismo dogmático segundo o qual a Bíblia não fala de **reencarnação**, isto é, do retorno do espírito (ou alma)

em um novo corpo físico, mas de **ressurreição da carne**, ou seja, da volta de um espírito desencarnado com o mesmo corpo físico que tinha antes de morrer. Embora a Bíblia, de fato, não empregue o termo “reencarnação”, ela aborda essa doutrina, empregando outros termos (como **renascimento**, **ressurgimento** e **ressurreição**), em muitas passagens bíblicas, tanto do Antigo Testamento como do Novo Testamento. (Para os leitores que quiserem se aprofundar neste tema, recomendo a leitura das obras acima referidas dos escritores espíritas Severino Celestino da Silva e José Reis Chaves.)

151 - QUAIS AS PRINCIPAIS OBJEÇÕES DOS CRISTÃOS DOGMÁTICOS À REENCARNAÇÃO?

Dentre as principais objeções dos cristãos dogmáticos à reencarnação, menciono as 15 seguintes, às quais procuro dar uma resposta, à luz da filosofia espírita da “fé raciocinada”:

Objeção nº 1: – Como é possível que “no fim dos tempos estejam reunidos Gabriel e Satanás, Paulo e Caifás, as virgens com as prostitutas...?” (ANDRADE, 1995, p. 206)

Resposta: – Sem dúvida alguma, todos chegarão um dia ao estado de angelitude, pois “Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Timóteo 2, 4) e, “se ele quer, assim há de cumprir-se” (ANDRADE, *ibid.*).

Objeção nº 2: – Mas se é verdade que todos devemos chegar um dia ao estado de angelitude, não há necessidade de nos privarmos dos prazeres da vida.

Resposta: – É verdade. Deus concede o livre-arbítrio para que o homem escolha, livremente, tudo o que desejar fazer ao longo de suas inúmeras (re)encarnações. O plantio é livre, mas a colheita é obrigatória. Logo, quem planta o bem colhe o bem, mas quem planta o mal será obrigado a colher o mal.

Objeção nº 3: – Que adianta reencarnar para sofrer, se não podemos lembrar a causa de nossos sofrimentos?

Resposta: – É melhor esquecer a causa de nossos sofrimentos, pois a lembrança de nossos delitos cometidos em vidas passadas nos faria sofrer muito mais.

Objecção nº 4: – Por que reencarnar neste plano físico, para expiar as faltas cometidas, quando elas poderiam ser expiadas nos planos superiores?

Resposta: – Não podemos permanecer e aprender nos reinos superiores enquanto não tivermos dominado as lições da escola primária.

Objecção nº 5: – Como pode haver reencarnação, se Paulo afirma na Carta aos Hebreus (9,27) que “os homens devem morrer uma só vez”?

Resposta: – Este famoso versículo da Carta aos Hebreus, atribuída ao apóstolo Paulo (na verdade sabemos que ela não é de autoria de Paulo) tem sido frequentemente usado por católicos e protestantes como suposto argumento forte contra a reencarnação. De fato, se tomado ao pé da letra, e sem uma análise mais profunda, o versículo parece colocar um ponto final na discussão sobre a reencarnação. Entretanto, quando o autor da Carta aos Hebreus afirma que “os homens devem morrer uma só vez”, ele certamente não se refere ao espírito (ou alma), mas à parte material do homem, seu corpo físico, o único que, de fato, “só morre uma vez”, pois o espírito (ou alma) é imortal. Por conseguinte, o presente versículo em nada se relaciona com a negação da reencarnação (o retorno da alma ou espírito em novo corpo físico).

Objecção nº 6: – Durante a crucificação, Jesus assegurou ao ladrão arrependido que ele estaria no Paraíso naquele mesmo dia: “Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso” (Lucas 23,43),

coisa que pela suposta lei da reencarnação não aconteceria, dada sua condição de salteador, tendo de padecer muito e passar por sucessivas encarnações para redimir-se dos erros, até que finalmente pudesse entrar no paraíso (RINALDI & ROMEIRO, 1999, p. 163).

Resposta: – Este versículo evangélico é de autenticidade duvidosa. Além disso, conforme atestam vários estudiosos, ele foi mal traduzido e mal interpretado, podendo ter várias leituras, dentre as quais as que dizem: 1) “Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso”; 2) “Em verdade te digo hoje: estarás comigo no Paraíso”; 3) “Em verdade te digo hoje que estarás comigo no

Paraíso” etc. Como no original não havia vírgulas, o versículo se presta a diferentes e duvidosas interpretações. Além do mais, essa é a única vez em que o termo “paraíso” aparece nos evangelhos como sendo palavra dita por Jesus (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 397). Por conseguinte, não podemos nos apoiar em um único versículo evangélico e de duvidosa autenticidade (que se presta a diferentes leituras) para negar a reencarnação.

Objecção nº 7: – A Bíblia não fala de “reencarnação”, mas de “ressurreição”.

Resposta: – A “reencarnação”, conforme já vimos, fazia parte das crenças judaicas sob o nome de “ressurreição”. Jesus, em Mateus (17, 10-13), afirmou que João Batista era o profeta Elias reencarnado. E em João (3, 1-10), ele disse que, para entrar no Reino de Deus, é preciso “nascer de novo”, isto é, “reencarnar”. A tradução “nascer do alto” – adotada pela *Bíblia de Jerusalém* – fica totalmente sem nexo em face da pergunta de Nicodemos (cf. João 3, 4): “Como pode um homem nascer, sendo já velho? Poderá entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e (re)nascer?”

Objecção nº 8: – Como podia João Batista ser a reencarnação de Elias, se o próprio João Batista (cf. João 1,21) negou tal suposição?

Resposta: – João Batista não podia saber que era a reencarnação de Elias, porque, como já foi dito, o espírito reencarnado normalmente não se lembra de suas encarnações passadas.

Objecção nº 9: – Como João Batista poderia ser a reencarnação de Elias, se Elias jamais desencarnou, conforme o testemunho da mesma Bíblia (cf. 2Reis 2,11)?

Resposta: – Os judeus e os cristãos contestam a crença espírita reencarnacionista segundo a qual João Batista teria sido a reencarnação de Elias, porque eles acreditam no mito judaico infantil segundo o qual o profeta Elias não morreu, mas foi arrebatado ao céu em corpo e alma, num “carro de fogo”, quando ainda estava vivo (cf. 2Reis 2,11). Essa crença, repito, não é verdade histórica, mas um mito judaico infantil.

Objecção nº 10: – Jesus, na parábola do mau rico e o pobre Lázaro (Lucas 16, 19-31), contesta abertamente a possibilidade de arrependimento e perdão, passados os umbrais da eternidade. Na crítica de Frei Boaventura Kloppenburg, Jesus “ao menos nesta

parábola, não era reencarnacionista, nem espírita, nem esoterista” (KLOPPENBURG, 1997, p. 104-105).

Resposta: – Conforme atestam apropriadamente os pesquisadores do Seminário de Jesus (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 361), essa parábola não é de autoria de Jesus, ou seja, eles negam que ela tenha sido relatada por Jesus, pelas seguintes razões:

- 1) histórias de ricos e pobres cujos destinos se invertem após a morte são comuníssimas na literatura do Oriente Próximo;
- 2) em nenhuma outra parábola autenticamente narrada por Jesus os personagens recebem nomes próprios e
- 3) a atenção dada aos pobres é uma característica particular de Lucas.

Objeção nº 11: – Jesus, na parábola de misericórdia do Filho Pródigo (Lucas 15, 12-31), contesta abertamente a reencarnação, uma vez que o Pai dessa parábola, representando Deus, perdoa todos os pecados de seu filho pecador e o recebe em seu lar (que representa o céu) com festas, músicas e danças. Como conciliar essa misericórdia divina (que perdoa todos os pecados de alguém e o recebe em seu lar, no céu) com a doutrina da reencarnação?

Resposta: – Também essa parábola não é de autoria de Jesus, conforme atestam os pesquisadores do Seminário de Jesus (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 357). Eles explicam, em primeiro lugar, que essa parábola foi criada por Lucas para expressar os temas centrais de todo o seu evangelho: a misericórdia e o arrependimento; em segundo lugar, essa parábola segue o estilo alegórico predileto do movimento cristão primitivo: o Pai representa Deus, o filho mais jovem representa os pagãos, enquanto o filho mais velho representa os judeus ou os fariseus. Uma vez que esta parábola se presta muito bem para expressar essa interpretação alegórica e para ajustar-se aos objetivos temáticos e estruturais do Evangelho de Lucas, os pesquisadores do Seminário de Jesus sustentam que ela foi certamente criada pela Igreja primitiva e não por Jesus.

Objeção nº 12: – Se existe a reencarnação, como explicar o fenômeno do crescente aumento populacional no planeta Terra? Não são as mesmas almas que retornam em novos corpos físicos?

Resposta: – É preciso saber que, como ensina a revelação espírita, a Terra não é o único planeta habitado. Existe uma pluralidade de mundos habitados, uns mais avançados e outros mais atrasados, e os seus habitantes praticam a solidariedade, de tal modo que haja intercâmbio reencarnatório (verdadeira imigração) entre os mundos habitados, ou seja, espíritos de um determinado mundo podem reencarnar-se em outros mundos, ora como missão para evolução daquele mundo, ora como prova para adquirir e praticar certos ensinamentos ainda não sedimentados, o que explica o fenômeno do crescente aumento populacional no planeta Terra.

Objecção nº 13 – Se existe a reencarnação, como entender as inúmeras passagens bíblicas sobre penas eternas?

Resposta: – A expressão “inferno eterno”, conforme já vimos, é pura questão de linguagem figurada. A palavra “eterno” pode ter diversos sentidos, podendo significar não somente “aquilo que não tem fim”, como também “algo de duração imprecisa ou indefinida”.

Objecção nº 14: – No encontro com Nicodemos (João 3,1-10), Jesus, ao contrário da interpretação dos reencarnacionistas, não falou que devemos “nascer de novo” (isto é, que devemos **reencarnar**), para entrar no Reino de Deus, mas sim, que devemos “nascer do alto”, ou seja, que devemos “nascer da água e do Espírito” (João 3,5) – “alusão ao batismo e à sua absoluta necessidade” – (*A Bíblia de Jerusalém*, João 3,5, nota z).

Resposta: – A expressão “nascer da água e do Espírito”, ou melhor, “**nascer de água e de espírito**”, significa “**nascer de novo**” (**reencarnar**), e não “**nascer do alto**” (João 3,5). O advérbio original grego “*another*” (cf. CHAMPLIN, 2002, p. 304) não significa apenas “do alto”, mas também “de novo” e, nesse contexto, ele só tem sentido correto se for traduzido por “de novo”, e não “do alto”.

Objecção nº 15: – Como aceitar a reencarnação, se essa crença rejeita o dogma cristão central da “salvação” da humanidade pela morte expiatória de Cristo na cruz?

Resposta: – Para nós (reencarnacionistas), repito, a palavra-chave não é “salvação” (nem “redenção”), mas “evolução”. Esses dois termos, conforme já vimos, são bem distintos: “salvação” é algo que vem de fora, enquanto “evolução” é algo que vem de dentro; “salvação” é libertação concedida pela fé em um “salvador” externo ao indivíduo; “evolução” é desenvolvimento de nossas

potencialidades divinas, é nosso aperfeiçoamento espiritual, gradativo, realizado por nós mesmos ao longo de nossas múltiplas existências na matéria. Deus não nos criou “árvores”, mas “sementes” para que nós as façamos germinar e desenvolver frutos: amor, inteligência, honestidade, humildade, caridade, perdão, fraternidade, justiça etc. A “evolução”, ao contrário da “salvação”, depende de nosso trabalho individual e coletivo para chegarmos à perfeição. Só com muita luta e esforço, conseguiremos, gradativamente, nosso desenvolvimento espiritual, enquanto a “salvação” é de graça, dada de uma vez por todas. Basta “crer” para recebê-la ou basta arrepender-se dos “pecados” para ganhar o céu e livrar-se do inferno eterno.

Quero concluir minhas respostas às **15 objeções** à reencarnação, reafirmando, com Allan Kardec (cf. *A Gênese*, cap. 11, n. 33), que, sem a reencarnação, não se explicaria o progresso incontestável pelo qual vem passando a humanidade desde os tempos primitivos até os dias atuais.

152 - O SLOGAN “NÃO IMPORTA O CAMINHO” É INCORRETO?

Sim, para os cristãos exclusivistas; não, porém, para os religiosos pluralistas. O *slogan* ecumênico pluralista **NÃO IMPORTA O CAMINHO** é uma das teses principais que defendo em meus livros ecumênicos e em meu *blog*, tese essa radicalmente negada pelos cristãos exclusivistas, os quais defendem a tese de que o cristianismo dogmático é a única religião verdadeira, o único caminho de salvação, superior a todas as demais religiões deste planeta.

Em outras palavras, com o *slogan* ecumênico **NÃO IMPORTA O CAMINHO**, usado em muitas páginas de meus livros, defendo a tese pluralista segundo a qual todas as religiões são **funcionalmente equivalentes**.

Mediante essa **visão pluralista**, não há superioridade de uma cultura, etnia, raça, língua, religião etc. sobre as outras. Todas são *diferentes*, mas **ser diferente não significa ser inferior ou superior**. Todas as religiões, por exemplo, são diferentes na forma, mas essencialmente iguais (ou equivalentes) na função. Em outras palavras, todas as religiões são diferentes em suas doutrinas, em

seus dogmas e em seus aspectos formais (rituais, cultos, celebrações etc.), mas são, por outro lado (**NÃO IMPORTANDO O CAMINHO!**), fundamentalmente iguais (ou *equivalentes*) em sua função de ser um meio ou instrumento de aperfeiçoamento espiritual para seus adeptos, de acordo com o grau de evolução de cada um.

Essa tese é atacada por muitos teólogos cristãos ingênuos e fundamentalistas, os quais interpretam o *slogan* pluralista (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**) *literalmente*, afirmando que esse *slogan* é falso, pois, se alguém, por exemplo, quiser ir de Fortaleza a São Paulo, não poderá seguir qualquer caminho, mas somente um caminho. Logo, concluem os cristãos fundamentalistas e exclusivistas, a tese pluralista (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**) é totalmente falsa, pois só existe um caminho verdadeiro e válido para todos.

Respondo a essa crítica ingênua dos cristãos fundamentalistas, reafirmando que é um erro declarar que existe um único caminho ideal e válido para todos, isto é, uma única religião ideal para todos. Há diversos caminhos, cada um podendo ser considerado relativamente o melhor para (e por) aqueles que o escolheram, mas ninguém deve achar que o seu caminho, por ser considerado o melhor para si, é também o melhor caminho para todas as outras pessoas do mundo, ou o único caminho verdadeiro para toda a humanidade.

Como já esclareci, nesse sentido da **equivalência funcional (mas não doutrinal) das religiões**, o cristianismo é o melhor caminho para os cristãos, assim como o judaísmo é o melhor caminho para os judeus, o islamismo é o melhor caminho para os muçulmanos, o espiritismo é o melhor caminho para os espíritas e assim por diante, mas, nas corretas palavras de Frances Young, **“é arrogância espiritual a convicção de que só a nossa crença é verdadeira e todas as outras são falsas”** (YOUNG, 1977, p. 39) (negrito meu).

É chegada a hora, portanto, de dar um basta a essa velha história de “religião exclusiva” e dizer, com Pablo Barrera, que “religião exclusiva é coisa do passado” (BARRERA, 2003, p. 438).

Nessa mesma linha, tem muita razão São Luís, ao dar a Allan Kardec a seguinte instrução: “Desconfiai dos que pretendem estar na posse da exclusiva e única verdade” (KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. 21, n. 8).

A tese pluralista da equivalência das religiões tem sido fortemente combatida pela Igreja Católica, principalmente pelo Papa Bento XVI, que a chama de “**ditadura do relativismo**”. Pior ditadura, porém, é a do “exclusivismo católico”, causador de preconceito, discriminação, intolerância, ódio, fanatismo, violência e guerras catastróficas. É de paz, fraternidade e amor que o mundo está precisando. Logo, a “ditadura do pluralismo”, equivocadamente rotulada por Bento XVI de “ditadura do relativismo”, é bem-vinda, enquanto a “ditadura do exclusivismo” está sendo cada vez mais repudiada numa sociedade pluralista e globalizada como a nossa.

153 - OS “MILAGRES” SÃO FENÔMENOS “SOBRENATURAIS”?

Na visão cristã dogmática, sim; não, porém, na visão espírita, na qual não existe “milagre”, no sentido vulgar (e até mesmo teológico) de “uma derrogação das leis da natureza, por meio da qual Deus manifesta o seu poder” (KARDEC, *A Gênese*, cap. 13, n. 1). Em outros termos, para o espiritismo, “não há milagres, nem fatos sobrenaturais, tudo o que pertence ao universo fenomênico é natural” (PALHANO, 1997, p. 249) (Para a interpretação espírita dos milagres atribuídos a Jesus nos Evangelhos, ver KARDEC, *A Gênese*, cap. 15).

Com essa argumentação, não se quer negar que haja fenômenos extraordinários, até o momento inexplicáveis pela ciência convencional, rotulados de “milagres”, como “levitação”, “bilocação”, “materialização” etc., que aparentemente suspendem as leis conhecidas da natureza.

O que se deseja esclarecer é que é preciso saber distinguir, na literatura religiosa, fatos “miraculosos” reais (ou possíveis) de relatos puramente míticos, alegóricos, simbólicos ou *teofânicos*. Nos relatos de *epifania* ou *teofania*, muito comuns na literatura religiosa, atribuem-se a um ser supostamente divino ações “miraculosas” que aparentemente suspendem as leis da natureza (cf. FUNK & THE

JESUS SEMINAR, 1998, p. 207, 389). Por isso, é preciso saber distinguir fatos de mitos nas narrativas de milagres.

A ressurreição de Lázaro, por exemplo, não pode ser interpretada literalmente como um fato miraculoso real, mas como um relato simbólico, com o objetivo de provar a ressurreição final (cf. HARPUR, 2008, p. 140-143). Como já vimos, esse mesmo autor (ibid.), esclarece que a história da ressurreição de Lázaro é cópia (ou plágio) da literatura sagrada egípcia. Se esse famoso milagre tivesse realmente acontecido, como é que os outros evangelistas não o teriam narrado?

O mesmo se diga a respeito do suposto milagre da transformação do pão e do vinho no corpo e no sangue de Jesus, o qual não deve ser interpretado ao pé da letra, mas simbolicamente. Como é que Jesus poderia ter dito, na Última Ceia, que em suas mãos estavam o seu próprio corpo e sangue, “quando ainda estava VIVO NO MEIO DOS DISCÍPULOS, habitando o mesmo corpo com o qual nascera de Maria e com o qual andara e ainda estava andando na companhia dos discípulos? Tal pensamento propalado pela Igreja Romana para assegurar a doutrina da transubstanciação fere frontalmente a inteligência das pessoas sensatas!” (NETO, 2004, p. 83).

É preciso também combater, como faço em minhas obras ecumênicas, duas atitudes exclusivistas e errôneas da maioria dos cristãos: 1) a crença de que os milagres realizados por Cristo são provas de sua divindade e 2) a crença de que somente os milagres atribuídos a Cristo têm valor histórico, os demais milagres atribuídos a outros líderes religiosos do mundo sendo considerados como “magia” ou como relatos puramente mitológicos, sem nenhum valor histórico. Por que essa discriminação?

Essas atitudes são totalmente falsas, pois os milagres não constituem por si mesmos um critério suficiente para julgar a origem divina ou humana de uma pessoa, uma vez que o próprio Cristo teria afirmado que milagres podem também ser realizados por “falsos Cristos e falsos profetas”: “Surgirão falsos Cristos e falsos profetas e farão grandes milagres” (Mateus 24, 24).

A crença cristã segundo a qual somente os milagres atribuídos a Cristo têm valor histórico, os demais milagres atribuídos a outros líderes religiosos do mundo sendo considerados como “magia” ou como relatos puramente mitológicos, sem nenhum valor histórico, também é inteiramente falsa, uma vez que todos os tipos de milagres atribuídos a Jesus no Novo Testamento já tinham sido supostamente realizados por outros líderes religiosos do mundo.

“Na mitologia religiosa, todos os tipos de milagres são possíveis” (HASSNAIN, 1999, p. 73). Logo, para quem acredita no mito da divindade de Jesus, isto é, que ele seja *literalmente* Deus encarnado, todos os tipos de milagres são possíveis, inclusive os que aparentemente anulam as leis da natureza. Aliás, para os cristãos dogmáticos, todos os milagres atribuídos a Jesus no Novo Testamento tinham a função de provar que ele era realmente um ser divino, com poderes singulares e exclusivos, em relação aos outros milagreiros.

Por isso mesmo, a maioria dos cristãos, na sua convicção sincera e honesta (mesmo que errônea) de Jesus ser Deus, acredita que ele fez vários milagres que supostamente anulam as leis da natureza, como ressuscitar mortos, acalmar uma tempestade, andar sobre as águas, multiplicar pães, transformar água em vinho, mudar a substância do pão e do vinho em seu próprio corpo e sangue etc.

Mesmo na hipótese de que Jesus tenha, de fato, realizado todos esses tipos de milagres, não é justo os cristãos pensarem que esses tipos de milagres tenham sido realizados única e exclusivamente por Jesus, uma vez que milagres desse tipo são igualmente atribuídos a inúmeros outros personagens da literatura religiosa deste planeta: sabe-se, por exemplo, que o profeta Eliseu (cf. 2Reis 4,42-44) também “multiplicou” pães, um discípulo de Buda também “andou” sobre as águas do rio Acivarati (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 207) e vários profetas, como Elias e Eliseu (1Reis 17; 2Reis 4), também “ressuscitaram” mortos etc.

154 - OS “HEREGES” DA IGREJA PRIMITIVA ESTAVAM ERRADOS?

Alguns, sim, mas a maioria, não. Em meu livro *Entrevistas com Jesus: reflexões ecumênicas* (**Entrevista nº 3**), defendo a tese de que quase todos os chamados “hereges” do cristianismo primitivo estavam certos. A maioria das disputas girava em torno da verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus. Nesse sentido, houve muita dissensão entre padres, bispos e papas, o que resultou, finalmente, através de formulações dogmáticas, na excomunhão e condenação de todos aqueles que se opuseram a crer na identidade (ou natureza) de Jesus, como definida pelos que detinham o poder político-religioso da época.

Todos aqueles que se opunham a crer no Jesus mítico (o Jesus celeste, uma pessoa totalmente divina) eram rotulados de “hereges”. Nesta resposta, vou apresentar alguns nomes ou grupos desses famosos “hereges”, defendendo a tese de que eles tinham razão. Eles estavam “certos”. A Igreja dominante é que estava (e continua) errada, em suas doutrinas míticas e exclusivistas a respeito da verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus.

1. CERINTO

Cerinto é considerado um dos primeiros “hereges” do cristianismo primitivo, porque sua doutrina foi a primeira de uma série a questionar a verdadeira natureza de Jesus. Ele ensinava, com razão, que Jesus não nasceu miraculosamente de uma Virgem, mas fora filho de seus pais por uma geração semelhante à de todos os outros homens. Em termos mais claros, Cerinto ensinava que Jesus não era Deus, o “Cristo” (o “Espírito celeste”), fazendo uma clara distinção entre o Jesus histórico (“o homem Jesus”) e o Jesus mítico (o “Cristo celeste”).

2. ELKASAI (OU ELCHASAI)

Elkasai (ou Elchasai), durante o reinado do imperador Trajano (90-117), opunha-se acirradamente à doutrina de Paulo acerca do “Cristo da fé”. A doutrina elcasaita afirmava, com razão, a

existência de um só Deus e acreditava que Jesus era um ser puramente humano, reencarnação dos profetas de outrora. O elcasaísmo é prova de que a crença na reencarnação não era desconhecida no judaísmo nem no cristianismo primitivo.

3. TEÓDOTO DE BIZÂNCIO

Teódoto de Bizâncio negava a identidade mítica de Jesus, ou seja, a crença de ele ser uma pessoa totalmente divina.

4. ÁRIO E O ARIANISMO

Ário, padre alexandrino do século IV, negava o mito da *consustancialidade* de Jesus com o Pai. Negava, com razão, a divindade de Jesus e, por conseguinte, a Trindade Cristã. Por isso, o arianismo é chamado de “heresia antitrinitária”. Em outros termos, para os arianistas, Jesus não é Deus. Ele é uma *criatura* e uma pessoa inteiramente humana. Essa doutrina, considerada “herética” pela Igreja dominante, foi condenada no primeiro Concílio Ecumênico do cristianismo, realizado em Niceia, no ano de 325, mas nunca deixou de ter seguidores e é a doutrina cristológica (isto é, sobre a natureza de Jesus) que mais cresce atualmente no mundo.

5. PELÁGIO E O PELAGIANISMO

O monge Pelágio, no início do século V (no ano 410), negava, com razão, a doutrina mítica do “pecado original” transmissível e afirmava que o homem não precisa da graça para a sua salvação. Fazer o bem só depende de nosso querer, dizia ele. Tudo depende de nós. Santo Agostinho protestou duramente contra a doutrina correta de Pelágio, defendendo a tese oposta de que “o homem, pelo pecado herdado de Adão, já não é capaz de fazer o bem sem ajuda imediata da graça e que, pelo batismo, freia-se a tendência ao mal, e o homem fica, por completo, e em todos os aspectos, aberto à graça de Deus” (FRANGIOTTI, p. 115).

6. NESTÓRIO E O NESTORIANISMO

O monge Nestório (da cidade de Antioquia), no primeiro quartel do século V, negava, com razão, a maternidade divina de

Maria, pois “Deus não pode nascer de mulher; sustentar o contrário é imitar os pagãos que dão uma mãe às suas divindades” (apud FRANGIOTTI, p. 128). Sendo assim, Maria não é “mãe de Deus”, mas apenas “mãe do homem Jesus de Nazaré” (ibid.).

7. OS ADOCIONISTAS

Os “adocionistas” afirmavam, corretamente, que Jesus não era um ser literalmente divino, mas um ser puramente humano e que, portanto, não nasceu miraculosamente de uma virgem, mas nasceu da união sexual de seus pais, como qualquer outra pessoa.

8. OS EBIONITAS

Os “ebionitas”, na mesma linha dos “adocionistas”, negavam, com razão, a divindade de Jesus. Os ebionitas eram fiéis cumpridores da lei mosaica e rejeitavam radicalmente a doutrina paulina da **salvação exclusivamente pela fé** (*sola fide*) (cf. DER, verbete **ebionitas**).

9. OS SUBORDINACIONISTAS

Os “subordinacionistas” (século IV) afirmavam que só o Pai era, rigorosamente, Deus e que Jesus era um “deus subordinado” ao Pai, um “segundo Deus”, daí o nome “subordinacionismo”. O famoso Orígenes, padre da Igreja Oriental, um dos maiores teólogos do cristianismo antigo, embora defendesse que Jesus era uma divindade, acentuava também sua inferioridade e subordinação ao Pai. Contra os subordinacionistas, reúne-se o célebre 1º Concílio de Niceia (325 d.C.), convocado pelo imperador Constantino, para dogmatizar os mitos da divindade e igualdade de Jesus com o Pai (dogma da igualdade de natureza entre o Pai e o Filho).

Para concluir minha resposta, reafirmo que todos esses referidos “hereges” (ou grupos de “hereges”) do cristianismo primitivo estavam certos. Os cristãos dogmáticos paulinistas é que estavam (e ainda estão) errados. Até quando vão permanecer nos seus erros? Só Deus sabe!

155 - QUAL A MAIOR PROVA BÍBLICA DE QUE CRISTO NÃO É DEUS?

A maior prova bíblica de que Cristo não é Deus refere-se ao fato de que ele **ERROU**, ao prometer que retornaria física e brevemente ao mundo, enquanto ainda estivessem vivos alguns de seus apóstolos, profecia que não se cumpriu. Logo, Cristo não é Deus, pois Deus não pode errar.

Este erro de Cristo é um assunto importantíssimo para comprovarmos, à luz da fé raciocinada, os seguintes erros doutrinários do cristianismo dogmático: 1) a não distinção dos cristãos dogmáticos entre o Jesus histórico e o Cristo da fé (pois não foi o Jesus histórico que fez a promessa não cumprida de seu breve retorno); 2) o maior erro cristão, ou seja, o dogma da divindade de Cristo, uma vez que ele (o Cristo da fé) realmente **ERROU**, por ter feito uma profecia que não se cumpriu na época em que ele mesmo claramente estabeleceu e, logo, ele não era, nem é, Deus, pois Deus não pode errar; 3) o dogma da origem divina do cristianismo mítico dos cristãos e 4) o mito do retorno físico de Cristo, por ocasião do Fim do Mundo, para julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno.

Mais explicitamente, segundo a interpretação literal de muitos textos bíblicos do Novo Testamento, Cristo (o Cristo da fé, mas não o Jesus histórico) errou, ao prometer que retornaria logo ao mundo, fisicamente, para julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno, estando ainda vivos alguns de seus discípulos ou apóstolos, profecia que não se cumpriu. Logo, ele errou e, por conseguinte, esta é, de fato, a maior prova de que o Cristo da fé não era, nem é, Deus, pois Deus não pode errar. Este erro do Cristo da fé é prova irrefutável de que a nova religião (ou igreja) supostamente instituída por ele não é de origem divina, mas de origem humana, e o dogma de seu retorno físico para julgar a humanidade não é verdade, mas mito.

Na visão espírita, porém (que sigo), o retorno de Cristo não deve ser interpretado literalmente, como a sua segunda vinda física para julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno, mas deve ser entendido, alegoricamente,

como o retorno do verdadeiro cristianismo (o “cristianismo de Jesus”, o “cristianismo das origens”), não uma nova religião (ou igreja), mas um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor, do amor-ágape, isto é, da prática da caridade, a única modalidade de cristianismo capaz de unir a cristandade e a humanidade, em oposição ao cristianismo dogmático e mítico dos cristãos (PAULINISMO), caracterizado sobretudo por um conjunto de dogmas (ou de mitos) exclusivistas e divisionistas, o qual nunca uniu, nem terá jamais condições de unir, a cristandade e a humanidade.

O teólogo e ex-padre católico Franz GRIESE é, na minha opinião, o maior defensor da tese de que **Cristo ERROU**, argumentando que o não cumprimento da promessa do breve retorno de Cristo, feita claramente, por ele mesmo, em muitas passagens do Novo Testamento, por não ter acontecido na época prometida por ele, é, indubitavelmente, a maior prova de que ele não era, nem é, Deus, pois Deus não pode errar (cf. GRIESE, Franz. *La Desilusión de un sacerdote: la verdad científica sobre la religión cristiana*. 2. ed. reformada y aumentada. Buenos Aires: Editorial Cultura Laica, 1957, cap. 2, p. 31-52).

Reflitamos, a seguir, sobre os convincentes argumentos deste famoso teólogo e ex-padre católico:

Embora o Novo Testamento asseverasse que Cristo era Deus..., existe uma prova irrefutável contra tal divindade; uma prova que por si só basta para destruir definitivamente toda possibilidade de que Cristo tenha sido Deus. E esta prova no-la deu o próprio Cristo por sua grande profecia que falhou do modo mais absoluto.

Era esta profecia o **Ceterum censeo**, o alfa e o ômega, não somente da pregação de Cristo, mas também da dos apóstolos, que, imbuídos desta crença, colocaram nela todas as suas esperanças e levaram ao espírito de todos os cristãos a mesma ilusão que lhes alentava. E se o cristianismo conseguiu tantos adeptos e se propagou com tanta rapidez, foi precisamente, antes de tudo, porque o anúncio da próxima volta de Cristo causava-lhes uma profunda impressão, já que todos os convertidos viviam na firme persuasão da iminência do grande acontecimento.

Foi com esta grande esperança que viveram e morreram os primeiros cristãos.

Esta profecia de Cristo tem sua grande importância, não somente por ter sido o ponto central da crença cristã, mas também, porque era, e é, a pedra de toque para a questão da origem divina ou humana da pessoa de Cristo e de sua religião (negrito meu).

Na realidade, se Cristo tivesse cumprido aquela profecia, a origem divina de sua pessoa e doutrina teria sido comprovada amplamente.

No entanto, nos vemos frente a um fato que é transcendental em seu significado: o fato de que Cristo não cumpriu esta sua grande profecia, a de voltar ao mundo, enquanto ainda viviam seus apóstolos. [...] Uma profecia que não se cumpriu, no tempo fixado por ela mesma, comprova, por si só, que é uma profecia falsa. E em vez de ratificar a divindade de Cristo e de sua religião, resulta ser tudo o contrário: o veredicto adverso e definitivo de seu autor.

Não escapa ao critério do leitor, que é absolutamente necessário descobrir devidamente este fato, que, com singular maestria, se ocultou até agora ao mundo inteiro e, em particular, ao mundo cristão (negrito meu).

Efetivamente, se os cristãos tivessem tomado consciência do fracasso dessa profecia de Cristo, que, com letras inapagáveis, está escrita em quase cada página do Novo Testamento, se os teólogos cristãos não tivessem dissimulado o verdadeiro significado das palavras que pregam aquela profecia, se tivessem confessado a verdade íntegra, a crença na divindade de Cristo teria sido, há muito tempo, eliminada da História.

Por isso mesmo, nos incumbe o dever de tratar desta questão, isto é, da grande profecia de Cristo de seu breve retorno, com todos os seus detalhes, para que fique esclarecido, de uma vez por todas, que Cristo aqui errou, errou como jamais errou um homem, e que, por esta mesma razão, ele não podia, nem pode, ser Deus.

Para concretizar agora nosso estudo sobre a profecia de Cristo sobre seu breve retorno, dividirei o tema em duas partes: a primeira tratará da profecia de Cristo, segundo suas próprias palavras, e a segunda tratará da profecia de Cristo, segundo os escritos de seus apóstolos.

PARTE I: A PROFECIA DE CRISTO SEGUNDO SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

Desde o dia em que Cristo iniciou sua pregação pública, começou também a falar do dia do Juízo Final, sancionando, assim, sua palavra com a promessa de um prêmio eterno para os que a aceitassem e de um castigo igualmente eterno, para os que a acolhessem com indiferença ou incredulidade.

A princípio, Cristo fala de seu retorno de forma indeterminada e sem fixação de data, mas, com o decorrer do tempo, a profecia do Juízo Final tornou-se cada vez mais clara e definida.

Eis aqui a primeira ameaça, feita por Cristo às cidades de Israel (Cafarnaum e Betsaida), que, apesar de seus milagres, não haviam se convertido: “Mas eu vos digo: O Dia do Juízo Final será mais tolerável para Tiro e Sidônia do que para vós” (Mateus 11,22). E a todos os judeus previne: “Os habitantes de Nínive se levantarão no Julgamento, juntamente com esta geração, e a condenarão, porque eles se converteram pela pregação de Jonas. Mas aqui está algo mais do que Jonas!” (Mateus 12,41). Mais tarde, descreve Cristo o quadro do Juízo Final: “O Filho do Homem enviará os seus anjos e eles apanharão do seu Reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade e os lançarão na fornalha ardente. Ali haverá choro e ranger de dentes” (Mateus 13,41). E a seus apóstolos promete: “Em verdade vos digo que, quando as coisas forem renovadas, e o Filho do Homem se assentar no seu trono de glória, também vós, que me seguistes, vos sentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Mateus 19,28). Culmina este quadro na mais grandiosa e detalhada profecia que Cristo fez do Juízo Final, segundo o Evangelho de Mateus (25,31-46), e que todos nós conhecemos pelo insuperável quadro de Miguel Ângelo na Capela Sistina,

onde Cristo, separando os bons dos maus, pronuncia a sentença final.

Em todas estas profecias que citamos até agora, não há nenhuma indicação ou insinuação do dia do Juízo Final. Mas veremos, a seguir, seis profecias do mesmo Cristo que expressam essa data, não com precisão numérica, designando o dia do terrível acontecimento, mas com exatidão completamente determinada e ao alcance do controle de todo o mundo. Pois Cristo prometeu, em cada uma dessas seis profecias, que ia voltar na geração contemporânea e quando ainda alguns de seus apóstolos estivessem vivos.

AS SEIS PROFECIAS DE CRISTO QUE EXPRESSAM A ÉPOCA DO JUÍZO FINAL

PRIMEIRA PROFECIA

Logo que Cristo falou de sua próxima volta, São Pedro o reprova, porque não queria saber da morte de seu querido Mestre; Cristo, porém, repreendeu Pedro, lembrando-lhe que sua morte seria necessária para voltar em glória: **“Porque cedo voltará o Filho do homem na glória de seu Pai e então retribuirá a cada um, segundo seus atos. Em verdade vos digo, que alguns dos que estão aqui não provarão a morte até que vejam o Filho do Homem vindo na glória de seu Reino”** (Mateus 16,27; Marcos 9,1; Lucas 9,27). Porventura, poderia Cristo ter sido mais claro do que foi aqui, com essas lúcidas palavras sobre o seu breve retorno?

SEGUNDA PROFECIA

A segunda profecia foi feita por Cristo, quando ele falou aos seus apóstolos dos sofrimentos, que eles, durante a pregação do Evangelho, teriam que suportar por parte dos judeus na Palestina. Com o objetivo de consolá-los, afirmou que estas perseguições felizmente não durariam muito tempo, porque antes que os apóstolos tivessem terminado sua missão seriam surpreendidos pela chegada de Cristo para o Juízo Final: **“Em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel até que venha o Filho do Homem”** (Mateus 10,23).

Como se vê, Cristo dirige sua palavra aos mesmos apóstolos, dizendo-lhes que eles mesmos não poderão terminar sua pregação na Palestina, antes de sua volta, o que significa dizer que Cristo

nem sequer pensa em sucessores dos apóstolos, ou em uma conversão de todo o mundo, quando não haverá nem tempo, até seu breve retorno, para a conversão da Palestina.

Segundo esta profecia (e a anterior), a volta de Cristo deveria, portanto, ocorrer ainda no primeiro século da era cristã, pois, como Cristo fez estas profecias mais ou menos por volta do ano 33 da era cristã, sua volta ao mundo deveria ocorrer antes do final do primeiro século.

TERCEIRA PROFECIA

Esta terceira profecia é a mais importante de todas. Destaca-se muito especialmente pelo fato de que Cristo repete constantemente a seus apóstolos que são eles mesmos que terão de sofrer todas as angústias que precederão sua volta para o Juízo Final. Além disso, o dia de seu regresso está determinado por outro acontecimento: a destruição de Jerusalém, que, segundo esta profecia, deveria ocorrer pouco tempo antes da volta de Cristo. Termina Cristo suas palavras com a solene promessa de que não passará a atual geração sem que não se manifeste tudo quanto haja dito: **“Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que tudo isto aconteça”** (Mateus 25,34).

Esta terceira profecia está detalhadamente expressa em três longos capítulos dos evangelhos sinóticos: Mateus 24,1-35; Marcos 13,1-32 e Lucas 21,5-33.

.....

Nesta profecia podemos fazer constar três fatos marcantes:

Primeiro: Cristo, respondendo à pergunta dos apóstolos sobre o fim do mundo, afirma que o fim do mundo terá lugar pouco depois da destruição de Jerusalém, a qual ocorreu nos anos 70, de acordo com uma suposta profecia de Daniel.

Segundo: Cristo diz aos apóstolos que são eles mesmos que terão de sofrer todas as angústias que precederão tanto a destruição de Jerusalém, como o fim do mundo.

Terceiro: Cristo declara, finalmente, na forma mais solene, que ambos os fatos acontecerão antes de desaparecer a atual geração.

Com esta última afirmação, Cristo repete o que havia dito nas primeiras duas profecias, somente com a diferença de que a solenidade de sua promessa desta vez é muito superior à dos

vaticínios anteriores. Observe-se também que todo o fim do mundo deve realizar-se na Palestina.

QUARTA PROFECIA

Esta profecia foi feita por Cristo no dia de sua morte, e se pode assegurar que ele morreu por ela. Realmente, já preso, foi levado à presença do Sumo Sacerdote, Caifás, o qual, por causa desta profecia, o declarou réu de morte. Eis o relato bíblico:

“E o Sumo Sacerdote lhe disse: ‘Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos declares se tu és o Messias, o Filho de Deus’. Jesus respondeu: ‘Tu o disseste. Aliás, eu vos digo que, dentro de pouco tempo², vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu’. O Sumo Sacerdote então rasgou suas vestes dizendo: ‘Blasfemou! Que necessidade temos ainda de testemunhas? Vede: vós ouvistes, neste instante, a blasfêmia. Que pensais?’ Eles respondem: ‘É réu de morte’.” (Mateus 26,63-66; Marcos 14,61; Lucas 22,67)

O leitor deverá ter notado que, também nesta profecia, Cristo se dirige ao seu auditório (o Sumo Sacerdote e o povo que o rodeia), e lhes assegura solenemente que eles mesmos o verão dentro em pouco vir na glória de seu Pai.

QUINTA PROFECIA

Esta profecia se encontra no Evangelho de São João. Cristo a fez depois de sua ressurreição, quando surpreendeu seus apóstolos, que pescavam no mar de Tiberíades. Diz o texto:

“Pedro, voltando-se, viu que o seguia o discípulo que Jesus amava [João], aquele que, na ceia, se reclinou sobre o seu peito e lhe perguntou: ‘Senhor, quem é que te vai entregar?’ Pedro, vendo-o, disse a Jesus: ‘Senhor, e este?’ Jesus lhe disse: ‘Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Segue-me tu.’

² Mateus escreveu, na versão original hebraica de seu evangelho, a palavra hebraica “mehat”, que significa “dentro de pouco tempo”, e não a palavra “meatha”, que significa “desde agora”, como, por um erro de tradução, interpretou a versão grega deste evangelho. O próprio leitor poderá julgar que, neste contexto do breve retorno de Cristo, a frase “desde agora vereis o Filho do Homem” etc. [como se encontra nas Bíblias cristãs] não têm nenhum sentido, mas sim, a frase “dentro de pouco tempo vereis o Filho do Homem” etc.

Divulgou-se, então, entre os irmãos, a notícia de que aquele discípulo [João] não morreria. Jesus, porém, não disse que ele não morreria, mas: ‘Se quero que ele permaneça até que eu venha [isto é, até a parusia], que te importa?’” (João 21,20-23)

Está claro que, também nesta profecia, diz Cristo, indiretamente, que ele voltará, estando a atual geração com vida. Do contrário, sua contestação a Pedro não faria sentido; João só poderia ficar até a volta de Cristo, se esta ocorresse dentro de um tempo razoável. Os mesmos discípulos entenderam nesta profecia que a volta de Cristo estava muito próxima e até acreditavam que João não morreria antes desse acontecimento. O apóstolo João corrige esta última crença em forma condicional, e afirma em sua Carta, como veremos mais adiante, que Cristo logo voltará.

Assim, esta quinta profecia confirma todas as que já foram apresentadas antes dela.

SEXTA PROFECIA

Esta última profecia Cristo a fez no momento de sua ascensão ao Céu. São as últimas palavras dele, segundo o Evangelho de Mateus. Diz o texto: **“Eu estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo”** (Mateus 28,20).

Cristo promete aqui a seus apóstolos que estará com eles, ou seja, que não os abandonará. Até quando? Até a morte de todos eles? Não! Porque antes da morte de todos eles, se cumprirá a grande promessa, a grande profecia de Cristo, pois ele voltará enquanto ao menos alguns de seus apóstolos ainda estejam vivos. E por isso, lhes promete aqui estar com eles até o fim do mundo. Promete estar “com eles”. Não fala de seus sucessores. Na realidade, para que falar de sucessores dos apóstolos, se ele voltará logo, se eles ainda estão vivos, se eles não terão terminado de pregar o Evangelho na Palestina, se têm que vigiar e estar alertas, porque, no dia em que menos esperarem, virá Cristo, como um ladrão noturno, como um raio do Céu? Para que, então, sucessores dos apóstolos?

Resumindo tudo, é possível estabelecer que Cristo, em cada uma das seis profecias, prometeu, de forma inequívoca, que ele voltaria para o Juízo Final, enquanto a geração contemporânea a ele e mesmo alguns de seus discípulos ainda estivessem vivos.

Que este é o sentido exato das profecias de Cristo sobre seu breve retorno para o Juízo Final está amplamente confirmado por uma série de palavras e parábolas, que são a consequência natural de sua convicção de que proximamente voltaria ao mundo.

Obviamente, se era certo que Cristo, dentro de pouco tempo (nem ele mesmo sabia indicar a data exata), voltaria para o Juízo Final, a fim de levar os bons para o Céu e os maus para o inferno, então era necessário que seus fiéis, os cristãos, estivessem preparados para a chegada daquele dia [a chamada **parusia** ou **parúsia**].

Por isso mesmo, Cristo fez uma série de admoestações, até mesmo através de parábolas, alertando seus discípulos que vigiassem e estivessem preparados para o dia de sua volta ao mundo. Nesse contexto, lembro-me da **parábola das dez virgens, cinco prudentes e cinco imprudentes/insensatas** (cf. Mateus 25,1-13); as cinco prudentes estavam prontas, com lâmpadas preparadas e providas de azeite, enquanto as cinco imprudentes, que dormiam, não tinham azeite em suas lâmpadas. De repente, veio o noivo celestial levando as prudentes consigo, enquanto as imprudentes vão em busca de azeite, perdendo, desta maneira, sua entrada no Céu. Termina esta parábola com as palavras: **“Vigiai, portanto, porque não sabeis nem o dia, nem a hora em que o Filho do Homem virá”** (Mateus 25,13).

Recordo-me também da **parábola do ladrão noturno**, que vem, sem avisar, e com o qual Cristo compara seu retorno, concluindo essa comparação com a frase: **“Por isso, também vós ficai preparados, porque o Filho do Homem virá numa hora que não pensais”** (Mateus 24,44). O mesmo se diga da **parábola do servo que dormia**, quando seu amo o surpreendeu com sua chegada: **“o senhor daquele servo virá em dia imprevisto e hora ignorada; Ele o partirá ao meio e lhe imporá a sorte dos hipócritas. Ali haverá choro e ranger de dentes”** (Mateus 24,50-51). Também em Mateus 24,42 diz Cristo: **“Vigiai, portanto, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor”**.

Está claro, portanto, que, em todas estas manifestações, Cristo dirige sua palavra diretamente a seus ouvintes, alertando-os para que estejam prontos e preparados para o dia de sua chegada.

Perguntamo-nos: para que estas contínuas e constantes admoestações para a preparação do Juízo Final, se Cristo não

tivesse tido a firme convicção de que ele retornaria dentro de muito pouco tempo? Acaso podia Cristo ter falado assim, sabendo que iam se passar milhares de anos antes de sua volta? Somente uma pessoa cega e cheia de preconceitos poderia afirmar tal coisa. Quem toma e lê os textos no sentido natural e real que têm, chega, sem dúvida, à absoluta segurança de que Cristo realmente tinha o propósito e a convicção de voltar logo para o Juízo Final da humanidade.

Sem dúvida, se Cristo promete voltar tão cedo para o Juízo Final e se, segundo suas próprias palavras, seus apóstolos, até aquele momento, não poderiam terminar nem sequer a conversão da Palestina, que objetivo tinha, então, uma conversão do mundo, que, de nenhum modo, até sua volta, poderia realizar-se?

Desse modo, vemos que Cristo considera que tanto sua própria tarefa, como a dos apóstolos, consiste tão somente em converter os judeus, e até proíbe seus apóstolos de pregarem o Evangelho aos pagãos. Eis o que ele mesmo disse: **“Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel”** (Mateus 15,24)...

Em consequência, os apóstolos limitaram-se a pregar tão somente aos judeus da Palestina, salvo muito raras exceções, como na conversão do capitão pagão Cornélio (Atos 10), que, por outro lado, deu motivo a violentas recriminações por parte dos judeus convertidos de boa fé, pois estes consideravam alguém estranho à sua raça, especialmente os romanos, como gente inferior e desprezível.

Como condição prévia para admiti-los nas novas crenças, exigiam deles o cumprimento dos preceitos e leis de Moisés. Somente a autoridade de São Paulo pôde impor – depois de muitas lutas – o reconhecimento da propagação do Evangelho entre os pagãos. A resolução definitiva foi tomada no Concílio dos Apóstolos no ano 50 (Atos 15)...

Cristo, porém, não encomendou tal pregação aos pagãos, porque estava seguro de sua próxima volta ao mundo para o Juízo Final da humanidade.

Em resumo, podemos agora constatar que Cristo, em mil diferentes oportunidades, e em mil variações, anunciou seu próximo retorno ao mundo, que este retorno era o “amém” de toda a sua pregação e

a sanção de seu Evangelho, devendo sua volta realizar-se na vida da geração que lhe era contemporânea.

PARTE II: A PROFECIA DE CRISTO NOS ESCRITOS DOS APÓSTOLOS

Ninguém melhor que os próprios apóstolos para conhecer a doutrina de Cristo e o seu verdadeiro significado. Eles haviam seguido Jesus, desde seus primeiros passos, e dele haviam recebido praticamente sua doutrina, haviam escutado suas pregações e adquirido a convicção de seu próximo retorno.

Imbuídos destas ideias e francamente convencidos da verdade de seu vaticínio, não omitiram nunca, em sua campanha de difusão do novo espírito criado pelo Mestre, a menção de sua próxima volta, insistindo neste fato e transformando-o em um dos fundamentos mais sólidos da doutrina de Cristo e em um dos incentivos mais sedutores para atrair a massa dos ouvintes.

Se estes apóstolos, os discípulos mais seletos, continuadores da cruzada, eleitos pelo mesmo Messias, para levar sua palavra a todos os rincões da Palestina, expressam clara e precisamente em seus escritos a segurança do regresso do Redentor, nós conseguimos apresentar um novo argumento, tão fidedigno, tão original, tão sólido e tão indestrutível como o primeiro, do erro que o transcurso do tempo tem permitido ver que existia nesse anúncio e nessa doutrina.

É preciso agora deixar bem claro, que o escritor cristão que deixou mais escritos, sinceros, claros e insistentes, sobre a próxima volta de Cristo ao mundo, foi o apóstolo Paulo... Como venho estudando suas cartas durante oito anos – e a versão que fiz delas mereceu destacados elogios – falo aqui com absoluto conhecimento de causa. Aqui estão os testemunhos:

PRIMEIRO TESTEMUNHO (Carta aos Coríntios – 1Cor 15,51-53)

Eis que vos dou a conhecer um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados. Num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final, pois a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que este ser mortal revista a imortalidade.

Estas palavras de São Paulo são claríssimas. O apóstolo está absolutamente convencido de que o Juízo Final o encontrará, a ele e

aos coríntios em geral, ainda em sua vida terrena. Ele crê firmemente que, ao último toque da trombeta, os mortos se levantarão das sepulturas, revestidos de um corpo incorruptível, e que ele e os coríntios então se transformarão, em um momento, trocando seu corpo mortal por um corpo imortal.

SEGUNDO TESTEMUNHO (Carta aos Tessalonicenses – 1Ts 4,13-17)

“Irmãos, não queremos que ignoreis o que se refere aos mortos, para não ficardes tristes como os outros que não têm esperança. Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também os que morreram em Jesus, Deus há de levá-los em sua companhia. Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estivermos lá para a vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que morreram. Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares”.

Para compreender o motivo que determinou essas manifestações de São Paulo, é necessário recordar que os tessalonicenses estavam inquietos pela demora da volta de Cristo, tantas vezes prometida, e esta inquietude cresceu, quando alguns membros da comunidade cristã morreram; pois eles tinham medo de não poder estar presentes na volta de Cristo. Com esta preocupação, se dirigiam a São Paulo, que lhes escreveu o parágrafo citado, cujo efeito foi surpreendente. Os tessalonicenses, seguros agora da iminência da volta de Cristo, até deixaram de trabalhar (cf. 2Tessalonicenses 3,11), não pensando em outra coisa, senão na próxima chegada de Cristo. Nesta segurança, ficaram tão exaltados, que, nas reuniões religiosas, se davam por possessos do Espírito Santo, vaticinando a iminente chegada de Cristo, como se ela já fosse um fato.

O apóstolo, inteirado deste estado anormal, se viu obrigado a dirigir-se novamente aos tessalonicenses e, em uma passagem um tanto confusa desta sua segunda carta aos tessalonicenses, nega haver dito que o Dia do Senhor estivesse bem próximo, desautorizando ao mesmo tempo os exaltados. Recorda aos tessalonicenses haver-lhes dito que, antes da volta do Senhor, deveria aparecer o Anticristo, cujos primeiros indícios já se notavam, e que logo viria, seguido por Cristo, que lhe daria a morte.

Em outras palavras, São Paulo não abandona suas convicções anteriores sobre a volta de Cristo, senão que as suaviza para confirmá-las novamente. Vejamos o texto em que ele expressa esse sentido:

TERCEIRO TESTEMUNHO (Carta aos Tessalonicenses - 2Ts 2,1-10)

“Quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, rogamos a vós, irmãos, que não percais tão depressa a serenidade de espírito e não vos perturbeis nem por palavra, nem por carta que se diga vir de nós, como se o Dia do Senhor já estivesse próximo. Não vos deixeis enganar por pessoa alguma nem de modo algum; porque deve vir primeiro a apostasia e aparecer o homem ímpio, o filho da perdição, o adversário [o Anticristo], a levantar-se contra tudo que se chama Deus, ou recebe um culto, chegando a sentar-se pessoalmente no templo de Deus e querendo passar por Deus. Não vos lembrais de que vos dizia isto quando estava convosco?”

Agora também sabeis o que é que ainda o retém, para aparecer só a tempo. Pois o mistério da impiedade já está agindo, só é necessário que seja afastado aquele que ainda o retém! Então, aparecerá o ímpio, aquele que o Senhor destruirá com o sopro de sua boca e o suprimirá pela manifestação de sua Vinda.

Ora, a vinda do ímpio será assinalada pela atividade de Satanás, com toda a sorte de portentos, milagres, prodígios mentirosos e por todas as seduções da injustiça, para aqueles que se perdem, porque não acolheram o amor da verdade, a fim de serem salvos”.

QUARTO TESTEMUNHO (Primeira Carta aos Coríntios – 1Cor 7,25-31)

Este testemunho tem sua origem em uma pergunta que, por carta, fizeram os Coríntios ao apóstolo Paulo, porque também eles acreditavam na próxima chegada de Cristo e estavam cientes das angústias que antecederiam este acontecimento. Seguramente, conheciam a palavra de Cristo: “Ai daquelas que estiverem grávidas e estiverem amamentando naqueles dias!” (Mateus 24,19). Por esta razão, os Coríntios perguntaram a São Paulo se, em vista de tudo isto, não seria melhor que os pais de filhas virgens impedissem que estas se casassem, pois, naquele tempo, era o pai que decidia sobre o casamento de suas filhas.

São Paulo, fiel à sua convicção do próximo fim do mundo, responde à pergunta dos Coríntios com as seguintes palavras:

“A propósito das pessoas virgens, não tenho recebido nenhum mandamento do Senhor. Posso, porém, dar um conselho, uma vez que o Senhor me deu a graça de ser bom conselheiro”.

“Creio, pois, que, pela iminente angústia, é melhor que as virgens permaneçam assim (isto é, virgens), já que, para cada um de nós, seria melhor estar assim”.

“Se já estás ligado a uma mulher, não busques a separação. Mas, se estás livre de mulher, não a busques”.

“Porém, se apesar disso te casares, não pecarás. Tampouco pecará a virgem que se casa, porém, sofrerá angústias terrestres, das quais eu vo-las quisera poupar”.

“Porque vos digo, meus irmãos, que nosso tempo está muito escasso”.

“Por isso, aqueles que têm mulher, vivam como se não a tivessem; aqueles que choram, como se não chorassem; aqueles que se alegram, como se não se alegrassem; aqueles que compram, como se não comprassem”.

“Porque a glória deste mundo passa”.

Os próximos testemunhos de São Paulo, sobre a volta de Cristo, são tão claros que não necessitam de comentários.

QUINTO TESTEMUNHO (1Coríntios 1,4-8)

“Dou incessantemente graças a Deus por vós, em vista da graça de Deus que vos foi dada em Jesus Cristo. Porque nele haveis conseguido superabundância em todo sentido: em toda classe de línguas e de inteligência..., de sorte que não vos falta mais nenhum dom do Espírito e somente esperais a aparição de Nosso Senhor Jesus Cristo. É ele também que vos fortalecerá até o fim, para que sejais irrepreensíveis no Dia [=na parusia] de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

SEXTO TESTEMUNHO (Carta aos Filipenses – Fl 1,9-10)

“E é isto o que eu vos peço: que vosso amor cresça cada vez mais, em conhecimento e em sensibilidade, a fim de poderdes

discernir o que mais convém, para que sejais puros e irreprováveis no Dia de Cristo”.

SÉTIMO TESTEMUNHO (Carta aos Filipenses – Fl 3,20-21)

“A nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos ansiosamente Jesus Cristo, nosso Salvador. Ele transformará nosso corpo miserável para ser semelhante ao seu corpo glorioso, mediante a faculdade que ele tem de poder submeter a si todas as coisas”.

OITAVO TESTEMUNHO (Primeira Carta aos Tessalonicenses – 1Ts 5,23)

“O Deus da paz vos conceda santidade perfeita; e que vosso espírito, vossa alma e vosso corpo sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da Vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

NONO TESTEMUNHO (Segunda Carta aos Tessalonicenses – 2Ts 1,6-10)

“Justo é que Deus pague com tribulação aos que vos oprimem, e que a vós, os oprimidos, vos dê o repouso juntamente conosco, para quando se revelar o Senhor Jesus, vindo do céu, com os anjos do seu poder, no meio de uma chama ardente, para vingar-se daqueles que não conhecem a Deus e que não obedecem ao evangelho de Nosso Senhor Jesus. O castigo deles será a ruína eterna, longe da face do Senhor e do esplendor de sua majestade, quando ele vier, naquele dia, para ser glorificado na pessoa dos seus santos e para ser admirado na pessoa de todos aqueles que creram – e vós acreditastes em nosso testemunho”.

DÉCIMO TESTEMUNHO (Primeira Carta a Timóteo – 1Tm 6,13-14)

“Eu te ordeno, diante de Deus, que dá a vida a todas as coisas, e de Cristo Jesus, que deu testemunho diante de Pôncio Pilatos numa bela profissão de fé: guarda o mandamento imaculado, irrepreensível, até à Aparição de nosso Senhor Jesus Cristo, que mostrará nos tempos estabelecidos”.

DÉCIMO PRIMEIRO TESTEMUNHO (Carta a Tito – Tt 2,11-14)

“Com efeito, a graça de Deus se manifestou para a salvação de todos os homens. Ela nos ensina a abandonar a impiedade e as paixões mundanas e a viver neste mundo com autodomínio, justiça e piedade, aguardando a nossa bendita esperança, a manifestação

da glória do nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo, o qual se entregou a si mesmo por nós, para remir-nos de toda iniquidade, e para purificar um povo que lhe pertence, zeloso no bom procedimento”.

DÉCIMO SEGUNDO TESTEMUNHO (Algumas Frases de Cartas Paulinas)

Terminamos as citações das cartas de São Paulo com algumas frases divulgadas em seus escritos e ditas ligeiramente:

“Estas coisas lhes aconteceram para servir de exemplo e foram escritas para a nossa instrução, nós que fomos atingidos pelo fim dos tempos” (1Coríntios 10,11).

“O Senhor está próximo” (Filipenses 4,5).

“Tanto mais que sabeis em que tempo estamos vivendo: já chegou a hora de acordar, pois nossa salvação está mais próxima agora do que quando abraçamos a fé” (Romanos 13,11).

“Saiba, porém, que para estes últimos tempos coisas terríveis estão para chegar” (2Timóteo 3,1).

A seguir, citarei também outros apóstolos, para que o leitor veja que também eles acreditavam na próxima volta de Cristo.

DÉCIMO TERCEIRO TESTEMUNHO (Primeira Carta de São João – 1Jo 2,18)

“Filhinhos, é chegada a última hora. Ouvistes dizer que o Anticristo deve vir; e já vieram muitos anticristos: daí reconhecemos que é chegada a última hora” (1João 2,18).

DÉCIMO QUARTO TESTEMUNHO (As Cartas de São Pedro)

“O fim de todas as coisas está próximo” (1Pedro 4,7).

A Segunda Epístola de São Pedro é uma carta apócrifa, escrita por volta do ano 150 d.C., com o propósito de encobrir o fracasso da profecia de Cristo, pois os cristãos daquela época, cansados de ouvir falar tanto acerca do breve retorno de Cristo e do fim do mundo, sem ver nem um, nem outro, começaram a murmurar e zombar da referida profecia.

O argumento desta carta de São Pedro é o seguinte:

“Deus vos deu as maiores e mais preciosas promessas, mediante as quais vos fará partícipes da natureza divina, no dia do Juízo Final” (2Pd 1,4). “Há, porém, que cultivar as virtudes e evitar os vícios, para que possais entrar no reino eterno” (2Pd 1,11); “Porque não vos temos dado a conhecer a poderosa volta de Nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas inventadas, mas por termos visto sua majestade com nossos próprios olhos” (2Pd 1,16). “Porém, há falsos profetas, até entre vós” (2Pd 2,1), “que seduzem muitos; mas Deus castigará todos eles, no dia do Juízo” (2Pd 2,9). “Teria sido melhor para eles, não ter conhecido nunca o caminho da salvação” (2Pd 2,21). “Escrevi esta carta para que recordeis sempre a doutrina dos apóstolos. Pois, sabeis, antes de tudo, que nos últimos dias virão burladores que andam após seus próprios desejos e dirão: Onde está seu retorno prometido?” (2Pd 3,1-4). “Contudo, não esqueçais que diante do Senhor um dia é como mil anos, e mil anos como um dia. O Senhor não tarda a cumprir a sua promessa, como pensam alguns, entendendo que há demora; o que ele está é usando da paciência convosco, porque não quer que ninguém se perca, mas que todos venham a converter-se. O Dia do Senhor chegará como ladrão e então os céus se desfarão com estrondo, os elementos, devorados pelas chamas, se dissolverão e a terra, juntamente com as suas obras, será consumida” (2Pd 3, 8-10). “Se todo este mundo está fadado a desfazer-se assim, qual não deve ser a santidade do vosso viver e da vossa piedade, enquanto esperais e apressais a vinda do Dia de Deus, no qual os céus, ardendo em chamas, se dissolverão e os elementos, consumidos pelo fogo, se fundirão? O que nós esperamos, conforme a sua promessa, são novos céus e nova terra, onde habitará a justiça” (2Pd 3,11-13). “Assim, visto que tendes esta esperança, esforçai-vos arduamente para que ele vos encontre em paz, vivendo uma vida sem mácula e irrepreensível. Considerai a longanimidade de Nosso Senhor como a nossa salvação, conforme também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada. Isto mesmo faz ele em todas as suas cartas, ao falar nelas desse tema. É verdade que em suas cartas se encontram alguns pontos difíceis de entender, que os ignorantes e vacilantes torcem, como fazem com as demais Escrituras, para a sua própria perdição” (2Pd 3,14-16).

Desta carta do apóstolo Pedro, deduzimos os seguintes pontos:

Primeiro: Já no tempo dos apóstolos, muitos cristãos se deram conta de que a volta de Cristo era uma fábula.

Segundo: São Pedro tenta explicar a aparente demora da volta de Cristo, dizendo que se deve à paciência do Senhor, diante do qual mil anos são como um dia, e um dia é como mil anos, produzindo com esta comparação uma confusão, pois este critério não é válido, uma vez que Cristo, como já vimos, havia prometido voltar na mesma geração contemporânea, estando os apóstolos ainda com vida. Logo, não há aqui nenhuma questão de mil anos e São Pedro se vale aqui de um sofisma.

Terceiro: São Pedro busca outra saída, dizendo que as manifestações de São Paulo sobre a volta de Cristo são em parte obscuras e difíceis de entender. Ora, isto, como temos visto, também não é certo. O fato é que São Pedro, diante do grande apuro em que se vê colocado, trata de ocultar o verdadeiro sentido da profecia em questão.

Quarto: Apesar de tudo, repete o apóstolo Pedro, várias vezes (em contradição com o que pretende defender), que logo há de chegar o dia do Senhor e que todos estejam prontos, pois Cristo não tardará a voltar.

E com esta promessa do retorno de Cristo – um conto tão gratuito como enganoso – temos passado, de século em século, desde os tempos dos apóstolos. A história eclesiástica relata que, antes do ano 1.000, inúmeras pessoas ficaram loucas, ou se mataram, por medo da próxima vinda de Cristo. Agora, dizem que é no ano 2.000. Quando estava no meu Seminário, tínhamos um padre (W.W) que, de livros proféticos, especialmente de “mulheres santas”, sabia calcular que a avó do Anticristo já devia estar no mundo e que o fim deste seria infalivelmente antes do ano 2.000!

Não é necessário repetir, que não existe possibilidade de uma volta de Cristo e que o mundo, depois do ano 2.000, seguirá existindo como antes. A verdade é que os teólogos, desde os tempos dos apóstolos, querem dar a esta profecia de Cristo um termo indefinido, para criar uma eterna ilusão no crente e justificar a subsistência da Igreja e a sucessão dos apóstolos.

A profecia da volta de Cristo converteu-se na famosa espiga de milho do carro do lavrador, que este utilizava para fazer avançar seu asno.

O que nos interessa neste momento é o fato de que Cristo emitiu uma profecia que não se cumpriu, conforme comprova a própria

Bíblia. Este fato – seja qual for a sua interpretação – nos demonstra, mais que nenhum outro, que Cristo não era, nem é, Deus, pois Deus não pode errar. Qualquer tentativa de salvar a divindade de Cristo fracassa perante este fato. O leitor, que, sem preconceito algum, leu este capítulo, não pode deixar de reconhecer esta grande verdade.

156 - COMO O ESPIRITISMO EXPLICA O RETORNO DE CRISTO?

Na visão espírita, diferentemente da visão católica (e também da visão protestante), Jesus não retornará fisicamente, no fim do mundo, para julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno. Isso é crença mítica dos cristãos.

A humanidade, na visão espírita, não terá um fim, mas uma *transformação*, na época de sua regeneração.

O verdadeiro retorno de Jesus, na visão espírita, significa o retorno de seu verdadeiro cristianismo, o “cristianismo de Jesus”, o “cristianismo das origens”, o “cristianismo redivivo”, pregado e vivenciado pelo Espiritismo, o mesmo cristianismo que Jesus autenticamente ensinou e viveu, ou seja, **o código de moral (ou de ética) universal que ele pregou e praticou, resumido na lei do amor, do amor-ágape, isto é, da prática da caridade**, a única modalidade de cristianismo capaz de unir a cristandade e a humanidade, em oposição ao “cristianismo dos cristãos” (**PAULINISMO**), caracterizado sobretudo por um conjunto de dogmas (ou de mitos) exclusivistas e divisionistas, o qual nunca uniu, nem terá jamais condições de unir, a cristandade e a humanidade.

Allan Kardec, diferentemente dos cristãos dogmáticos e fundamentalistas, não interpreta *literalmente* as passagens bíblicas (por ex., Mateus 24 e Marcos 13) sobre o fim dos tempos e sobre a segunda vinda de Cristo. Ele as interpreta *alegoricamente*.

Leiamos agora alguns de seus comentários, prestando muita atenção sobretudo ao terceiro parágrafo (particularmente ao texto em negrito), no qual Kardec faz referência à **restauração do código de moral evangélica ensinado por Jesus**, como condição para o reinado do bem e da fraternidade da nova era que deve se instalar na Terra na etapa de sua regeneração:

É evidentemente alegórico este quadro do fim dos tempos, como a maioria dos que Jesus compunha. Pelo seu vigor, as imagens que ele encerra são de natureza a impressionar inteligências ainda rudes. Para tocar fortemente aquelas imaginações pouco sutis, eram necessárias pinturas vigorosas, de cores bem acentuadas. Ele se dirigia principalmente ao povo, aos homens menos esclarecidos, incapazes de compreender as abstrações metafísicas e de apanhar a delicadeza das formas. A fim de atingir o coração, fazia-se-lhe mister falar aos olhos, com o auxílio de sinais materiais, e aos ouvidos, por meio da força da linguagem. [...]

É de notar-se que, entre os antigos, os tremores de terra e o obscurecimento do Sol eram acessórios forçados de todos os acontecimentos e de todos os presságios sinistros. Com eles deparamos, por ocasião da morte de Jesus, da de César e num sem-número de outras circunstâncias da história do paganismo. Se tais fenômenos se houvessem produzido tão amiudadas vezes quantas são relatados, fora de ter-se por impossível que os homens não houvessem guardado deles lembrança pela tradição. Aqui, acrescenta-se a *queda de estrelas do céu*, como que a mostrar às gerações futuras, mais esclarecidas, que não há nisso senão uma ficção, pois que agora se sabe que as estrelas não podem cair.

Entretanto, sob essas alegorias, grandes verdades se ocultam. Há primeiramente, a predição das calamidades de todo gênero que assolarão e dizimarão a Humanidade, calamidades decorrentes da luta suprema entre o bem e o mal, entre a fé e a incredulidade, entre as ideias progressitas e as ideias retrógradas. **Há, em segundo lugar, a da difusão, por toda a Terra, do Evangelho restaurado na sua pureza primitiva; depois, a do reinado do bem, que será o da paz e da fraternidade universais, a derivar do código de moral evangélica, posto em prática por todos os povos. Será verdadeiramente, o reino de Jesus, pois que ele presidirá à sua implantação, passando os homens a viver sob a égide da sua lei. Será o reinado da felicidade, porquanto diz ele que – “depois dos dias de aflição, virão os de alegria”.** (Negrito meu) [...]

Será que, predizendo a sua segunda vinda, era o fim do mundo o que Jesus anunciava, dizendo: “Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que virá o fim?” [...] Não é racional se suponha que Deus destrua o mundo precisamente quando ele entre no caminho do processo moral, pela prática dos ensinamentos evangélicos. Nada, aliás, nas palavras do Cristo, indica uma destruição universal que, em tais condições, não se justificaria.

Devendo a prática geral do Evangelho determinar grande melhora no estado moral dos homens, ela, por isso mesmo, trará o reinado do bem e acarretará a queda do mal. **É, pois, o fim do mundo velho, do mundo governado pelos preconceitos, pelo orgulho, pelo egoísmo, pelo fanatismo, pela incredulidade, pela cupidez, por todas as paixões pecaminosas, que o Cristo aludia, ao dizer: “Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que virá o fim”. Esse fim, porém, para chegar, ocasionaria uma luta e é dessa luta que advirão os males por ele previstos.** (Negrito meu) [...]

Se consideramos o estado atual do mundo físico e do mundo moral, as tendências, aspirações e pressentimentos das massas, a decadência das ideias antigas que em vão se debatem há um século contra as ideias novas, não poderemos duvidar de que uma nova ordem de coisas se prepara e que o mundo velho chega a seu termo. [...] donde a conclusão de que atingimos os tempos anunciados, o que confirmam, em todos os pontos do globo, os Espíritos que se manifestam. [...] O advento do Espiritismo realiza uma das mais importantes predições de Jesus, pela influência que ele forçadamente tem de exercer sobre as ideias. Ele se encontra, além disso, anunciado, em os Atos dos Apóstolos: “Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei do meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e filhas profetizarão”. [...] É a predição inequívoca da vulgarização da mediunidade, que presentemente se revela em indivíduos de todas as idades, de ambos os sexos e de todas as condições; [...] Isso, conforme está dito, acontecerá nos últimos tempos; ora, visto que não chegamos ao fim do mundo,

mas, ao contrário, à época da sua regeneração, devemos entender aquelas palavras como indicativos dos últimos tempos do mundo moral que chega a seu termo. (KARDEC, A GÊNESE, cap. 17, n. 54-61) (negrito meu)

157 - COMO O ESPIRITISMO EXPLICA O JUÍZO FINAL?

Segundo o Espiritismo, conforme esclarecido, o planeta Terra não terá um fim, como descreve o mito cristão do Juízo Final, mas uma *transformação*, na época de sua *regeneração*, em que o nosso planeta atingirá mais uma etapa evolutiva, subindo um degrau a mais na sua evolução material e moral, semelhante à que ocorreu no Sistema de Capela, há milhares de anos atrás, e semelhante às etapas de regeneração que ocorrem constantemente nos milhares de outros planetas habitados do Universo.

Nesse sentido, reflitamos agora sobre o Juízo Final, na visão espírita, conforme os lúcidos esclarecimentos fornecidos por Allan Kardec, o codificador da Doutrina dos Espíritos:

Chegado o momento em que, pelo progresso moral de seus habitantes, o globo terráqueo tem de ascender na hierarquia dos mundos, interdito será ele, como morada, a encarnados e desencarnados que não hajam aproveitado os ensinamentos que uns e outros se achavam em condições de aí receber. Serão exilados para mundos inferiores, como o foram outrora para a Terra os da raça adâmica, vindo substituí-los Espíritos melhores. Essa separação [...] é que se acha figurada por estas palavras sobre o juízo final: “Os bons passarão à minha direita e os maus à minha esquerda.” [...]

A doutrina de um juízo final, único e universal, pondo fim para sempre à Humanidade, repugna à razão, por implicar a inatividade de Deus, durante a eternidade que precedeu à eternidade da Terra e durante a eternidade que se seguirá à sua destruição. Que utilidade teriam então o Sol, a Lua e as estrelas que, segundo a Gênese, foram feitos para iluminar o mundo? Causa espanto que tão imensa obra se haja produzido para tão pouco tempo e a benefício de seres votados de antemão, em sua maioria, aos suplícios eternos.

Materialmente, a ideia de um julgamento único seria, até certo ponto, admissível para os que não procuram a razão das coisas, quando se cria que a Humanidade toda se achava concentrada na Terra e que para seus habitantes fora feito tudo o que o Universo contém. É, porém, inadmissível, desde que se sabe que há milhares de milhares de mundos semelhantes, que perpetuam as Humanidades pela eternidade em fora e entre as quais a Terra é dos menos consideráveis, simples ponto imperceptível. [...]

O juízo, pelo processo da emigração, conforme ficou explicado acima, é racional; funda-se na mais rigorosa justiça, visto que conserva para o Espírito, eternamente, o seu livre-arbítrio; não constitui privilégio para ninguém; a todas as suas criaturas, sem exceção alguma, concede Deus igual liberdade de ação para progredirem; o próprio aniquilamento de um mundo, acarretando a destruição do corpo, nenhuma interrupção ocasionará à marcha progressiva do Espírito. Tais as consequências da pluralidade dos mundos e da pluralidade das existências.

Segundo essa interpretação, não é exata a qualificação de *juízo final*, pois que os Espíritos passam por análogas fieiras a cada renovação dos mundos por eles habitados, até que atinjam certo grau de perfeição. Não há, portanto, *juízo final* propriamente dito, mas *juízos gerais* em todas as épocas de renovação parcial ou total da população dos mundos, por efeito das quais se operam as grandes emigrações e imigrações de Espíritos. (KARDEC, *A Gênese*, cap. 17, n. 63-67)

158 - COMO O ESPIRITISMO EXPLICA A REGENERAÇÃO DO PLANETA TERRA?

Na fase de regeneração do planeta Terra, os seus habitantes que ainda não tiverem atingido o nível de adiantamento moral adequado à sua nova etapa evolutiva, não mais reencarnarão aqui, mas em outros planetas de níveis semelhantes ou inferiores ao do planeta Terra. Isto, porém, não é o fim do mundo, mas o início de

uma nova era para o planeta Terra, uma era de mais união, amor, paz e fraternidade entre os seus habitantes. Na nova fase evolutiva da Terra, repito, só reencarnarão nela espíritos mais evoluídos do que a grande maioria dos atuais habitantes dela, os quais serão exilados para outros planetas de nível semelhante ou inferior ao de nosso atual planeta Terra.

159 - O QUE É NECESSÁRIO PARA REGENERAR A HUMANIDADE?

Só o Progresso Moral Pode Regenerar a Humanidade

O progresso intelectual realizado até ao presente, nas mais largas proporções, constitui um grande passo e marca uma primeira fase no avanço geral da Humanidade; impotente, porém, para regenerá-la. Enquanto o orgulho e o egoísmo o dominarem, o homem se servirá da sua inteligência e dos seus conhecimentos para satisfazer às suas paixões e aos seus interesses pessoais, razão por que os aplica em aperfeiçoar os meios de prejudicar os seus semelhantes e de os destruir.

Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, refreando as paixões más; somente esse progresso pode fazer que entre os homens reinem a concórdia, a paz, a fraternidade.(Negrito meu)

Será ele que deitará por terra as barreiras que separam os povos, que fará caírem os preconceitos de casta e se caírem os antagonismos de seitas, ensinando os homens a se considerarem irmãos que têm por dever auxiliarem-se mutuamente e não procurarem viver à custa uns dos outros.

Será ainda o progresso moral que, secundado então pelo da inteligência, confundirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e, em consequência, aceitáveis por todos. (KARDEC, *A Gênese*, cap. 18, n. 18-20) (negrito meu)

160 - QUAL A IMPORTÂNCIA DA “UNIDADE DE CRENÇA” PARA A REGENERAÇÃO DA HUMANIDADE?

A unidade de crença será o laço mais forte, o fundamento mais sólido da fraternidade universal, obstada, desde todos os tempos, pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem sejam uns, os dissidentes, vistos pelos outros, como inimigos a serem evitados, combatidos, exterminados, em vez de irmãos a serem amados.[...]

A geração que desaparece levará consigo seus erros e prejuízos; a geração que surge, retemperada em fonte mais pura, imbuída de ideias mais sãs, imprimirá ao mundo ascensional movimento, no sentido do progresso moral que assinalará a nova fase da evolução humana. (KARDEC, *A Gênese*, cap. 18, n. 18-20) (negrito meu)

Encerrando esta resposta, faço votos para que este *Catecismo Ecumênico* possa contribuir um pouco para a **UNIDADE DE CRENÇA** e, assim, acelerar a regeneração de nosso planeta Terra, onde, infelizmente, ainda existem muitas religiões exclusivistas, cada uma tendo a pretensão de ser dona exclusiva da verdade. Ora, se a verdade é uma só, como pode cada religião defender a tese de que somente sua fé é verdadeira e todas as outras fés são falsas, mentirosas? Daí a necessidade do diálogo ecumênico e inter-religioso, aberto e sincero, para se saber, à luz da fé raciocinada, o que é verdade e o que é mentira em crenças religiosas.

161 - OS DOGMAS CRISTÃOS SÃO VERDADES ABSOLUTAS?

Para os cristãos de “fé cega”, sim; não, porém, para os cristãos de “fé raciocinada”, para os quais os dogmas cristãos, bem como os de qualquer outra religião, são verdades relativas, e não absolutas. Se eles fossem verdades absolutas, ninguém os questionaria. Todos os cristãos e todos os seguidores de outras religiões concordariam com eles. O fato, porém, é que os dogmas cristãos, tradicionalmente intocáveis, estão sendo, atualmente, cada vez mais discutidos e debatidos, até mesmo por famosos teólogos católicos.

162 - QUAL A MAIOR CAUSA DE DIVISÕES ENTRE AS RELIGIÕES?

A maior causa de divisões entre as religiões, conforme já vimos, é a questão da VERDADE. Como afirma o ilustre teólogo e padre católico Hans Küng, “nenhuma questão na história das religiões tem gerado tantas disputas, tantos conflitos sangrentos e tantas guerras religiosas como a questão da verdade” (KÜNG, 2001, p. 19).

Isso ocorre porque cada religião tem certeza de estar com a “verdade” e de ser a única verdadeira, embora a verdade de uma possa contradizer a de outra. E para defender as suas verdades, as religiões se acham no direito de cometer as maiores atrocidades.

163 - MAS O QUE É A VERDADE?

A palavra “verdade” é definida nos dicionários como “conformidade a um fato ou realidade; uma declaração aceita como verdadeira”. Em outras palavras, o termo “verdade” exprime o nosso conhecimento das coisas (o nosso conhecimento da **realidade**, do **mundo**), o qual pode ser **absoluto ou relativo, verdadeiro ou falso, parcialmente verdadeiro ou parcialmente falso**.

164 - A VERDADE É UNA OU MÚTIPLA?

Objetivamente, ela é UNA; mas *subjetivamente*, ela é MÚTIPLA, por causa do nível subjetivo de seu entendimento por parte de cada indivíduo e de cada coletividade. No dizer do escritor espírita Severino Celestino da Silva,

só existe uma “verdade” no Universo, no entanto, ela ainda se encontra dividida em **“minha verdade”** e **“tua verdade”**. Consequentemente, enquanto a minha **“verdade”** diferir da tua **“verdade”**, ainda não atingimos a **“real e incontestável verdade”** que está acima de toda e qualquer divisão. (SILVA, 2000, p. 91) (negritos do autor.)

No dizer do filósofo Pietro Ubaldi, “as religiões são aproximações diferentes da Verdade que é UMA” (UBALDI, 1992, p. 30)

O termo “verdade”, como já foi dito, exprime o nosso “conhecimento” da realidade, o qual é normalmente limitado,

parcial, relativo, aproximativo, uma vez que cada um só vê e entende as coisas de acordo com o seu nível de compreensão. Mesmo em se tratando da “verdade religiosa”, nenhuma religião pode pretender já ter alcançado o seu pleno conhecimento. Só Deus conhece toda a verdade. Mas afirmar que nosso conhecimento da verdade, ou seja, da realidade, é geralmente limitado, gradual, aproximativo, relativo, dependendo do grau de evolução de cada pessoa e de cada coletividade, não significa dizer que a verdade em si mesma não seja UNA, mas MÚLTIPLA. A verdade, em seu significado objetivo, é una, mas nosso conhecimento dela, por ser normalmente aproximativo e parcial, é múltiplo, uma vez que cada pessoa (e cada coletividade) tem um grau diferente de conhecimento da mesma realidade. Esse “relativismo”, contudo, não significa “ceticismo”, nem “**ditadura do relativismo**” (como prega o Papa Bento XVI), ou seja, a impossibilidade de conhecermos a verdade (a realidade) de maneira absoluta. Nas palavras do escritor espírita João Batista Roustaing,

a verdade é relativa aos tempos e às necessidades das épocas. É una, porém mais ou menos *encoberta*, não se *desenvolvendo* aos olhares humanos senão à medida que o homem a pode suportar e compreender. Quanto mais o espírito se eleva, tanto mais se lhe *rasgam* à vista os véus da verdade (ROUSTAINING, p. 426).

Em síntese, a verdade é una, mas o seu conhecimento varia de acordo com o nível de entendimento de cada pessoa ou de cada grupo. Nesse sentido, o que é verdade para uma criança, pode não ser para um adulto; o que ontem era verdade para alguém, hoje pode ser visto como erro; e o que hoje é verdade para alguém, amanhã poderá ser visto como erro. É a lei da relatividade epistemológica: todo conhecimento é relativo ao grau de evolução de cada pessoa ou de cada grupo.

Eis aí a razão pela qual cada religião ou seita se julga possuidora única da verdade, o que se explica pelo nível de conhecimento relativo em que cada uma se encontra, fato esse que é bem retratado pela antiga parábola budista “**Os cegos e o elefante**”, segundo a qual um mesmo elefante foi observado por vários cegos de nascença, sendo que cada cego, só conseguindo

apalpar uma parte do elefante, descreveu-o de modo totalmente diferente, cada um considerando a sua descrição como a única verdadeira. O mesmo ocorre com os seguidores “cegos” (e fanáticos) das diferentes religiões, ao pretenderem ser donos exclusivos da verdade.

165 - QUE DISTINÇÃO EXISTE ENTRE “VERDADE CIENTÍFICA” E “VERDADE RELIGIOSA”?

A “verdade científica” é um juízo conformado a uma dada realidade e relativamente aceito por todos. Exemplos: “A água ferve a 100 graus centígrados”; “a Terra gira em torno do Sol”. Se negarmos essas sentenças, teremos afirmações cientificamente falsas, teremos o “erro científico” que é o oposto da “verdade científica”.

A “verdade religiosa” (ou a “verdade das religiões”), diferentemente da “verdade científica”, é um juízo que pode ou não ser conformado a uma dada realidade, ou seja, pode ou não ser “verdadeiro” e, por conseguinte, não é aceito por todos. É um ponto de vista ou uma opinião que não convence a todos, mas somente aos adeptos de determinado credo religioso. Exemplos: “O homem é salvo unicamente pela fé”; “a Bíblia é infalível (isto é, não contém erros)”.

166 - É LÍCITO AVALIAR A “VERACIDADE” OU “FALSIDADE” DE DOCTRINAS RELIGIOSAS?

Sim. Muitos estudiosos das religiões (cf. WIEBE, 1998, cap. 1) alegam que, num estudo científico das religiões, não é possível tal empreendimento e, mesmo que o fosse, não se teria o direito de abordar o problema da verdade ou falsidade de doutrinas religiosas, uma vez que a verdade religiosa, situando-se particularmente no plano do mito, não é racional nem empiricamente demonstrável (cf. ARMSTRONG, 2001).

Em outras palavras, muitos defendem a noção de que a religião não pode submeter-se a julgamentos racionais, porque ela não trata de fatos objetivos, mas de valores existenciais, pessoais, íntimos, subjetivos, internos, ocultos, esotéricos, míticos.

Existe até o *slogan* “não procurem pela verdade da religião, e sim pela verdade sobre a religião” (WIEBE, p. 9-10). Mas, nesse caso, o estudo das religiões reduzir-se-ia a mera descrição fenomenológica de suas crenças, de seus mitos, de seus rituais etc. (“a verdade sobre a religião”), sem nenhuma avaliação crítica a respeito da veracidade ou falsidade de suas proposições doutrinárias (“a verdade da religião”).

Todavia, se, por um lado, não se pode negar o aspecto *esotérico* (mítico, oculto, íntimo, místico, interior, pessoal, existencial, subjetivo etc.) das religiões, por outro lado, não se pode deixar de reconhecer que elas possuem um caráter *exotérico* (explícito, externo, histórico, público, objetivo, doutrinário etc.) pelo seu caráter social de “produto humano”.

Nesse sentido, concordo plenamente com Donald Wiebe, ao defender a tese segundo a qual é precisamente o aspecto exotérico (público, objetivo, doutrinário) das religiões que pode e deve ser estudado e avaliado criticamente pelo estudioso científico das religiões. No dizer desse mesmo autor, **“a questão relativa a se as crenças religiosas são verdadeiras ou não é de extrema importância para o estudo acadêmico ou científico da religião”** (WIEBE, p. 171) (negrito meu).

167 - QUE DISTINÇÃO EXISTE ENTRE “PLURALISMO” E “EXCLUSIVISMO” NO CONTEXTO DAS RELIGIÕES?

A perspectiva pluralista, como definida em várias respostas anteriores deste *Catecismo Ecumênico*, representa “o encerramento das hegemonias confessionais” (DER, verbete **pluralismo**), isto é, significa o fim da superioridade de uma religião sobre as demais e, por isso, representa um perigo para a fé cristã tradicional (cf. DER, *ibid.*), que sempre se considerou “superior” a todas as outras crenças religiosas deste planeta.

Pela **visão exclusivista**, cada cultura, etnia, raça, língua, religião etc. tende a proceder a uma autoavaliação como “superior” às demais. Com o advento da modernidade, essa velha postura tradicional tende a ser cada vez mais rejeitada.

168 - A ABORDAGEM PLURALISTA NÃO IMPLICA UMA CERTA FORMA DE “RELATIVISMO” E DE “CETICISMO”?

De certo “relativismo” sim, mas de “ceticismo” não. Explico. Como já argumentei em respostas anteriores deste *Catecismo Ecumênico*, nossa compreensão da “verdade”, ou melhor, da “realidade”, é normalmente relativa, pois nosso conhecimento do mundo é bastante limitado por uma série de fatores e, por isso, ninguém pode dizer que já atingiu **o pleno conhecimento da verdade**, principalmente em se tratando das verdades religiosas. Nesse sentido, o relativismo religioso tem sido defendido por todos os grandes líderes religiosos pluralistas deste planeta, como Gandhi, Ramakrishna, Bahá’u’lláh, Hick, Knitter, Panikkar e outros. Isso não significa dizer que não possamos conhecer nenhuma realidade de maneira absoluta, mas apenas reconhecer as nossas profundas limitações no conhecimento da verdade (ou melhor, da realidade). É evidente que todos nós temos sede da verdade e vivemos em função de nossas verdades, isto é, daquilo que acreditamos ser verdade, mas ninguém deve ter a falsa pretensão de já conhecer toda a verdade ou de querer impor as suas supostas verdades àqueles que pensam diferentemente.

169 - QUE DISTINÇÃO EXISTE ENTRE “DITADURA DO ABSOLUTISMO” E “DITADURA DO PLURALISMO” (OU “DITADURA DO RELATIVISMO”)?

A visão pluralista é, às vezes, acusada de combater um absolutismo em favor de outro, ou seja, de combater a “ditadura do absolutismo” em favor da “ditadura do pluralismo”. Nas palavras do teólogo presbiteriano Eduardo Rosa Pedreira,

ao exigir que o cristão abra mão de seu absolutismo, o pluralismo cria outro absoluto, o de ser plural. É nesse sentido que falamos de uma ditadura do pluralismo, na qual o plural se torna o absoluto, o dogma maior do novo mundo moderno (PEDREIRA, 1999, p. 168).

Concordo com o referido teólogo, quando ele diz que estamos diante de dois absolutismos, isto é, de duas maneiras frontalmente

opostas de ver a diversidade de religiões, mas, somente o segundo absolutismo (o “pluralista”) é compatível com o código de moral universal que une todas as crenças, enquanto o primeiro (o “exclusivista”) sempre foi um clássico aliado do preconceito, da discriminação, da intolerância, do ódio, do fanatismo, da violência e das guerras religiosas. É de paz, fraternidade e amor, porém, que o mundo está precisando. Logo, repito, a “ditadura do pluralismo”, equivocadamente rotulada pelo Papa Bento XVI de “ditadura do relativismo”, é bem-vinda, enquanto a “ditadura do exclusivismo” está sendo cada vez mais repudiada numa sociedade pluralista e globalizada como a nossa (vivemos hoje numa aldeia global – ou “vila global” – na expressão de McLuhan), que não mais admite exclusivismos, incompatíveis com a paz e a fraternidade entre todas as pessoas e entre todos os povos, independentemente de raça, cor, língua, nacionalidade ou religião.

170 - O CONCEITO DE DEUS TEM SIDO UM DOS MAIORES FATORES DE CONFLITOS E DIVISÕES ENTRE AS RELIGIÕES?

Sim. Na opinião de muitos autores, depois da categoria “verdade”, o conceito de Deus (ou da divindade) tem sido um dos maiores fatores de conflitos e divisões entre as religiões.

171 - DEUS PODE SER DEFINIDO POR NÓS?

De modo algum. É inteiramente impossível ao ser humano, no estágio atrasado atual de sua evolução, ter uma ideia perfeita da divindade e, portanto, todas as suas tentativas a esse respeito são apenas pobres aproximações com o uso de seus limitados conhecimentos e de sua limitada linguagem. No correto dizer do filósofo Pietro Ubaldi,

Deus, sendo infinito, não pode ser definido, porque definir significa limitar, delinear, em relação a certos pontos de referência. Ora, o infinito não pode ser limitado e não existem pontos de referência para o absoluto que abarca tudo (UBALDI, 1957, p. 59).

Inúteis são, portanto, as inúmeras discussões, brigas e divisões religiosas em torno da natureza de Deus, como sempre ocorreu (e

continua ocorrendo) neste planeta, particularmente na história das relações do cristianismo com as outras religiões ou filosofias.

172 - POR QUE SE DIZ QUE TODA LINGUAGEM HUMANA SOBRE DEUS É SEMPRE ANALÓGICA?

Porque, conforme já vimos na resposta da Pergunta nº 82 deste *Catecismo Ecumênico*, mas convém repetir aqui, o ser humano só pode falar sobre Deus fazendo uso dos recursos limitados que sua linguagem humana lhe oferece: figuras de linguagem, comparações, parábolas, analogias, metáforas etc.

Mais explicitamente, como já diziam os filósofos e teólogos escolásticos, particularmente Santo Tomás de Aquino (cf. HICK, 1990, p. 83-84), toda linguagem humana sobre Deus é sempre *analógica* (fundada na “analogia”), ou seja, é a expressão do desconhecido e do inexprimível em termos do conhecido. Por exemplo, quando dizemos que Deus é “nosso Pai”, não estamos afirmando que Ele é *literalmente* “nosso Pai”, mas que ele possui em altíssimo grau as qualidades positivas de um pai terreno. Por isso, é somente por linguagem analógica (metafórica, poética, alegórica, antropomórfica) que dizemos que “Deus é nosso Pai”, ou que “Deus é um ser pessoal” etc. Mas Deus não é literalmente “nosso Pai”, ou literalmente “uma pessoa”, mesmo admitindo que ele possua, em altíssimo grau, os atributos paternos e pessoais. Quando dizemos, analógica, metafórica, poética e antropomorficamente, que “Deus é Pai”, estamos querendo afirmar, com David Tracy, que Ele “é como um pai” (TRACY, 1992, p. 108) (sublinhado meu).

Todas as religiões descrevem Deus através de metáforas, alegorias e hipérboles, desde os primeiros egípcios até o catecismo moderno. As metáforas são uma forma de ajudar nossa mente a processar o improcessável. **Os problemas surgem quando começamos a tomar nossas metáforas ao pé da letra** (BROWN, 2004, p. 321) (negrito meu).

É isso mesmo. “Os problemas surgem quando começamos a tomar nossas metáforas ao pé da letra”, fazendo confusão entre sentidos figurados e sentidos literais da linguagem humana e,

consequentemente, fazendo confusão entre mito e realidade histórica.

173 - POR QUE MUITOS TEÓLOGOS FALAM DE DEUS COMO “PESSOAL”, E NÃO COMO “UMA PESSOA”?

A respeito do modo analógico e simbólico de o homem falar de Deus como “pessoal”, e não como “uma Pessoa”, o teólogo pluralista cristão John Hick nos dá o seguinte esclarecimento:

Muitos teólogos falam de Deus como “pessoal”, e não como “uma Pessoa”. Falar de Deus como “uma Pessoa” é um *antropomorfismo*, do grego *anthropos*, homem, e *morphé*, forma – “em forma de homem”. Falar de Deus como “pessoal” significa dizer que ele não é uma “Pessoa”, mas possui qualidades “pessoais” (HICK, 1990, p. 11).

174 - O CORRETO CONCEITO DE DEUS É UMA QUESTÃO IMPORTANTE PARA A EVOLUÇÃO ESPIRITUAL DA HUMANIDADE?

De modo algum. As preocupações metafísicas sobre a natureza da divindade são irrelevantes para a evolução espiritual da humanidade, pelo menos no presente estágio evolutivo atrasado em que ela se encontra, uma vez que essas preocupações só têm servido para dividir cada vez mais as religiões, quando há coisas muito mais importantes com as quais elas deveriam se preocupar, como a busca da paz, da fraternidade e do amor ao próximo. Assim, em vez de os cristãos dogmáticos se preocuparem tanto com o conceito de seu Deus Uno e Trino, causa de inúmeros conflitos entre eles e, mais ainda, entre eles e os seguidores de outras religiões, fato por demais comprovado pela história do cristianismo, eles deveriam se preocupar muito mais com a paz, a fraternidade e o amor que Jesus lhes ensinou, mas que a maioria deles ainda não pôs em prática.

175 - QUAL A ORIGEM DA PALAVRA “DEUS”?

A palavra “Deus” não nasceu de uma especulação filosófica, mas surgiu analógica e metaforicamente, uma vez que o termo

“Deus”, conforme esclarece o teólogo católico Aldo Natale Terrin, é de origem indo-européia, derivado da raiz sânscrita *div-*, que significa *luz, esplendor, dia* (cf. TERRIN, 2003, p. 91). Como já vimos, o termo “LUZ” é uma das metáforas básicas do judaísmo e do cristianismo para conceituar a natureza de Deus.

176 - QUE DISTINÇÃO EXISTE ENTRE *POLITEÍSMO* E *MONOTEÍSMO*?

O **politeísmo** (do grego *polýs*, ‘muitos’, e *theós*, ‘deus’) é a crença em muitos deuses, comum a todas as civilizações antigas (por ex., Índia, Egito, Grécia e Roma). O **monoteísmo** (do grego *mónos*, ‘único’, e *theós*, ‘deus’) é a crença em um só Deus (por ex., Javé, o Deus dos judeus e Alá, o Deus dos muçulmanos).

177 - A PRETENSÃO DAS RELIGIÕES MONOTEÍSTAS DE SEREM SUPERIORES ÀS RELIGIÕES POLITEÍSTAS É CORRETA?

Na minha visão, não, pois defendo a ideia de que a verdadeira religião não consiste essencialmente na crença em um só Deus (monoteísmo) ou em muitas divindades (politeísmo), mas em se viver o amor. Logo, nessa perspectiva pluralista, tanto as crenças monoteístas como as politeístas têm, para mim (e para muitos outros autores), o mesmo valor. Aliás, é melhor ser politeísta e viver o amor do que ser monoteísta e alimentar preconceitos contra aqueles que adoram muitas divindades.

178 - O QUE É O *PANTEÍSMO*?

O **panteísmo** (do grego *pan-*, ‘tudo’ e *theós*, ‘deus’) é a doutrina segundo a qual Deus é a única realidade, *imanente* em tudo o que existe (tudo é Deus e Deus é tudo). O panteísmo nega, portanto, a *transcendência* de Deus e, logo, a sua dimensão *pessoal*. Para o panteísmo, Deus é totalmente *impessoal*.

Discordo do panteísmo, porque, para mim, Deus é *imanente* e *transcendente*. Como imanente, Ele é *impessoal*, mas, como transcendente, Ele é *pessoal*, não no sentido de que Ele seja uma *PESSOA*, mas no sentido de que Ele possui *aspectos pessoais* e *impessoais*.

179 - O QUE É O **DUALISMO**?

O **dualismo** (de dual + -ismo) é a teoria segundo a qual tudo o que existe se baseia em dois princípios opostos (separados um do outro), como: espírito/matéria, corpo/alma, bem/mal, dia/noite, Criador/criatura etc. Para o dualismo, em oposição ao panteísmo, Deus é *transcendente* à natureza. Logo, para o dualismo, Deus é totalmente pessoal (uma *pessoa*, um indivíduo). Também não posso concordar com este dualismo, pois, para mim, como afirmei na resposta da pergunta anterior, Deus é *imanente e transcendente, pessoal e impessoal*.

180 - O QUE É O **MONISMO**?

O **monismo** (de *monos* = *um só, único*) é a doutrina que afirma a existência de um princípio único no universo. Opõe-se tanto ao panteísmo quanto ao dualismo. Segundo o escritor Huberto Rohden, o monismo está

equidistante do **dualismo** da teologia ocidental e do **panteísmo** de certas filosofias orientais. [Para o monismo], todos os mundos estão em Deus, e Deus está neles; mas o mundo não é idêntico a Deus nem está separado de Deus (ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 63, nota 41) (negrito do autor).

Em outras palavras, para esse tipo de monismo, chamado de **monismo cósmico**, oriundo da filosofia hindu, descrito no livro *Bhagavad Gita*, “o mundo causado é a **existência**, mas não a **essência** causante de Brahman” (ibid., p. 90, nota 63) (negrito do autor). Ou seja, como **existência**, Deus é **imanente** em tudo, mas, como **essência** Ele é **transcendente** a todas as coisas. Eis como Huberto Rohden explica o termo “cosmos”, do qual se deriva o adjetivo “cósmico”:

Quando dizemos “cosmos”, não nos referimos ao mundo material, mas à **alma do Universo, que as religiões chamam Brahman, Tao, Yahveh, Deus**. O grande filósofo monista Spinoza escreveu: “**Deus é a alma do Universo e o Universo é o corpo de Deus**” (ROHDEN, *Rumo à Consciência Cósmica*, p. 44) (negrito meu).

181 - O QUE É O *MONISMO DUALISTA*?

O **monismo dualista** (ou **dualismo monista**) é a doutrina do filósofo italiano Pietro Ubaldi, que procura conciliar o *dualismo* com o *monismo*, argumentando, corretamente, que OS OPOSTOS SÃO PARTES COMPLEMENTARES DA MESMA UNIDADE: **“A unidade é um par. O universo é monismo em seu conjunto, dualismo no particular”** (UBALDI, 1992, p. 126) (negrito meu).

Com este monismo, Ubaldi foi tachado de *panteísta*. Em seu livro *Deus e Universo* (UBALDI, 1987, p. 211), ele afirma que o seu monismo foi erroneamente confundido com o panteísmo (doutrina que só vê o aspecto *imanente* da divindade). Nessa mesma obra (p. 208), ele defende a ideia de que, no seu monismo dualista, contudo, Deus é ao mesmo tempo *transcendente* e *imanente* à natureza, sendo, respectivamente, *pessoal* e *impessoal* (ou seja, como **transcendente**, Deus é *pessoal*, mas, como **imanente**, Ele é *impessoal*). É esse conceito monista-dualista da divindade, o qual admite um Deus *imanente/impessoal* e *transcendente/pessoal*, que venho adotando em minhas obras ecumênicas.

Como Spinoza, Ubaldi igualmente concebe Deus (em seu aspecto imanente) como a Alma do Universo, ou seja, como aquele princípio consciente que dá vida ao universo (cf. UBALDI, 1987, p. 205-206).

182 - O QUE É O *DITEÍSMO*?

O **diteísmo** é a doutrina que admite *dupla divindade*. Em outras palavras, é uma forma radical de dualismo que admite *dois deuses* ou *dois princípios eternos*: o deus do bem e o deus do mal. O diteísmo foi adotado por várias religiões antigas, entre elas o *maniqueísmo* e o *zoroastrismo*.

183 - O QUE É O *DEÍSMO*?

O **deísmo** “é o sistema ou atitude dos que, rejeitando toda espécie de revelação divina, e portanto a autoridade de qualquer Igreja, aceitam, todavia, a existência de um Deus, destituído de

atributos morais e intelectuais, e que poderá ou não haver influído na criação do Universo” (AURÉLIO, verbete **deísmo**).

184 - O QUE É O TEÍSMO?

O **teísmo** “é a doutrina que admite a existência de um deus pessoal, causa do mundo” (AURÉLIO, verbete **teísmo**).

185 - O QUE É O ATEÍSMO?

O **ateísmo** é a doutrina oposta ao **teísmo**, ou seja, é a negação da divindade.

186 - O QUE É O HENOTEÍSMO?

O **henoteísmo** é a crença em um Deus enquanto se admite o poder de outros deuses: “Com frequência, o monoteísmo tomou a forma de elevação de um Deus acima de todos os outros, mas não os excluindo” (WOODWARD, 2000, p. 33), como ocorreu no judaísmo antigo.

187 - O QUE É A TRINDADE?

A **trindade** é a crença numa tríplice divindade. Para o cristianismo dogmático, a **Trindade** é o dogma que proclama a união de três pessoas distintas – Pai, Filho e Espírito Santo – formando um só Deus. Sua explicitação categorial deu margem a longas e árduas discussões na Igreja primitiva. Essa concepção mítica do Deus uno e trino dos cristãos dogmáticos sempre foi (e continua sendo) uma das principais causas de numerosos conflitos ideológicos sobretudo entre cristãos e não cristãos.

188 - O QUE É O UNITARISMO?

O **unitarismo** é a concepção oposta à tese trinitária cristã, sustentando que em Deus há uma só pessoa. Essa concepção unitarista da divindade deu origem a uma “seita protestante do século XVI, que negava o dogma da trindade cristã, reconhecendo em Deus uma só pessoa” (AURÉLIO, verbete unitarismo). Segundo os autores do DER (verbetes unitarismo), “com a reação católica,

muitos [unitaristas] foram condenados à morte [...]”. Contudo, ainda segundo os mesmos autores (ibid.), no século XIX, o movimento cresceu enormemente. Modernamente, os unitários pregam uma vivência espiritual, semelhante à que Jesus ensinou, resumida nos seus dois mandamentos: amor a Deus e ao próximo. Não é isso o que realmente importa para a evolução espiritual do ser humano?

189 - QUANTOS CRISTOS EXISTEM NA LITERATURA RELIGIOSA?

Em minhas obras ecumênicas, esclareço que há, pelo menos, quatro Cristos na literatura religiosa (três míticos e um histórico): 1) **CRISTO CÓSMICO (um ser totalmente divino)**; 2) **CRISTO PLANETÁRIO (um ser totalmente divino)**; 3) **CRISTO DA FÉ (um ser divino e humano)** e 4) **CRISTO (OU JESUS) HISTÓRICO (um ser totalmente humano)**. Vejamos (nas respostas das próximas quatro perguntas) uma breve conceituação de cada um desses quatro Cristos.

190 - QUEM É O *CRISTO CÓSMICO*?

No Movimento Nova Era (e também no esoterismo, no ocultismo e até mesmo na opinião de vários pensadores cristãos), existe o chamado “Cristo cósmico” ou “Cristo Universal”, distinto do “Cristo histórico” (ou “Jesus histórico”). O “Jesus histórico” seria uma dentre as muitas manifestações do “Cristo cósmico” ou “Cristo Universal”.

O “Cristo cósmico” (ou “Cristo Universal”) é concebido, pelo famoso padre jesuíta francês Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955), como “o centro orgânico de todo o universo” (apud KING, 2002, p. 120).

Segundo o Movimento Nova Era, na linha de muitas religiões e/ou filosofias orientais, o **Cristo cósmico** é conceituado nos seguintes termos:

Entidade ou ser espiritual que os aderentes do movimento [Nova Era] acreditam que habitou em Jesus desde o seu batismo até sua crucificação. Os adeptos da Nova Era frequentemente falam de Cristo como um ser “divino”, mas

se referem ao Cristo cósmico, e não a Jesus de Nazaré (DRCO, verbete **Cristo cósmico**).

Conforme esclarece Ursula King, a ideia de um “Cristo cósmico” não é nova, porquanto, de um modo ou de outro, ela está presente já no Novo Testamento, particularmente no prólogo do Evangelho de João (João 1, 1-18) e nas epístolas de Paulo, sobretudo na carta aos Colossenses (cf. Colossenses 1, 13-20), bem como na teologia de alguns Pais da Igreja, como em Orígenes.

Segundo o Evangelho de João, o Cristo cósmico é o **Logos (Verbo)** que, no princípio, estava com Deus e pelo qual foram feitas todas as coisas. Para o apóstolo Paulo (cf. Colossenses 1, 15-20), o Cristo cósmico é o “primogênito de toda criatura”, tanto do mundo visível como invisível, anterior aos homens e aos anjos, porque por ele e para ele foram feitas todas as coisas.

O ex-padre jesuíta Huberto Rohden, em seu livro *Rumo à Consciência Cósmica* (s.d., p. 27-28), também distingue o *Cristo cósmico* do *Jesus histórico* ou *Cristo histórico*. Segundo esse mesmo autor (ibid.), o “Cristo cósmico” pode ser também designado pelas seguintes expressões: o “Eu divino em cada um de nós”, o nosso “Cristo Interno”, o “Pai em nós” e o “Reino de Deus no homem”.

Enquanto os seguidores da distinção entre o **Cristo cósmico** e o **Cristo histórico** (ou **Jesus histórico**) defendem, pluralisticamente, que o **Cristo cósmico** estaria presente não só no cristianismo, mas em todas as religiões do mundo, a grande maioria dos cristãos rejeita essa tese pluralista, confessando que não há distinção entre o **Cristo cósmico** e o **Cristo histórico** (ou **Jesus histórico**), argumentando que essa distinção constitui uma séria ameaça para a fé cristã tradicional (cf. AQUINO, 2002, p. 39).

191 - QUEM É O *CRISTO PLANETÁRIO*?

Há também alguns espiritualistas (por ex., RAMATIS, 2001, p. 77ss) que distinguem o chamado “Cristo planetário” (o “Logos” ou “Cristo do planeta Terra”) do “Jesus histórico” ou “Cristo histórico”), afirmando que o “Jesus histórico” é uma entidade *angélica*, enquanto o “Cristo planetário” é uma entidade *arcangélica*.

Em seu livro *O Evangelho à Luz do Cosmo*, Ramatis deixa bem claro que o *Jesus histórico* não é o *Cristo planetário* ou Deus:

Já é tempo de a humanidade entender que Jesus de Nazaré não é especificamente o Cristo [planetário], ou Deus, mas o sublime médium, o mais qualificado representante da Divindade na face da Terra, a fim de transmitir a mensagem libertadora do Evangelho! (RAMATIS, 1996a, p. 161-162).

Ramatis elucida ainda que o **Cristo planetário governa dentro da Lei do Amor Universal** (chamado também de “**Amor Crístico**”):

Cada orbe ou planeta possui o seu Cristo Planetário, que é a fonte do Amor Ilimitado, a vitalidade, o sustento das almas encarnadas ou desencarnadas num determinado ciclo de evolução e angelitude! [...] **O homem crístico não se vincula com exclusividade a qualquer religião ou doutrina espiritualista; [...] pois é o adepto incondicional de uma só doutrina ou religião – o Amor Universal!** [...] É avesso aos rótulos do mundo, alérgico às determinações separatistas e **para ele só existe uma religião latente na alma – o Amor!** (RAMATIS, 1996b, p. 280) (negrito meu).

Não foi exatamente essa **Religião do Amor Universal** que o Cristo (ou Jesus) histórico tanto pregou aos seus discípulos? Nesse sentido, devemos concordar inteiramente com essa dimensão pluralista do “Cristo planetário”, acrescentando apenas a ideia de que, enquanto essa **Verdadeira Religião do Amor Universal (ou Crístico)** não for vivida na Terra, continuarão a existir os conflitos, as divisões, as guerras religiosas, as discriminações e os preconceitos de toda ordem.

192 - QUEM É O CRISTO DA FÉ?

O “Cristo da fé” (também chamado de “Cristo confessional”, “Jesus canônico” e “Jesus ou Cristo mítico”) é uma figura celeste/mítica, o Filho Unigênito de Deus, ou melhor, o próprio Deus encarnado no ventre de Maria, por obra e graça do Espírito Santo, o único mediador entre Deus e os homens, o único salvador da

humanidade pecadora (mediante sua morte e ressurreição), o fundador de uma nova e verdadeira religião – o “cristianismo dos cristãos” – e o fundador (segundo alegam os católicos) da única e verdadeira igreja (a Igreja Católica).

193 - QUEM É O CRISTO (OU JESUS) HISTÓRICO?

A partir do final do século XVIII, com o surgimento dos estudos histórico-críticos dos evangelhos, tornou-se comum fazer uma distinção muito constrangedora para a maioria dos cristãos entre o **Cristo da fé** e o **Jesus (ou Cristo) histórico**. Os próprios cristãos pesquisadores, particularmente os protestantes liberais, começaram a postular, ao longo dos seus estudos, que se trata de dois personagens distintos. O primeiro é uma figura celeste a quem se atribui um papel mítico, sendo o próprio Deus que se encarnou miraculosamente no ventre de Maria, para salvar a humanidade, que fundou uma nova religião e uma igreja exclusivistas, enquanto o segundo é um personagem histórico, real, um profeta (um sábio), que nunca atribuiu a si mesmo os títulos míticos e exclusivistas de único Deus encarnado ou de único salvador da humanidade, mas que veio ensinar ao homem uma forma de vida capaz de o libertar do mal e conquistar o Reino de Deus, **mediante a vivência de um código de leis morais universais**.

Diante de tantas concepções contraditórias acerca da pessoa de Jesus, quero reafirmar que, dentre os vários “Cristos” que acabei de conceituar (*Cristo cósmico, Cristo planetário, Cristo da fé e Cristo histórico*), defendo a tese neste *Catecismo Ecumênico* de que o **Cristo (ou Jesus) histórico (uma pessoa totalmente humana)** é, na minha opinião, o **Jesus real – o Verdadeiro Jesus de Nazaré** – um dentre os muitos mensageiros de Deus, enviado à Terra para pregar um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor, a única forma de religiosidade capaz de unir todas as pessoas e todas as crenças, e cuja prática é realmente indispensável para a evolução espiritual da humanidade. Somente a prática do amor-caridade, repito, nos fará evoluir espiritualmente.

194 - O CREDO APOSTÓLICO REFERE-SE AO “JESUS HISTÓRICO” OU “AO CRISTO DA FÉ”?

Antes de responder a esta pergunta, leiamos o **Credo Apostólico** (a profissão de fé mais antiga que sintetiza os principais dogmas ou mitos cristãos):

CREDO APOSTÓLICO

CREIO EM DEUS PAI,
TODO-PODEROSO,
CRIADOR DO CÉU E DA TERRA,
E EM JESUS CRISTO,
SEU ÚNICO FILHO,
NOSSO SENHOR;
QUE FOI CONCEBIDO PELO PODER DO ESPÍRITO SANTO;
NASCEU DA VIRGEM MARIA;
PADECEU SOB PÔNCIO PILATOS;
FOI CRUCIFICADO,
MORTO E SEPULTADO;
DESCEU À MANSÃO DOS MORTOS;
RESSUSCITOU AO TERCEIRO DIA;
SUBIU AOS CÉUS;
ESTÁ SENTADO À DIREITA DE DEUS PAI,
TODO-PODEROSO,
DE ONDE HÁ DE VIR A JULGAR OS VIVOS E OS MORTOS.
CREIO NO ESPÍRITO SANTO,
NA SANTA IGREJA CATÓLICA,
NA COMUNHÃO DOS SANTOS,
NA REMISSÃO DOS PECADOS,
NA RESSURREIÇÃO DA CARNE,
NA VIDA ETERNA.
AMÉM.

(Extraído de TABOR, 2006, p. 336.)

Pela leitura desse **Credo Apostólico**, derivado da visão paulina, já podemos responder ao leitor deste *Catecismo Ecumênico* que ele se refere quase todo ao “Cristo da fé” (também chamado de “Cristo confessional”, “Jesus canônico”, “Jesus celeste”, “Jesus mítico”, “nascido de uma virgem por obra e graça do Espírito

Santo”, “uma pessoa totalmente divina”), e não ao “Jesus histórico” (o “Jesus real”, o “verdadeiro Jesus de Nazaré”, “nascido de um parto normal como qualquer um de nós”, “uma pessoa inteiramente humana”).

Mais explicitamente, no dizer dos pesquisadores do Seminário de Jesus,

o personagem deste Credo é uma figura celeste ou mítica, cuja ligação com o sábio de Nazaré limita-se ao seu sofrimento e morte sob Pôncio Pilatos. Nada entre o seu nascimento e sua morte parece ser essencial à sua missão ou à fé da Igreja. Assim, os evangelhos podem ser compreendidos como correções deste desequilíbrio de fé, que foi indubitavelmente derivado da visão adotada pelo apóstolo Paulo, que não conheceu o Jesus histórico. Para Paulo, Cristo devia ser entendido como um Senhor [concebido do Espírito Santo, nascido de Maria virgem], morto e ressuscitado, simbolizado no batismo (enterrado com ele, ressuscitado com ele), do tipo que ele conhecia das religiões de mistério do mundo greco-romano. **No esquema teológico de Paulo, o Homem Jesus não exerceu nenhum papel essencial.** (FUNK, Robert W.; HOOVER, Roy W., and THE JESUS SEMINAR, p. 7.)

Na minha opinião (e na de outros autores), esse Credo Apostólico é uma prova incontestável da distinção, feita particularmente a partir do século 18, entre **o Jesus histórico e o mítico**, ou seja, entre o “Jesus da História” (**um personagem real, uma pessoa inteiramente humana**) e o “Cristo da fé” (**um personagem celeste, uma pessoa totalmente divina**).

Essa distinção entre **o Jesus histórico e o Cristo da fé** sempre foi (e continua sendo) a principal causa de conflitos e divisões entre os próprios cristãos e, mais ainda, entre cristãos e não cristãos.

Até quando os cristãos vão continuar com esses conflitos e divisões a respeito da **verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus**? Como venho dizendo e repetindo neste *Catecismo Ecumênico*, só Deus sabe!

195 - DEUS ESTÁ PREOCUPADO COMO NÓS O CONCEBEMOS?

De modo algum. Nesse sentido, quero fazer minhas as palavras de dois grandes espiritualistas orientais (**Râmakrishna** e **Ramacháraka**), em que eles ressaltam a multiplicidade de aspectos da divindade ou ao fato de que Deus não está preocupado como nós o concebemos ou o adoramos. Ele quer, sim, que levemos uma vida honesta e sincera.

Palavras de Râmakrishna (apud ABHEDÂNANDA, 1995, p. 20):

Deus é um, porém tem muitos aspectos e o mesmo Uno é adorado pelas diferentes nações sob vários nomes e formas; **Ele é pessoal, impessoal e mais além de ambos; Ele é com nome e forma e, todavia, inominado e sem forma** (negrito meu).

Palavras de Ramacháraka (1998, p. 81):

Os homens fizeram um deus de quase tudo no mundo material e caíram de joelhos perante sua própria criação, para adorá-lo. Por quê? Por causa do seu limitado poder de interpretação. Quando, porém, adoravam um pau, uma pedra, uma imagem, uma estátua ou as divindades antropomórficas [ou seja, deuses em formas humanas], adoravam inconscientemente, e, na realidade, aquele Algo que era a causa da intuição religiosa em sua alma. E, como diz acertadamente um dos Vedas hindus, **o Altíssimo aceita toda essa adoração, quando se Lhe tributa com intenções honestas**. “A verdade é uma só, embora os homens lhe deem muitos nomes”, diz o velho e sábio iogue da antiguidade (negrito meu).

Aproveito a frase que grifei nessa citação de Ramacháraka, para reafirmar aos cristãos dogmáticos, os quais veem Jesus Cristo e o adoram (honestamente e sinceramente) como uma divindade, que Deus aceita toda essa concepção cristã da natureza de Cristo (mesmo que seja mítica e literalmente errônea), bem como a adoração que os cristãos (honestamente e sinceramente) fazem a ele, contanto que eles não se julguem superiores aos seguidores das

religiões que não veem Jesus (nem o adoram) miticamente como uma divindade.

196 - QUAIS SÃO AS IMPLICAÇÕES ECUMÊNICAS E MACROECUMÊNICAS DA PLURALIDADE DE CONCEITOS SOBRE A DIVINDADE?

A pluralidade de conceitos sobre Deus cria inegavelmente uma série de conflitos entre as religiões ou entre facções de uma mesma tradição religiosa, com a conseqüente excomunhão daqueles que não aderem ao conceito da divindade conforme o pensamento do poder religioso dominante.

Assim, por causa do conceito **monista cósmico** da divindade, Spinoza, tachado de “panteísta”, foi excomungado por sua religião (o judaísmo), apesar de ter sido um homem sábio e bom, e todos os seus discípulos sempre foram igualmente tachados de **panteístas** ou mesmo de **ateístas**. Einstein, outro grande homem que só fez o bem à humanidade, por ter aderido ao monismo cósmico de Spinoza, foi também discriminado e classificado por muitos cristãos como “ateu”. Pietro Ubaldi, considerado um grande precursor e apóstolo da Nova Era da Civilização do Amor, por ter defendido o “monismo dualista”, foi igualmente discriminado e sua maior obra, *A Grande Síntese*, foi condenada pelo Vaticano e colocada no *Index Librorum Prohibitorum* (‘relação dos livros de leitura proibida para os católicos’). Muitas religiões, seitas e filosofias, sobretudo as que foram buscar inspiração nas religiões e filosofias orientais, são igualmente acusadas pelos cristãos dogmáticos de serem “panteístas” e “reencarnacionistas”. Logo, não “servem”, de acordo com a visão estreita da maioria dos religiosos dogmáticos.

197 - A IGREJA CATÓLICA É A DONA DA VERDADE RELIGIOSA?

De modo algum. Desde o século IV, a Igreja Católica considera-se a dona absoluta e exclusiva da verdade religiosa. Para ela, todas as outras religiões são falsas, mentirosas.

Na terceira encíclica do Papa Bento XVI (publicada no dia 7 de julho de 2009), intitulada *Caritas in Veritate* (**A CARIDADE NA**

VERDADE) (disponível na Internet), Bento XVI continua defendendo a tese exclusivista e fundamentalista, segundo a qual a Igreja Católica é a única portadora da verdade religiosa e, logo, **FORA DA VERDADE DA IGREJA CATÓLICA NÃO HÁ CARIDADE, NEM SALVAÇÃO!** A caridade, nas palavras de Bento XVI, “há de ser compreendida e praticada sob a luz da verdade [obviamente da verdade católica]” (*A Caridade na Verdade*, n. 2). “Só na verdade é que a caridade refulge e pode ser autenticamente vivida” (*A Caridade na Verdade*, n. 3). Em outros termos, para o Papa Bento XVI, **NÃO EXISTE CARIDADE (NEM SALVAÇÃO) FORA DA VERDADE ENSINADA PELA IGREJA CATÓLICA.** Ele inicia sua encíclica com esta declaração exclusivista:

A caridade na verdade, que Jesus Cristo testemunhou com sua vida terrena e sobretudo com a sua morte e ressurreição, é a força propulsora principal para o verdadeiro desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade inteira. (*A Caridade na Verdade*, parágrafo 1) (negrito meu)

Esta declaração de Bento XVI é exclusivista, e não pluralista, pelo fato de ele declarar explicitamente que **a caridade, baseada sobretudo na verdade cristã da morte e ressurreição de Jesus Cristo, “é a força propulsora principal para o verdadeiro desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade inteira”** (negrito meu).

Por conseguinte, de acordo com essa crença cristã exclusivista e fundamentalista, quem não adere à verdade cristã da salvação pela fé em Cristo morto e ressuscitado, não pode viver a caridade e nem salvar-se, ou seja, não pode libertar-se e evoluir espiritualmente. Isso é verdade ou mentira? Claro que é, segundo a fé raciocinada, uma grande mentira.

Essa velha doutrina exclusivista do catolicismo, apoiada em várias passagens bíblicas (por ex., Atos 4,12; 1Timóteo 2,4-6, 1Timóteo 3,15), está também expressa em muitos documentos do Vaticano, principalmente, como já vimos, na Declaração *Dominus Iesus*, do ano 2000, de autoria de Joseph Ratzinger (hoje o Papa Bento XVI), em que ele reafirma que **só a Igreja Católica possui a plenitude da verdade.**

A tese exclusivista da salvação somente pelo conhecimento da verdade católica é também claramente expressa na seguinte passagem do *Catecismo da Igreja Católica*:

Deus quer a salvação de todos pelo conhecimento da verdade. A salvação está na verdade. Os que obedecem à moção do Espírito de verdade já estão no caminho da salvação; mas a Igreja, a quem esta verdade foi confiada, deve ir ao encontro de seu anseio, levando-lhes a mesma verdade.(*Catecismo da Igreja Católica*, parágrafo 851) (negrito meu)

Que tese absurda! Jesus, no Sermão da Montanha, o cerne de sua doutrina autêntica, não ensina que é preciso aderir às verdades de determinada religião para “salvar-se”, ou seja, para alcançar o Reino de Deus. Ele ensinou, conforme já vimos neste *Catecismo Ecumênico*, que

os bem-aventurados, os cidadãos do reino dos céus, são os “pobres pelo espírito”, são os “puros de coração”, são os “mansos”, os que “sofrem perseguição por causa da justiça”, são os “pacificadores”, são os “misericordiosos” e “os que choram”, são os que “amam aos que os odeiam” e “fazem bem aos que lhe fazem mal” (ROHDEN, 2007, p. 16).

Para o Papa Bento XVI, porém, que tem um terrível medo do “pluralismo religioso”, rotulado por ele mesmo de a “ditadura do relativismo”, não existe equivalência funcional das religiões, continuando a defender a velha tese exclusivista e fundamentalista, de suposta autoria de Paulo de Tarso, segundo a qual “a Igreja é a coluna e o fundamento da verdade” (1Timóteo 3,15). Logo, **FORA DA VERDADE (DA IGREJA CATÓLICA) NÃO HÁ CARIDADE NEM SALVAÇÃO**, tese essa totalmente inconciliável com os ensinamentos pluralistas do verdadeiro Jesus de Nazaré.

Se a Igreja Católica é a única portadora da verdade religiosa, todas as outras religiões deste planeta estão totalmente erradas. Argumento, em minhas obras ecumênicas, que essa doutrina básica do catolicismo é inteiramente falsa.

Como todos os meus leitores já sabem, mas não me cansarei de repetir, emprego o termo “amor” no sentido de “caridade”, ou seja, o ato de ajudar uma pessoa em estado de necessidade, sem esperar nenhum tipo de recompensa. Para praticar esse tipo de amor (o amor-caridade), não precisamos aderir a nenhum credo religioso ou filosófico. Existem muitos ateus que praticam mais amor-caridade do que muitos que se dizem seguidores de determinada religião ou filosofia. Para mim, como já disse inúmeras vezes, a verdadeira religião, ou melhor a verdadeira religiosidade (ou espiritualidade) não consiste em se aderir a crenças, a dogmas ou a mitos de Religião A ou B, mas em vivenciar o amor-caridade, pois, como bem expressa o espiritismo, **FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO!** A Doutrina Espírita não ensina que **FORA DO ESPIRITISMO NÃO HÁ SALVAÇÃO**, ou seja, que **FORA DA VERDADE ESPÍRITA NÃO HÁ SALVAÇÃO**, mas que **FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO**, ou melhor, **LIBERTAÇÃO** ou **EVOLUÇÃO ESPIRITUAL**.

Devemos discordar, portanto, de todas as religiões e/ou filosofias que põem suas verdades acima da caridade, como vem fazendo a Igreja Católica há dois mil anos. O amor-caridade (que nos une) deve estar acima das crenças (que nos dividem). Insisto nesse tema maior de minhas obras ecumênicas, por acreditar que somente o amor-caridade será capaz de unir a humanidade, atualmente tão dividida por milhares de crenças religiosas exclusivistas.

Infelizmente, muitos “religiosos” de nosso planeta ainda põem suas crenças (suas “verdades”, seus dogmas, seus mitos, sua religião) acima do amor-caridade, chegando mesmo a matar o próximo em nome de sua fé, de sua verdade religiosa, como sempre ocorreu no mundo das religiões, particularmente no cristianismo dogmático e mítico, fundado por Paulo de Tarso, o qual criou **a doutrina mítica da salvação exclusivamente pela fé** (*sola fides*), ou seja, pela “fé cega” no Cristo morto e ressuscitado, em contradição com sua própria afirmação, em sua Primeira Epístola aos Coríntios (cap. 13), de que **o amor é maior do que a fé**.

Conforme já sabemos, a verdade central da Igreja Católica, bem como das igrejas protestantes, consiste na crença de que Jesus é literalmente Deus encarnado, o único Salvador da humanidade, mediante seu sangue derramado na cruz. Quem não crê nessas verdades (ou melhor, conforme meu atual ponto de vista, nessas mentiras cristãs), está condenado ao inferno eterno.

Para defender suas verdades exclusivistas e fundamentalistas, o catolicismo passou a ser, desde o século IV, como já disse, a religião mais cruel, dominadora e intransigente dentre todas as religiões deste planeta. Quem, durante os 600 anos de sua “Santa Inquisição” (também denominada de “Tribunal do Santo Ofício”), não acreditava nas verdades católicas era queimado vivo na fogueira. Segundo vários pesquisadores, a Inquisição católica foi responsável pelo extermínio de muita gente ao longo de seus 600 anos (1226-1826). Alguns estudiosos do cristianismo falam que a Inquisição católica foi responsável pela morte de mais de um milhão de pessoas:

As inquisições católicas, em seu todo, mataram centenas de milhares de católicos dissidentes, hereges e supostos bruxos (**alguns estudiosos falam em mais de um milhão**). Começando na França, no século XIII, as inquisições eram uma rede de tribunais autorizados pelos papas para investigar os acusados de heresia. [...] Os inquisidores eram padres que não tinham escrúpulos de usar tortura para arrancar confissões. A violência e as execuções só chegaram ao fim quando a última vítima foi enforcada em Valência, em 1826 (CORNWELL, 2002, p. 213) (negrito meu).

Convém esclarecer que o Tribunal do Santo Ofício continua vivo na Igreja Católica, com o nome oficial de “Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé”, instituição que continua a perseguir os dissidentes do catolicismo, não mais de formas violentas e sangrentas, como na época da velha Inquisição, mas com outras formas de violência, como excomunhões dos dissidentes da Igreja Católica, queima de seus livros, proibições de eles lecionarrem em instituições católicas, discriminação contra os milhares de padres casados etc.

Em outros termos, padres, teólogos e/ou escritores católicos contemporâneos que questionam qualquer dogma ou norma moral do catolicismo sofrem os efeitos punitivos do ex-Santo Ofício (Congregação para a Doutrina da Fé). Assim, por exemplo, o padre jesuíta indiano Anthony de Mello, falecido em 1987, autor de vários livros traduzidos em muitos países do mundo, teve seus livros condenados pelo ex-Santo Ofício por defender a ideia pluralista de que Jesus foi um mestre ecumênico junto com outros, que ele não era literalmente Deus encarnado nem Filho de Deus no sentido natural do termo.

Em 1990, o Vaticano retirou a licença do Padre Charles Curran, um teólogo da Universidade Católica em Washington, capital dos Estados Unidos, porque ele, por cerca de vinte anos vinha criticando a encíclica papal *Humanae Vitae* (doutrina de Paulo VI sobre controle de natalidade) (cf. CORNWELL, p. 209).

Em 1994, o Vaticano mandou queimar todos os exemplares do livro da escritora inglesa e teóloga católica Irmã Lavinia Byrne, intitulado *Woman at the Altar* [Mulher no Altar], livro que defendia a possibilidade da ordenação de mulheres e também declarava que a anticoncepção era um passo importante na libertação feminina no século XX (cf. CORNWELL, p. 203).

Em 1997, o Padre Tissa Balasuriya, de 72 anos, do Sri Lanka, foi excomungado pelo Vaticano, por ter sido considerado herético, uma vez que ele dizia em seus livros que a divindade de Cristo e a inspiração da Bíblia só se encontram na doutrina da Igreja, “não vêm necessariamente direto de Jesus”, ou seja, do Jesus histórico (cf. CORNWELL, p. 227). Ele também manifesta dúvidas sobre a virgindade de Maria: “Devido ao desejo de afirmar certa perspectiva de santidade, houve uma tendência a atribuir virgindade perfeita e perpétua a Maria, mesmo quando a própria prova bíblica é de importância duvidosa” (CORNWELL, ibid.). Ele julga o pecado original aberto a questionamento, “como proposto na teologia tradicional” (ibid.), e duvida se “o batismo era essencial para a salvação e a vida espiritual” (ibid.). Além disso, afirma que a doutrina tradicional do pecado original é um entrave para os povos da Ásia: “Em nossos países, essa ideia de que os seres humanos nascem alienados do criador pareceria um conceito abominável do divino.

“Acreditar que gerações inteiras de continentes inteiros viveram e morreram com menos possibilidades de salvação é repugnante à ideia de um Deus justo e amoroso” (ibid.). Ele também negava todos os dogmas marianos (ibid.).

Em 1978, o teólogo holandês Edward Schillebeeckx foi humilhado e interrogado em Roma por ousar enfatizar a humanidade de Cristo numa obra erudita. No mesmo ano, Hans Küng [famoso escritor e padre suíço] foi proibido de chamar-se teólogo católico, porque levantara questões sobre o escopo da infalibilidade papal. Em 1984, Frei Leonardo Boff, um expoente da teologia da libertação no Brasil, foi punido e depois deixou o sacerdócio. [...]

Em julho de 1998, outro destacado padre católico sofreu interdição do Vaticano. O Padre Paul Collins é um conhecido escritor e homem de rádio e televisão australiano. Seu livro *Papal Power* [Poder do Papa], publicado em 1997, contestava a atual ideologia de autoridade papal como não histórica (CONRWELL, p. 217; 220).

O Cardeal Joseph Ratzinger (hoje o Papa Bento XVI), em sua última homilia como cardeal, no dia 18 de abril de 2005, poucas horas antes que se iniciasse o conclave que o elegeu Papa, fez o seguinte comentário sobre as correntes ideológicas que mais ameaçam a fé católica na presente década, dando destaque especial ao que ele chama de “ditadura do relativismo”, que é, segundo ele, a maior ameaça atual às verdades da fé católica:

Quantos ventos de doutrina, conhecemos nestas últimas décadas, quantas correntes ideológicas, quantos modos de pensar... A pequena barca do pensamento de muitos cristãos foi agitada, não raramente, por estas ondas – jogada de um extremo a outro: do marxismo ao liberalismo, até o libertinismo; do coletivismo ao individualismo radical; do ateísmo a um vago misticismo religioso; do agnosticismo ao sincretismo e assim por diante. Todos os dias, nascem novas seitas e acontece o que disse São Paulo sobre o engano dos homens, sobre a astúcia que tende a empurrar para o erro. Ter uma fé clara, segundo o Credo da Igreja, é frequentemente rotulado como fundamentalismo, enquanto

o relativismo, isto é, o deixar-se levar “por qualquer que seja o vento da doutrina”, aparece como o único gesto apropriado para os tempos de hoje. Vai-se constituindo uma **ditadura do relativismo** que não reconhece nada como definitivo e que deixa como última medida somente o próprio eu e suas vontades. Nós, ao contrário, temos uma outra medida: o Filho de Deus, o verdadeiro homem. Ele é a medida do verdadeiro humanismo. **“Adulta” não é uma fé que segue as ondas da moda e a última novidade; adulta e madura é uma fé profundamente enraizada na amizade com Cristo... E é esta fé – só a fé – que cria a unidade e se realiza na caridade.** (Apud TORNIELLI, 2006, p. 33-34) (negrito meu).

Na visão espírita que defendo, **“adulta e madura” é a “fé raciocinada”** (“*aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade*”), e não a “fé cega”, isto é, a fé que não admite interferência da razão, nem atualizações em assuntos doutrinários.

Outro questionamento que faço é este: se a Igreja Católica é realmente a dona exclusiva e absoluta da verdade religiosa, **a Igreja de Deus** (fundada pelo próprio Deus, que é Amor e Verdade), como justificar, então, seus inúmeros erros doutrinários e seus milhares de crimes hediondos, cometidos durante os 600 anos de sua “Santa Inquisição”?

Em face de todas as atrocidades e crueldades cometidas pela Igreja Católica, ao longo de dois mil anos, não podemos concordar, à luz da “fé raciocinada”, que ela seja a dona absoluta da verdade religiosa. Por isso, é preciso muito diálogo inter-religioso aberto e sincero para se saber quem realmente está mais próximo da verdade religiosa.

Para concluir essa longa resposta deste *Catecismo Ecumênico*, reafirmo (com o Espiritismo) que não é preciso aderirmos às verdades ou aos dogmas de fé (cega) de nenhuma religião ou filosofia, para vivenciarmos o amor-caridade, pregado e vivido por Jesus (e por muitos outros líderes religiosos deste planeta). O Espiritismo está corretíssimo ao nos ensinar que **FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO!**

A tese exclusivista e fundamentalista oposta, defendida por Bento XVI (na encíclica *A Caridade na Verdade*), de que **FORA DA VERDADE (CATÓLICA) NÃO HÁ CARIDADE, NEM SALVAÇÃO** é, repito, totalmente falsa e radicalmente inconciliável com os ensinamentos autênticos do verdadeiro Jesus de Nazaré, o qual nos ensinou que, para ser seu discípulo, seu seguidor, a única condição necessária e suficiente é amar o próximo: **“Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros”** (João 13,35) (negrito meu).

198 - QUE DISTINÇÕES EXISTEM ENTRE OS “CATÓLICOS CONSERVADORES E OS “CATÓLICOS PROGRESSISTAS”?

Os “católicos conservadores” (por exemplo, os papas João Paulo II e Bento XVI) são os que, guiados pela “fé cega”, rejeitam qualquer interferência da razão em assuntos doutrinários, convictos de que estão na posse da verdade religiosa absoluta, que lhes foi supostamente revelada pelo próprio Deus, na pessoa de Jesus Cristo.

Para esses católicos conservadores, o diálogo ecumênico e/ou inter-religioso significa “recatolicização”, ou seja, a volta de todos à fé católica, considerada a única fé verdadeira.

Os católicos “progressistas” (por exemplo, os teólogos liberais, os teólogos pluralistas e os “Teólogos da Libertação”, como, entre outros, o padre suíço Hans Küng, o ex-frei Leonardo Boff, o Frei Beto, o padre Marcelo Barros, o já desencarnado mas famosíssimo bispo Dom Hélder Câmara, o renomado bispo Dom Evaristo Arns, o padre salvadorenho Jon Sobrinho e tantos outros não mais acreditam literalmente na doutrina dogmática dos católicos conservadores. Por isso, são considerados pelo Papa Bento XVI como uma das maiores ameaças atuais à doutrina católica conservadora.

Mais explicitamente, os “católicos progressistas” são os que, fundamentados na “fé raciocinada” da pós-modernidade, defendem os valores da sociedade dos tempos modernos e vivem, por conseguinte, a fazer duras críticas ao conservadorismo da Igreja Católica, particularmente ao conservadorismo dos papas João

Paulo II e Bento XVI, alegando que eles fizeram retroceder a Instituição em vez de modernizá-la.

Muitos católicos progressistas não mais interpretam os dogmas ou mitos cristãos literalmente, mas simbolicamente, chegando mesmo a falar de um “colapso” da Igreja Católica Conservadora, a qual continua interpretando todos os seus dogmas ou mitos literalmente como verdades históricas absolutas e exclusivas (cf. CORNWELL, 2002, p. 34ss).

Por isso mesmo, quase todos os teólogos ou intelectuais progressistas fizeram (ou continuam fazendo) duras críticas à ala conservadora da Igreja Católica. Assim, alguns dentre eles, como Hans Küng e Leonardo Boff, foram proibidos de ensinar como católicos. Enquanto Hans Küng continua na Igreja como padre, Leonardo Boff, um dos principais líderes da “Teologia da Libertação”, corrente teológica duramente reprimida (para não dizer extinta) por João Paulo II e Joseph Ratzinger/Bento XVI, deixou o sacerdócio.

No final do ano passado, ou seja, no dia 5 de dezembro de 2009, o Papa Bento XVI lamentou que nas escolas e universidades brasileiras católicas ainda estejam presentes os “princípios enganosos da teologia da libertação”, e pediu “aos que estão atraídos, implicados e tocados” por ela que retornem à “via reta da doutrina”. Segundo o Pontífice, que recebeu no Vaticano um grupo de bispos brasileiros, as escolas não são de propriedade dos teólogos críticos, mas da Igreja Católica.

No dia 14/3/2007, o Vaticano condenou a obra do padre e teólogo da libertação Jon Sobrinho, salvadorenho de origem espanhola, porque suas posições não estão em conformidade com a doutrina tradicional da Igreja Católica.

Até quando vão durar os conflitos e as divisões entre os “católicos conservadores” e os “católicos progressistas”? Só Deus Sabe!

A Teologia da Libertação, embora tenha sido oficialmente condenada pelo Vaticano, há 25 anos, pelo então cardeal Joseph Ratzinger, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé,

mediante a instrução *Libertatis nuntius*, continua a ameaçar a fé cristã dogmática.

Por isso, o Papa Bento XVI, no dia 5 de dezembro de 2009, advertiu duramente a um grupo de bispos brasileiros sobre os graves perigos que a Teologia da Libertação ainda continua causando à doutrina católica, particularmente nas escolas e universidades brasileiras.

Bento XVI advertiu aos bispos brasileiros que a teologia da libertação ainda continua sendo causa visível de “**rebelião, divisão, desacordo, ofensa e anarquia**” (negrito meu).

Na minha opinião, Bento XVI – papa ultraconservador – está com muito medo dos católicos progressistas (entre os quais os teólogos da libertação e os pluralistas, considerados as maiores ameaças atuais à fé católica dogmática), porque esses teólogos estão muito mais próximos da verdade religiosa autenticamente ensinada pelo Jesus histórico, resumida na prática do amor, do que os “católicos conservadores”, os quais parecem estar muito mais preocupados em manter seus dogmas de fé como verdades absolutas e intocáveis.

Felizmente, os teólogos pluralistas e os da libertação não estão mais preocupados com verdades dogmáticas absolutas e míticas, como o pecado original, a divindade de Jesus, a Trindade, os sacramentos, o inferno eterno, a ressurreição dos mortos etc.

199 - EM QUE SENTIDO PODE-SE DIZER QUE TODAS AS RELIGIÕES SÃO IGUALMENTE VERDADEIRAS?

No sentido **funcional** (mas não **doutrinal**), pode-se dizer que todas as religiões são igualmente verdadeiras. Por essa tese pluralista da **equivalência funcional das religiões**, o catolicismo é tão bom, válido e verdadeiro para os católicos, quanto o judaísmo o é para os judeus, o budismo para os budistas, o espiritismo para os espíritas e assim por diante. Essa tese pluralista da **equivalência funcional das religiões** não afirma, porém, que todas as religiões são igualmente verdadeiras do ponto de vista de suas crenças, de seus dogmas ou de seus mitos, uma vez que, em questões de doutrina, elas se contradizem em muitos pontos.

Daí, a necessidade do diálogo religioso aberto e sincero para se saber quem está mais próximo da verdade em assuntos doutrinários.

Com efeito, como as religiões defendem doutrinas opostas, seria uma contradição afirmar que elas são todas igualmente verdadeiras do ponto de vista de suas crenças. Seria negar **a unicidade da verdade**, ou seja, o princípio segundo o qual **a verdade é uma só. A unicidade da verdade** é um postulado fundamental da razão humana, que se articula no princípio de não contradição. Por outro lado, as religiões, mesmo com todas as suas contradições doutrinárias, não são mais do que diferentes caminhos rumo ao mesmo destino (Deus, o Absoluto, a Unidade etc.). Uns caminhos podem ser mais longos do que outros, mas, no fim da caminhada evolutiva e cármica, todos chegaremos à mesma meta. Dentro dessa lógica pluralista e reencarnacionista, todas as religiões e seitas, até mesmo as “religiões satânicas”, ou seja, os cultos a “Satanás” (ou ao “Diabo”), nada mais são do que caminhos diferentes (temporários) rumo ao mesmo destino:

Em consequência, ser católico, espírita, protestante, teosofista, muçulmano, budista, israelita, hinduísta, iogue, rosacruziano, krishnamurtiano, esoterista ou ateu, não passa de uma experiência transitória em determinada época do curso ascensional do espírito eterno! As polêmicas, os conflitos religiosos e doutrinários do mundo não passam de verdadeira estultícia e ilusão, causados pela ignorância do homem (RAMATIS, 1996c, p. 129).

É isso o que eu quero dizer em minhas obras ecumênicas, com o *slogan* pluralista **NÃO IMPORTA O CAMINHO**, para expressar o ponto de vista pluralista segundo o qual **todas as religiões são funcionalmente equivalentes**, isto é, todas são diferentes caminhos válidos que conduzem ao mesmo destino.

200 - QUAL É “A RELIGIÃO DE DEUS”?

“**A RELIGIÃO DE DEUS**”, como acertadamente prega a **LBV (Legião da Boa Vontade)**, é a **prática do Amor**, pregada e vivida por Jesus, há dois mil anos, mas que tem sido bastante negligenciada pela grande maioria dos que se dizem “cristãos”, os

quais, como tenho acentuado por diversas vezes em meus livros ecumênicos e em meu *blog*, sempre deram mais valor aos dogmas (ou mitos) cristãos teológicos e cristológicos, isto é, relativos à natureza de Deus e à pessoa de Jesus, do que à sua mensagem verdadeiramente redentora de amor a Deus e ao próximo. Prova disso é a fragmentação constante do cristianismo dogmático e mítico ao longo de sua história, suas guerras, suas pretensões exclusivistas, seu sentimento de unicidade e de superioridade em relação às outras religiões etc. Quantas mortes, intolerância e discriminações ao longo da história do cristianismo mítico. Quem discrimina o próximo não o ama; quem mata o próximo não o ama. O amor só pode fazer o bem, e não o mal.

O Jesus histórico, de fato, resumiu todos os seus ensinamentos no **MANDAMENTO DO AMOR: “Isto vos ordeno: amai-vos uns aos outros”** (João 15,17). **“Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros”** (João 13,34). **“Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu sentimento e com toda a tua força. Este é o primeiro e mais sublime preceito, porém é igual a este: amarás o teu próximo como a ti mesmo”** (Lucas 10,27; Mateus 22,37) (negrito meu). Esta foi a verdadeira religião ensinada e vivida por Jesus. **Uma religião essencialmente moral, moral religiosa, a qual foi substituída posteriormente por dogmas e mitos exclusivistas.**

Nesse contexto, tanto o Espiritismo como a Legião da Boa Vontade (**LBV**) definem-se como o “renascimento” do verdadeiro cristianismo, o “*cristianismo redivivo*”, o “cristianismo das origens”, o “cristianismo do amor-caridade”, o “cristianismo ecumênico”, o “cristianismo do diálogo inter-religioso”, não uma nova religião ou seita (nem uma igreja) no sentido institucional, mas **um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor**, autenticamente ensinado e vivenciado por Jesus, “o terreno onde todos os cultos podem se reencontrar, a bandeira sob a qual todos podem se abrigar, quaisquer que sejam suas crenças, porque jamais foi objeto de disputas religiosas, sempre e por toda parte levantadas pelas questões de dogma” (KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Introdução, 1º parágrafo), enquanto o cristianismo exclusivista e divisionista dos cristãos é um novo credo

religioso, caracterizado, sobretudo, por um conjunto de dogmas (ou de mitos), fragmentado em centenas de igrejas, seitas e denominações, objeto de inúmeras controvérsias e de numerosos conflitos ao longo de sua história, originalmente fundado, não por Jesus de Nazaré, mas por Paulo de Tarso, daí ser também chamado de “**paulinismo**” e de “**cristianismo mítico**”, uma vez que é fundamentado muito mais em mitos (literalmente interpretados) do que em fatos históricos.

O cristianismo racional e pluralista de Jesus, repito, é a única forma de religiosidade (ou de espiritualidade) capaz de unir todas as pessoas e todas as crenças deste planeta, enquanto o cristianismo irracional, dogmático, exclusivista e mítico dos cristãos nunca teve (nem terá jamais) condições de unir a cristandade e a humanidade.

É inegável o fato de que, só por fazer renascer e tentar praticar **a Verdadeira Religião – a “vivência do amor”** – o Espiritismo e a LBV merecem todos os elogios e deveriam ser seguidos, pelo menos nesse ponto, por todas as pessoas, uma vez que **a Religião do Amor deve ser vivenciada por todos os seres humanos**, independentemente do credo religioso que professem e independentemente de pertencerem ou não a uma instituição religiosa particular, pois o amor é universal, não tem fronteiras.

Como o Espiritismo e a LBV, também eu, em minhas obras ecumênicas, não tenho almejado alcançar outro objetivo maior, a não ser restaurar o verdadeiro “Cristianismo do Jesus Histórico” – **A VIVÊNCIA DO AMOR, A PRÁTICA DA CARIDADE, A VERDADEIRA RELIGIÃO, A ÚNICA RELIGIÃO DE DEUS E DE JESUS, QUE HÁ DE DURAR ETERNAMENTE.**

Como tenho dito e repetido, somente a prática dessa verdadeira religião terá condições de realmente unir a humanidade – atualmente tão fragmentada em milhares de religiões e seitas “todas lutando entre si, exclusivistas na posse da Verdade e isso em nome do próprio Deus, aplicando-se não a procurar a ponte que as una, mas a cavar o abismo que as divida” (UBALDI, 1992, p. 30).

Para concluir a última resposta deste *CATECISMO ECUMÊNICO*, reafirmo que não somente a **Legião da Boa Vontade (LBV)**, mas toda e qualquer outra instituição (religiosa ou não), cujo objetivo central é fazer com que as pessoas pratiquem **a Religião do Amor, a Prática da Caridade**, ensinada e vivida por Jesus (e por muitos outros líderes religiosos), pode e deve ser corretamente chamada de **“A RELIGIÃO DE DEUS”**, pois **Deus é Amor e o Amor é Deus**.

Quero encerrar este livro, convidando os cristãos dogmáticos a se convencerem de que são chegados os tempos de conhecermos melhor as verdades cristãs, mediante o diálogo ecumênico e/ou inter-religioso, sobretudo as verdades a respeito da verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus: **QUEM FOI JESUS?**

A resposta a essa pergunta, objetivo principal deste *Catecismo Ecumênico*, tem sido, conforme vimos nesta obra, a maior polêmica cristã de todos os tempos. Mas a única saída para se chegar a um consenso é a prática do diálogo inter-religioso, aberto e sincero, à luz da “fé raciocinada”. Não vejo outra saída. Enquanto isso não acontecer, repito, nunca haverá unidade e paz entre os próprios cristãos, nem unidade e paz entre os habitantes da Terra, e nunca chegaremos ao conhecimento da verdade que nos liberta (“*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*”).

CONCLUSÃO

Neste livro (*Catecismo Ecumênico: 200 perguntas e respostas à luz da “fé raciocinada”*), refleti crítica e ecumenicamente sobre os principais erros doutrinários do cristianismo, à luz da filosofia espírita da “fé raciocinada” (“*aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade*”) e da teologia liberal/pluralista contemporânea.

Sem ter pretendido agredir a fé cristã dogmática (a qual merece todo o nosso respeito), nem diminuir o valor histórico do cristianismo e da Igreja Católica, mas apenas contribuir para o diálogo ecumênico e inter-religioso, bem como para o conhecimento da verdade que nos liberta (“*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*”), abordei, sobretudo, os dogmas ou mitos cristãos relacionados com a maior polêmica cristã de todos os tempos, que sempre foi (e continua sendo) sobre a verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus. Nesse sentido, defendi a corrente cristológica segundo a qual **Jesus é só homem**, em contraposição às correntes cristãs míticas, segundo as quais **Jesus é Deus e homem ou só Deus**.

Questionei os dogmas ou mitos cristãos, particularmente os mais exclusivistas, pelo fato de eles não se coadunarem com o código de moral (ou de ética) universal ensinado pelo Jesus histórico (a paz, o amor, a caridade, a fraternidade etc.), além de impedirem a prática, cada vez mais necessária, do diálogo inter-religioso de igual para igual.

Conforme argumentado neste *Catecismo Ecumênico*, a atitude exclusivista cria inegavelmente uma barreira intransponível entre as religiões que se propõem dialogar. De fato, se nos sentarmos à mesa do diálogo com a convicção de que a nossa religião é a única verdadeira, assumimos uma postura de superioridade e de exclusividade em relação ao parceiro do diálogo, ao qual caberia apenas a negação de suas próprias convicções para aceitar as verdades da nossa religião. Esse é o grande dilema ecumênico e o maior desafio que os parceiros do diálogo religioso terão que enfrentar, se realmente desejarem dialogar em pé de igualdade

com os seguidores de facções diferentes de uma mesma tradição religiosa ou com os adeptos de outras religiões.

Questionei, insistentemente, o chamado “**mito da unicidade cristã**”, segundo o qual o cristianismo tradicional é uma religião “excepcional”, “exclusiva” e “única”, pois essa atitude, além de ser antiecumênica, não encontra nenhum apoio na história das religiões.

Mostrei que a atitude liberal-pluralista não pretende negar o valor dos mitos. Os seres humanos não se alimentam apenas do pão dos fatos, mas vivem também de mitos e de ficções. Não há nenhum mal em se crer em mitos e lendas.

Os mitos cristãos têm alimentado a fé de bilhões de fiéis. Por isso, essas crenças merecem muito respeito. Por outro lado, ninguém pode ignorar o fato de que **a interpretação literal desses mesmos mitos** já causou também muitos males na humanidade: exclusivismos, divisões, conflitos, preconceitos, discriminações, intolerância, guerras catastróficas, autos de inquisição etc. No correto dizer do teólogo e ex-pastor anglicano Tom Harpur, “**nunca teremos paz sobre a Terra enquanto o literalismo controlar as religiões**” (HARPUR, 2008, p. 194) (negrito meu).

Está na hora, portanto, se quisermos ter paz sobre a Terra, de interpretarmos os mitos religiosos simbolicamente, e não mais literalmente.

O maior erro das religiões, particularmente do cristianismo dogmático, repito, é o de interpretar seus mitos literalmente como verdades históricas absolutas. E o mais desastroso ainda é uma religião querer defender e impor fanaticamente seus dogmas ou mitos como se apenas eles fossem os únicos verdadeiros e absolutos para toda a humanidade.

Esse tem sido, indubitavelmente, um dos mais graves erros do cristianismo dogmático, erro esse que tem sido insistentemente combatido pelos filósofos e teólogos liberais e pluralistas contemporâneos, porque a defesa fanática das crenças literalistas e exclusivistas de qualquer religião é incompatível com a paz, o amor e a fraternidade, além de impedir o diálogo religioso de igual para igual. Espera-se que, com a prática de um diálogo religioso autêntico, esse erro possa ser corrigido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABHEDÂNANDA, Swâmi. *O Evangelho de Râmakrishna*. São Paulo: Pensamento, 1995.
- ALEIXO, Sérgio Fernandes. *Reencarnação: Lei da Bíblia, Lei do Evangelho, Lei de Deus*. Niterói, Rio de Janeiro: Lachâtre, 1999.
- ANDRADE, Jayme. *O Espiritismo e as igrejas reformadas*. 4. ed. São Paulo: EME, 1995.
- ARENS, Eduardo. *A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- AQUINO, Felipe. *Falsas doutrinas: seitas e religiões*. Lorena, São Paulo: Cléofas, 2002.
- ARIAS, Juan. *Jesus, esse grande desconhecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ARMOND, Edgard. *Os Exilados da Capela: esboço sintético da evolução espiritual do mundo*. 12. ed. São Paulo: Editora LAKE, 1978.
- _____. *Religiões e filosofias*. 3. ed. São Paulo: Aliança, 1999.
- ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard; LINCOLN, Henry. *O Santo graal e a linhagem sagrada*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.
- BARRERA, Pablo. Fragmentação do sagrado e crise das tradições na pós-modernidade. In: TRASFERETTI, José & GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes (Orgs.). *Teologia na Pós-Modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BERBEL, João. *O Sistema de Capela*. Pelos espíritos Galileu Galilei e Karran. Franca-SP: Editora Farol das Três Colinas, 2005.
- BLAVATSKY, Helena P. *Glossário teosófico*. 4. ed. São Paulo: Ground, 2000.

- BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- _____. *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. *Igreja: carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante*. Edição revista. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.
- BROWN, Dan. *O Código Da Vinci*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1997.
- BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2004.
- CAMPBELL, Joseph. *O Poder do mito*, com Bil Moyers. 25. ed. São Paulo: Palas Athena, 2007.
- CAPELLI, Esse. As Condenações bíblicas e o espiritismo. *Revista Espírita Allan Kardec*, Goiânia, ano 10, n. 38, p. 12-13, abr./jun. 1998.
- CAPRA, Fritjof. *O Tao da Física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo: Volume 2: Lucas, João*. São Paulo: Hagnos, 2002.
- CHAVES, José Reis. *A Reencarnação na Bíblia e na ciência*. 7. ed. rev. São Paulo: Editora Bezerra de Menezes, 2006a.
- _____. *A Face oculta das religiões: uma visão racional da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Editora Bezerra de Menezes, 2006b.
- _____. "O que é e o que não é a Bíblia". DIÁRIO O Tempo, de Belo Horizonte-MG. Coluna em O TEMPO, Página Opinião, 27/nov. 2006c.
- COMBY, Jean. *Para ler a história da Igreja I: das origens ao século XV*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- COMMELIN, P. *Mitologia grega e romana*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

- CORNWELL, John. *Quebra da fé: o papa, o povo e o destino do catolicismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- _____. *Quem Matou Jesus? As raízes do antissemitismo na história evangélica da morte de Jesus*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- _____. *O Essencial de Jesus*. São Paulo: Jardim dos livros, 2008.
- DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DENIS, Léon. *Cristianismo e Espiritismo*. 9. ed. Brasília-DF: FEB, 1919.
- DESROCHE, Henri. *O Homem e suas religiões: ciências humanas e experiências religiosas*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- DOM BOSCO. *O Jovem instruído*. 9. ed. São Paulo: Livraria Salesiana Editora, 1948.
- DONINI, Ambrogio. *Breve história das religiões*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.
- EHRMAN, Bart D. *O Que Jesus disse? O que Jesus não disse?: quem mudou a Bíblia e por quê*. São Paulo: Prestígio, 2006.
- _____. *O Problema com Deus: as respostas que a Bíblia não dá ao sofrimento*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- EINSTEIN, Albert. *Como vejo o mundo*. 22. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.
- ELSBURG, Robert (Ed.). *Gandhi e o cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1996.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. Rev. Aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FRANGIOTTI, Roque. *História das heresias: conflitos ideológicos dentro do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1995.

- FUNK, Robert W.; HOOVER, Roy W., and THE JESUS SEMINAR. *The Five Gospels: what did Jesus really say? The search for the authentic words of Jesus*. New York: Macmillan Publishing Company, 1993.
- FUNK, Robert W., and THE JESUS SEMINAR. *The Acts of Jesus: what did Jesus really do? The search for the authentic deeds of Jesus*. New York: Harper Collins, and Harper San Francisco, 1998.
- GAGLIARDO, Vitor. “O Papa do Jesus histórico”, Revista SUPER Interessante, edição 250, março/2008.
- GANDON, Odile. *Deuses e heróis da mitologia grega e latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GASPARETTO, Zíbia, ditado por Lucius. *Somos todos inocentes*. 23. ed. São Paulo: Vida & Consciência Editora, 2006.
- GONZÁLEZ-CARVAJAL, Luis. *Nossa fé: teologia para universitários*. São Paulo: Loyola, 1992.
- GOZZI, Paulo H. *Como lidar com as seitas*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1989.
- GRIESE, Franz. *La Desilusión de un sacerdote: la verdad científica sobre la religión cristiana*. 2. ed. reformada y aumentada. Buenos Aires: Editorial Cultura Laica, 1957.
- HARPUR, Tom. *O Cristo dos pagãos: a sabedoria antiga e o significado espiritual da Bíblia e da história de Jesus*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- HARRIS, Sam. *Carta a uma Nação Cristã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HART, Michael H. *As 100 maiores personalidades da história: uma classificação das pessoas que mais influenciaram a História*. 10. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2005.
- HASSNAIN, Fida. *Jesus, a verdade e a vida: uma busca histórica pelos caminhos apócrifos, budistas, islâmicos e sânscritos*. São Paulo: Madras, 1999.
- HELLMAN, Hall. *Grandes debates da ciência: dez das maiores contendas de todos os tempos*. São Paulo: Unesp, 1999.

- HICK, John (Org.). *The Myth of God incarnate*. London: SCM Press, 1977.
- _____. *Philosophy of religion*. 4. ed. Upper Saddle river, New Jersey: Prentice Hall, 1990.
- _____. *The Metaphor of God incarnate*. London: SCM Press, 1993.
- HICK, John & HEBBLETHWAITE, Brian (Orgs.). *Christianity and other religions*. Oxford: Oneworld, 2001, p. 122.
- HICK, John & KNITTER, Paul (Orgs.). *The Myth of christian uniqueness, toward a pluralistic theology of religions*. New York: Orbis Book, 1987.
- HISLOP, Dr. John S. *Meu Baba e eu: vivências com o mestre indiano Sri Sathya Sai Baba*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2003.
- HOORNAERT, Eduardo. *Origens do cristianismo: uma leitura crítica*. Brasília: Editora Ser, 2006.
- HORTAL, Jesús. *E haverá um só rebanho: história, doutrina e prática católica do ecumenismo*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- IMBASSAHY, Carlos. *Religião*. Brasília: FEB, 1944.
- JANUS. *O Papa e o Concílio - volume 1*, 2. ed. reimp. - Versão e Introdução de Rui Barbosa. Londrina - PR; Editora Leopoldo Machado, 2002.
- KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo. A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997a.
- _____. *A Gênese. A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997b.
- _____. *O Céu e o inferno. A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997c.

- _____. *O Livro dos Espíritos. A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997d.
- KERSTEN, Holger. *Jesus viveu na Índia: a desconhecida história de Cristo antes e depois da crucificação*. 17. ed. São Paulo: Best Seller, 1986.
- KING, Úrsula. *Cristo em todas as coisas: a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- KLOPPENBURG, Frei Boaventura. *Espiritismo: orientação para os católicos*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1997.
- KREPPOLD, Guido. *Entendendo os dogmas: a roupagem humana das verdades de fé cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- KÜNG, Hans. Is there one true religion? An essay in establishing ecumenical criteria. In: HICK, John & HEBBLETHWAITE, Brian (Orgs.). *Christianity and other religions*. Oxford: Oneworld, 2001.
- _____. *A Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- LEWIS, David. A Leste de Qumran: em busca das raízes da fé ocidental. In: KENYON, J. Douglas (org.). *O que a Bíblia não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião ocidental*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- LEWIS, H. Spencer. *A Vida mística de Jesus*. 7. ed. Curitiba-Paraná: Biblioteca da Ordem Rosacruz – AMORC, 1997.
- MARQUES, Leonardo Arantes. *História das religiões: e a dialética do sagrado*. São Paulo: Madras, 2005.
- MATHER, George A.; NICHOLS, Larry A. *Dicionário de religiões, crenças e ocultismo*. São Paulo: Vidas, 2000.
- MIRANDA, Hermínio C. *Cristianismo: a mensagem esquecida*. Matão, São Paulo: O Clarim, 1988.
- MORAIS, Jomar. Satã Vive. *Super Interessante*, Edição 174, p. 55-61, mar. 2002.
- NETO, José Barbosa de Sena. *Confissões surpreendentes de um ex-padre*. Niterói - RJ: Editora ADOS, 2004.

- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no imaginário cristão*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2000.
- OLIVEIRA, Francimar de. *O Centurião de Cafarnaum*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1995.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. *Diálogos entre fé e razão*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- OLIVEIRA, Raimundo F. de. *Seitas e heresias: um sinal dos tempos*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.
- PAIVA, Antônio Corrêa de. Catolicismo, espiritismo e cristianismo. *Revista Espírita Allan Kardec*, Goânia, ano 4, n. 14, p. 23, nov. 1991 a jan. 1992.
- PALHANO, L. Jr. *Dicionário de filosofia espírita*. Rio de Janeiro: Edições Celd, 1997.
- PASTORINO, Carlos Torres. *Sabedoria do Evangelho*. Rio de Janeiro: Grupo Editorial "Spiritus", 1966. v. 3.
- PEDREIRA, Eduardo Rosa. *Do Confronto ao encontro: uma análise do cristianismo em suas posições ante os desafios do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- PIRES, J. Herculano. *Visão Espírita da Bíblia*. 3. ed. São Bernardo do Campo, São Paulo: Correio Fraternal do ABC, 1991.
- RAMACHÁRAKA, Yogue. *A Vida depois da morte*. São Paulo: Pensamento, 1998.
- RAMATIS. *O Evangelho à luz do cosmo*. Psicografia de Hercílio Maes. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1996a.
- _____. *A Vida humana e o espírito imortal*. Psicografia de Hercílio Maes. 7. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1996b.
- _____. *Missão do Espiritismo*. Psicografia de Hercílio Maes. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1996c.
- _____. *O Sublime peregrino*. Psicografia de Hercílio Maes. 13. ed. Limeira, São Paulo: Conhecimento, 2001.

- RATZINGER, Joseph, Card. *Dominus Iesus: sobre a unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.
- RENAN, Ernest. *Paulo: o 13º apóstolo*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- RIFFARD, Pierre A. *O Esoterismo*. São Paulo: Mandarim, 1996.
- RINALDI, Natanael; ROMERO, Paulo. *Desmascarando as seitas*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- ROHDEN, Huberto. *Bhagavad Gita*. 11. ed. São Paulo: Martin Claret. s.d.
- _____. *Rumo à consciência cósmica*. São Paulo: Martin Claret. [s.d.]
- _____. *O Sermão da Montanha*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- ROUSTAING, João Batista. *Os Quatro Evangelhos: espiritismo cristão ou revelação da revelação*. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1989.
- SANTIDRIÁN, Pedro R. *Dicionário básico das religiões*. São Paulo: Santuário, 1996.
- SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário enciclopédico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995. v. 1 e 2.
- SCHURÉ, Édouard. *Krishna: Coleção Os Grandes Iniciados: esboço da história secreta das religiões*. São Paulo: Martin Claret Editores, 1986.
- SCHUTEL, Cairbar. *O Batismo*. 6. ed. São Paulo: O Clarim, 1986.
- SHANKS, Hershel & WITHERINGTON III. *O Irmão de Jesus: a sensacional história e o sentido da primeira descoberta arqueológica referente a Jesus e sua família*. São Paulo: Hagnos, 2008.
- SIGNATES, Luiz. A filosofia espírita da fé raciocinada. *Revista Espírita Allan Kardec*, Goiânia, ano 10, n. 39, p. 32-33, jul./set. 1998.
- SILVA, Georges da.; HOMENKO, Rita. *Budismo: psicologia do autoconhecimento*. São Paulo: Pensamento, 1999.

- SILVA, Severino Celestino da. *Analisando as Traduções Bíblicas*: refletindo a essência da mensagem bíblica. 2. ed., João Pessoa-Paraíba, 2000.
- SOUZA, José Pinheiro de. *Entrevistas com Jesus*: reflexões ecumênicas. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2005.
- _____. *Entrevistas com Jesus*: reflexões ecumênicas. 2. ed. revista e ampliada. Publicação disponível em <http://www.pinheiro.souza.nom.br>, Fortaleza, 2007.
- _____. *Mitos Cristãos*: desafios para o diálogo religioso. Divinópolis (MG): GEEC Publicações, 2007.
- TABOR, James D. *A Dinastia de Jesus*: a história secreta das origens do cristianismo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- TERRIN, Aldo Natale. *Nova era*: a religiosidade do pós-moderno. São Paulo: Loyola, 1996.
- TEIXEIRA, Faustino. *Teologia das religiões*: uma visão panorâmica. São Paulo: Paulinas, 1995.
- TORNIELLI, Andrea. *Bento XVI*: o guardião da fé. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.
- TRACY, David. *Metáfora e religião*: o caso dos textos cristãos. In: SACKS, Sheldon (Org.). *Da Metáfora*. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992. p. 95-109.
- UBALDI, Pietro. *O Sistema*: gênese e estrutura do universo. 3. ed. Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro: Instituto Pietro Ubaldi, 1957.
- _____. *Problemas atuais*. 3. ed. Campos, Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1986.
- _____. *Deus e universo*. 3. ed. Campos, Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1987.
- _____. *Cristo*. 3. ed. Campos – Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1988.
- _____. *A Grande síntese*. 17. ed. Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro: Instituto Pietro Ubaldi, 1992.

- Van PRAAGH, James. *Em Busca da espiritualidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.
- VASCONCELOS, Yuri. O Homem que inventou Cristo. *SUPER Interessante*. Edição 195, dez. 2003.
- WEISER, Alfons. *O Que é milagre na Bíblia: para você entender os relatos dos evangelhos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1978.
- WIEBE, Donald. *Religião e verdade*. São Leopoldo – Rio Grande do Sul: Sinodal, 1998.
- WILGES, Irineu. *Cultura religiosa: as religiões no mundo*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- WOODWARD, Kenneth L. *O Livro dos milagres: o significado dos milagres no cristianismo, no judaísmo, no budismo, no hinduísmo e no islamismo*. São Paulo: Mandarim, 2000.
- YOUNG, Frances. A Cloud of witnesses. In: HICK, John (Org.). *The Myth of God incarnate*. London: SCM Press, 1977.

APÊNDICE A

12 ANOS NAS CASAS DE DOM BOSCO

José Pinheiro de Souza*

Os 12 anos que vivi nas casas de Dom Bosco representam para mim 12 anos de dádivas especiais de Deus, que jamais poderei esquecer.

Foi com os salesianos que obtive, praticamente, quase toda a minha educação intelectual (desde o 2º ano primário, até o 2º ano de faculdade), bem como minha formação cultural, cívica, moral e religiosa.

Tentarei resumir brevemente agora os 12 anos de minha vida nas casas de Dom Bosco, delongando-me um pouco sobre as recordações inesquecíveis do meu primeiro dia no seminário salesiano.

1951: aos 13 anos de idade, entrava (contra minha vontade) no aspirantado salesiano de Juazeiro do Norte (CE.), de nome Escola Agrícola São José (apelidado de “São José dos Bodes”). Entrei lá por ordem expressa de minha mãe, que queria ter um filho padre, custasse o que custasse. Minha intenção inicial era a de fugir de lá, assim que pudesse.

Foi precisamente no dia 26 de julho, por volta das quatro horas da tarde, que minha mãe me internou naquela casa. Havia apenas dois salesianos lá: o Diretor, Padre Tiago Avico (italiano) e o Assistente, Clérigo Milton (“cônsul”). O número de aspirantes era de 30 a 40, aproximadamente.

Fiquei tão amatutado naquela primeira tarde (lembro-me como se fosse hoje) que não conseguia falar uma palavra, mas apenas

* Texto extraído e adaptado de um artigo meu, publicado no livro *Ação Fraterna Salesiana*: aspirantado salesiano de Carpina, 50 anos: memória afetiva dos salesianos do Nordeste do Brasil/colab. Francisco Felipe Filho... [et al.]. – [Recife]: Fundação Antônio dos Santos Abranches, 2010, p. 69-72.

balançar a cabeça quando alguém me fazia uma pergunta. Por isso, peguei logo o apelido de “Lagartixa”.

Às cinco horas, fomos ao dormitório para vestir o calção, a fim de irmos tomar banho no único banheiro, que ficava a uns 200 metros, fora do dormitório. Comecei a tirar a roupa e, quando já estava pelado, o Clérigo Milton depressa correu ao meu encontro e me cobriu com o cobertor, dizendo-me também que, depois de vestir o calção, amarrasse a toalha na cintura.

Nunca tinha vestido um calção, nem tomado banho de chuveiro, pois em meu sítio natal sempre tomávamos banho nos açudes e em trajes de Adão e Eva.

Fiquei muito desajeitado ao me ver dentro daquele longo e grosso calção de mescla (que mais se parecia com ceroulas). Mas o jeito era seguir o regulamento da Casa, e assim fui ficar na fila do banheiro, esperando minha vez para tomar meu primeiro banho de chuveiro.

Quando chegou a minha vez, entrei no banheiro, mas cadê saber abrir o chuveiro? Fiquei matutando lá dentro, sem saber o que fazer. Dei umas pancadas no chuveiro, mas só caíram alguns pingos d'água que mal deram para molhar-me um pouquinho. Tive vergonha de sair e dizer que não sabia abrir o chuveiro. Depois de algum tempo, o Seu Milton bateu na porta e disse: “Tá na hora de sair”.

Dei um pulo pra fora e saí, sem ter tomado banho algum. Graças a Deus que Seu Milton não notou que eu não tinha tomado banho. Voltei para o dormitório, a fim de tirar o calção e vestir-me para o jantar.

Antes de entrarmos no refeitório, fizemos uma fila e ouvi que todos rezavam uma oração numa língua (o latim) que eu não entendia: era o *Angelus Domini nuntiavit Mariae* (*O Anjo do Senhor anunciou a Maria*).

Ao entrarmos no refeitório, Seu Milton me indicou o lugar na mesa onde eu devia ficar. Sentei-me logo na cadeira, mas ele me disse: “Não, porque ainda temos que rezar”.

Acostumado a jantar só mungunzá, estranhei bastante ao ver na mesa sopa, café e pão. Comi e bebi pouco, pois estava ainda muito inibido.

Depois do jantar, houve recreio. Não brinquei nada: fiquei só observando, de longe, o que faziam os aspirantes. Aproximadamente às sete e meia, tocou a sineta para terminar o recreio e começar o estudo.

Não sabendo ainda o que fazer naquele salão de estudos, fiquei simplesmente observando os outros, até que Seu Milton me deu um livrinho de histórias, que só folheei para lá e para cá, dado que ainda lia pouco (e mal tinha concluído o 1º ano primário).

Por volta das nove horas, terminou o estudo e começaram as orações da noite. Após o Boa-Noite, fomos dormir. Pouco consegui dormir, pois estava como que inebriado com tudo o que tinha visto acontecer naquela tarde aventureira do meu primeiro dia de seminário.

Era, de fato, um mundo totalmente novo que surgia para mim. Dia após dia, fui, contudo, acostumando-me a tudo e comecei a gostar muito do seminário salesiano. A ideia inicial de fugir dele começou a desaparecer de minha mente. Comecei a progredir nos estudos e a participar ativamente de todas as atividades: brincquedos, esportes, passeios, teatrinhos, música etc.

Dois meses depois, escrevi para minha mãe dizendo-lhe que estava adorando e que queria ser padre salesiano. Minha mãe deve ter pulado de contente.

1953: Fiquei em Juazeiro do Norte até dezembro de 1952. Em janeiro de 1953, fui transferido para o aspirantado de Recife, onde fiz o curso ginásial de 53 a 56.

1957: Fui para Jaboatão, fazer o Noviciado.

1958: No dia 31 de janeiro, tornei-me salesiano e, em fevereiro, fui para Natal, cursar o 1º ano de Filosofia.

1959: Deixa de funcionar o Curso de Filosofia de Natal, sendo todos os seminaristas, estudantes de filosofia, transferidos para São João del Rei, Minas Gerais, ou para Lorena, São Paulo. Eu, porém, adoeci e tive que ficar em Natal por mais um ano, como assistente dos alunos da escola primária.

1960: Deveria ter ido para São João del Rei ou para Lorena, a fim de continuar o curso de Filosofia, mas o Padre Inspetor, não encontrando nenhum outro clérigo para completar o 'time' de

Salvador, mandou-me como assistente dos aprendizes de lá. Fiz assim no Liceu Salesiano de Salvador meu segundo ano de tirocínio.

1961: Fui para São João del Rei, a fim de cursar o 2º ano de Filosofia e o 1º ano da Faculdade de Letras Anglo-Germânicas.

1962: Devido a problemas de saúde, o Padre Inspetor achou por bem transferir-me para Lorena, São Paulo, onde fiz o 3º ano de Filosofia e o 2º ano da Faculdade de Letras.

1963: Fui para o Ginásio Domingos Sávio, na cidade de Baturité, Ceará, onde fiz meu 3º e último ano de tirocínio, e onde vivi meu último ano como membro da Congregação Salesiana, pois, em janeiro de 1964, deixei a Congregação de Dom Bosco para ingressar no atual estado civil em que me encontro.

De Baturité para cá, já se foram 47 anos. Puxa, como o tempo voa! E agora eu, mesmo tendo deixado a Congregação Salesiana, há 47 anos, e também tendo deixado o próprio catolicismo, há 15 anos, me pergunto sinceramente: o que devo fazer para retribuir a Deus, a Jesus e a Dom Bosco o que deles recebi, durante tanto tempo? Acredito que a melhor maneira de retribuir-lhes um pouco pelas tantas bênçãos e graças recebidas ao longo de meus 72 anos, é tentar viver um pouco, todos os dias, **A RELIGIÃO DE DEUS E DE JESUS, O AMOR-CARIDADE.**

APÊNDICE B

SUMÁRIO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS NO *BLOG DO PINHEIRO*,
POR DATA DE PUBLICAÇÃO: (NOME DO *BLOG*: *BLOG DO*
PINHEIRO: DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. ENDEREÇO DO *BLOG*:
www.jpinheirosouza.blog.uol.com.br)

- 1 – INAUGURANDO O *BLOG DO PINHEIRO* (1/4/2008)
- 2 – SITE DO PINHEIRO, PARA QUEM QUISER ADQUIRIR O LIVRO *ENTREVISTAS COM JESUS: REFLEXÕES ECUMÊNICAS* (1/4/2008)
- 3 – ARTIGO DO JORNALISTA PAULO EDUARDO MENDES SOBRE O LIVRO *MITOS CRISTÃOS*, PUBLICADO NO JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE (1/4/2008)
- 4 – SITE DA EDITORA PANORAMA ESPÍRITA, PARA QUEM QUISER ADQUIRIR O LIVRO *MITOS CRISTÃOS* (1/4/2008)
- 5 – MITOS E MITOS CRISTÃOS (2/4/2008)
- 6 – O GRANDE MAL DA INTERPRETAÇÃO LITERAL DOS MITOS (2/4/2008)
- 7 – CAPA DO LIVRO *ENTREVISTAS COM JESUS* (3/4/2008)
- 8 – ARTIGO DO JORNALISTA PAULO EDUARDO MENDES SOBRE O LIVRO *ENTREVISTAS COM JESUS* (3/4/2008)
- 9 – CAPA DO LIVRO *MITOS CRISTÃOS* (3/4/2008)
- 10 – ETIMOLOGIA DE “RELIGIÃO” E A VERDADEIRA RELIGIÃO (3/4/2008)
- 11 – É POSSÍVEL E LÍCITO AVALIAR MITOS? (5/4/2008)
- 12 – O MITO DO NASCIMENTO VIRGINAL DE JESUS (5/4/2008)
- 13 – FÉ CEGA X FÉ RACIOCINADA (6/4/2008)
- 14 – HÁ DOIS CRISTIANISMOS? (7/4/2008)
- 15 – JESUS MÍTICO X JESUS HISTÓRICO (8/4/2008)
- 16 – SIMPATIZANTE DO ESPIRITISMO (9/4/2008)
- 17 – E-MAIL DE WANDER SENA (10/4/2008)
- 18 – ESPIRITISMO KARDECISTA X CENTROS ESPÍRITAS DE UMBANDA (13/4/2008)
- 19 – DIVISÕES NO ESPIRITISMO (14/4/2008)

- 20 – OS LIVROS DO PINHEIRO SÃO “ANTICRISTÃOS”?
(15/4/2008)
- 21 – JESUS NASCEU EM BELÉM? (16/4/2008)
- 22 – JESUS É UMA PESSOA DIVINA? (17/4/2008)
- 23 – O DEUS DA BÍBLIA JUDAICO-CRISTÃ (18/4/2008)
- 24 – O MITO DA TRINDADE CRISTÃ (19/4/2008)
- 25 – A BÍBLIA COMO “PALAVRA DE DEUS”? (22/4/2008)
- 26 – CONTRADIÇÕES NA BÍBLIA (23/4/2008)
- 27 – ALTERAÇÕES NA BÍBLIA (24/4/2008)
- 28 – O MITO DA UNICIDADE CRISTÃ (25/4/2008)
- 29 – DEUS É “PESSOA”, “PAI” E “FILHO”? (28/4/2008)
- 30 – INERRÂNCIA DA BÍBLIA? (29/4/2008)
- 31 – PENSAMENTOS ECUMÊNICOS (30/4/2008)
- 32 – JESUS RESSUSCITOU? (1/5/2008)
- 33 – SÓ JESUS SALVA? (2/5/2008)
- 34 – JESUS FUNDOU UMA IGREJA? (3/5/2008)
- 35 – PAULINISMO (5/5/2008)
- 36 – A MAIOR POLÊMICA CRISTÃ DE TODOS OS TEMPOS
(6/5/2008)
- 37 – VALOR DOS MITOS (7/5/2008)
- 38 – MILAGRES NA VISÃO ESPÍRITA (8/5/2008)
- 39 – O MITO DO DEUS ENCARNADO (9/5/2008)
- 40 – A TRANSIÇÃO DE “FILHO DE DEUS” PARA “DEUS O
FILHO” (10/5/2008)
- 41 – O MITO DO PECADO ORIGINAL (12/5/2008)
- 42 – O MITO DO BATISMO (13/5/2008)
- 43 – O MITO DO PARTO VIRGINAL (14/5/2008)
- 44 – O MITO DA SALVAÇÃO (15/5/2008)
- 45 – INTERPRETAÇÃO LITERAL DOS MITOS? (16/5/2008)
- 46 – INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA (19/5/2008)
- 47 – DEMITIZAÇÃO OU DEMITOLOGIZAÇÃO (20/5/2008)
- 48 – SUMÁRIO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS ATÉ A
PRESENTE DATA (21/5/2008)
- 49 – O MITO DA CEIA EUCARÍSTICA (22/5/2008)
- 50 – DOM HÉLDER REENCARNACIONISTA (23/5/2008)

- 51 – O JESUS HISTÓRICO E O MÍTICO (ARTIGO DE REIS CHAVES) (24/5/2008)
- 52 – A VERDADEIRA RELIGIÃO (26/5/2008)
- 53 – O MITO DO JUÍZO FINAL (27/5/2008)
- 54 – O MITO DO INFERNO ETERNO (28/5/2008)
- 55 – A RELIGIÃO DE JESUS E A DOS CRISTÃOS (29/5/2008)
- 56 – O ESPIRITISMO É UMA RELIGIÃO? (30/5/2008)
- 57 – O MITO DA “MÃE DE DEUS” (2/6/2008)
- 58 – O MITO DE SATANÁS E DOS DEMÔNIOS (3/6/2008)
- 59 – UM (E NÃO O) ESPÍRITO SANTO (4/6/2008)
- 60 – “EU E O PAI SOMOS UM” (5/6/2008)
- 61 – ORIGEM DOS MITOS CRISTÃOS (6/6/2008)
- 62 – POLISSEMIA DO TERMO “MITO” (7/6/2008)
- 63 – CONCEITO DE “MITOS CRISTÃOS” (9/6/2008)
- 64 – RELIGIÃO E CIÊNCIA (10/6/2008)
- 65 – POR QUE SOFREMO? (11/6/2008)
- 66 – MEU DEUS E MEU JESUS (12/6/2008)
- 67 – CRENÇAS X AMOR (13/6/2008)
- 68 – NÃO IMPORTA O CAMIMNHO (16/6/2008)
- 69 – PLURALISMO X EXCLUSIVISMO (17/6/2008)
- 70 – FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO? (18/6/2008)
- 71 – O ECUMENISMO E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO (19/6/2008)
- 72 – CRÍTICAS AO ECUMENISMO CATÓLICO (20/6/2008)
- 73 – O LIVRO *ENTREVISTAS COM JESUS* (Apresentação por Cid Carvalho) (21/6/2008)
- 74 – O LIVRO *ENTREVISTAS COM JESUS* (Opiniões de leitores) (23/6/2008)
- 75 – FORA DO AMOR NÃO HÁ SALVAÇÃO (24/6/2008)
- 76 – DIVERGÊNCIAS RELIGIOSAS (25/6/2008)
- 77 – DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II (26/6/2008)
- 78 – FÉ E RAZÃO (27/6/2008)
- 79 – PALESTRA SOBRE O LIVRO *MITOS CRISTÃOS* (27/6/2008)
- 80 – SUMÁRIO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS ATÉ A PRESENTE DATA (28/6/2008)
- 81 – O DOCUMENTO *DIÁLOGO E ANÚNCIO* (30/6/2008)

- 82 – “REVOLUÇÃO COPERNICANA” EM MINHA FÉ (1/7/2008)
- 83 – POR QUE ME TORNEI REENCARNACIONISTA (2/7/2008)
- 84 – ARGUMENTOS A FAVOR DA REENCARNAÇÃO (3/7/2008)
- 85 – REENCARNAÇÃO X MITOS CRISTÃOS (4/7/2008)
- 86 – OBJEÇÕES À REENCARNAÇÃO (5/7/2008)
- 87 – ADEPTOS DA REENCARNAÇÃO NO MUNDO (7/7/2008)
- 88 – EQUIVALÊNCIA FUNCIONAL DAS RELIGIÕES (8/7/2008)
- 89 – RELIGIÃO X SEITA (9/7/2008)
- 90 – E OS “HEREGES” TINHAM RAZÃO (10/7/2008)
- 91 – MITRAÍSMO E CRISTIANISMO (11/7/2008)
- 92 – KRISHNA E CRISTO (14/7/2008)
- 93 – BUDA E JESUS (15/7/2008)
- 94 – O AMOR ACIMA DAS CRENÇAS (17/7/2008)
- 95 – CONCEITO DE DEUS (18/7/2008)
- 96 – “A FÉ SEM OBRAS É MORTA” (21/7/2008)
- 97 – POR QUE TANTAS RELIGIÕES E SEITAS? (22/7/2008)
- 98 – RESUMO DOS PRINCIPAIS MITOS CRISTÃOS (24/7/2008)
- 99 – POR QUE DEIXEI A FÉ CATÓLICA (25/7/2008)
- 100 – O SEMINÁRIO DE JESUS (28/7/2008)
- 101 – JESUS NÃO É UM SÓ? (29/7/2008)
- 102 – O CRISTIANISMO DE JESUS NÃO É UM SÓ? (30/7/2008)
- 103 – JESUS NUNCA SE DISSE DEUS (31/7/2008)
- 104 – GANDHI E O CRISTIANISMO (1/8/2008)
- 105 – O CRISTIANISMO DE PAULO E O DE JESUS (4/8/2008)
- 106 – O DEUS VIOLENTO DO ANTIGO TESTAMENTO (5/8/2008)
- 107 – O “PAI” DOS FUNDAMENTALISTAS (6/8/2008)
- 108 – OS DOIS CRISTIANISMOS (7/8/2008)
- 109 – COMBATE AO FUNDAMENTALISMO (11/8/2008)
- 110 – ALGUMAS PROVAS DA IDENTIDADE DE TEXTOS
SAGRADOS DA ÍNDIA E DA BÍBLIA JUDAICO-CRISTÃ
(12/8/2008)
- 111 – A DOCTRINA MÍTICA DE PAULO DE TARSO (22/8/2008)
- 112 – A MAIOR PROVA DE QUE CRISTO NÃO É DEUS
(25/8/2008)
- 113 – O MITO DO RETORNO DE CRISTO (1/9/2008)
- 114 – O MITO DO MESSIAS (2/9/2008)

- 115 – MITOS MARIANOS (3/9/2008)
- 116 – O MITO DA INFALIBILIDADE PAPAL (4/9/2008)
- 117 – OS MILAGRES EUCARÍSTICOS COMPROVAM O DOGMA DA TRANSUBSTANCIAÇÃO? (5/9/2008)
- 118 – POR QUE DOCTRINAS VIRARAM DOGMAS? (9/9/2008)
- 119 – JESUS FOI MORTO PELOS JUDEUS? (10/9/2008)
- 120 – O MITO DO “POVO ELEITO” (11/9/2008)
- 121 – SUMÁRIO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS ATÉ A PRESENTE DATA (12/9/2008)
- 122 – ORIGEM DA CEIA EUCARÍSTICA CATÓLICA (15/9/2008)
- 123 – ORIGEM PAGÃ DA IGREJA CATÓLICA (16/9/2008)
- 124 – O PECADO ORIGINAL NA VISÃO ESPÍRITA (17/9/2008)
- 125 – O RETORNO DE JESUS NA VISÃO ESPÍRITA (18/9/2008)
- 126 – O JUÍZO FINAL NA VISÃO ESPÍRITA (19/9/2008)
- 127 – OS GÊNIOS NA VISÃO ESPÍRITA (22/9/2008)
- 128 – AS REVELAÇÕES DO MENINO BORIS (23/9/2008)
- 129 – JESUS EXCLUSIVISTA X JESUS PLURALISTA (24/9/2008)
- 130 – JESUS: CAMINHO, VERDADE E VIDA (25/9/2008)
- 131 – TÍTULOS MÍTICOS ATRIBUÍDOS A JESUS (26/9/2008)
- 132 – PLURALISMO X SINCRETISMO RELIGIOSO (29/9/2008)
- 133 – CRISTIANISMO X MOVIMENTO NOVA ERA (30/9/2008)
- 134 – COMENTÁRIOS AO *BLOG DO PINHEIRO* (1/10/2008)
- 135 – JESUS INSTITUIU A CONFISSÃO? (6/10/2008)
- 136 – DECLÍNIO DA IGREJA CATÓLICA (13/10/2008)
- 137 – CRISTIANISMO X MAÇONARIA (20/10/2008)
- 138 – CRISTIANISMO X ORDEM ROSACRUZ (27/10/2008)
- 139 – CRISTIANISMO X LBV (3/11/2008)
- 140 – CRISTIANISMO X ISLAMISMO (10/11/2008)
- 141 – CRISTIANISMO X HINDUÍSMO (17/11/2008)
- 142 – CRISTIANISMO X BUDISMO (24/11/2008)
- 143 – CRISTIANISMO X CONFUCIONISMO (1/12/2008)
- 144 – CRISTIANISMO X TAOÍSMO (8/12/2008)
- 145 – CRISTIANISMO X TEOSOFIA (15/12/2008)
- 146 – O MITO DO NASCIMENTO DE DEUS (22/12/2008)
- 147 – NASCIMENTO DO FILHO DE DEUS (29/12/2008)

- 148 – QUEM ENDEUSOU JESUS? (5/1/2009)
- 149 – POR QUE PAULO MITIFICOU JESUS? (12/1/2009)
- 150 – CONSTANTINO TORNOU-SE CRISTÃO? (19/1/2009)
- 151 – O HOMEM QUE INVENTOU CRISTO (26/1/2009)
- 152 – A PÁGINA NEGRA DO CRISTIANISMO (2/2/2009)
- 153 – O PAPA DO JESUS HISTÓRICO (9/2/2009)
- 154 – MAIS PROFECIAS HISTORICIZADAS (16/2/2009)
- 155 – INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DOS MITOS (24/2/2009)
- 156 – JESUS É O OU UM SALVADOR? (2/3/2009)
- 157 – O DEUS JESUS: VERDADE OU MITO? (9/3/2009)
- 158 – PAULO FOI O APÓSTOLO DO AMOR? (16/3/2009)
- 159 – A FÉ CEGA PAULINA (23/3/2009)
- 160 – SALVAÇÃO PELA FÉ OU PELAS OBRAS? (30/3/2009)
- 161 – O SERMÃO DA MONTANHA (1/4/2009)
- 162 – SUMÁRIO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS ATÉ A PRESENTE DATA (2/4/2009)
- 163 – ERROS DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO (TÍTULO DE MEU NOVO LIVRO ECUMÊNICO, EM ANDAMENTO) (7/5/2009)
- 164 – O MAIOR ERRO DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO (8/5/2009)
- 165 – CRISTO NÃO É DEUS (9/5/2009)
- 166 – A CEIA EUCARÍSTICA: RITO DE ANTROPOFAGIA E TEOFAGIA (10/5/2009)
- 167 – O PAPA É INFELÍVEL? (11/5/2009)
- 168 – METÁFORAS PARA FALAR DE DEUS (18/5/2009)
- 169 – ERROS DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO (PREFÁCIO) (25/5/2009)
- 170 – O SEGUNDO MAIOR ERRO DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO (1/6/2009)
- 171 – ERROS DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO (INTRODUÇÃO) (8/6/2009)
- 172 – SALVAÇÃO X EVOLUÇÃO (15/6/2009)
- 173 – CRISTO ERROU (22/6/2009)
- 174 – A BÍBLIA CONDENA O ESPIRITISMO? (29/6/2009)
- 175 – OS ESPÍRITAS NÃO SÃO CRISTÃOS? (6/7/2009)

-
- 176 – POR QUE SE DIZ QUE LUTERO É A REENCARNAÇÃO DE PAULO? (13/7/2009)
- 177 – PALESTRA: FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO (20/7/2009)
- 178 – COMENTÁRIO AO *BLOG DO PINHEIRO* (18/7/2009)
- 179 – A CARIDADE NA VERDADE (CARTA ENCÍCLICA DE BENTO XVI) (27/7/2009)
- 180 – JESUS É NOSSO BODE EXPIATÓRIO? (3/8/2009)
- 181 – TEXTOS BÍBLICOS REENCARNACIONISTAS (10/8/2009)
- 182 – QUEM FUNDOU A IGREJA CATÓLICA? (17/8/2009)
- 183 – O SOFRIMENTO DE JESUS NA VISÃO ESPÍRITA (24/8/2009)
- 184 – DIÁLOGO ENTRE CATÓLICOS E ESPÍRITAS (TEMA: OBJEÇÕES À REENCARNAÇÃO) (31/8/2009)
- 185 – DIÁLOGO ENTRE CATÓLICOS E ESPÍRITAS (TEMA: A CEIA EUCARÍSTICA CATÓLICA) (4/9/2009)
- 186 – CATECISMO ECUMÊNICO (14/9/2009)
- 187 – A QUESTÃO DA VERDADE (18/9/2009)
- 188 – *BLOG DO PINHEIRO*: UM ANO E MEIO DE ANIVERSÁRIO (1/10/2009)
- 189 – CONCLUSÃO DO LIVRO CATECISMO ECUMÊNICO (1/10/2009)
- 190 – O MITO DA RESSURREIÇÃO DE LÁZARO (5/10/2009)
- 191 – ORIGEM PAGÃ DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO (13/10/2009)
- 192 – CATECISMO ECUMÊNICO: APRESENTAÇÃO (19/10/2009)
- 193 – HÁ QUATRO CRISTOS (26/10/2009)
- 194 – O MITO DO DEUS HOMEM, JESUS (3/11/2009)
- 195 – JESUS FOI UM PROFETA APOCALÍPTICO? (9/11/2009)
- 196 – A RELIGIÃO DO FUTURO: AMOR A DEUS E AO PRÓXIMO (16/11/2009)
- 197 – ARGUMENTOS A FAVOR DA REENCARNAÇÃO (23/11/2009)
- 198 – ADORAR JESUS: CULTO DE IDOLATRIA (30/11/2009)
- 199 – INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DA BÍBLIA (7/12/2009),
- 200 – VALOR DA INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DOS MITOS (14/12/2009)

- 201 – O VERDADEIRO SENTIDO DO NATAL (17/12/2009)
- 202 – SUMÁRIO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS ATÉ A PRESENTE DATA (27/12/2009)
- 203 – A IGREJA É A DONA DA VERDADE? (12/1/2010)
- 204 – O MITO DE NASCIMENTOS VIRGINAIS (16/1/2010)
- 205 – CRISTIANISMO EXCLUSIVISTA X CRISTIANISMO PLURALISTA (21/1/2010)
- 206 – VERDADE ABSOLUTA X VERDADE RELATIVA (27/1/2010)
- 207 – “CATÓLICOS CONSERVADORES” X “CATÓLICOS PROFESSISTAS” (3/2/2010)
- 208 – O CREDO APOSTÓLICO REFERE-SE AO JESUS HISTÓRICO? (10/2/2010)
- 209 – SEMELHANÇAS ENTRE CRISTO E OSÍRIS (19/2/2010)
- 210 – QUAL É A RELIGIÃO DE DEUS? (25/2/2010)